

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

CHRISTIANE GARCIA MACEDO

**O MOVIMENTO DE CONSTITUIÇÃO DOS CENTROS DE MEMÓRIA DA
EDUCAÇÃO FÍSICA DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS BRASILEIRAS (1996-2014)**

Porto Alegre

2017

CHRISTIANE GARCIA MACEDO

**O MOVIMENTO DE CONSTITUIÇÃO DOS CENTROS DE MEMÓRIA DA
EDUCAÇÃO FÍSICA DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS BRASILEIRAS (1996-2014)**

Tese apresentada ao Programa Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Ciências do Movimento Humano.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner

Porto Alegre

2017

CHRISTIANE GARCIA MACEDO

**O MOVIMENTO DE CONSTITUIÇÃO DOS CENTROS DE MEMÓRIA DA
EDUCAÇÃO FÍSICA DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS BRASILEIRAS (1996-2014)**

Conceito final: A

Aprovado em 31 de agosto de 2017

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago – UFMG

Prof. Dr. Gustavo da Silva Freitas – FURG

Profa. Dra. Ana Carolina Gelmini de Farias – UFRGS

Profa. Dra. Jeniffer Cuty – UFRGS

Orientadora – Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner – UFRGS

CIP - Catalogação na Publicação

Macedo, Christiane Garcia

O MOVIMENTO DE CONSTITUIÇÃO DOS CENTROS DE MEMÓRIA
DA EDUCAÇÃO FÍSICA DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS
BRASILEIRAS (1996-2014) / Christiane Garcia Macedo. -
- 2017.
207 f.

Orientadora: Silvana Vilodre Goellner.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de
Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto
Alegre, BR-RS, 2017.

1. Educação Física. 2. Esportes. 3. História. 4.
Lugares de memória. 5. Centros de Memória. I.
Goellner, Silvana Vilodre, orient. II. Título.

Dedico este trabalho a todas e todos que fazem do encontro, do ouvir, do contar, do ensinar, do aprender e do compartilhar histórias sua forma de melhorar o mundo.

AGRADECIMENTOS

*Não é sobre ter todas as pessoas do mundo pra si,
é sobre saber que em algum lugar alguém zela por
ti. (Ana Vilela, Trem Bala)*

Agradecer é necessário. Não porque seja uma etapa obrigatória ou porque seja uma burocracia. Mas para que em um mundo cada vez mais individualista, egoísta e meritocrático, lembremos que não somos, temos ou produzimos nada sozinhos/as. Além disso, agradecer é registrar, é criar memórias. E nosso país está precisando de memórias! Muitas lutas têm sido esquecidas! Por isso, primeiramente, *fora a todos/as* que acham que cortes na educação, na cultura, na previdência social e na saúde não prejudicam um país! Fora a todos/as os/as que não reconhecem o valor de trabalhadores/as para este país. FORA!

Então, faço aqui um simples reconhecimento sincero das pessoas e dos grupos que me acompanham e que fizeram possível a concretização deste trabalho. Tive muita sorte, sou uma pessoa privilegiada! Então me estenderei. Agradeço:

À Silvana, que foi, é e espero que continue sendo minha orientadora. Por ser minha amiga, por dividirmos ideias, ideais, desejos, sonhos e muito, muito, muito trabalho. Foram muitas coisas nesses sete anos de convivência. Agradeço pela preocupação que teve comigo desde o início, pelas lutas que travamos juntas, pela paciência de me formar, por ter rido e chorado comigo...

À professora Jennifer e ao professor Tarcísio (Tatá), pelas contribuições e pelo carinho durante o processo e, especialmente, na qualificação desse trabalho. À professora Jennifer, por ter ampliado a minha visão sobre Museologia e patrimônio. Ao Professor Tarcísio, entre outras coisas, pelo “brilho no olho” ao falar da Educação Física e por ser um exemplo prático de luta e resistência contra as injustiças do nosso mundo.

Ao professor Gustavo Freitas, por aceitar a participação nas bancas e pelos diálogos estabelecidos nos eventos.

À professora Ana Carolina Gelmini, por ter me incentivado e, junto com a professora Jennifer, por ter permitido que eu assistisse às aulas e participasse das atividades do curso de museologia. E pelo aceite para avaliar o trabalho em curto prazo e pela alegria da sua presença na banca.

À equipe do Museu da UFRGS, que me possibilitou fazer oficinas, visitar e participar de exposições. Especialmente, pela exposição *Paisagens da Memória: cidade e corpos em movimento*, que foi uma parceria entre o CEME e o Museu da UFRGS.

Ao CEMEF/UFMG, agradeço especialmente: à professora Meily, pois sei que dividimos algumas preocupações sobre a organização dos acervos e arquivos; à Priscila Kelly, que me deu pouso e apoio durante a visita, pelas conversas nos eventos e outros trabalhos, enfim pela amizade; e aos professores/as Maria Cristina, Marco Taborda, Andrea Moreno, Adalson, Cássia Lima e aos estudantes ligados a esse centro, Igor, Gisele, Thais e Fernanda.

Ao CEMEFEL/UFS, agradeço especialmente ao professor Sérgio Doreski, pelo pouso, pelas conversas e passeio em Aracaju; e aos professores Hamilcar, Quefren e José Américo. Também agradeço a Akellyson Jesus, por compartilhar comigo seu TCC e pela conversa sobre o Centro.

Ao CEMEFE/UFMT, agradeço ao professor Evando e às professoras Ana Carrilho e Talita Ferreira.

Ao CEMEDEF/UFPR, agradeço à professora Vera Moro e ao professor André Capraro.

Ao CEME/UFPB, agradeço ao professor Ricardo Lucena.

Ao Memorial da UFSM, agradeço ao professor Marco Acosta.

Ao CEME/UFBA, agradeço ao professor Cesar Leiro.

Ao CEMEF/UFJF, agradeço ao professor Carlos Fernando.

Aos/Às demais professores/as entrevistados/as nesta pesquisa: Victor Melo, Amarílio, José Tarcísio, Janice Mazo, Carmem Lúcia, Laércio Elias, Ademir Gebara, Eustáquia Salvador. Suas falas e seus trabalhos me acompanham há algum tempo e ajudaram a compor este trabalho.

A Vera Rangel e Rosalia Camargo, pelas entrevistas e pela recepção.

Aos colegas do CEME/GRECCO, meu lugar dos últimos anos: local de estudo, trabalho, amizade, convivência. Afasto-me agora dessa presença intensa, mas o CEME fará parte da minha vida e das minhas demandas por tempo indeterminado, por dever, responsabilidade e, principalmente, por gosto e paixão. Em especial, a Leiloca, Isabela, Naty, Mayara, Ivone Job e Naila Lomando. Às colegas: Pamela, Suellen Ramos, Priscila, André, Johanna, Claudinha. Aos/Às bolsistas que acompanhei mais de perto e que ajudaram com as entrevistas, digitalizações, parcerias: Marina, Carina, Gustavo, Jamile, Fúlvio, Juliana, Ayllu, Eric, Drika, Icando, Nega. Destaco a participação da Carina e da Marina nesse trabalho, pois, além de me ajudarem com os registros, também participaram das discussões e leituras.

Às amigas Suelen Andres e Luiza Aguiar, as “beibas”, pelos debates, pelas construções, pelas produções, pelas caixas carregadas e frustrações descarregadas, por me

mostrarem o quanto é bom rir de nós mesmas, e enfim pela vida compartilhada. Espero, de verdade, que esse ciclo nunca se feche.

À amiga, parceira, irmã, comadre, Daniela Lagranha. Enlouquecemos juntas, sofremos e sorrimos. Talvez só o Zelig nos entenda.

À ESEFID e à UFRGS pelas possibilidades. Ao PPGCMH, especialmente a Aninha, Ariadne e Márcia. Pessoas como Ezequiel e Isabel, que para mim são grandes exemplos de compromisso. Agradeço em nome do Robertinho e do Edson ao pessoal do RU e em nome da Liz e da Rita, aos/às demais trabalhadores/as que mantêm a escola funcionando, por sempre sorrirem e me ajudarem. Aos/Às professores/as, que pelas aulas, trabalhos compartilhados e especialmente pelas conversas de corredor ajudaram a me formar e foram parceiros: Mauro, Elisandro, Alex, Molina, Stigger, Aline.

Às/Aos profissionais que me acompanharam e me ajudaram a tornar possível esse trabalho: Suzana e Márcio.

Aos/Às amigos/as Leo Tartaruga, Damico, Elren, Michele Flausino, Seo Wiliam que, mesmo distantes, fazem muita diferença na minha vida.

Ao pessoal do LESEF/UFES, pela convivência nos últimos dois anos, quando me senti em casa. Especialmente a Abib, Uebinho, Ileana, Felipe, Karen, Ivan, Lígia, Valter.

A alguns/algumas grandes mestres/as que carrego pela vida: Cristiane Gomes (Nômades) pela dança e pela amizade; Luciana de Sá e ao Nivaldo David, que me levaram para a escola; professores da FEF/UFG, que me formaram professora, comprometida com a educação pública crítica e com qualidade (Guego, Fernando, Ana Márcia, Maria Sebastiana, Beto, Wilson, Aline, Isabela, André, Rosires, Denis, Marcos).

Aos/Às companheiros/as do CBCE, que ainda acredito ser um lugar possível de luta e de capilarização do conhecimento, especialmente aos colegas do GTT de Memórias da Educação Física e Esporte, especialmente Priscila, Matheus, Elizângela, Evelise, Gustavo, Anderson.

À Capes, pela bolsa que possibilitou minha dedicação a esta tese. E também pela possibilidade de realizar o estágio-sanduíche em Portugal, um grande privilégio que contribuiu muito para minha formação.

Ao professor Francisco Pinheiro, que me recebeu em Portugal e abriu vários caminhos para eu conhecer lugares de memória relacionados ao esporte, como eu nunca poderia ter sonhado.

A Ana Strobach, do Museu Nacional do Desporto (Lisboa), Iolanda Ávila, do Ginásio Clube Português (Lisboa), Alexander Jackson, do Museu Nacional do Futebol (Manchester),

Stefani Moreno e Patrícia Reymond, do Museu Olímpico Internacional (Lausanne), Berta Martinez, do Centro de Estudos Olímpicos da Universidade Autônoma de Barcelona, Alberto Aragon-Perez e Raül Vázquez Coma, da Fundação Barcelona Olímpica, do Centros de Estudos Olímpicos Saramanch e do Museu Olímpico Saramanch.

Aos/Às entrevistados/as dos projetos Gaúchos Olímpicos, Memórias do PST e Memórias do PELC e de outras temáticas. Com eles/as, aprendi a beleza do ouvir e a importância do preservar. Para e pelas entrevistas, viajei no espaço e no tempo.

A algumas pessoas que enriquecem o CEME e me possibilitaram o trabalho com arquivos pessoais: Alice Opala, Henrique Licht (*in memoriam*), Gerson Ruhe, Mario Cantarino (*in memoriam*).

Aos meus mestres e amigos Escoteiros, pois eles fazem parte de quem eu sou e são culpados pela minha tentativa de fazer o “Melhor Possível” e “Servir!”. Especialmente: Ilvia, Marcão, Chefe Cesar.

À minha família: meus pais, Edson e Lúcia, por terem me ensinado o valor do trabalho e por terem me dado uma ótima base. Ao meu irmão Carlos e à minha cunhada Jaqueline, pelas conversas, convivências, chás e japas divididos. À minha irmã Daniela, pela calma e segurança, e ao meu cunhado Jefferson. Aos meus padrinhos Cleuza e Lypy, por acreditarem em mim. A Cida, Nata e Dona Ana, por estarem sempre por perto e me aceitarem na família. Às crianças que alegram minha vida, Davi, Amanda, Luigi, Gabriel e Laura.

Ao Bruno, ou melhor o Lindinho, provavelmente a pessoa que mais conhece esse trabalho, todo o processo e a mim mesma, meu melhor e meu pior lado. Comemorou comigo cada copidesque, cada entrevista devolvida, cada página escrita. Consolou-me cada vez (das muitas) que precisei, ou cada vez que achava que não ia conseguir. Me deu bronca quando eu arrumava mil coisas para fazer dentro e fora da tese. Há dez anos tem me aguentado e me ajudado, e a distância nos castigou muito. Mas escolhemos estar um com o outro, cuidar um do outro, e crescer juntos. Viramos adultos, e voltamos a ser crianças muitas e muitas vezes. É meu lindinho, e te amo demais.

Se me perguntarem quais são os aspectos mais reveladores da essência do homem, não teria dúvida em pôr em primeiro plano o amor.
(Giovanni Reale, 1995).

RESUMO

Os Centros de Memória da Educação Física e Esporte (CMs) das universidades federais brasileiras são lugares de memória e espaços privilegiados na produção da História da Educação Física e dos esportes. O objetivo geral deste trabalho foi analisar o movimento de constituição desses centros, buscando entender as condições teóricas, estruturais e pessoais que tornaram possível sua permanência ou descontinuidade de atuação. Para tanto, adotei o recorte temporal de 1996 a 2014, período compreendido entre a criação do primeiro centro e a do mais recente, respectivamente o Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e o Memorial do Centro de Educação Física e Desporto da Universidade Federal de Santa Maria. Fundamentada no aporte teórico-metodológico da História Cultural e da História Oral, analisei a trajetória de dez Centros de Memórias da Educação Física, destacando aspectos relacionados ao trabalho que estas instituições vêm desenvolvendo há mais de 20 anos. Para tanto, utilizei fontes de naturezas diversas obtidas por meio de pesquisas em bases de dados e em publicações acadêmicas e não acadêmicas, além do material coletado nas observações que realizei em quatro centros e da realização de 36 entrevistas. Os CMs analisados foram criados por iniciativa de docentes, que em sua maioria realizavam pesquisas historiográficas. A continuidade do trabalho de alguns CMs se deu pela ampliação de ações de preservação, pela realização de atividades de pesquisa e pela divulgação do acervo que guardam. Porém alguns CMs também tiveram momentos de redução ou descontinuidades de suas tarefas cotidianas, principalmente por afastamento de professores/as e dificuldades de infraestrutura. Olhando para as diferentes trajetórias analisadas e com base em autores da área das Ciências da Informação, entendo que os CMs são lugares de memória universitários, que se propõem a guardar, recuperar, preservar, divulgar, pesquisar e produzir registros sobre a memória e a História da Educação Física. Eles também são locais para reunir e formar pessoas. Seus acervos têm especificidades, mas são compostos em sua maioria por materiais vinculados às instituições que os abrigam e a docentes que fizeram parte dos seus quadros. Constituindo-se como parte da universidade, têm uma estrutura mínima garantida que os tornam possíveis, mas também enfrentam dificuldades de adequação de espaços e formação da equipe com profissionais. Possuem uma diversidade de atividades que integram formação, investigação e acesso à informação pela comunidade de dentro e fora das instituições, o que revela uma incorporação da cultura e função social da universidade. Por fim, destaco que a criação dos CMs foi influenciada e possibilitada pela formação de um quadro docente a partir de referenciais da renovação historiográfica da Educação Física brasileira. Essas pessoas se envolveram no cotidiano dos CMs por motivos acadêmicos e também por um envolvimento pessoal e por um compromisso político com a História da Educação Física e dos esportes.

Palavras-chave: Educação Física. Esportes. História. Lugares de memória. Centros de Memória.

ABSTRACT

The Centers of Memory of Physical Education and Sports (CM) of Brazilian federal universities are places of memory and privileged spaces in the production of Physical Education and Sports History. The general objective of this Work is to analyze the movement of constitution of these centers, seeking to understand the theoretical, structural and personal conditions which made possible its permanence or discontinuity of action. Therefore, I adopted the temporal cut-off from 1996 to 2014, the period between the creation of the first center and the most recent, respectively, *Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança* of *Universidade Federal do Rio Grande do Sul* and *Memorial do Centro de Educação Física e Desporto* of *Universidade Federal de Santa Maria*. Based on the theoretical and methodological contribution of Cultural History and Oral History, I analyzed the trajectory of ten Centers of Memory of Physical Education, highlighting aspects related to the work these institutions have been developing for over 20 years. To do so, I used sources of different natures obtained through research in databases and in academic and non-academic publications, as well as the material collected in the observations that I made in four centers and the accomplishment of 36 interviews. The CM analyzed were created on the initiative of professors, who mostly carried out historiographical research. The continuity of the work of some CM occurred by the expansion of preservation actions, the achievement of research activities and the dissemination of the collection they hold. However, some CM also had moments of reduction or discontinuity of their daily tasks, mainly due to professors' withdrawal and infrastructure difficulties. Looking at the different trajectories analyzed and based on authors from Information Sciences scope, I understand that CM are university places of memory, which are intended to store, retrieve, preserve, disseminate, research and produce records about memory and history of Physical Education. They are also places to gather and train people. Its collections have specificities, but are composed mostly of materials linked to the institutions that house them and the teachers who were part of their staff. Constituted as part of the university, they have a minimum guaranteed structure that make them possible, but also face difficulties of spaces adequacy and gather the team with professionals. They have a diversity of activities that integrate training, research and access to information by the community inside and outside the institutions, which reveals an incorporation of the university's culture and social function. Finally, I point out that the creation of the CM were influenced and made possible by the formation of a teaching group based on the references of the historiographic renovation of Brazilian Physical Education. These people became involved ordinarily with CM for academic reasons and also for personal involvement and political commitment to the Physical Education and Sports History.

Keywords: Centers of Memory. History. Places of memory. Physical Education. Sports.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1	Centros de Memória das universidades federais	22
Quadro 2	Entrevistas.....	28
Quadro 3	Verbos-chave nos objetivos dos CMs.....	79
Quadro 4	Resumo sobre acervos dos Centros de Memória das UFs.....	99
Figura 1	Acervo do CEMEF/MG, antes de ser transferido para a reserva técnica atual ..	103
Figura 2	Material do professor Felix D'Ávila, na época que foi arrecadado para composição do acervo (2009)	103
Figura 3	Banner digital de divulgação da exposição Eventos científicos realizados sob a coordenação da FEF/UFMT (04/06/2014)	125
Figura 4	Visita das crianças do Projeto Quero-Quero à exposição Megaeventos Esportivos: a memória como legado social (04/06/2014)	127
Figura 5	Exposição À Beira da Quadra (agosto/2014)	130
Figura 5	Espaço do CEMEF/MT para reunião e trabalho da equipe (2016)	135
Figura 6	Espaço do CEMEF/MT para armazenamento dos materiais históricos (2016)	136
Figura 7	Espaço do CEMEF/SE (2016)	137
Figura 8	Salão de Exposições do CEMEF/MG (2014).....	139
Figura 9	Estantes da Reserva Técnica do CEMEF/MG (2014)	139
Figura 10	Sala de tratamento de acervos e de trabalho da equipe do CEMEF/MG (2014).....	140
Quadro 5	Formação dos/as docentes relacionados/as aos CMs.....	153
Quadro 6	Números de trabalhos sobre Educação Física e História relacionados no Banco de Teses da CAPES	164
Quadro 7	Coordenações e comitês científicos do GTT Memória da Educação Física e Esporte do CBCE (1999-2011).....	167

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAMINHOS INVESTIGATIVOS.....	20
1 OS CENTROS DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DO ESPORTE DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS: ORIGENS E PERCURSOS	36
1.1 OS LUGARES DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DOS ESPORTES	36
1.2 INÍCIOS DOS CENTROS DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES NAS UNIVERSIDADES FEDERAIS BRASILEIRAS	43
1.3 DIFICULDADES E DESCONTINUIDADES, MAS TAMBÉM CONSOLIDAÇÕES	63
2 O QUE É UM CENTRO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES	73
2.1 A MEMÓRIA E SUA PRODUÇÃO	73
2.2 DEFINIÇÕES DE UM CENTRO DE MEMÓRIA	76
2.3 ACERVOS: DE UM LUGAR DE DEPÓSITO PARA UM LUGAR DE MEMÓRIA.	88
3 LUGAR DOS LUGARES DE MEMÓRIA: CMs E A UNIVERSIDADE	107
3.1 LUGARES DE MEMÓRIAS NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS	108
3.2 AS ATIVIDADES DOS CMs E A CULTURA UNIVERSITÁRIA	114
3.3 ESTRUTURA FÍSICA, FINANCIAMENTOS E INSTITUCIONALIZAÇÃO	130
4.1 A FORMAÇÃO ACADÊMICA DOS/AS DOCENTES E A HISTORIOGRAFIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA	152

4.2 O ENVOLVIMENTO PESSOAL COM OS CENTROS: PAIXÕES, COMPROMISSOS E DESILUSÕES	175
CONSTITUIÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DOS CENTROS DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA: UM MOVIMENTO?	183
Entrevistas utilizadas	200

INTRODUÇÃO

O dever de memória faz de cada um o historiador de si mesmo. (NORA, 1993, p. 17).

Escrever sobre as trajetórias dos Centros de Memória da Educação Física e Esporte (CMs)¹, tema central desta tese, é escrever também sobre mim mesma. Afinal, “O historiador, antes de começar a escrever história, é produto da história” (CARR, 1982, p. 37). E tenho sido produzida e produtora desses espaços desde 2010, quando começo a integrar o Centro de Memória do Esporte (CEME/RS), da Escola de Educação Física (ESEF)² da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Envolvei-me com o CEME/RS durante o meu mestrado, realizado junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano (ESEF/UFRGS). Defendi minha dissertação em 2012, com o título “Folclore na Dança em Porto Alegre: a formação do Conjunto de Folclore Internacional *Os Gaúchos* (1959 a 1966)”, orientada pela professora Silvana Vilodre Goellner. Nesse trabalho, aproximei-me da discussão acadêmica da História, especialmente da História Cultural e da História Oral, além de ter trabalhado com um acervo fotográfico referente ao grupo estudado.

Antes de cursar o mestrado, sempre que possível trabalhava com a dança. Durante a graduação no curso de Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal de Goiás, em trabalhos para as disciplinas, busquei a dança em diferentes ambientes e abordagens: anatomia, nutrição, antropologia, fisiologia, trabalho pedagógico. Realizei também uma pesquisa de iniciação científica sobre treinamento físico para a dança sob orientação da professora Maria Sebastiana Silva e do professor Carlos Eduardo Vieira. Meu Trabalho de Conclusão de Curso voltou-se para o ambiente que queria trabalhar após seu término: a escola. Teve como título *Dança na cultura da escola para uma dança na cultura escolar*, e foi apresentado em 2007.

Após a graduação, prestei um concurso público para a Prefeitura de Goiânia no cargo de professora de Educação Física, dos anos iniciais, no qual fui aprovada. Para dar

¹ Unificarei a denominação de Centros de Memória da Educação Física e Esporte durante o trabalho para facilitar a leitura e pela relação dos centros aqui analisados com a área acadêmica da Educação Física, mesmo que alguns também tragam em seus nomes o Lazer.

² Em 2015, o nome da escola foi alterado para Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID). No entanto, para facilitar a compreensão das análises que abrangem diferentes temporalidades envolvendo a nova e a atual denominação da escola, mantereí no trabalho a sigla ESEF, inclusive porque é ela que aparece nas narrativas de todas as pessoas entrevistadas e também na maioria dos documentos que compõem o material empírico da pesquisa.

continuidade aos meus estudos e manter vínculo com a universidade e com as discussões acadêmicas, participei do Laboratório de Pesquisa em Educação Física e Natureza (LABPHYSIS), coordenado pelas professoras Ana Márcia Silva e Aline Nicolino. Meu interesse naquele momento se voltou para a História do Corpo, ligado a danças e festas populares.

Percebo que esse interesse pelos estudos históricos foi despertado em mim por duas experiências anteriores. A primeira aconteceu em 2003, quando desenvolvi uma pesquisa inicial sobre a história do Grupo Escoteiro Goyaz, na qual entrevistei seu fundador, o chefe Antônio César Oliveira, e reuni informações no boletim informativo que o grupo publicava nos seus primeiros anos. Fiz parte desse grupo escoteiro por oito anos, como participante e chefe (uma espécie de instrutora dos grupos de jovens), e, ao conhecer suas histórias, interessei-me ainda mais pelas atividades e pelos participantes.

A outra aproximação que tive com os trabalhos vinculados aos estudos históricos e realizados pelos CMs aconteceu em 2004, quando participei das etapas de higienização, acondicionamento e descrição das fontes do Acervo Particular do Maestro Baltazar de Freitas, projeto realizado sob coordenação do professor Marshal Gaioso Pinto. Esse acervo possuía, em sua maioria, partituras de músicas sacras e instrumentais do século XIX e ficava guardado em Jaraguá, cidade de Goiás. Chamaram-me à atenção as músicas compostas para a execução de danças como polcas, mazurcas e valsas.

Essas experiências com pesquisas ligadas à História foram se fortalecendo ao longo da minha trajetória acadêmica, e vejo que a participação em um Centro de Memória levou-me a continuar nesse caminho. Mesmo durante o mestrado tive a possibilidade de contar com uma bolsa durante o último ano, o que me permitiu passar muito tempo me dedicando à minha dissertação e ao CEME.

Presenciei a rotina desse Centro de Memória acompanhando as atividades das diferentes pessoas que passavam por ali, higienizando e organizando documentos, fazendo pesquisas, doando acervos, fazendo entrevistas, escrevendo trabalhos, buscando informações, visitando exposições, lembrando acontecimentos. Tive um maior envolvimento com dois projetos específicos: o Garimpo Memórias³ e a recém-criada comunidade do CEME no LUME – Repositório Digital do UFRGS. O primeiro teve início em 2002 e realiza entrevistas com pessoas que participaram ou presenciaram acontecimentos relevantes das práticas corporais e esportivas. Participo desde 2010 e já tive a oportunidade de realizar quase todas as

³ O projeto baseia-se no aporte teórico-metodológico da História Cultural e da História Oral. Hoje, já possui mais de 580 entrevistas publicadas, disponíveis em: <<http://www.ufrgs.br/ceme/site/entrevistas>>.

etapas de processamento das entrevistas. Entrevistei atletas, em especial os/as gaúchos/as que participaram de Jogos Olímpicos, pessoas que atuaram em programas sociais do Ministério do Esporte, professores/as da ESEFID e participantes dos Centros de Memória analisados neste trabalho. No segundo projeto que aqui destaco, o Repositório Digital⁴ criado em 2012, também atuei em várias etapas, selecionando materiais, digitalizando e fazendo seu registro no sistema.

Os dois projetos têm por objetivo a produção e a disponibilização de registros para acesso de interessados/as em geral e pesquisadores/as com foco histórico em Educação Física, esportes, danças e lazer. É um trabalho instigante, cuja realização exige dedicação, atenção, compromisso e curiosidade, pois no cotidiano fui aprendendo que existem muitos papéis, vídeos, fotos, jornais, música, revistas, objetos que podem conter informações sobre a Educação Física e o esporte, mas fazer com que essas informações estejam reunidas, organizadas, disponibilizadas para se tornarem fontes ou para serem utilizadas para fins de apreciação ou consulta exige muito suor dos/as envolvidos/as, e também sangue. Aqui faço referência ao livro *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade* (2006), escrito por Mário Chagas, quando faz referência tanto sobre as dificuldades envolvidas na manutenção desses espaços, quanto sobre os registros que guardam um pouco da vida daqueles/as que doam e registram memórias.

Apreendi muito. E, na lida do CEME/RS, comecei a observar e questionar quem eram essas pessoas cuja ocupação envolvia a atuação em acervos, produzindo e organizando registros, ouvindo e contando tantas histórias. Quem faz entrevistas? Quem as guarda? Quem seleciona as lembranças? Precisamos guardar e lembrar tudo? Como alguém se torna um ‘fazedor’ de fontes? Onde buscar as memórias? Como guardá-las? Como organizá-las?

Nesse momento, lembrei de uma organização que aconteceu tempos atrás: os Centros de Memória relacionados à Educação Física e Esporte começaram a planejar encontros. O primeiro deles foi uma reunião que aconteceu dentro da programação do XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IV Congresso Internacional de Ciências do Esporte, realizado na cidade de Porto Alegre, em setembro de 2011, no qual participaram pessoas ligadas aos CMs e com interesse em pesquisas históricas da Educação Física e esporte. O segundo encontro foi denominado I Encontro dos Centros de Memória, realizado junto ao VII Seminário do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEF), da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, em novembro de 2012.

⁴ Os materiais estão disponibilizados em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/40501>>.

Foi ao participar desses dois momentos e perceber as discussões realizadas que me interessei em saber sobre como surgiram os Centros de Memória da Educação Física e Esporte. Além disso, vi que muitos deles estão ligados às universidades federais, como no caso do CEME/RS, onde eu já atuava. São espaços de produção de conhecimento e formação de pessoas, com professores/as interessados/as em manter os CMs. Então, por entender a relevância dessa instituição e pelo meu envolvimento pessoal com o CEME/RS, escolhi focar minha pesquisa nos Centros de Memória da Educação Física e Esporte vinculados às universidades federais.

À primeira vista e de forma resumida, os CMs são espaços privilegiados na produção da História da Educação Física e esportes. São “lugares de memória”⁵ (NORA, 1993), onde são produzidas, conservadas e divulgadas fontes relacionadas a essas temáticas. Lugares nos quais também são analisadas muitas dessas fontes por meio de pesquisas e outras atividades relacionadas à produção acadêmica.

Por isso, entendo que é necessário conhecer e analisar esses espaços, para compreender como têm se produzido, reunido acervos e como têm contribuído para a produção do conhecimento da pesquisa histórica na Educação Física e esportes no país. Como nos diz Carr (1982, p. 25), “A função do historiador não é amar o passado ou emancipar-se do passado, mas dominá-lo e entendê-lo como a chave para a compreensão do presente”. Acredito que o presente da produção historiográfica da Educação Física e a preservação de registros têm se beneficiado com a existência dos CMs e que cada um deles agrega pessoas e materiais que podem direcionar parte dessa produção, seja pelos interesses temáticos de seus/suas docentes, seja pela existência de registros sobre uma temática e pela inexistência de outras. Contextualizar os CMs pode nos ajudar a entender suas políticas, ou seja, os direcionamentos, dados sobre o que guardar, o que disponibilizar, o que descartar, o que escrever.

Assim, o objetivo geral deste trabalho é analisar o movimento de constituição dos Centros de Memória da Educação Física nas universidades federais brasileiras, buscando entender as condições teóricas, estruturais e pessoais que tornaram possível suas permanências ou descontinuidades de atuação.

Para tanto, adoto o recorte temporal de 1996 a 2014, sendo o início marcado pela criação do Centro de Memória do Esporte (UFRGS), primeiro dos CMs ligado a uma universidade federal. O ano final do recorte justifica-se pela formação do mais recente entre

⁵ Esse conceito será apresentado adiante nesta tese, na seção 1.1.

os CMs, o Memorial do Centro de Educação Física e Desporto da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Além disso, busquei direcionar minhas análises às contribuições para a área acadêmica da Educação Física. Desta maneira, a análise sobre metodologias de organização de acervos, técnicas de conservação, modos de produção de inventários e guias, embora sejam muito significativas para o entendimento dos CMs, tanto da Educação Física quanto das demais áreas, não foram foco deste trabalho. Com essas considerações, apresento as questões norteadoras desse trabalho:

- Como se constituíram os Centros de Memória?
- Que condições externas e internas influenciaram sua criação?
- Quem são as pessoas que trabalham nos CMs? Como se envolveram nessas iniciativas?
- Quais são as funções assumidas pelos CMs?

Como lente para formular essas questões e para guiar o desenvolvimento do trabalho, utilizei a História Cultural (ou Nova História Cultural ou História Antropológica⁶), por indicar a busca pela contextualização e problematização, tentando compreender o significado dos acontecimentos para a época e para o presente, porém sem considerar que o hoje é uma consequência direta e simples do que ocorreu anteriormente (BURKE, 1991). A problematização ou formulação de perguntas ao objeto da pesquisa também é trazida como um ponto de delimitação da pesquisa, pois, como diz Barros (2010), não se pode fazer uma “história total”, ou seja, não se pode escrever sobre todos os aspectos e interpretações de um acontecimento, por isso delimito a minha análise ao entendimento da constituição dos CMs, especialmente no que se refere às pessoas que os compõem e às suas diversas produções.

A História Cultural também nos lembra que a escrita da história não é um encadeamento de verdades, mas uma narrativa feita a partir das fontes consultadas (PESAVENTO, 2005). Esse entendimento me ajudou a ver a construção dos CMs como um conjunto de fatores e ações que os tornaram possíveis. Além disso, essa abordagem coloca a possibilidade de se olhar para os lugares de memória como objetos para a pesquisa histórica, visto que numa historiografia mais tradicional o foco seriam acontecimentos ligados a questões ‘políticas’ da gestão de uma nação. Essa possibilidade é central no meu trabalho,

⁶ Como sugerido por Burke (2011), que trata essas três denominações como um mesmo movimento teórico da historiografia.

visto que pretendi olhar para os processos, para os sentidos que são atribuídos e para a constituição das pessoas dentro dos CMs.

Aponto como necessária a discussão da diferença entre memória e história. Para Melo e Drumond, “a história é uma construção crítica sobre o passado, um relato produzido a partir de métodos definidos” (2013, p. 161). Montenegro (2010) expõe essa crítica como a forma de desnaturalizar o passado e as ligações entre causa/consequência, e ela seria o diferencial da História. Chartier (2010) apresenta a construção da discursividade sistemática que a História se propõe e também a crítica como elementos diferenciadores entre esta e a memória, dizendo também que a primeira é regida pela epistemologia da verdade (científica) e a segunda pela crença coletiva no testemunho.

A memória, como construção social, é formação de imagem necessária para os processos de constituição e reforço da identidade individual, coletiva e nacional. Não se confunde com a História, que é forma intelectual de conhecimento, operação cognitiva. A memória, ao invés, é operação ideológica, processo psíquico-social de representação de si próprio, que reorganiza simbolicamente o universo das pessoas, das coisas, imagens e relações, pelas legitimações que produz. A memória fornece quadros de orientação, de assimilação do novo, códigos para classificação e para intercâmbio social. Nessa perspectiva, o estudo da memória ganharia muito se fosse conduzido no domínio das representações sociais. A História não deve ser o duplo científico da memória; o historiador não pode abandonar sua função crítica; a memória precisa ser tratada como objeto da História. (MENESES, 1999, p. 22-23).

Considero importante uma ressalva: a escrita da história também se mostra como uma construção social, e o trabalho intelectual também afeta e é afetado pelas identidades, pelas relações políticas e por operações ideológicas. Penso que Meneses também não defende que a história seja neutra, mas podemos questionar suas afirmações de uma diferenciação tão clara e polarizada entre memória e história. Apresento aqui essa citação para reforçar o caráter sistemático e crítico que a escrita da história assume.

Por fim, para elucidar a definição de história, Jenkins (2004) diferencia os termos “passado”, “historiografia” e “História”, sendo o primeiro aquilo que ocorreu e objeto de estudo dos/as historiadores/as, e o segundo, a escrita sobre o passado; para o autor, é necessário distingui-los, a fim de que não haja confusão entre o que ocorreu e o seu “constructo linguístico intertextual” (p. 26). E a História pode significar tanto o passado quanto a historiografia, e o conjunto deles, por vezes sendo usada como sinônimo pelo hábito, o que colabora para a confusão entre eles. Seguindo e adaptando as recomendações de Jenkins, trabalhei com a definição de historiografia ou escrita da história como a produção

dos/as historiadores/as⁷; usando história para me referir ao passado e História para falar sobre a área de conhecimento que tem como objeto o passado e engloba sua produção.

Para além da História Cultural, utilizei também discussões das Ciências da Informação, por aprofundar debates sobre os lugares de memória, especialmente quando falam de arquivos permanentes, bibliotecas com coleções históricas, museus históricos e centros de documentação. Essa área de saber tem se debruçado em entender esses espaços em sua constituição, funções e procedimentos. Foi me aproximando das leituras e discussões das Ciências da Informação que pude produzir uma definição dos CMs, já que eles não surgem do zero, mas se apropriam de procedimentos e entendimentos de outros espaços de memória.

Tendo apresentado minha trajetória e meus objetivos, estruturei a tese dividida em quatro capítulos. No capítulo 1, apresento a discussão de memória e lugares de memória, com foco naqueles ligados à Educação Física e esportes, e também analiso a criação e a consolidação dos CMs da Educação Física e Esportes ligados às universidades federais, especialmente as suas primeiras ações, continuidades e discontinuidades em sua atuação. No segundo capítulo, trato das definições possíveis para os CMs partindo dos seus objetivos, da fala de seus/integrantes e de definições da literatura. Ainda nesse capítulo, examino a constituição dos acervos dos CMs aqui observados, pois entendo que a sua definição também é dada pelos conteúdos de seus conjuntos documentais. No terceiro capítulo, discuto os lugares de memória universitários, as atividades dos CMs e os recursos disponíveis para o funcionamento dos CMs. No capítulo 4, discorro sobre as pessoas que criaram e fazem os CMs funcionarem, abordando a questão da sua formação e de seu envolvimento pessoal na vida dos CMs. Concluo esse trabalho com uma reflexão sobre o movimento de criação desses Centros de Memória no Brasil. Porém, antes de iniciar os capítulos desta tese, apresentarei as minhas opções metodológicas, ou seja, os caminhos que trilhei para compor minhas fontes e análises.

CAMINHOS INVESTIGATIVOS

Escrever uma história sobre os Centros de Memória da Educação Física e esporte, baseada na História Cultural, exige escolher e percorrer caminhos investigativos. Desta forma, inicio apresentando a descrição da procura pelos “vestígios”, que são as marcas deixadas “por

⁷ Nomeio aqui de historiador/a todas as pessoas que realizam pesquisas e escrevem sobre o passado, de forma analítica e sistemática, e não apenas aquelas que possuem formação acadêmica em cursos superiores de História.

um fenômeno em si mesmo impossível de capturar” (BLOCH, 2001, p. 73). Explicito os caminhos dessa procura, pois concordo que

Todo livro de história digno desse nome deveria comportar um capítulo, ou caso se prefira, inserida nos pontos de inflexão da exposição, uma série de parágrafos que se intitulariam algo como: ‘Como posso saber o que vou lhes dizer?’ Estou convencido de que, ao tomar conhecimento dessas confissões, inclusive os leitores que não são do ofício experimentariam um verdadeiro prazer intelectual. (BLOCH, 2001, p. 83).

A produção de vestígios ou fontes⁸ para esta pesquisa teve início com o meu contato com os CMs através dos eventos que participei, especialmente algumas edições do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e do Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física, também por contatos com outros/as pesquisadores/as, e por leituras tanto sobre história da Educação Física e esporte, quanto sobre a organização dos próprios CMs.

Ao decidir pesquisar sobre os CMs das universidades federais, o primeiro passo que empreendi se deu por meio de uma busca, na internet, de dados sobre os centros, utilizando os termos ‘centro de memória’, ‘memorial’, ‘arquivo histórico’, ligados aos termos ‘educação física’ e ‘esporte’. Encontrei informações principalmente em páginas próprias, em produções acadêmicas e nos currículos da Plataforma Lattes⁹ dos/as pesquisadores/as envolvidos/as. Após, listei todos os locais que se denominam como centro de memória ou memorial, ligados a pesquisadores/as da área da Educação Física em universidades federais. Relaciono-os a seguir:

⁸ Trato aqui como sinônimos vestígios e fontes por me utilizar tanto das ideias de Marc Bloch (2001), apresentadas sobre vestígios, quanto de algumas mais recentes e que apontam que as fontes são produzidas no decorrer da pesquisa e à medida que o/a pesquisador/a vai tomando contato com esses registros e os elegendo para compor seu conjunto analítico (SAVIANI, 2006; CONSTANTINO, 2002; RAGAZZINI, 2001).

⁹ Sistema ligado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que reúne informações sobre os/as pesquisadores/as acadêmicos de todo o país. Visto que está atrelado a financiamentos e processos seletivos, possui dados de grande parte deste público.

Quadro 1 – Centros de Memória das universidades federais

Centro	Sigla	Universidade	Fundação
Centro de Memória do Esporte	CEME/RS	UFRGS	1996
Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer	CEMEF/MG	UFMG	2001
Centro de Memória Inezil Penna Marinho	CMIPM/RJ	UFRJ	2001
Centro de Memória da Educação Física e do Esporte no Nordeste	CEMEFEN/PB	UFPB	2002
Centro de Memória do Departamento de Educação Física	CEMEDEF/PR	UFPR	2004
Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer	CEMEFEL/SE	UFS	2005
Centro de Memória do Esporte e da Educação Física da Bahia	CEMEEFB/BA	UFBA	2008
Centro de Memória do Esporte e da Educação Física de Juiz de Fora	CEMEEF/JF/MG	UFJF	2009
Centro de Memória da Educação Física e do Esporte	CEMEFE/MT	UFMT	2013
Memorial da Educação Física e do Esporte	Memorial do CEFD – SM/RS	UFSM	2014

Fonte: a autora, 2017.

Ao buscar informações sobre os CMs na internet, percebi que aqueles que possuem portais e/ou homepages próprias são: CEME/RS, CEMEF/MG, CMIPM/RJ, CEMEFEL/SE, CEMEDEF/PR e o Memorial CEFD. Também encontrei páginas na rede social Facebook dos seguintes: CEMEFE/MT, CEME/RS e CEMEF/MG. Além disso, vi que todos os CMs mencionados na pesquisa figuram em produções acadêmicas, como artigos em periódicos, capítulos de livros, trabalhos de conclusão ou trabalhos em eventos.

Feito esse primeiro levantamento, investi na coleta de informações sobre esses lugares de memória através da realização de visitas *in loco*, onde fiz observações do trabalho desenvolvido, assim como entrevistas com as pessoas ligadas a estes centros (coordenadores/as, professores/as, bolsistas, técnicos/as etc.). Como reflete Moreno, entendo que:

O pesquisador nunca terá a certeza de que localizou todas as fontes possíveis para sua pesquisa e menos ainda que esgotou todas as possibilidades por elas apresentadas. Para o historiador, o valor de sua fonte surgirá a partir da relação que ele estabelecer entre seu documento e a problemática de seu estudo. As fontes, em si, não fazem história, assim, serão as perguntas feitas

pelo pesquisador que conferirão sentido e, conseqüentemente, permitiram a reconstrução da história (2015, p. 109).

Concordo com esta citação e exponho-a aqui por perceber que não seria possível entrevistar todas as pessoas que fizeram parte dos CMs, nem visitar todos os dez, ou mesmo encontrar e analisar todos os documentos produzidos por eles. Ao longo da pesquisa, fui fazendo opções por aquilo que julguei mais pertinente às minhas perguntas. Por exemplo, optei por entrevistar as dez pessoas que identifiquei como fundadoras destes CMs, mas não consegui entrevistar estudantes e funcionários/as de todos. Além disso, tomei conhecimento da existência de documentos que não consegui acessar, como atas, relatórios, materiais de divulgação de eventos. Tenho consciência que esses materiais poderiam trazer outras versões para contar essa trajetória dos CMs, mas foi uma limitação que não consegui solucionar no período que tinha para realizar a pesquisa, embora não a tenha impossibilitado.

Para realizar as entrevistas e buscar outras fontes, realizei três visitas: ao CEMEF/MG, ao CEMEFEL/SE e ao CEMEFE/MT. Além disso, estive presente no CEME/RS, enquanto integrante. Escolhi esses quatro CMs para abranger regiões diferentes do país (Sudeste, Nordeste, Centro-Oeste e Sul) e também procurei dentro da região o CM com maior atividade, considerando publicações, divulgações na internet e meu contato com seus/suas pesquisadores/as. Os quatro locais escolhidos também me possibilitaram ver CMs em idades distintas, o mais antigo com 20 anos (CEME/RS), e o mais novo com três anos (Memorial CEFD – SM/RS).

Nessas visitas, também pude observar a estrutura física, os equipamentos, os acervos e as formas de organizá-los, o funcionamento dos grupos de pesquisas, as atividades realizadas, o uso das ‘novas’ tecnologias de informação¹⁰, a produção de registros e as formas de divulgação. Ainda acessei documentos de natureza diversa, como atas, relatórios, cartas e fotografias produzidos por esses CMs.

Acredito que as visitas foram fundamentais para entender a cultura de cada CM, sua própria lógica, suas especificidades, sem fazer comparações com um único modelo ou um melhor jeito de desenvolver o trabalho, ou um modo de fazer um centro de memória próximo daquele que eu conheço profundamente por atuar nele. Nessas observações, evitei tomar o CEME/RS como um padrão, não no sentido de ser referência para os demais, mas de eu analisar os demais a partir do que dele conheço.

¹⁰ Especialmente a ferramenta Repositório Digital e outras formas de acesso aos CMs e seus acervos através da internet.

Cada um dos Centros de Memória que visitei recebeu uma carta de convite (Apêndice D) para participar desta pesquisa, a qual foi assinada pelo/a coordenador/a. O acesso aos CMs foi facilitado pela relação já existente entre eles, materializada por meio de encontros, da participação em eventos semelhantes e da proximidade dos/as pesquisadores/as envolvidos/as e também pela minha aproximação com pessoas ligadas às instituições, visto que, desde a realização do mestrado, frequento eventos nos quais esses/as pesquisadores/as participam.

A realização das visitas aos centros foi feita considerando o cronograma da pesquisa, eventos na cidade ou próximos à sede destes locais, assim como a agenda de seus/suas coordenadores/as. A visita do CEMEF/MG aconteceu no mês de novembro de 2014, durante duas semanas, sendo que em uma delas foi realizado o Seminário do CEMEF/MG¹¹. Retornei a este centro em outubro de 2016, novamente na semana que promovia o seu seminário, com o intuito de obter mais informações e acompanhar esse evento. Fui recebida nesse CM especialmente pelos/as professores/as: Maria Cristina Rosa (coordenadora), Meily Assbu Linhales (coordenadora do acervo do CEMEF/MG), Andrea Moreno e Tarcísio Mauro Vago. A partir do contato com esses/as docentes, realizei 11 entrevistas, acessei documentos, conheci a reserva técnica e toda a estrutura do CEMEF/MG e pude ainda visitar duas exposições promovidas por este centro.

Em janeiro de 2016, realizei a visita de uma semana no CEMEFEL/SE e fui recebida pelo professor Sergio Doreski Ribeiro. Realizei quatro entrevistas, conheci a sala destinada a este CM, conversei com o bolsista Akellyson Jesus sobre as atividades realizadas e acessei documentos. Por último, fui ao CEMEF/MT em maio de 2016, durante três dias. Fui recebida pelo professor Evando Moreira, fiz três entrevistas, conheci as instalações do centro e acessei documentos.

No CEME/RS, o processo foi diferente, visto que faço parte de seu cotidiano desde 2010. Então, durante os quatro anos dedicados ao doutorado, pude fazer entrevistas, levantar dados, frequentar suas instalações, auxiliar aos trabalhos de organização de acervo, conversar com as pessoas que o integram, acompanhar doações, produzir documentos sobre ele, enfim, como disse anteriormente, ser produzida e produtora deste espaço. Além disso, fiz seis entrevistas com integrantes e ex-integrantes, referentes à minha tese.

Destaco ainda que a minha participação em alguns eventos da área da Educação Física facilitou o acesso a trabalhos acadêmicos que versavam sobre os centros de memória, assim como o contato com pessoas a eles ligadas. Especificamente, o Congresso Brasileiro de

¹¹ Evento acadêmico realizado pelo CEMEF/MG a cada dois anos.

História do Esporte, do Lazer e da Educação Física (CHELEF), nas edições de 2014¹² e 2016¹³, e o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE), nas edições de 2013¹⁴ e 2015¹⁵. Por ocasião desses eventos, fiz sete entrevistas, além de apresentar e assistir trabalhos sobre a temática aqui tratada. No CONBRACE, a participação se deu no Grupo de Trabalho Temático Memórias da Educação Física e Esporte, onde circulam no geral as produções dos e sobre os CMs.

Um dos modos de obter informações sobre a constituição e a consolidação dos Centros de Memória de Educação Física e esporte nas universidades federais recaiu na realização de entrevistas, considerando a proposição teórico-metodológica da História Oral. Tal opção reside na percepção de que ela “permite o registro de testemunhos e o acesso a ‘histórias dentro da história’ e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado” (ALBERTI, 2010, p. 155). Nesse sentido, opero com a História Oral como uma metodologia para a produção de fontes para esta pesquisa, sobretudo, no intuito de identificar a narrativa daqueles/as que contribuíram efetivamente para a constituição dos CMs e daqueles/as que fazem o seu dia a dia.

Alberti (2010) afirma que a entrevista não é “A história”, mas um dos elementos que ajudará a reconstruir uma versão de determinado passado. Para essa autora, “a postura envolvida com a História Oral é genuinamente hermenêutica: o que fascina numa entrevista é a possibilidade de tornar a vivenciar as experiências do outro, a que se tem acesso sabendo compreender as expressões de sua vivência” (idem, 2004, p. 18-19). Essa mesma percepção aparece na fala de um dos meus entrevistados, Ademir Gebara, quando diz: “tudo que eu estou falando aqui é interpretação, eu não defenderia esses pontos, eu teria que fazer o que você está fazendo, submeter essas hipóteses à tortura da pesquisa. Mas eu acho que meu papel aqui não é esse, é te passar minha percepção” (GEBARA, 2016, p. 15). Ciente dessa compreensão, olhei para as 36 entrevistas que realizei, considerando que não são ‘a’ verdade, mas a percepção daquele/a que fala.

As entrevistas realizadas para a produção desta tese integram o acervo do Projeto Garimpendo Memórias¹⁶, desenvolvido pela equipe do Centro de Memória do Esporte (CEME/RS), aprovado pelo Comitê de Ética da UFRGS em 2007, do qual participo desde 2010, como descrevi anteriormente. Reforço essa informação porque o público que entrevistei

¹² Realizado em Londrina (PR), nos dias 19 a 22 de agosto de 2014.

¹³ Realizado em Campinas (SP), nos dias 8 a 11 de novembro de 2016.

¹⁴ Realizado em Brasília (DF), nos dias 2 a 7 de agosto de 2013.

¹⁵ Realizado em Vitória (ES), nos dias 8 a 13 de setembro de 2015.

¹⁶ Mais informações disponíveis em: <<http://www.ufrgs.br/ceme/projPesq.php?acao=ver&id=1>>.

demandou um preparo enquanto entrevistadora, por serem pessoas que, em sua maioria, já trabalhavam com História Oral e questionavam os métodos, as perguntas e a forma do trabalho. Além de conhecimentos prévios sobre a temática e dos/as entrevistados/as e a preparação do roteiro, também precisei apresentar explicações aprofundadas sobre o método escolhido, e a experiência no projeto me deixou confiante sobre os processos.

O Projeto Garimpendo Memórias tem por objetivo preservar e divulgar a memória do esporte, da Educação Física, da dança e do lazer no Brasil. Sua principal ação é a realização de entrevistas com pessoas que participaram ou presenciaram acontecimentos considerados importantes das diferentes práticas corporais e esportivas. Geralmente, as entrevistas são feitas a partir de projetos de pesquisa realizados pelos/as integrantes do CEME/RS, mas seu acervo é composto também por entrevistas realizadas por pesquisadores/as externos. Baseia-se no aporte teórico-metodológico da História Cultural e da História Oral, sendo que no início de 2017 o projeto já possuía mais de 570 entrevistas publicadas e mais de 750 realizadas.

Dada a sua longevidade, o que implica a rotatividade de pessoas que nele atuam, foi elaborado um documento de circulação interna intitulado *Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*, cujo conteúdo descreve os procedimentos a serem adotados desde o momento em que se escolhe quem será entrevistado/a até a publicação final da entrevista. Esse manual foi elaborado considerando a especificidade do projeto e tem como referência as produções do CEME/RS, além de textos e publicações do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC)¹⁷.

O referido documento foi utilizado como fonte básica para esta tese, no que tange à realização e ao processamento das entrevistas. Vinte e quatro entrevistas, ou seja, a maioria, foram feitas nas visitas que fiz aos CMs, sete foram realizadas em eventos e cinco por meio da internet (Skype e Facebook), onde busquei adequar tanto o local quanto o horário, de modo a ser conveniente às pessoas entrevistadas. Todas as entrevistas possuíram um roteiro semiestruturado, considerando os objetivos da pesquisa. Foram registradas com gravador digital e seguiram os procedimentos descritos no Manual do Projeto Garimpendo Memórias, a saber: transcrição, copidesque, pesquisa, conferência e possíveis alterações pelo/a entrevistado/a, assinatura da carta de cessão (Anexo I), revisão final e publicação¹⁸. O roteiro foi estruturado de forma a contemplar os seguintes temas: formação acadêmica do/a

¹⁷ O Projeto Garimpendo Memórias, nesses 15 anos, passou por ajustes e mudanças. Para mais informações, sugiro a leitura de Macedo, Berté e Goellner (2016).

¹⁸ Disponível em: <<http://www.repositorioceme.ufrgs.br>>.

entrevistado/a¹⁹; envolvimento com a pesquisa histórica; envolvimento com o CM; atividades de ensino, pesquisa e extensão realizadas no CM; estrutura e apoio financeiro; acervo; apoio institucional; definição do CM.

O critério para selecionar as pessoas que concederam entrevistas foi ser ou ter sido pesquisador/a ou funcionário/a no Centro de Memória por pelo menos dois anos. Dei prioridade para entrevistar primeiramente os/as fundadores/as, os/as coordenadores/as, professores/as vinculados/as à instituição, e técnicos/as administrativos, que participaram dos momentos iniciais dos centros. Entrevistei também professores/as, funcionárias e estudantes de pós-graduação *lato sensu* que participaram do CM em algum período. No início da pesquisa, cheguei a entrevistar cinco estudantes, porém, após a qualificação, optei por não entrevistar outros, pois seria um número de entrevistas muito elevado para análise. Entretanto tomei a decisão de entrevistar seis professores/as citados/as em outras entrevistas que não se vincularam a nenhum CM, mas têm reconhecimento acadêmico pela sua atuação no campo da pesquisa histórica em Educação Física, alguns deles próximos do movimento de renovação historiográfica da área, que acabou por possibilitar a emergência dos CMs. No total, foram produzidas 36 entrevistas para este estudo, as quais se encontram publicadas no LUME – Repositório Digital da UFRGS e no portal do CEME/RS²⁰.

Ressalto que as entrevistas tiveram como foco os objetivos deste trabalho, porém entendo que a entrevista é um encontro, e nele tentei dar certa liberdade à pessoa entrevistada. Como estratégia metodológica, busquei incentivar que narrassem sobre outros temas que circundam o foco específico da tese, como a formação de pesquisadores/as no campo da história da Educação Física, a circulação da produção acadêmica sobre história da Educação Física e esporte, as condições de trabalho nas universidades públicas brasileiras. Nessa perspectiva, acredito que a produção dessas entrevistas possibilitou ainda o registro de outras memórias, cuja disponibilização poderá auxiliar pesquisas futuras.

Considerando o tema da tese e seus objetivos, produzi as seguintes entrevistas:

¹⁹ Esse tema não foi abordado nas primeiras entrevistas, mas vi sua necessidade durante a realização da pesquisa, e acrescentei perguntas direcionadas a ele.

²⁰ Portal do CEME/RS, disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ceme>>.

Quadro 2 – Entrevistas

	Nome	Universidade	Grupo	Data da entrevista
1	Priscilla Kelly Figueiredo	UFS e UFMG	Docente 2	19/03/14
2	Ricardo de Figueiredo Lucena	UFPB	Docente 1	21/08/14
3	Victor Andrade de Melo	UFRJ	Docente 1	21/08/14
4	André Mendes Capraro	UFPR	Docente 2	27/09/14
5	Talita Ferreira	UFMT	Estudante	13/11/14
6	Thaís Nodare de Oliveira	UFMG	Servidora e Estudante	17/11/14
7	Fernanda Cristina dos Santos	UFMG	Estudante	17/11/14
8	Gisele Oliveira de Almeida	UFMG	Estudante	17/11/14
9	Tarcísio Mauro Vago	UFMG	Docente 1	18/11/14
10	Andrea Moreno	UFMG	Docente 2	18/11/14
11	Igor Maciel da Silva	UFMG	Estudante	18/11/14
12	Meily Assbu Linhales	UFMG	Docente 2	19/11/14
13	Adalson de Oliveira Nascimento	UFMG	Docente 2	19/11/14
14	Marcus Aurélio Taborda de Oliveira	UFMG	Docente 2	20/11/14
15	Maria Cristina Rosa	UFMG	Docente 2	20/11/14
16	Janice Zaperllon Mazo	UFRGS	Docente 1	20/03/15
17	Leila Carneiro Mattos	UFRGS	Servidora	20/03/15
18	Silvana Vilodre Goellner	UFRGS	Docente 2	27/03/15
19	Sérgio Dorenski	UFS	Docente 1	18/01/16
20	Hamilcar Silveira Dantas Junior	UFS	Docente 1	18/01/16
21	José Americo Santos Menezes	UFS	Docente 1	19/01/16
22	Quefren Weld Cardozo Nogueira	UFS	Docente 2	19/01/16
23	Amarílio Ferreira Neto ²¹	UFES	Docente 3	21/03/16
24	Laércio Elias Pereira ²²	CEV	Docente 3	25/03/16
25	Evando Carlos Moreira	UFMT	Docente 1	20/05/16
26	José Tarcísio Grunennvaldt ²³	UFMT	Docente 3	20/05/16
27	Ana Carrilho Romero Grunennvaldt	UFMT	Docente 2	20/05/16

²¹ Entrevistado por ser um pesquisador reconhecido nas pesquisas históricas da área, por ter sido citado em entrevistas, ser o criador do Proteoria e por ter organizado a coleção Pesquisa Histórica na Educação Física, obra que agregou pesquisadores/as e foi citada como importante nas entrevistas.

²² Entrevistado por ter sido indicado em outras entrevistas como a pessoa que sugeriu o nome do Centro de Memória e por seu envolvimento com a Documentação Científica.

²³ Entrevistado por ter sido professor da UFS e UFMT em momentos que os CMs estavam iniciando e também ser citado por sua pesquisa no mestrado na década de 1990, sobre história da Escola Nacional de Educação Física.

28	Rosalia Pomar Camargo	UFRGS	Servidora	26/09/16
29	Ademir Gebara ²⁴	UNICAMP e UFGD	Docente 3	10/11/16
30	Carmen Lucia Soares ²⁵	UNICAMP	Docente 3	11/11/16
31	Vera Moro	UFPR	Docente 1	24/11/16
32	Vera Rangel	UFRGS e Memorial GNU ²⁶	Servidora	28/11/16
33	Marco Aurélio Acosta	UFSM	Docente 1	02/12/16
34	Carlos Fernando Cunha Júnior	UFJF	Docente 1	08/12/16
35	Augusto Cesar Rios Leiro	UFBA	Docente 1	12/01/17
36	Eustáquia Salvadora de Souza ²⁷	UFMG	Docente 3	22/02/17

Fonte: a autora, 2017.

Dividi as entrevistas em cinco grupos: Docente 1, Docente 2, Docente 3, Servidora, Estudante. O primeiro grupo abrange 12 docentes envolvidos/as no momento de criação do CM: consegui entrevistar todos/as os/as criadores/as dos CMs que identifiquei em produções, documentos e nas próprias entrevistas. O segundo grupo trata dos dez docentes que compuseram os CMs em outros momentos, destacando que nesse grupo estão contemplados aqueles/as professores/as que coordenaram os CMs que tiveram trocas em sua gestão, caso do CEME/RS, CEMEF/MG²⁸, CEMEFEL/SE e CEMEDEF/PR. No grupo Docente 3 estão aqueles/as seis professores/as que não participaram diretamente nos CMs. As quatro entrevistadas que trabalharam nos CMs, especialmente ligadas ao trabalho com atendimento ao público e acervo, recebendo um pagamento para esse serviço, estão no grupo das Servidoras²⁹: uma arquivista (Thais Oliveira), uma museóloga (Vera Rangel), uma bibliotecária (Rosalia Camargo) e uma historiadora e servidora da UFRGS (Leila Mattos). Thais Oliveira também está no grupo de Estudantes, pois nesse grupo coloquei alunos/as de pós-graduação e graduação que entrevistei no CEMEF/MG no início da pesquisa, que foram

²⁴ Entrevistado por ser um pesquisador reconhecido da história do esporte e Educação Física, citado nas entrevistas e por ter organizado os primeiros Encontros Nacionais de História do Esporte, do Lazer e da Educação Física.

²⁵ Entrevistada por ser uma pesquisadora reconhecida da história da Educação Física, citada nas entrevistas e por ter participado da formação do GTT de Memória da Educação Física e Esporte do CBCE.

²⁶ Grêmio Náutico União, clube esportivo em Porto Alegre.

²⁷ Entrevistada por ser uma pesquisadora reconhecida da história da Educação Física, citada nas entrevistas como incentivadora da formação de várias pessoas ligadas aos CMs. Essa entrevista foi feita por Luiza Aguiar dos Anjos e Suelen de Souza Andres, a quem agradeço, e tematizou, além das pesquisas históricas, também a participação da professora nas discussões de gênero.

²⁸ No CEMEF/MG não consegui entrevistar a professora Ana Carolina Vimieiro, pois não foi possível acertar as agendas.

²⁹ Apenas o CEME/RS e o CEMEF/MG tiveram esse tipo de serviço.

apenas mais quatro. Optei por não realizar mais entrevistas com estudantes após essa primeira experiência, como expliquei anteriormente.

Outras pessoas poderiam ter sido entrevistadas para esse trabalho, mas não foi possível pelo tempo disponível, por falta de contatos ou de disponibilidade. No entanto, dada a profusão de informações fornecidas por essas 36 pessoas, entendi que suas narrativas já tinham muito a contribuir para responder de forma ampla e aprofundada aos meus questionamentos.

Esse conjunto de entrevistas trouxe algumas especificidades para minha pesquisa. São falas de pessoas ligadas ao trabalho com a memória. Muitas delas utilizam a História Oral em suas produções ou avaliam trabalhos que trazem entrevistas como método. Assim, elas possuem conhecimentos sobre os processos envolvidos na produção e na análise de fontes orais. Vejamos outro trecho da entrevista de Ademir Gebara:

Primeiro é um prazer poder participar desse projeto de vocês de alguma maneira e sempre alertar que esses depoimentos, a meu juízo e como historiador profissional, eles têm muito valor, porque vocês têm que tentar ser o mais espontâneo possível e correr o risco de emitir suas opiniões, explicitar a construção que você faz do passado através da sua memória. Então é lógico, tudo que eu disser eu sei que será confrontado com outras fontes e estou tranquilo em relação a isso. (2016, p. 4).

Destaco essas características do grupo entrevistado, pois reforçam pontos debatidos nos textos teóricos sobre História Oral, e que por vezes, durante as entrevistas, foram ‘questionados’ ou ‘cobrados’: por exemplo, como a fala é produzida no presente sobre uma percepção do passado, ou seja, algo já trabalhado no pensamento da pessoa entrevistada. Outro exemplo de discussões, que alguns/as entrevistados/as levantaram ao relatar suas experiências, foi que a entrevista é um ponto de vista, uma narrativa dos acontecimentos, e não uma verdade absoluta. Para exemplificar, apresento a fala de Carmen Lúcia Soares:

Se eu falar para você das pesquisas em história, eu creio que as pesquisas em história da Educação Física elas acompanham, isso é minha percepção, claro, aqui a gente está fazendo um trabalho de história oral, portanto é a minha leitura. Eu acredito que as pesquisas em história da Educação Física acompanharam, de certo modo, as pesquisas em história da Educação Física e do esporte, um movimento do campo da história da educação. (2016, p. 10).

Com certeza, esses encontros enriqueceram sobremaneira a forma de eu fazer as entrevistas. Também facilitaram o seu tratamento, pois, tanto durante sua realização como no momento de revisão por parte do/as entrevistados/as, percebi que se preocuparam em refinar as informações, apontando, por exemplo, nomes e datas na busca de um registro mais

‘completo’ e uma informação mais qualificada. Tal preocupação me parece ter emergido porque são pesquisadores/as que operam ou conhecem os pressupostos teórico-metodológicos da História Oral e, portanto, reconhecem a importância dessa revisão para as análises futuras. Tornei-me cúmplice dos/as meus/minhas entrevistados/as, assim como me contou a estudante Talita Ferreira (2014, p. 17):

Aí quando você conhece o professor, você vira cúmplice dessa história e ele contando para você, ainda que seja gravado, ele fala assim para você: “Mas isso fica só entre a gente”. O “fica só entre a gente” era uma forma de mostrar essa cumplicidade. [...] Eu me sentia uma depositária, fiel depositária como diz no direito, das histórias e memórias desses professores. (ibidem, p. 17).

Tornei-me cúmplice das pessoas que entrevistei, mas também das histórias dos CMs e da Educação Física que apareceram em suas narrativas. Mas, por saber que não posso ser apenas cúmplice, essas entrevistas não serão tratadas isoladamente; as informações prestadas foram cotejadas com outras fontes e analisadas com o auxílio de textos acadêmicos da área.

Outro caminho, para além das entrevistas, que optei por trilhar para entender os trabalhos desenvolvidos nos CMs foi olhar para as suas produções, pois considero que elas refletem e sintetizam o cotidiano dos CMs. Estou chamando de produções os materiais, os eventos e as atividades desenvolvidas pelos CMs, abrangendo páginas de internet (sites, redes sociais), repositórios digitais, folhetos, materiais produzidos para fins pedagógicos, guias, listagens, catálogos, apresentações, exposições, manuais, eventos científicos e culturais e publicações acadêmicas (artigos, livros, textos para eventos).

No caso das produções acadêmicas, elas foram utilizadas no sentido de entender os CMs no que se refere à sua criação, à sua consolidação, às suas opções em constituição de acervos e demais ações. Considero essas produções como algo diretamente relacionado à pesquisa científica, que estou tomando como uma atividade privilegiada dos CMs, mesmo ciente de que são um produto e não a representação total das atividades de pesquisa realizadas.

Outra produção oriunda dos CMs e que aqui tem destaque reside na utilização das tecnologias de informação. Nesse sentido, pesquisei os CMs que tinham um portal na internet, ou perfil no Facebook, ou algum outro meio de divulgação digital que promovesse o acesso aos seus acervos, como repositórios, banco de imagens, banco de dados, ferramentas de pesquisa etc.

Acredito que os demais materiais, como os guias, as exposições, os eventos, os folhetos, contribuíram no entendimento dos CMs para além da pesquisa acadêmica, como

locais de extensão e ensino. Também revelaram mais dados acerca da organização do acervo, como os manuais e guias podem revelar a divisão de acervos, forma de catalogação, formas de manutenção, restauração e conservação.

Todas essas fontes apresentadas foram submetidas ao questionamento e à análise, pois, como escreve Marc Bloch, “os textos ou os documentos arqueológicos, mesmo os aparentemente mais claros e mais complacentes, não falam senão quando sabemos interrogá-los” (2001, p. 79). Assim, elas foram interrogadas, questionadas e relacionadas umas às outras, como explica o autor: “Em outros termos, toda investigação histórica supõe, desde seus primeiros passos, que a busca tenha uma direção. No princípio, é o espírito. Nunca, em nenhuma ciência, a observação passiva gerou algo de fecundo. Supondo, aliás, que ela seja possível” (ibidem, p. 79).

Utilizei como base para esta análise a imagem de um quebra-cabeça tridimensional, baseada na proposta de Sandra Pesavento, quando indica: “É preciso recolher os traços e registros do passado, mas realizar com eles um trabalho de construção, verdadeiro quebra-cabeças ou puzzle de peças, capazes de produzir sentido” (2005, p. 64). Ou seja, mais do que um quebra-cabeça linear, são peças que podem fazer relação com diversas outras e nem sempre se encaixam perfeitamente, cabendo um esforço de busca por novos materiais e novos indícios, no caso, limitados pela questão de tempo disponível para este trabalho. É importante lembrar que nenhum dos registros levantados é, por si, ‘a verdade’. Por vezes, podem significar a opinião de apenas um/a dos/as participantes, ou o/a entrevistado/a pode ter assimilado o fato, relatando-o de outra forma, diversa do ocorrido – eles são representações.

Utilizo o termo representação a partir do trabalho de Pesavento, acima citado, que explica esse conceito como “estar no lugar” de algo ou alguém, portanto significando e identificando, assim “indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade” (ibidem, p. 39). Pesquisadores/as da história partem das representações para remontar a realidade de um outro tempo. Porém essa remontagem não é o real, não é uma cópia perfeita, pois passou pelos ‘filtros’ dos tempos, e é um recorte daquele contexto. Dessa maneira, toda a narrativa é formada por representações e, por isso, o confronto entre os diferentes dados é necessário.

Esse tensionamento das fontes também é tematizado por Alberti (2010), que o atribui como sendo um papel do/a historiador/a, que deve considerar que não é apenas a História Oral que deve ser tensionada, mas também as demais fontes, como aponta Pollak (1989, p. 8), em uma entrevista:

Se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é. Para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tal e qual ela se apresenta. (POLLAK, 1989, p. 8).

Sobre a análise das fontes, operei com a proposição de “documento-monumento” proposta por Jacques Le Goff (1984). Para esse autor, os documentos são produzidos em um contexto histórico que deve ser considerado, e seja qual for a forma de apresentação desse documento – texto, imagem, oral, objeto – ele deve ser exposto à crítica. Montenegro (2010, p. 31) corrobora com essa proposição, observando que

[...] a análise histórica tem como foco primordial as relações, os percursos, as práticas, porque através do seu estudo é que se poderão construir outras formas de compreensão, que desnaturalizem a relação ou a representação que procurava associar de forma unívoca o objeto ou a coisa à palavra.

Reforço que essa crítica à fonte não pressupõe olhar todas as fontes como iguais, mas sim questioná-las, entender seu processo de produção, eleger aquelas que melhor respondem às questões de pesquisa e usá-las de forma contextualizada. Taborda de Oliveira, em um texto sobre a renovação historiográfica na Educação Física, ao falar sobre o uso das fontes, alerta:

É reconhecido que hoje há uma estimulante ampliação do nosso universo documental: cinema, periódicos, manuais, relatórios, correspondência, a cultura material escolar, fotografia, literatura etc., têm estado cada vez mais presentes em boa parte dos trabalhos em história da Educação Física. Louvável por si mesma, essa ampliação, no entanto, exige procedimentos adequados. Muitas vezes tratamos fontes de natureza absolutamente diferente como coincidentes, e não como complementares. Como exemplo, posso citar uma operação que entende relatórios de agentes escolares como expressão do imperativo legal. (2007, p. 130).

Considerando minhas fontes, seus contextos de produção e a relação entre elas, levantei os temas/argumentos para a análise, no sentido de entender o movimento de constituição e consolidação os CMs. Ao iniciar a coleta de fontes e as análises, senti a necessidade de pautar uma reflexão sobre a ética em pesquisa. Tal preocupação se deu porque sou uma pesquisadora integrada e ativa em um dos lugares que me proponho analisar. Penso que essa reflexão faz parte da minha trajetória de pesquisa, e por isso quis expressá-la.

Em primeiro lugar, reconheço que qualquer pesquisa, desde sua intenção/objetivo, passando pelo referencial, pelos procedimentos metodológicos adotados, por coletas, análises e até conclusões, pode causar algum prejuízo para as pessoas pesquisadas, os grupos e a própria produção de conhecimento científico. Desta forma, acredito que é preciso a reflexão

sobre o que e quem podemos afetar e as formas de amenizar isso; assim como afirmar meu comprometimento com a pesquisa e que, mesmo reconhecendo que será apenas uma versão dessa história, me propus a utilizar as fontes disponíveis de forma crítica e responsável.

A pesquisa histórica possui alguns diferenciais em relação a outras pesquisas, que merecem atenção nos aspectos ético-formais, principalmente devido às normalizações presentes no Brasil. Um dos grandes embates que existem é relativo à Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que apresenta diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Entre outros pontos que determina, essa resolução destaca a confidencialidade (anonimato), a privacidade e a proteção da imagem dos sujeitos e grupos envolvidos na pesquisa. Entendo os motivos da manutenção da confidencialidade voltada para outras formas de pesquisa, onde a revelação do nome poderia constranger o sujeito. Contudo, em pesquisas que têm como objetivo a escrita da história, é inviável o anonimato dos sujeitos, especialmente porque esses registros são um reconhecimento de sua participação na trajetória sobre a qual escrevemos. Visto isso, por motivos éticos que superam a resolução, utilizarei os nomes dos/as entrevistados/as, como forma de visibilizar a participação das pessoas aqui entrevistadas na história dos CMs.

Janaína Amado realiza o debate dessa relação ética com a pesquisa por parte de historiadores/as orais, e penso que podemos ampliá-la para qualquer historiador/a. Segundo a autora,

O trabalho do historiador oral será aceito, valorizado e perpetuado não pelo nível de identificação política com o grupo entrevistado ou pelo nível de influência sobre os destinos desse grupo, mas pelas qualidades acadêmicas do trabalho, pela sua capacidade de desvendar relações humanas e pelo grau de comprometimento profissional demonstrado, o qual poderá ser medido pelo respeito aos procedimentos metodológicos e técnicos da disciplina, anteriormente apontados. A ética do historiador oral reside nesses pontos, e deve ater-se a eles. O resto é confusão, provocada por um sentimento de culpa injusto, mal formulado e mal direcionado, que melhor faria se transformado, no cotidiano do cidadão-historiador, em ações diretas e concretas contra as numerosas injustiças sociais. (1997, p. 155).

De outro lado, reconhecendo que por vezes falas podem ser distorcidas e causar problemas a quem se presta a conceder uma entrevista, o projeto Garimpando Memórias, já registrado no Comitê de Ética, consolida uma série de procedimentos para os processamentos das entrevistas, com o objetivo de garantir que a fala do/a entrevistado/a, mesmo na forma escrita, seja um registro o mais completo possível da sua versão sobre os fatos vivenciados. Após os procedimentos de transcrição, copidesque e pesquisa, a entrevista é devolvida à pessoa entrevistada, para que ela possa fazer as alterações que desejar, seja para acrescentar

informações, completar nomes e corrigir dados, seja para retirar trechos ou reescrever para melhorar a compreensão. Além disso, a entrevista completa é disponibilizada para acesso livre pelo Repositório Digital da UFRGS, possibilitando novas leituras e pesquisas.

Sobre a minha participação no CEME/RS, um dos locais de análise nesta pesquisa, entendo que “Não só o historiador não pode apagar a sua personalidade, mas não deve mesmo procurar fazê-lo, pois renunciaria a uma fonte fundamental de conhecimento” (LORIGA, 2012, p. 255). Estar trabalhando em um dos locais me permitiu pensar sobre meu objeto de estudo diariamente, desfazer idealizações, entender que em qualquer um desses espaços se tem muito a fazer, materiais para higienizar e catalogar, pessoas para atender, exposições para montar, informações a procurar, pesquisar, receber doações, enfim, compreender seu cotidiano a partir da vivência direta dele.

Além disso, reforço que procurei não atribuir a nenhum dos centros investigados um modelo a partir do qual analisei os demais. Busquei, outrossim, ressaltar suas especificidades, ciente de que as diferenças existentes entre eles enriquecem as análises e mostram que existem diversos modos de encaminhar um Centro de Memória. Nesse trabalho, olhei para essa diversidade sem hierarquizar um modo de se trabalhar nos Centros de Memória.

Outra preocupação, que ultrapassa a finalização da escrita, é a publicação do trabalho final, a fim de que outros/as pesquisadores/as possam dele utilizar e para que os CMs tenham suas produções também visibilizadas e valorizadas. Feita a apresentação e justificativa dos caminhos que decidi tomar, passo a apresentar os CMs. As fontes que sustentam esta pesquisa foram acionadas e utilizadas conforme a necessidade do tema trabalhado – ou seja, não apresentarei os dados obtidos nas entrevistas ou observações isoladamente nos tópicos, mas já tentei integrá-las e relacioná-las.

1 OS CENTROS DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DO ESPORTE DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS: ORIGENS E PERCURSOS

Quando nós rejeitamos a história única, quando nós percebemos que nunca há apenas uma história sobre um lugar, nós reconquistamos um tipo de paraíso. (ADICHIE, Chimamanda, 2009³⁰).

Os CMs, como mencionei anteriormente são ‘lugares de memória’. Para aprofundar esse conceito, inicio este capítulo com a discussão sobre os ‘lugares de memória’, especialmente aqueles relacionados à Educação Física e ao esporte. Após, trato do princípio dos CMs, dos/as docentes que os criaram, quais foram as primeiras ações, o que motivou a criá-los, as condições internas das próprias instituições. Também analiso as continuidades e as descontinuidades da sua atuação.

1.1 OS LUGARES DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DOS ESPORTES

Ao me debruçar sobre o processo de constituição e consolidação dos Centros de Memória, vi emergir discursos da área das Ciências da Informação no que tange aos trabalhos com a preservação da memória, ou seja, especificamente as produções dessa área relacionadas aos arquivos permanentes, às coleções especiais das bibliotecas e aos museus históricos. Os CMs encontram nessa área de conhecimento discussões e procedimentos que auxiliam no seu cotidiano e também na reflexão sobre seu trabalho.

Começo pela ideia geradora do meu trabalho: os lugares de memória. Esse conceito foi proposto por Pierre Nora, que assim os define: “são lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos” (1993, p. 21). Um museu, um monumento, um arquivo só é lugar de memória se for revestido de uma materialidade (mesmo que virtual), da função de seleção e guarda da memória, e da simbologia que o envolve e o identifica com essa memória. Acredito que os CMs possuem essas características, selecionando e guardando memórias, e transparecendo isso pelas suas ações, pesquisas e atividades.

Com base nesse autor, Goellner (2005) cita como lugares de memória os museus, centros de documentação e informação, acervos e coleções particulares. Para Olga Von Simson (2000), eles seriam locais onde a versão consolidada de um passado coletivo de uma dada sociedade se expressa, citando como exemplos monumentos, hinos oficiais, quadros,

³⁰ Retirei essa fala de vídeo hospedado no YouTube, intitulado *O perigo de uma única história*, publicado em 07/10/2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>>. Acesso em: 1º fev. 2017.

obras literárias e artísticas, museus, arquivos, bibliotecas e centros de memória. Essa discussão se justifica, pois

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há mais memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas porque essas operações não são naturais. (NORA, 1993, p. 13).

Nesse sentido, Von Simson (2000) apresenta que os/as idosos/as perderam a função de guardiões da memória em decorrência de mudanças na lógica social, que apresenta um grande volume das informações de forma cada vez mais rápida. Apesar de uma certa mudança na função dos/as idosos/as – no sentido de eles/as próprios/as serem os meios para transmissão dessas memórias –, nos CMs vemos um protagonismo dos/as mais velhos/as, quando se procura por acervos e lembranças que essas pessoas guardaram e conservaram. Muitos CMs buscaram documentos e a realização de registros orais com ex-professores/as para compor seus acervos, assim como procuraram colecionadores/as de artigos sobre esportes e pessoas mais velhas que presenciaram algum acontecimento relevante. Contudo a transferência da função de guarda da memória coletiva demandou sua institucionalização, o que nos leva aos lugares de memória.

Essas instituições realizam, portanto, hoje, de forma profissional, uma tarefa social anteriormente exercida pelos idosos. [...] de alguma forma e segundo critérios previamente estabelecidos realizam o trabalho de coletar, tratar, recuperar, organizar e colocar à disposição da sociedade a memória de uma região específica ou de um grupo social retida em suportes materiais diversos. (ibidem, p. 65).

Ganham destaque – nessa função de coleta, tratamento, recuperação, organização e disponibilização – o arquivo, a biblioteca e o museu histórico, que são as três maris, como são denominadas por Joanna Smit (1993) essas instituições mais tradicionais das Ciências da Informação. Historicamente e funcionalmente, elas possuem entrelaçamentos, e vale lembrar que são também múltiplas as suas formas de trabalho, missões, objetivos, políticas.

Arquivos, bibliotecas e museus são instituições derivadas da noção de preservação desenvolvida por diferentes civilizações na Antiguidade. Responsáveis pelo armazenamento e pela organização de documentos e coleções, essas instituições passaram ao longo dos séculos a desenvolver técnicas, métodos e saberes próprios, fundamentais para o delineamento dos perfis epistemológicos das áreas e dos seus contornos institucionais. (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2011, p. 124-125).

Este entrelaçamento também é afirmado por Paes (2006), para quem as instituições arquivo, biblioteca e museu por muito tempo tiveram o mesmo objetivo: ser depósitos de

documentos produzidos por indivíduos. Outras funções desses lugares são apresentadas por Bellotto:

Recolher, tratar, transferir, difundir informação é o objeto convergente de arquivos, bibliotecas, museus e centros de documentação. Partindo de material diverso e de mecanismos técnicos completamente distintos, essas instituições devem estar aptas a cobrir, da maneira mais completa possível, um “campo de investigação”. Têm em comum, portanto, as finalidades a que se destinam e o papel que ocupam no processo social, cultural e administrativo de uma sociedade. (2004 apud CRUZ; TESSITORE, 2010, p. 434).

Camargo (1999) observa que esses documentos costumavam ser reunidos em um mesmo local, palácios, igrejas e bibliotecas, como por exemplo, a Biblioteca de Alexandria³¹. O autor ainda analisa que esse quadro começa a mudar por volta do século XV, quando a produção de informação e documentos ganha novos procedimentos técnicos e normas, e as pessoas envolvidas se especializam. Porém ainda no século XIX novamente se observa um movimento de intercruzamento dessas instituições no contexto norte-americano e europeu, como a criação de museus, já prevendo um arquivo e uma biblioteca ligados a ele, como, por exemplo, o Museu Metropolitano de Arte de Nova York³² e o Museu Nacional Germânico de Nuremberg³³ (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2011).

Nessa perspectiva interdisciplinar, mais recentemente, surge outro espaço: o Centro de Documentação. Segundo Moreira, os Centros de Documentação que surgem no Brasil ao longo da década de 1970 “têm por objetivo principal a preservação dos documentos contemporâneos, especialmente os privados” (1990, p. 69). Emergem das demandas da pesquisa histórica no Brasil e sobre o Brasil, que na referida década esbarrou na falta desses centros para buscar fontes de pesquisa do período da República e de tempos mais recentes. Segundo Oliveira (2016), o relato mais antigo no Brasil é do Centro de Documentação Histórica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, criado em 1966. Para Ramos e Glezer, esse centro tinha duas funções: “a de salvaguardar o acervo documental histórico dos arquivos públicos e particulares, dispersos pelo Brasil, e de auxiliar tecnicamente através de suas máquinas e de uma equipe especializada, os pesquisadores interessados” (1967, p. 597).

Esses Centros de Documentação se aproximam, e às vezes até se confundem, com as instituições denominadas Centros de Memória, que surgem também desde a década de 1970,

³¹ Biblioteca Real de Alexandria ou Antiga Biblioteca de Alexandria, no Egito. Provavelmente construída no século III a.C., possuía uma enorme quantidade de documentos, sendo importante na idade antiga e medieval.

³² The Metropolitan Museum of Art, fundado em 1870.

³³ Germanisches National Museum, fundado em 1852.

como Centro de Memória Social Brasileira e o Centro de Memória da Medicina da UFMG, criado em 1977 (OLIVEIRA, 2016). Um fator relacionado ao crescimento do número de CMs na década de 1980 é a redemocratização do país, que também valorizou a memória e a guarda de registros (CAMARGO; GOULART, 2015).

Além disso, nesse período, empresas estatais foram privatizadas e passaram a ter os CMs como um produto das ações de memória empresarial³⁴ no Brasil. Segundo Gomes (2015, p. 54):

É possível atrelar o crescimento numérico dos Centros de Memória a certos elementos conjunturais que trazem à tona a necessidade de preservação da cultura e identidade das organizações como, por exemplo, a privatização de empresas estatais que ficaram em controle de empresas estrangeiras.

A exemplo da Ultragaz, que funda seu Centro de Documentação e Memória em 1992 (RICCI, 2004), emergem o Centro de Memória da Eletricidade, fundado em 1986, tendo como principal mantenedora a Eletrobrás (CABRAL, 2004), e o Centro de Memória Virtual do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), criado em 2002 (SÃO PAULO, 2004).

Um nicho dos lugares de memória que me interessa nesse trabalho são os ligados ao campo da Educação Física e do esporte. Optei por colocar Educação Física e esporte porque os CMs vinculados às universidades são ligados a professores/as que atuam nos cursos de Educação Física ou pesquisam essa área. Além disso, não utilizei apenas esporte porque considero ser um termo mais restrito, não representando práticas como a dança e, por vezes, as lutas e as ginásticas.

Goellner (2005) sistematiza três fases de iniciativas ligadas à memória esportiva no Brasil: a primeira refere-se a acervos particulares de colecionadores e aficionados pelo esporte; a segunda está ligada aos clubes esportivos; e a terceira, a iniciativas públicas e universitárias. Sobre a primeira fase, a autora cita os acervos: jornalista Gerson Sabino³⁵ (Belo Horizonte, década de 1930³⁶), professor Mario Cantarino³⁷ (Brasília, década de 1930), professor Jair Jordão Ramos³⁸ (década de 1960), médico Henrique Licht³⁹ (década de 1960),

³⁴ Memória empresarial é entendida como “suporte ao reforço da cultura e da identidade das organizações” (RICCI, 2004, p. 84), e não mais apenas com sentido de resgate e comemoração.

³⁵ A temática do acervo era futebol, datado da década de 1930 até 1998.

³⁶ Data aproximada do início da produção do acervo.

³⁷ Coleção de livros, considerada a maior biblioteca particular do Brasil sobre a Educação Física e esportes, publicados em sua maioria entre 1930 e 1950. Essa coleção foi comprada pela UFES. Também havia um grande volume de fichamentos e documentos que foram doados ao CEME/RS pela família do professor.

³⁸ Organizado como um Museu da Educação Física no Rio de Janeiro.

Roberto Gesta de Melo⁴⁰, e o professor Lamartine Pereira da Costa⁴¹. Esses colecionadores reuniram especialmente bibliografias e materiais ligados ao esporte. Alguns desses acervos se tornaram institucionais, mas ainda existem acervos pessoais e de colecionadores – as contínuas doações que chegam aos Centros de Memória são prova disso⁴².

Nas iniciativas de preservação das memórias, levantadas no momento da sua pesquisa, a autora cita os lugares de memória dos clubes esportivos como segunda fase, iniciada na década de 1980. Temos como exemplos desse mapeamento: Museu do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre ou Memorial Hermínio Bittencourt (1988); Arquivo Histórico do Clube Espéria (1989); Centro de Memória Hans Nobiling (1991), do Esporte Clube Pinheiros, de São Paulo⁴³; Memorial SOGIPA⁴⁴ (1992); o Flu-Memória, vinculado ao Fluminense Football Club, no Rio de Janeiro (1995); Centro de Documentação do Comitê Olímpico Brasileiro (1996); Acervo Histórico do Minas Tênis Clube (1997). Atualizando a lista, há o Museu do União (Grêmio Náutico União)⁴⁵ (1996) e os museus e memoriais dos clubes de futebol, que estou assumindo como uma quarta fase.

A terceira fase trata das iniciativas públicas, com destaque para as universitárias. Temos como exemplos: Centro de Memória Esportiva “De Vaney”, da Secretaria Municipal de Esportes de Santos (1993); Centro de Documentação e Informação Esportiva do Ministério do Esporte (CEDIME) (2003); Arquivo Maria Lenk – Universidade Gama Filho (embora ligado a uma instituição privada); e os Centros de Memória das universidades federais que analisei neste trabalho.

Complemento essa lista⁴⁶ com espaços que encontrei em publicações, nas entrevistas realizadas para esta tese e na internet, especialmente no site do Cadastro Nacional de Museus (CNM), são eles: seção técnica de Biblioteca e Documentação Esportiva da Secretaria

³⁹ Este acervo particular, que agora se encontra no CEME/RS, possui materiais que indicam a década de 1920. Tematiza especialmente os esportes olímpicos e não olímpicos, com estaque para o material sobre o Remo.

⁴⁰ Presidente da Confederação Brasileira de Atletismo, com acervo organizado em Manaus, o qual tematiza principalmente o atletismo.

⁴¹ No Rio de Janeiro, é o organizador do Atlas do Esporte no Brasil.

⁴² Observei isso no CEME/RS, no CEMEF/MG e no CEMEFEL/SE, especialmente referente a antigos/as professores/as da casa, que fazem doações de seus acervos pessoais.

⁴³ Citado no Cadastro Nacional de Museus (CNM) como Centro Pró-memória Hans Nobiling do Esporte Club Pinheiros, disponível em: <<http://www.ecp.org.br/institucional/centro-pro-memoria/home>>.

⁴⁴ Sociedade de Ginástica de Porto Alegre.

⁴⁵ Mais informações em: <<http://gnu.com.br/institucional/servicos>>.

⁴⁶ Como fontes, utilizei o Cadastro Nacional de Entidades Custodiadoras de Acervos Arquivísticos (CODEARQ), ligado ao Conselho Nacional de Arquivos, e o Cadastro Nacional de Museus (CNM) ligado ao Instituto Brasileiro de Museus. Os referidos cadastros estão disponíveis em: <<http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=78>> e <<http://www.museus.gov.br/sistemas/cadastro-nacional-de-museus>>. Também busquei textos acadêmicos e o site de procura Google, com os termos de busca ‘museu’, ‘arquivo’, ‘acervo + esporte ou Educação Física ou dança’.

Municipal de Esportes, Lazer e Recreação (SEME) (1980), da Prefeitura do Município de São Paulo (PMSP) (BOTELHO; MONTEIRO; VALLS, 2007); Centro de Estudos e Documentação em Educação Física, Esporte e Lazer do Maranhão (início da década de 1980, provavelmente 1982) (PEREIRA, 2016); Museu dos Esportes Lauthenay Perdigão (AL, 1993)⁴⁷; Museu do Esporte Catarinense (1993)⁴⁸; Museu de Esportes de São José dos Campos (SP), inaugurado em 1999, subordinado à Secretaria de Esportes e Lazer da Prefeitura Municipal⁴⁹; Museu do Esporte de Teresópolis⁵⁰ (Rio de Janeiro) (2003); Centro de Memória do Esporte Jundiaense (SP, 2003)⁵¹; Museu do Esporte em Arapiraca⁵² (AL, 2006); Centro de Memória e Informação do Esporte⁵³ (MG, 2007), ligado à Superintendência de Políticas Desportivas da Secretaria de Estado de Esportes e da Juventude de Minas Gerais; Memorial dos Esportes do Complexo Plínio Lemos Campina Grande (PB, 2008)⁵⁴; Centro de Memória do Esporte e do Lazer (CEMEL)⁵⁵, ligado à Secretaria Municipal de Esporte e Lazer de Belo Horizonte (MG, 2011); Museu do Esporte Maranhense (2015), ligado ao governo estadual, implantado no Complexo Esportivo do Castelão⁵⁶; Museu Carlos Augusto Borba do Criciúma Esporte Clube (SC)⁵⁷. Cito também o Museu do Automobilismo Brasileiro (Passo Fundo, RS)⁵⁸, Museu dos Esportes João Saldanha (Alegrete, RS, 2008)⁵⁹ e o Museu da Dança (Bela Vista, SP, 2014)⁶⁰, que são de iniciativa privada.

Mais recentemente, eu colocaria uma quarta fase, a dos Museus e Memoriais ligados ao futebol no Brasil⁶¹, que se desenvolveram especialmente a partir dos anos 2000, muitos impulsionados pela reforma dos estádios para a Copa do Mundo FIFA realizada no Brasil em 2014. Cito como exemplos: Museu dos Esportes Mané Garrincha (MEMG, 1974)⁶²,

⁴⁷ Citado no CNM, disponível em: <http://onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=Museu+dos+Esportes,+Alagoas<r=m&id_perso=1806>.

⁴⁸ Citado no CNM, disponível em: <<http://www.fesporte.sc.gov.br/fesporte/nossa-historia>>.

⁴⁹ Citado no CNM, disponível em: <http://www.museudeesportes.sjc.sp.gov.br/historia_museu.asp>.

⁵⁰ Disponível em: <<http://netdiario.com.br/museu-do-esporte-e-revitalizado>>.

⁵¹ Citado no CNM, não possui site.

⁵² Citado no CNM, não possui site.

⁵³ Citado no CODEARQ e também no artigo de Rodrigues (2011). Não possui site.

⁵⁴ Citado no CNM como Museu do Esporte José Aurino de Barros Filho, disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com.br/2009/12/o-museu-dos-esportes.html#.VWU0gs9Viko>>.

⁵⁵ Mais informações em: <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=esportes&tax=38787&lang=pt_BR&pg=5760&taxp=0&>.

⁵⁶ Mais informações em: <<http://www.academiamaranhense.org.br/blog/?p=4753>>.

⁵⁷ Citado no CNM.

⁵⁸ Mais informações em: <<http://www.museudoautomobilismo.com.br>>.

⁵⁹ Citado no CNM.

⁶⁰ Museu virtual, citado no CNM, disponível em: <<http://www.museudadanca.com.br>>.

⁶¹ Esses museus, pelos dados que encontrei em seus sites, são majoritariamente sobre a presença de homens no futebol.

⁶² Citado no CNM, disponível em: <http://www.rioecultura.com.br/instituicao/instituicao.asp?local_cod=155>.

atualmente Museu do Futebol do Rio de Janeiro no Maracanã⁶³ (2006); Memorial e Arquivo Histórico do Figueirense Futebol Clube (SC, 2001) (MARQUES; PIRES, 2006); Museu do Futebol Pacaembu (SP, 2008)⁶⁴ (MORAES, 2009); Museu do Futebol e Esportes de Araraquara (SP, 2010)⁶⁵; Museu do Inter ou Museu do Sport Club Internacional – Ruy Tedesco (2010)⁶⁶; Arquivo Histórico do Inter (2012)⁶⁷; Memorial Treze de Maio (2012)⁶⁸; Museu Brasileiro de Futebol Mineirão (MG, 2013)⁶⁹; Museu Pelé⁷⁰ (2014); e Museu do Grêmio ou Memorial Hermínio Bittencourt (1984, reinaugurado em 2015).

Este levantamento, mais do que fazer uma lista de locais, pretendeu mostrar que são muitos os lugares preocupados, especificamente, com a memória do esporte⁷¹, e os textos acadêmicos que analisam esses espaços estão crescendo em número. Considero que, para além das iniciativas apresentadas por Goellner (2005), uma quarta fase poderia ser justificada considerando a quantidade crescente desses espaços ligados a iniciativas públicas e privadas listados acima, mas também pela organização mais sistemática que os CMs universitários começam a ter, especialmente a partir da metade dos anos 2000, tanto pela necessidade e pelo interesse vindo de docentes e pesquisadores/as ligados aos CMs, como pela aproximação aos cursos de Museologia e Arquivologia que são instalados a partir do programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI)⁷².

Em relação à Educação Física como área de formação e atuação pedagógica, no Brasil, esses lugares de memória se concentram nas universidades no formato de Centros de Memória, em departamentos ou unidades acadêmicas, contando ainda com o envolvimento de alguns/algumas docentes. Além dos centros que compõem este estudo, existem outros espaços similares que não foram incluídos, como, por exemplo, o Centro de Memória da Educação Física, Esporte e Lazer (CEMEFEL), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS), criado em 2011 no Campus de Muzambinho (HIPÓLITO; PEREIRA, 2013). Segundo Santos e Pereira, “constitui-se num espaço de

⁶³ Mais informações em: <http://www.riodejaneiroaqui.com/portugues/museu_futebol.html>.

⁶⁴ Mais informações em: <<http://museudofutebol.org.br>>.

⁶⁵ Mais informações em: <<http://www.ultimadivisao.com.br/museu-relembra-historia-da-ferroviaria-e-do-esporte-em-araraquara>>.

⁶⁶ Citado também em Rangel (2012), disponível em: <<http://www.internacional.com.br/conteudo?modulo=24&setor=170&secao=155>>.

⁶⁷ Citado no CODEARQ, disponível em: <<http://memoriadointer.blogspot.com.br>>.

⁶⁸ Mais informações em: <http://pesquisadoresfutebolclubes.blogspot.com.br/2013_03_01_archive.html>.

⁶⁹ Mais informações em: <<http://www.museubrasileirodofutebol.com.br>>.

⁷⁰ Mais informações em: <<http://museupele.org.br>>.

⁷¹ Várias pesquisas utilizam arquivos públicos e privados municipais, estaduais, de associações culturais, de jornais para fazer pesquisas sobre a temática, porém optei por dar destaque aos lugares específicos que tratassem da Educação Física e esportes.

⁷² Instituído em 2007 pelo governo federal, como desdobramento de políticas de expansão universitária iniciadas em 2003.

organização, preservação, divulgação e pesquisa sobre a história da Educação Física, Esporte e Lazer no Sul de Minas Gerais” (2013, p. 2). Esse espaço não foi incluído na pesquisa, pois se localiza num Instituto Federal, tendo algumas características diferentes da universidade.

Centros de Memória da Educação Física e do Esporte, ou estes lugares de memórias mais institucionalizados, estão presentes também em universidades estaduais, como o Centro de Memória, Informação e Documentação sobre Educação Física, Esporte e Lazer (CEMIDEFEL) da Universidade Estadual de Londrina, criado em 2009 (ROMANZINI et al., 2012) e a Sala de Coleções Especiais da Biblioteca “Prof. Asdrúbal Ferreira Batista” da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), criada em 2010.

Outro espaço é o Proteoria – Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física, criado em 1999⁷³, que apresenta o foco na pesquisa que articula os campos da História, da Educação e da Educação Física. Pela sua página da internet, o Proteoria não se denomina um Centro de Memória ou Memorial, e não contempla em seus objetivos/finalidades a guarda e a preservação de acervos. Por esse motivo, tal espaço não entrou para esta pesquisa, embora tenho conhecimento de que esse grupo é responsável pela compra⁷⁴ e pelo recolhimento de acervos de livros, mostrados nas fotos de sua página na internet.

Com a apresentação desses lugares ligados à memória e à historiografia da Educação Física e do esporte, apesar de não estarem presentes em todos os estados brasileiros, percebo que já possuem uma trajetória que vem se consolidando. No item seguinte, centralizo meu olhar para os CMs nas universidades federais, explicitando os caminhos que percorri nesta pesquisa.

1.2 INÍCIOS DOS CENTROS DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES NAS UNIVERSIDADES FEDERAIS BRASILEIRAS

Na minha pesquisa inicial e, posteriormente, durante a coleta de fontes, identifiquei a existência de dez Centros de Memória ligados à Educação Física e ao esporte nas universidades federais. Não tenho dúvidas de que cada um deles poderia ser objeto de uma

⁷³ Disponível em: <http://proteoria.org/modules/mastop_publish/?tac=Apresenta%C3%A7%C3%A3o>.

⁷⁴ Em sua entrevista, o professor Amarílio fala da compra do acervo de livros do professor Mario Cantarino Filho. Além disso, em visita ao Proteoria, pude identificar a presença de um rico acervo sobre a história da Educação Física, com livros publicados desde a década de 1930, como livros de Laurentino Lopes Bonorino e Inezil Penna Marinho. No seu site, o grupo tem fotos com o acervo de livros e periódicos que preserva, como a Revista Educação Physica. Mais informações em: <<http://proteoria.org/index.php>>.

investigação específica, como aconteceu, por exemplo, com o CEMEFEL/SE⁷⁵, o CEMEEFB/BA⁷⁶ e o CEMEF/MG⁷⁷. No entanto esse não é o foco desta tese. Busco entender o movimento, o contexto da criação dos centros, observando aspectos relacionados às suas origens, seja no que convergem, seja no que divergem.

A criação do primeiro Centro de Memória ligado à Educação Física em universidades federais foi o Centro de Memória do Esporte (CEME/RS), que a princípio se chamava Centro de Documentação em Educação Física e Esporte “Professor Jacintho Francisco Targa” (CEDOEFE), conforme projeto encontrado em seu acervo⁷⁸. Segundo as fontes consultadas, foi criado em 1996 e instalado na Escola de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A iniciativa de fundar esse centro foi da professora Janice Zaperllon Mazo, que contou com o apoio da bibliotecária da ESEF, Rosalia Pomar Camargo. Ao analisar o projeto de criação do CEME/RS, identifiquei que seu objetivo inicial era “reconstituir, preservar e divulgar a história e a memória da Educação Física e do Esporte no Brasil”. Além disso, o documento também previa o apoio ao desenvolvimento de pesquisas, interagindo com os outros laboratórios e grupos.

Segundo Mazo (2015), as tentativas para se criar um espaço ligado à memória já acompanhavam a sua trajetória acadêmica antes de prestar concurso na UFRGS, mais especificamente nos trabalhos que produziu na conclusão de um curso de Especialização em Pesquisa Curricular, em 1990, e de mestrado, em 1993, ambos na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), nos quais analisou a história do Centro de Educação Física e Desportos da UFSM. Motivada por esse tema, durante o período no qual trabalhou na Universidade de Brasília (UnB), em 1994, fez contato com o professor Mario Cantarino Filho⁷⁹ e realizou

⁷⁵ Referência ao trabalho de conclusão de curso realizado por Akellyson Jesus em 2016, com o título *CEMEFEL: uma história sobre um lugar de memória (2005-2016)*, defendido na Universidade Federal de Sergipe, no Departamento de Educação Física.

⁷⁶ Referência ao trabalho de conclusão de curso realizado por Milena da Silva Carneiro em 2012, com o título *Centro de Memória da Educação Física e Esporte da Bahia: experiências universitárias e desafio cultural*, defendido na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II, Alagoinhas, no Colegiado do Curso de Educação Física.

⁷⁷ Referência à dissertação de mestrado escrita por Thais Nodare de Oliveira, defendida em 2016, com o título *Centros de Memória e documentação da Universidade Federal de Minas Gerais: perfis institucionais e políticas de acervo*, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais.

⁷⁸ CAMARGO, Rosalia Pomar; MAZO, Janice Zaperllon. **Projeto: “Centro de Documentação em Educação Física e Esporte Prof. Jacintho Francisco Targa”**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Acervo CEME. Porto Alegre, 1996. Em novembro de 1997, já me deparei com documentos que o mencionam como Centro de Memória do Esporte.

⁷⁹ O professor Mario Ribeiro Cantarino Filho (1930-2012) formou-se na Escola Nacional de Educação Física e Desporte (RJ) e foi professor na Universidade Federal do Espírito Santo e na Universidade de Brasília, com

algumas tentativas de se criar um memorial. Porém mudou-se para Florianópolis para trabalhar na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), nos anos de 1995 e 1996, realizando outra iniciativa relacionada à preservação da memória, segundo relata em sua entrevista:

Então, eu trabalhava com disciplinas de lazer, trabalhava em projetos de extensão, mas o meu projeto de pesquisa era de novo tentar criar um acervo, um arquivo e eu sempre entendia que o começo era pela memória da instituição, a ideia de um memorial, porque todos se sentiriam fazendo parte daquilo, que todos faziam parte daquela história e eu fui reunindo todo esse material. (MAZO, 2015, p. 10).

Esse pensamento acompanhou a professora Janice Mazo na sua mudança para a UFRGS, em 1996, quando foi aprovada em concurso público para atuar na disciplina de voleibol. Rosalia Camargo (2005), em sua entrevista, menciona que a ideia de Janice em criar um espaço de memória já era anterior à sua chegada na UFRGS. Informa, ainda, a existência de um acervo histórico na Biblioteca Setorial da ESEF, denominada Biblioteca Edgar Sperb. Em entrevista realizada em 2016 com temática mais específica a esta pesquisa, Rosalia Camargo destaca que a criação de um setor para abrigar o acervo histórico da biblioteca foi ideia de Paulete Golbert, chefe da biblioteca na época, que separou os livros anteriores a 1950 durante uma reformulação que ocorreu em 1985. Janice reforça essa informação em sua entrevista:

Então a gente chamou o professor Washington Gutierrez e fizemos várias reuniões e uma bibliotecária, a Paulete, que era uma pessoa diferenciada, assim, muito organizada e que criou a tal da letra H80, eu dizia para ela, “Paulete, tu criou a letra H dentro dessa biblioteca” e essa letra foi a coisa mais importante que as pessoas nunca notaram, ela começou a diferenciar um acervo. Então, ela foi uma pessoa que começou a diferenciar, aqui dentro da biblioteca tinham obras que eram raras, que eram históricas, sei lá eu o que, qual era o nome, mas era a letra H. Eu brincava porque aquilo ali para mim tinha um significado, então a gente começou a fazer essas reuniões e eu comecei a chamar professores. (MAZO, 2015, p. 13-14).

Essa organização na Biblioteca Edgar Sperb facilitou a criação do CEME/RS, visto que nesse setor da Escola já existia uma preocupação e um reconhecimento de que os materiais precisavam ser preservados. Rosalia Camargo (2016) explica que a iniciativa para se criar um Centro de Memória, mesmo já existindo o acervo histórico da biblioteca, se deu por

atuação na área do atletismo. Durante sua vida, reuniu uma das maiores bibliotecas privadas sobre Educação Física e esporte.

⁸⁰ A Letra H identifica, no acervo da biblioteca da ESEF, os livros que compõem o acervo histórico; por isso, não é permitido o empréstimo, apenas consulta local.

um lado pela existência de outros tipos de acervos não bibliográficos (troféus, medalhas, uniformes etc.), e por outro pelo próprio desejo de Janice em assumir essa tarefa.

Para efetivar esse projeto, a professora relata em sua entrevista que, no ano de 1996, organizou várias reuniões na biblioteca, com o objetivo de iniciar ações de preservação da memória da ESEF. Entre os primeiros registros que encontrei sobre o CEME/RS, existe a referência à organização da comemoração dos 50 anos da Biblioteca Edgar Sperb, que aconteceu no dia 6 de dezembro de 1996. Esse evento é mencionado na entrevista de Janice Mazo (2015), em textos acadêmicos (MAZO, 2001; MAZO; PEREIRA, 2005) e em um estudo produzido por Janice Mazo, Rosalia Camargo e Vicente Molina Neto, denominado *Centro de Documentação em Educação Física e Esporte: uma tentativa de organização do acervo histórico da Escola de Educação Física da UFRGS*, conforme citação a seguir:

No segundo semestre de 1996 realizamos um evento comemorativo dos 50 anos da Biblioteca da ESEF, com a reunião de professores, alunos e funcionários, onde foi apresentado o projeto de implantação do Centro de Documentação na Escola. Na sequência da programação houve a participação especial das ex-bibliotecárias e dos professores pioneiros que através do depoimento oral relataram acontecimentos acerca da história da Biblioteca e da Escola. Foi realizada uma homenagem especial a família do ex-professor Jacintho Francisco Targa, que fez a doação de sua biblioteca particular. A partir desse encontro foram viabilizadas doações de outras bibliotecas particulares dos ex-professores: Waldir Eckart, Olga Eckart e Lenea Gaelzer.⁸¹

Esse evento marca uma primeira apresentação sobre o CEME/RS para a comunidade da ESEF, além de ter possibilitado a produção de registros que alimentariam o seu acervo. Entendo que a centralidade da organização desse evento foi da própria biblioteca, que contemplou uma exposição de Janice sobre o CEME/RS, conforme escrito no convite⁸² para essa atividade, que é assinado por Rosalia Camargo, tendo como remetente a biblioteca (CAMARGO, 1996). Ainda assim, esse pode ser considerado o marco inaugural da atuação do CEME/RS enquanto espaço destinado para o registro das memórias da ESEF.

Simultaneamente a essa parceria com a biblioteca, a professora Janice também iniciou um diálogo com o então diretor da escola, o professor Antônio Carlos Stringhini Guimarães⁸³, que deu apoio à ideia de criação do centro (MAZO, 2015). Em ata de reunião do Conselho da

⁸¹ MAZO, Janice Zaperllon; CAMARGO, Rosalia Pomar; MOLINA NETO, Vicente. **Centro de Documentação em Educação Física e Esporte**: uma tentativa de organização do acervo histórico da Escola de Educação Física da UFRGS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Acervo CEME. Porto Alegre, 1997. p. 5.

⁸² CAMARGO, Rosalia Pomar. **Aniversário de 50 anos da Biblioteca Edgar Sperb**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Biblioteca Edgar Sperb. Acervo CEME. Porto Alegre, 1996.

⁸³ Diretor da ESEF entre 1996 e 2000.

Unidade, que tem a presença de uma comissão criada para discutir as necessidades do CEME/RS, figura o seguinte trecho:

[Rosalia Camargo] Leu, então, o parecer: “[...] para o pleno desenvolvimento institucional deste centro em uma perspectiva de futuro, para que o mesmo, além de se tomar o lugar onde serão encontrados documentos e objetos raros também possa desenvolver, em seu interior, atividades de ensino, pesquisa e extensão, é fundamental colocá-lo na estrutura administrativa da ESEF como um órgão auxiliar.” Para tanto, a comissão solicitou a inclusão do CEDOEFE no Regimento Interno da ESEF; a destinação de uma área de cento e setenta metros quadrados para o Centro; e a construção de um prédio próprio para a Biblioteca e o CEDOEFE. O professor Guimarães esclareceu que há toda uma tramitação legal para que se crie um órgão auxiliar, e que a ESEF não tem competência para criá-lo, tem apenas para sugerir. No caso da criação, ele deve ser sem dotação orçamentária.⁸⁴

Por dificuldades burocráticas, a sua institucionalização como órgão auxiliar não se concretizou nesse período e nem passados 20 anos de sua criação, o que não impossibilitou que o CEME/RS continuasse realizando outras atividades, pois no mesmo documento há uma indicação para que a professora Janice o registre como um projeto de extensão.

No ano de 1997, o CEME/RS foi registrado na Pró-Reitoria de Extensão, ligado à ESEF, sob coordenação de Janice Mazo e com funcionamento junto às dependências do Laboratório de Pesquisa do Exercício (LAPEX) (MAZO, 2001; MAZO; PEREIRA, 2005). Em 21 de março de 1997, ocorreu a primeira reunião aberta a todos/as os/as docentes da ESEF, conforme convite que se encontra Acervo do CEME⁸⁵. O objetivo era incentivar a participação de outros/as docentes nas atividades do centro e a formação de núcleos temáticos para fomentar atividades de pesquisa. Ao procurar informações sobre esse tema no acervo institucional do CEME, encontrei o registro de três projetos, os quais demonstram o envolvimento de outras professoras da ESEF. São eles: *A memória da dança em Porto Alegre*, coordenado pela professora Mônica Fagundes Dantas⁸⁶, *A ginástica em Porto Alegre - memórias vivas e Lazer e Recreação: o resgate da memória lúdica na cidade de Porto Alegre*, ambos coordenados pela professora Silvia Cristina Franco Amaral⁸⁷.

⁸⁴ DORNELLES, Márcia dos Santos. **Ata do Conselho da Unidade nº 07**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Acervo CEME. Porto Alegre, 6 ago. 1997.

⁸⁵ CAMARGO, Rosalia Pomar; MAZO, Janice Zaperllon. **Memo nº 01/CEDOEFE**. Convite para reunião. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Biblioteca Edgar Sperb. Acervo CEME. Porto Alegre, 10 mar. 1997.

⁸⁶ DANTAS, Mônica Fagundes. **A memória da dança em Porto Alegre**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Centro de Memória do Esporte. Acervo CEME. Porto Alegre, 1998.

⁸⁷ AMARAL, Silvia Cristina Franco. **Projeto de pesquisa A ginástica em Porto Alegre: memórias vivas**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Centro de Memória do Esporte. Acervo CEME. Porto Alegre, 1998; AMARAL, Silvia Cristina Franco. **Projeto de pesquisa Lazer e recreação: o**

O CEME/RS, representado pela professora Janice Mazo, também participou das comemorações dos 25 anos do Laboratório de Pesquisa do Exercício (LAPEX) em 1997, como é descrito no Memorando nº 01, com o relato da reunião do Projeto Lapex 25 anos⁸⁸. As ações com envolvimento do centro foram a produção de entrevistas com 11 ex-diretores⁸⁹ e a publicação de um número especial da Revista Movimento⁹⁰, coordenado por Janice Mazo, com o título *LAPEX - Apontamentos para uma história dos seus 25 anos*, finalizado no ano 2000⁹¹.

Com o CEME/RS já instalado, em 2001, despontaram dois outros CMs em reconhecidas universidades federais, um em Minas Gerais e outro no Rio de Janeiro. O Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEF/MG) foi criado sob a coordenação do professor Tarcísio Mauro Vago, ligado à Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (EEFFTO). Nessa escola, existem registros sobre a preocupação com a memória institucional, no ano de 1977, ou seja, muito anterior à criação do CEMEF/MG. Oliveira (2016) informa que, quando foi inaugurada a nova sede da EEFFTO no Campus da Pampulha, em Belo Horizonte, havia alguma atenção em relação à estruturação de um “lugar de memória”:

Dentre as diversas instalações, ressalta-se que a nova Escola teria um espaço no segundo andar para a Biblioteca, elaborada segundo um planejamento denominado “projeto de informações”, em três etapas, a saber: 1ª) Implantação da nova biblioteca da Escola em 20 de setembro de 1977 com 7.000 volumes; 2ª) Implementação do Centro de Documentação e Informação (CEDOC) em agosto de 1978 e 3ª) Implementação do Sistema Brasileiro de Documentação e Informação Desportiva (SIBRADID). Chama-se a atenção à peculiaridade em relação às demais unidades da UFMG, de já ter existido, na mencionada Escola, um Centro de Documentação e Informação. Fundado em 1978, o CEDOC possuía como supervisora uma Bibliotecária. (ibidem, p. 126).

Não encontrei outros registros da existência e do funcionamento deste CEDOC, porém, segundo Tarcísio Vago (2014), já havia iniciativas de preservação da memória da escola, protagonizadas pela bibliotecária Shirley Maciel, que estava trabalhando na identificação de algumas fotografias que exibiam ex-professores/as. Além disso, o então

resgate da memória lúdica na cidade de Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Centro de Memória do Esporte. Acervo CEME. Porto Alegre, 1998.

⁸⁸ MAZO, Janice Zaperllon. **Memo nº 01**. Memorando com relato em anexo sobre reunião do projeto Lapex 25 anos. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Acervo CEME. Porto Alegre, 26 mar. 1997.

⁸⁹ Disponíveis no Lume – Repositório Digital da UFRGS, na comunidade CEME.

⁹⁰ Periódico científico publicado pela ESEF desde 1994.

⁹¹ Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/issue/view/190/showToc>>.

diretor, Pablo Juan Greco⁹², tinha interesse na instalação de um memorial da EEEFTO. Esses primeiros movimentos estão registrados no documento intitulado *Projeto Memória Institucional*⁹³, que apresenta os objetivos para a instalação do memorial, a saber: “recuperar, preservar, organizar, armazenar e divulgar os documentos referentes à memória institucional da Escola de Educação Física/UFMG”. Nesse documento também estavam expressos seus objetivos específicos:

1- Recuperar, preservar, organizar e armazenar os documentos oficiais; 2- Indexar atas da Congregação, do Conselho Departamental, dos Colegiados e Departamentos; 3- Recuperar, preservar, organizar e armazenar os documentos sobre a história administrativa e cultural da Unidade; 4- Divulgar os documentos da memória, através de catálogos, exposição permanente, produção de CD Rom e disponibilização na página da Escola na internet. (VAGO, 1999, s/p).

Porém, no ano de 1999, Tarcísio estava concluindo seu doutoramento e, embora já ministrasse aulas na EEEFTO, não era ligado a essa unidade, e sim ao Centro Pedagógico da UFMG. Foi em 2001 que o professor Tarcísio enviou um documento ao diretor da escola, em suas palavras classificado como “rudimentar”, contendo a proposta da criação do Centro de Memória à Direção da Escola. Esse documento, denominado *Algumas ideias iniciais para a organização de um “Centro de Memória da Escola de Educação Física da UFMG”* (VAGO, 2001), continha a proposição do nome do centro, a estruturação de dois eixos de organização (o primeiro ligado à EEEFTO, e o segundo, à história da Educação Física de forma mais geral), seus objetivos, procedimentos, infraestrutura, equipamentos e pessoal necessários. Na reunião da Congregação da EEEFTO, realizada no dia 7 de abril de 2001, foi aprovada a criação do CEMEF/MG. Sobre as primeiras ações, Tarcísio relata:

Então, uma vez que já foi aprovado na Congregação, e que eu vim para cá, em 2001, 2002, efetivamente o ano em que começamos mesmo foi 2002. Então, eu enviei um projeto agora já para a reitoria da UFMG pedindo bolsistas dentro de um programa específico que havia, consegui dois bolsistas, os dois primeiros bolsistas, que foram a Amanda⁹⁴ e o Roberto Kanitz Júnior⁹⁵ e nós três éramos o Centro de Memória da Educação Física, naquela sala que estava destinada. (VAGO, 2014, p. 6).

Além desses dois bolsistas, segundo Vago, em 2002 o CEMEF/MG contou com o apoio de uma museóloga da UFMG, Cláudia Cristina Cardoso, cuja colaboração seria no

⁹² Diretor da EEEFTO de 1998 a 2005.

⁹³ VAGO, Tarcísio Mauro. **Projeto Memória Institucional**. Documento pertencente ao Arquivo Pessoal do Professor Tarcísio Mauro Vago, novembro de 1999, consultado em 19 nov. 2014.

⁹⁴ Amanda Matos Tadeu.

⁹⁵ Roberto Malcher Kanitz Júnior.

sentido de propor adaptações e melhorias nas instalações e na organização dos materiais. O centro possuía uma sala no segundo piso da escola, junto a salas de outros professores, onde se concentrava o armazenamento dos materiais e também era feito o trabalho de pesquisa, organização e guarda do acervo. Já nesse ano o grupo que atuava junto ao centro iniciou a recolha e a organização de materiais históricos referentes à escola.

No Rio de Janeiro, foi criado, no mesmo ano do CEMEF/MG, o Centro de Memória da Escola de Educação Física, posteriormente denominado Centro de Memória Inezil Penna Marinho (CMIPM/RJ), vinculado à Escola de Educação Física e Desportos (EEFD) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Segundo informações publicadas na sua página da internet, o centro apresentava os seguintes objetivos:

- a) recuperar, preservar e divulgar fontes relativas à memória da Escola Nacional de Educação Física e Desportos/Escola de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil/Universidade Federal do Rio de Janeiro;
- b) implementar linhas de pesquisa ligadas à história da Educação Física e do esporte, de forma a subsidiarem o implemento de projetos de iniciação científica, bem como o Mestrado em Educação Física;
- c) consolidar o centro como um local de referência para a pesquisa histórica na Educação Física e no esporte no estado do Rio de Janeiro, articulado com outros Centros de Memória já existentes, como o Centro de Memória do Esporte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul;
- d) disponibilizar o acervo do centro de memória, inclusive fazendo uso de recursos computacionais (homepage, internet, confecção de CD-ROM, entre outros).⁹⁶

Também nesse lugar já havia iniciativas anteriores direcionadas para a preservação da memória. Porém, se no CEME/RS e no CEMEF/MG a iniciativa anterior era de bibliotecárias, no CMIPM/RJ foi de duas professoras: Livia Prestes Lemos da Silva e Márcia Fajardo. Em seu depoimento, Victor Melo (2014) explica que, quando chegou à instituição, em 1999, essas professoras já estavam desenvolvendo um projeto chamado *Memórias da EEFD*, com o intuito de organizar alguns materiais da escola que estavam se perdendo. A partir disso, Melo relata:

Como elas não são da área de história e nem da área de memória, quando cheguei à escola elas me convidaram para tentar gerenciar esse projeto. Foi aí que eu dei a ideia de virar um Centro de Memória na escola. Preparamos a proposta, aprovamos na Congregação, no ano de 2001, e logo tivemos a ideia de botar o nome do Inezil, que foi professor e aluno da Escola. Além disso, tinha muita coisa do Inezil nesse acervo. Em 2001, começou oficialmente o Centro de Memória que chama Centro de Memória Inezil Penna Marinho. (ibidem, p. 4).

⁹⁶ Disponível em: <<http://www.ceme.eefd.ufrj.br/apresenta/home.html>>. Acessado em 07/09/2017.

A criação deste CM foi oficializada em Sessão Pública da Congregação da EEFD, conforme informações divulgadas na sua página na internet⁹⁷. Em 13 de maio de 2002, foi realizada a abertura da Sede Administrativa e, no dia 25 de junho, foi lançado seu site. O nome, Centro de Memória Inezil Penna Marinho, só foi definido em 7 de dezembro de 2004, em homenagem ao professor que viveu entre 1915 e 1985, importante intelectual e professor do campo acadêmico-profissional da Educação Física do século XX. Inezil formou-se na Escola de Educação Física do Exército em 1938 e assumiu a cátedra de História da Educação Física da EEFD em 1958, que na época se chamava Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil⁹⁸. Escreveu muitas obras acerca da Educação Física, na qual se destaca a intitulada *Contribuições para a História da Educação Física no Brasil*, pela influência no ensino de graduação da História da Educação Física que teve especialmente até a década de 1980. As explicações sobre a sua vida justificam a atribuição do seu nome ao CMIPM/RJ.

Em seus primeiros anos, o CMIPM/RJ reuniu informações e documentos da EEFD que foram disponibilizados em sua página da internet. Nas buscas que realizei, identifiquei ainda a organização de dois eventos: em 2002, a oficina *Pesquisa Histórica em Educação Física e Esporte: compreensões metodológicas*, e, em 2003, por meio de uma parceria com o Arquivo Nacional e o Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho, o ciclo de palestras *Rio de Janeiro: memórias do esporte*. Além dessas ações, o centro desenvolveu alguns projetos de pesquisa e de organização de acervos de instituições fora da UFRJ, como, por exemplo, alguns clubes esportivos (MELO, 2014). Essas ações mostram como o centro foi ativo e se afirmou enquanto local preocupado em guardar e divulgar as memórias da EEFD. Porém encontrei indícios dessa atuação apenas até 2005, tanto pelos registros de atividades na página de internet, quanto pela entrevista de Victor Melo, que relata seu afastamento do centro para se vincular a outras atividades ligadas ao campo da pesquisa histórica que não envolviam a manutenção de acervos.

A atuação inicial destes três primeiros centros, de certa forma, consolidou e divulgou na área da Educação Física a denominação de Centro de Memória. Foram ainda inspiradores para a criação de outras iniciativas, como o Centro de Memória da Educação Física e do Esporte no Nordeste (CEMEFEN/PB), que, segundo Ricardo Lucena (2014), teve influência do trabalho dos pioneiros. De acordo com Oliveira e outros (2004), esse centro foi criado em

⁹⁷ Informação sobre sessão pública, abertura da sala, criação da página, oficina realizada e mudança de nome retiradas do site do CMIPM/RJ: <<http://www.ceme.eefd.ufrj.br/apresenta/home.html>>.

⁹⁸ MARINHO, Inezil Penna. *Currículo Vitae*. Acervo Pessoal de Inezil Penna Marinho. Acervo do CEME. Porto Alegre, 1985. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/65974>>.

2002 na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e, desde 2005, é vinculado à Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Sua criação foi proposta pelo professor Ricardo de Figueiredo Lucena, com o objetivo de trabalhar com a preservação da documentação e da memória do esporte na região Nordeste. Em sua entrevista, o professor relata que

O Centro de Memória do Nordeste surgiu primeiro com a minha ida para a UFPE no início de 2002. A gente começou a sentir a necessidade de resgatar um pouco a história do esporte e da Educação Física na região Nordeste e eu tinha acompanhado a constituição do Centro de Memória no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro e em Minas, que estava tendo um movimento nesse sentido, e lá no nordeste a gente não via nada que segurasse e tentasse trabalhar um pouco esse resgate da documentação e da memória. E o primeiro passo foi na UFPE, a gente fazer esse resgate, construir um espaço para isso e surgiu a oportunidade de a gente registrar esse caminho e iniciar o trabalho de resgate dos esportes especialmente em Recife. Então foi feito um primeiro trabalho de resgate do turfe. (LUCENA, 2014, p. 4).

Nesse momento inicial, o CEMEFEN/PB funcionou como um grupo de estudos com foco na busca de registros na biblioteca da instituição. Diferente dos três primeiros CMs, segundo a documentação consultada, não houve a recolha do arquivo do curso de Educação Física da UFPE ou da UFPB, também não foi feito um movimento de produzir relatos com professores e professoras aposentados/as. Ricardo Lucena, em sua entrevista, rememora:

Com a minha transferência para a UFPB, no início de 2005 eu acabei levando a ideia junto para lá, mantendo o vínculo com a UFPE nesse ponto e levando a ideia para a UFPB e um tempo depois surgiu um projeto no Ministério do Esporte, a possibilidade de a gente solicitar um recurso junto ao Ministério do Esporte através da Rede CEDES⁹⁹ e aí foi feito isso. A gente com dois alunos, constituímos um projeto que ampliou para o seguinte: resgatar a história do esporte em três cidades diferentes, no caso João Pessoa, Recife e Natal. Foi feito um contato com alguns professores que eu havia trabalhado na UFPE, como professores de Recife, alunos de Recife e de Natal também, então a gente ampliou de certa forma aquele desejo inicial de fazer isso só em Recife, ampliando para mais duas outras capitais. (2014, p. 4).

Para efetivar essas parcerias com a UFPB, a UFRN e a UFPE, Ricardo contou com a participação de outros docentes: Edilson Fernandes de Souza (UFPE), Maria Isabel Brandão de Souza Mendes (UFRN) e Terezinha Petrúcia Nóbrega (ibidem). A partir desse contato, foi produzida uma publicação denominada *Caderno de Memória, o remo – Natal RN* (MENDES; COSTA, 2011). Na introdução assinada pelo professor Ricardo Lucena, figura que a criação do CEMEFEN/PB se deu no ano de 2010. Porém, analisando a entrevista concedida e as

⁹⁹ Rede de Centros de Desenvolvimento de Esporte Recreativo e de Lazer, ação implantada pelo Ministério do Esporte.

produções realizadas antes de 2010, acredito que este seja o ano de início das atividades do projeto *Cidade, educação física e sport: uma história da introdução das práticas da educação física esportivas em João Pessoa, Recife e Natal*, aprovado pela Rede CEDES em 2009, que foi finalizado em 2011, visto que há registros que outras ações ligadas ao CEMEFEN/PB foram realizadas anteriormente.

Ricardo Lucena, no período que foi professor na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), entre 1993 e 2002, também participou da elaboração da proposta de criação de um arquivo no Centro de Educação Física e Esporte (CEFD) da UFES, juntamente com a professora Fernanda Simone Paiva. Essa proposta está registrada num texto escrito por ambos e publicado nos Anais do III Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, realizado em Curitiba no ano de 1995. Contudo, não encontrei outros vestígios sobre esse tema, nem mesmo no CEFD. Pela ausência de informações, entendo que essa proposta, ainda que existente, não foi efetivada. O fato de mencionar a existência dessa intenção tem como objetivo destacar que houve outras perspectivas de criação de lugares de memória da Educação Física e esportes na década de 1990, mesmo que a maioria deles só tenha se concretizado nos anos 2000.

Na investigação que realizei, deparei-me com a criação, no ano de 2004, de outro Centro de Memória: o Centro de Memória do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná (CEMEDEF/PR), com o objetivo de recuperar, preservar e divulgar o acervo da Escola de Educação Física e Desporto do Paraná¹⁰⁰. A proposta foi elaborada pela professora Vera Luiza Moro, a qual iniciou o trabalho com três bolsistas que atuaram na higienização e na organização do acervo do Departamento de Educação Física, contando ainda com a parceria do Arquivo Público do Paraná (MORO; GODOY, 2006).

Em sua entrevista, Vera Moro (2016) afirma que a ideia surgiu em função da sua participação no grupo de estudos coordenado pelo professor Marcus Aurélio Taborda de Oliveira, na época docente na Faculdade de Educação da UFPR. Por intermédio desse colega, soube da existência de um arquivo da antiga Escola de Educação Física e Desportos do Paraná. Colaborou para seu interesse no tema o fato de ter assumido uma disciplina ligada à História da Educação Física no curso de graduação em Educação Física, visto que até então não tinha se envolvido com pesquisas históricas.

E aí eu resolvi que eu ia organizar essa documentação e que ia fundar um Centro de Memória. Eu tinha contato com o professor Tarcísio, fui para Belo

¹⁰⁰ Nome antes de sua federalização, em 1976, quando passou a ser denominado Departamento de Educação Física.

Horizonte conversei com ele, trocamos um pouco a experiência de como fazer isso. Fiz um projeto de criação de um Centro, foi aprovado pelo departamento, foi destinado um espaço bastante pequeno e aí eu comecei a me envolver com a pesquisa histórica. (MORO, 2016, p. 4).

A criação do Centro foi aprovada, conforme registrado na Ata da 242^a Reunião Plenária do Departamento de Educação Física, no dia 6 de dezembro de 2004¹⁰¹, após a apresentação do projeto elaborado pela professora Vera Moro. Em sua entrevista, a docente relata que foi destinado um espaço para o CEMEDEF/PR, composto por quatro pequenas salas, e que os primeiros passos do centro foram transferir o acervo para uma dessas salas e começar o trabalho de higienização e organização. Nos primeiros anos, o centro contou com o trabalho da professora Letícia Godoy, como pude verificar na entrevista de Vera e no texto *Centros de Memória em Educação Física, Esporte e Lazer: algumas contribuições para o debate* (MORO; GODOY, 2006), que escreveram em conjunto, relatando as atividades desenvolvidas pelo CEMEDEF/PR.

Voltado para a região Nordeste, o Centro de Memória do Esporte, da Educação Física e do Lazer (CEMEFEL/SE) da Universidade Federal de Sergipe foi implantado em 2005 com o objetivo de ampliar o debate acerca das temáticas no campo da história da Educação Física, bem como da necessidade de preservar e divulgar os registros de memórias presentes na universidade e no estado de Sergipe, relacionadas às práticas de esporte, lazer e Educação Física¹⁰². Os professores que fundaram o CEMEFEL/SE já tinham envolvimento com a pesquisa histórica em função da sua formação na pós-graduação, mais especificamente, José Américo Santos Menezes (1997)¹⁰³, Sérgio Dorenski Dantas Ribeiro (2005)¹⁰⁴ e Hamilcar Silveira Dantas Júnior (2003, 2008)¹⁰⁵⁻¹⁰⁶. Em entrevista, Sérgio Ribeiro (2016a) afirma que, no momento inicial no CEMEFEL/SE, a equipe também era composta por alunos e alunas de graduação.

¹⁰¹ SILVA, Dirce Terezinha Guidek da. **Ata da 242^a Reunião Plenária do Departamento de Educação Física**. Acervo Vera Moro, 6 dez. 2004.

¹⁰² Disponível em: <<http://cemefelufs.webnode.com.br/historia-do-cemefel>>.

¹⁰³ Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Sergipe concluído em 1997, com o título *Escola de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe: uma possível história*.

¹⁰⁴ Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, concluído em 2005, com o título *Da fábrica ao campo de futebol, vender tecido e vender espetáculo: tecendo os fios da história de um casamento feliz*.

¹⁰⁵ Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Sergipe concluído em 2003, com o título *Estado, educação e hegemonia: reflexos da Pedagogia Experimental na Educação Física em Sergipe (1947-1951)*, e doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal da Bahia, concluído em 2008, com o título *Da “escolarização do esporte” à “esportivização da escola”: tradição e espetáculo nos Jogos da Primavera de Sergipe (1964-1995)*.

¹⁰⁶ O professor José Tarcísio Grunennvaldt também era professor do departamento e envolvido com a pesquisa histórica. Foi da mesma turma que o professor José Américo, porém não participou da criação do CEMEFEL/SE, pois estava fazendo seu doutorado em São Paulo (2001-2005) (GRUNENVALDT, 2016b).

Os três professores relatam em suas entrevistas que perceberam a necessidade de um espaço que pudesse agregar esses trabalhos, bem como materiais do próprio curso, que estavam dispersos em espaços não adequados (como atas, relatórios, registros), e ainda as monografias de graduação, que não tinham uma destinação definida – algumas ficavam com professores/as ou orientadores/as, outras na biblioteca, outras se perdiam.

Além disso, o professor José Américo aponta que já tinha conhecimento sobre os trabalhos desenvolvidos pelo CEME/RS durante seu mestrado. Do mesmo modo, o professor Sergio narra que também já havia tido contato com esse mesmo lugar de memória, pois realizou uma visita ao CEME/RS. A relação do grupo de Aracaju com o de Porto Alegre se fez de diferentes modos; em seu depoimento, o professor Hamilcar menciona ter conhecimento do trabalho realizado por Silvana Goellner, que era a coordenadora do CEME/RS, e em função disso surgiu a ideia de convidá-la para realizar uma atividade na UFS¹⁰⁷.

A gente começou a pensar na ideia a partir da Silvana, que veio para cá na 4ª Semana de Educação Física da gente, a ideia era discutir sobre Centros de Memória, o resgate da História da Educação Física e do Esporte no Brasil e uma das sugestões de Silvana era as coleções dos professores. (DANTAS JÚNIOR, 2016, p. 8).

Os professores relatam que, a partir desse contato e da preocupação com os materiais que poderiam se perder, entenderam que era necessário um local para “criar o fato”, segundo afirma Sérgio Ribeiro (2016a, p. 7). O local definido para o CEMEFEL/SE foi uma sala de professores que era de Sérgio, Hamilcar e um outro professor que praticamente não a frequentava. Eles ocuparam esta sala e assim afirmaram a criação do Centro de Memória do Esporte, da Educação Física e do Lazer.

Dando sequência às atividades para a criação do centro, tive acesso à ata da reunião do Conselho do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da UFS, ligado ao Departamento de Educação Física, onde consta que o professor José Américo apresentou, na reunião do dia 21 de fevereiro de 2005, a proposta de criação do CEMEFEL/SE, que foi aprovada por unanimidade¹⁰⁸. Com a aprovação do centro, estes professores começaram a recolher materiais históricos e organizá-los.

Então a primeira ideia era de um grupo de pessoas que estudavam história e que sentiam a necessidade de organizar, catalogar o material, mas que não

¹⁰⁷ Essa influência aparece também no trabalho de Jesus (2016).

¹⁰⁸ SILVA, Evandro de Sena e. **Ata da reunião do Conselho do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da UFS**. Acervo do CEMEFEL. 21 fev. 2005.

sabiam como. Então a primeira ideia era criar o centro de memória e depois tentar organizar. Esse foi o primeiro passo. (DANTAS JÚNIOR, 2016, p. 4-5).

A identificação como grupo de estudo se assemelha ao CEMEFEN/PB, mas os próprios professores, em suas entrevistas, reconhecem que seu envolvimento com a pesquisa histórica, embora aproximasse, não lhes dava conhecimentos sobre a organização e a manutenção de acervos; talvez porque nesse momento o mais importante era recolher o material prestes a se perder e se dedicar à pesquisa para divulgar esse material.

Ainda na região Nordeste e também com forte ligação com um grupo de pesquisa, outro CM foi criado alguns anos mais tarde: o Centro de Memória do Esporte e da Educação Física da Bahia (CEMEEFB/BA), fundado em 2008, sob a coordenação do professor Augusto César Rios Leiro. Segundo Carneiro e Leiro (2012), este CM resultou de uma parceria do Grupo de Estudos e Pesquisa em Mídia/Memória, Educação e Lazer (Grupo MEL/UFBA) e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer (GEPEFEL/UNEB), tendo como referências o CEME/RS e o CEMEF/MG.

A criação do CEMEEFB/BA foi motivada pela relação do professor César Leiro com a história do Movimento Estudantil da Educação Física na Bahia, mais especificamente na década de 1980, em função de sua ativa participação neste coletivo, como relata em sua entrevista. Atento ao registro de memórias, Leiro guardou consigo diversos cartazes de divulgação dos Encontros Nacionais dos Estudantes de Educação Física, assim como vários documentos relacionados à Associação dos Professores de Educação Física (APEF) (LEIRO, 2017). Entre os anos de 2007 e 2009, o professor envolveu-se na Direção Nacional do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, período no qual a instituição completava 30 anos de existência. Como Diretor de Comunicação, realizou algumas ações comemorativas, como a produção de vários vídeos com ex-diretores/as do CBCE (ibidem).

Alguns professores do curso de Educação Física, que já estavam há mais tempo na UFBA, aposentados ou próximos de se aposentar, também procuraram o professor Cesar para fazer doação de acervos relacionados à Educação Física e ao esporte na Bahia. Além disso, o professor teve contato com o CEME/RS e o CEMEF/MG, e pôde ver a experiência desses dois lugares de memória, o que o influenciou nas tentativas de criar um CM na Bahia. Nas palavras de Cesar Leiro: “Essas circunstâncias todas me fizeram apresentar uma proposta que foi aprovada na Congregação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, constituindo, portanto, um Centro de Memória da Educação Física e do Esporte da Bahia” (ibidem, p. 5).

A primeira atividade, considerada como a “reunião de fundação simbólica do Centro de Memória da Educação Física da Bahia” (ibidem, p. 6), se deu por meio de um encontro de professores no Clube Recreativo Campomar, em Salvador, provavelmente no ano de 2008¹⁰⁹, momento no qual foram feitos registros fotográficos e coletados alguns depoimentos especialmente de professores/as de Educação Física aposentados/as.

Todavia, um dos problemas enfrentados pelo CEMEEFB/BA, desde seu início até os dias de hoje, recai na inexistência de um espaço específico, que acaba gerando certa descontinuidade das suas ações. Por esse motivo, aliado à falta de recursos financeiros e humanos, não existe uma rotina de trabalho que caracterize um CM, ou seja, não há uma sistemática de manutenção dos acervos, e as ações de pesquisa são pontuais, assim como a divulgação dos acervos. A estrutura disponível é a sala do Grupo MEL, grupo de pesquisa ao qual o CEMEEFB/BA se ligou desde seu início. Portanto não há um espaço específico para a guarda dos documentos, e alguns deles se encontram na casa de César Leiro, que aguarda a destinação de um espaço adequado (LEIRO, 2017).

Outro CM que foi criado, considerando aspectos próximos ao da Bahia no que se relaciona à falta de espaço e à relação com um grupo de estudos, é o Centro de Memória do Esporte e da Educação Física de Juiz de Fora (CEMEF/JF/MG), coordenado pelo professor Carlos Fernando Ferreira da Cunha Júnior, que está ligado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Física (GEPHEFE), da Faculdade de Educação Física e Desportos (FAEFID), da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). A referência mais antiga que encontrei sobre o grupo foi o projeto *História e memória do esporte em Juiz de Fora: constituição e pesquisas do Centro de Memória do Esporte e da Educação Física de Juiz de Fora (CEMEF-JF)*, aprovado em 2009 pela FAPEMIG, que tinha como objetivo “estudar a história e a memória do esporte, do lazer e da Educação Física em Juiz de Fora, bem como organizar o CEMEF-JF”¹¹⁰.

O envolvimento do professor Carlos Fernando com a pesquisa história se deu por uma aproximação desde sua graduação em Educação Física na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, com as discussões das ciências humanas, e com mais força teórica no seu doutorado, realizado na Universidade Federal de Minas Gerais entre 1998 e 2002. Em sua entrevista, menciona a importância que alguns eventos tiveram na sua formação acadêmica, os quais, de certo modo, influenciaram seu envolvimento com os Centros de Memória, tais como os

¹⁰⁹ Não foi possível confirmar essa data pelos documentos consultados e pela entrevista.

¹¹⁰ Informação retirada do Currículo Lattes de Carlos Fernando Cunha Júnior e da página do GEPHEFE.

Encontros Nacionais de História do Esporte, Lazer e Educação Física¹¹¹ e os Congressos Brasileiros de Ciências do Esporte (CONBRACEs), mais especificamente o Grupo de Trabalho Temático Memórias da Educação Física e Esporte.

Após o término de seu doutoramento, Carlos Fernando retornou para Juiz de Fora e criou o GEPHEFE. Em 2008, ingressou como professor do Programa de Pós-Graduação em Educação e começou a participar de um grupo de estudo coordenado pela professora Dalva Carolina de Menezes Yazbeck, na Faculdade de Educação da UFJF. Com esse grupo, pesquisou a Educação Física em Juiz de Fora e sentiu a necessidade de ter um espaço físico para organizar um local destinado à preservação da memória:

Então o passo seguinte, do desejo, era criar o centro de memória para que a gente pudesse ter, não só um espaço de preservação dessas fontes, e aí entra muito a questão do museu na verdade, o meu desejo sempre foi pensar num museu, por conta dessa minha relação tão forte com a arte, o museu sempre foi para mim um negócio que eu perseguia até por conta de verificar fontes aqui em Juiz de Fora que eu ficava louco com aquilo se deformando, se acabando nos quartos, nos porões. (CUNHA JUNIOR, 2016, p. 16).

Similar ao que acontece no CEMEEFB/BA, as atividades do CEMEF/JF/MG concentram-se nas pesquisas de estudantes de graduação de Educação Física e da pós-graduação em Educação. A manutenção do acervo ou o desenvolvimento de atividades mais cotidianas de um Centro de Memórias, como, por exemplo, atendimento ao público ou organização de exposições, não ocorrem. Em sua entrevista, Carlos Fernando afirma que o acervo do CEMEF/JF/MG está guardado na sua sala na UFJF, com a organização feita pelos doadores dos conjuntos documentais, mas é pouco utilizado para consultas e pesquisas, pela questão da falta de espaço e de pessoas que possam tratar o acervo, para que ele seja catalogado e disponibilizado. O professor também relata que não foram feitas campanhas de recolha.

Nestes dois casos, os próprios coordenadores, em suas entrevistas, preferem dizer que são CMs em formação (CUNHA JUNIOR, 2016; LEIRO, 2017), ou seja, ainda estão em processo de criação, mesmo que já tenham se passado vários anos da instalação dessa iniciativa. A ausência de um local específico para abrigar o acervo, assim como a não existência de uma rotina de trabalho, acabaram por descaracterizar o que eles idealizaram como sendo um CM.

¹¹¹ Atualmente, o evento é denominado Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física (CHELEF).

Mas como eu te falei, o Centro de Memória ele existe no papel, mas ele não existe enquanto um espaço, um organismo efetivamente em funcionamento, justamente por essa restrição que a gente teve de funcionamento do espaço, então eu preferi continuar com os trabalhos, com o site por exemplo, fazendo referência ao grupo de estudos, ao GEPHEFE, e não ao Centro de Memória, porque efetivamente o Centro de Memória ele não existe na sua atividade cotidiana. (CUNHA JUNIOR, 2016, p. 20).

Apesar de compreender as dificuldades relatadas pelos dois coordenadores, optei por apresentar estes centros, visto que possuem registros sobre sua criação e sobre algumas atividades relacionadas à existência de um acervo específico e o desenvolvimento de pesquisa. É difícil determinar quando um local se torna e quando ele deixa de ser um CM, mas pude observar, por entrevistas, documentos e visitas, que todos os CMs apresentados tiveram e têm suas dificuldades, ou seja, todos em algum momento não se encaixaram numa caracterização de CM que colocasse como critério a guarda, a manutenção, a catalogação, a divulgação e a pesquisa. Porém, do mesmo modo, percebi que todos os CMs que analisei apresentaram ações e registros de suas atividades enquanto lugares de memória, e mesmo esses que estão em construção podem, a partir da mudança das condições estruturais, tornar-se espaços mais funcionais, ou seja, onde se efetive uma rotina de cuidados com acervo e seja possível o acesso de pesquisadores/as a ele.

Por ora, seguirei na apresentação de dois CMs que foram criados recentemente: o Centro de Memória da Educação Física e do Esporte da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) e o Memorial da Educação Física e do Esporte da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). O primeiro foi criado em 2011 a partir da realização de duas dissertações de mestrado defendidas no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMT, segundo informações que encontrei em uma notícia na página da internet da universidade e também na entrevista do professor Evando. O CEMEFE/MT tem como finalidade preservar a memória de documentos relacionados à Faculdade de Educação Física e ao esporte na UFMT e do estado do Mato Grosso, além de servir como fonte para novas pesquisas¹¹². Talita Ferreira (2014), que se envolveu com o CM desde o seu início por ter sido bolsista de iniciação científica e ter feito o mestrado sob orientação do professor Evando, relata que a equipe do CEMEFE/MT é formada pela coordenação do professor Evando Carlos Moreira e por estudantes, com a participação de docentes da Faculdade de Educação Física (UFMT).

Talita também narra que, antes da fundação do centro, o professor Evando Moreira, junto a outros/as professores/as, teve um projeto aprovado na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (FAPEMAT), para realização de pesquisas de iniciação científica

¹¹² Disponível em: <<http://www.ufmt.br/ufmt/site/noticia/visualizar/14743/JulioMuller>>.

sobre a história da Educação Física e do esporte no Mato Grosso. Nesse projeto, a ideia era, também, identificar acervos que pudessem futuramente compor o CEMEFÉ/MT (FERREIRA, 2014). O professor também orientou duas dissertações de mestrado iniciadas em 2009 e 2010, respectivamente, de Rogério Marque Almeida, sobre a história da Educação Física no Instituto Federal do Mato Grosso, campus Octayde Jorge da Silva (ALMEIDA, 2011), e de Claudemir Gomes da Cruz, sobre a prática do esporte e da Educação Física na Escola Nilza de Oliveira Pepino, em Sinop (MT) (MOREIRA, 2016). Essas pesquisas, juntamente com a pesquisa de conclusão do curso de graduação em Educação Física e mestrado em Educação de Talita Ferreira, foram fundamentais para a identificação e a reunião de acervos, e para a criação do CEMEFÉ/MT. Em sua entrevista, Evando Moreira aponta os momentos iniciais do CEMEFÉ/MT:

E aí, começamos a pensar “é possível, não é possível?”, fiz contatos com a Silvana lá do CEMÉ e, começamos a fazer levantamentos diversos, e falei: “olha, eu acho que é possível. A gente talvez não tenha fôlego para lidar com tantas demandas que vão surgir no Centro, mas eu entendo que seja possível”. E aí, em 2011 nós oficialmente, vamos dizer assim, constituímos o Centro de Memória da Educação Física e do Esporte de estado de Mato Grosso. (2016, p. 5).

Talita Ferreira também relata que a conquista da sala foi por ocupação ou, como ela aponta, por “usucapião”. Ela e algumas pessoas ligadas ao CEMEFÉ/MT foram colocando os documentos encontrados nessa sala, que era de estudos, e foram utilizando para os trabalhos. Depois, após a aprovação da criação do centro por parte da direção da FEF em 2013, foi colocada uma placa na porta desta sala, informando que era a sede do centro. A partir deste momento, iniciaram a organização dos acervos que haviam reunido e também do ambiente para o estudo (FERREIRA, 2014).

As primeiras ações do CEMEFÉ/MT foram relacionadas às pesquisas, como cito acima, e também à organização e à divulgação dos acervos que identificaram, como os cartazes de eventos, documentos relacionados às colônias de férias no Mato Grosso e aos Jogos Unicuia, caracterizados como Jogos Abertos, que aconteciam na cidade de Cuiabá. Em fevereiro de 2014, foi realizada a primeira Mostra Expositiva do CEMEFÉ/MT, com o título *(Re)conhecendo a FEF*. Segundo informa a notícia publicada no site da UFMT sobre esta exposição, “O acervo reúne fotos, registros iconográficos, troféus, réplica da maquete utilizada para construção do Ginásio Poliesportivo da FEF/UFMT, além de diversos outros registros dos primeiros passos da Faculdade”¹¹³. A proposta de realizar uma exposição era

¹¹³ Disponível em: <<http://www.ufmt.br/ufmt/site/noticia/visualizar/14745/Cuiaba>>.

chamar atenção de estudantes e docentes da própria universidade para os registros de memórias do curso de Educação Física, pois, como relata Talita, poucos conheciam a história da FEF.

Conhecer a história da própria unidade universitária que integram é um objetivo destacado pela professora Ana Grunennvaldt, que afirma serem poucas as pesquisas históricas sobre as práticas corporais e a Educação Física no estado do Mato Grosso. Assim, o CEMEFE/MT auxilia nessa tarefa de autoconhecimento. Nas suas palavras: “[...] daí o Centro de Memória está começando a atuar nessa possibilidade e sem medo de se autorreconhecer, que eu acho que aí é importante, daí saber quem nós somos e tal, localmente” (GRUNENNVALDT, 2016a, p. 14).

Outro CM que está em seu início é o Memorial da Educação Física e do Esporte, criado em maio de 2014 para preservar especialmente a memória do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Este memorial já tem sua página na internet¹¹⁴, construída em um diretório de *blogs*, por ser este formato gratuito. Nessa página estão descritas informações e a apresentação do centro.

A iniciativa de se fundar o memorial foi do professor Marco Aurélio Acosta, no momento em que era Diretor do CEFD/UFSM, na Gestão 2010 a 2014, por influência do CEME/RS, conforme cita em sua entrevista. Ao buscar informações sobre o processo de criação do memorial, deparei-me na sua página com o resumo do Projeto de Criação, que apresenta, como objetivo do Memorial CEFD – SM/RS, “Resgatar a memória do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) através de ações extensionistas articuladas com a pesquisa e o ensino”¹¹⁵. Em sua entrevista, o professor Marco Acosta fala sobre a importância do CEFD:

E pensando um pouco sobre o impacto que o CEFD tem na história no cenário da Educação Física brasileira, que me deu essa ideia. Até hoje quando a gente viaja, Chris, para qualquer universidade do país, a gente encontra na Educação Física alguém que fez o mestrado, ou que fez o doutorado aqui. Tu deve lembrar disso, o primeiro mestrado em Educação Física no Brasil, foi da USP em 1977, e o nosso foi o segundo em 1979, então muitas pessoas na hora de fazer a opção entre ir para São Paulo ou vir pra cá, preferiam vir pra Santa Maria, porque tinha um ritmo de vida, uma coisa muito mais tranquila. Então isso gerou uma massa crítica absurda de mestres e doutores que trabalham até hoje pelo país inteiro. [...] o quanto uma universidade fora do eixo das capitais impactou a formação. Então a ideia era começar a registrar um pouco desse impacto. Então, parecia que era

¹¹⁴ Disponível em: <<http://memorialcefd.blogspot.com.br>>.

¹¹⁵ Disponível em: <<http://memorialcefd.blogspot.com.br/p/o-projeto.html>>.

inadmissível, tendo sido o segundo mestrado e doutorado do país, a gente não ter esse registro. (ACOSTA, 2016, p. 4-5).

As primeiras atividades desenvolvidas pelo grupo tinham como foco a definição de linhas de investigação, a organização da sala e de alguns acervos, e a criação da página da internet. O memorial contou com um bolsista, Vicente Cabrera Calheiros, que na época era aluno de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFSM e que já tinha vivenciado uma experiência junto ao CEME/RS em 2007 e 2008 como bolsista de iniciação científica. No Memorial CEFD – SM/RS, trabalhou na organização do material e na administração da página da internet. Em sua entrevista, Marco Acosta narra que, nas primeiras ações, a equipe do memorial também contou com a colaboração de estudantes do curso de graduação em Arquivologia da UFSM, que atuaram na organização e catalogaram parte do acervo (ibidem).

Feita essa breve apresentação dos dez Centros de Memória que são objeto desta pesquisa, pude identificar que cada um deles possui particularidades quanto a acervos, envolvimento de docentes, objetivos, condições de trabalho, formas de divulgação e pesquisas. Destaquei que estes lugares de memória se encontram em diferentes fases e têm diversas formas de lidar com o trabalho de coleta/produção, preservação e divulgação da memória. Os três primeiros (CEME/RS, CEMEF/MG e CMIPM/RJ) contaram com iniciativas de preservação da memória da instituição, anteriores à criação do CM, com a atuação das bibliotecárias nos dois primeiros e de professoras, no caso centro do Rio de Janeiro. Nos demais, pude ver que todos tiveram alguma influência do CEME/RS e/ou do CEMEF/MG, por contatos com pesquisadores/as, por visitas ou por conhecerem as iniciativas através de textos e palestras em eventos. Essa relação entre os CMs criou uma espécie de fluidez (ou movimento) entre as iniciativas, que acabam seguindo atividades parecidas, como a busca por materiais da própria instituição de formação em Educação Física, a preocupação com a divulgação e a pesquisa e a realização de eventos ou exposições.

O CEME/RS e CEMEF/MG tiveram uma influência inicial de bibliotecárias e, em outros momentos, também receberam ajuda de museólogas. O CEMEF/MG e o Memorial do CEFD – SM/RS contaram com a presença de pessoas ligadas ao curso de graduação em Arquivologia. Outros CMs apresentados também receberam apoio de pessoas ligadas às Ciências da Informação, de forma indireta, como o CEMEDEF/PR, que teve auxílio do Arquivo Público do Paraná para planejar o processo de organização do acervo.

Outro fato que me chamou a atenção é que estes centros não estão institucionalizados como órgãos auxiliares ou laboratórios, ou outro tipo de instância. Todos foram registrados

em seu respectivo departamento, sendo aprovados em reuniões de instâncias departamentais. Porém eles se tornaram projetos de extensão, pesquisa ou apenas projetos pessoais dos/as envolvidos/as, não se efetivando enquanto um órgão da unidade acadêmica à qual se vincula.

Após descrever o início dos dez CMs, também fica claro que a criação/origem de um CM não é apenas um ato de solenidade ou de escrita de um projeto, ou de recolha de material, ou de divulgação de uma página, ou de aprovação em uma reunião, mas um conjunto de influências, contextos e ações que constituem uma possibilidade de afirmação do CM. Cada ação descrita acima isoladamente não constituiu os CMs, mas o conjunto dessas ações que vêm sendo construídas em relação à preservação da memória da Educação Física e esporte é o que tem proporcionado as várias formas de ser um CM.

Michel Foucault (2013, p. 276), ao escrever sobre a origem do homem, afirma: “A história ensina também a rir das solenidades da origem. [...] Deseja-se acreditar que, em seu início, as coisas se encontravam em seu estado de perfeição; que elas saíram resplandecentes das mãos do criador ou na luz sem sombra da primeira manhã”. No caso dos CMs, o seu início esteve mais próximo de uma luta por manter e resgatar, de desejos de pesquisa e consolidação de grupos, cercados por documentos empoeirados e escassez de espaço, do que de uma solenidade salvadora.

Portanto, como nos alerta Bloch, não devemos nos dar por satisfeitos em contar apenas sobre suas origens, o que o autor chama de “obsessão pelas origens” (2001, p. 56). Há muito sobre o desenrolar desses CMs, que os levaram a ser o que são hoje. Ao longo deste texto, tentarei mostrar vários outros pontos de reflexão que constituem os Centros de Memória da Educação Física e Esporte das universidades federais brasileiras.

1.3 DIFICULDADES E DESCONTINUIDADES, MAS TAMBÉM CONSOLIDAÇÕES

Após a criação e o desenvolvimento das suas primeiras ações, os CMs enfrentam a necessidade de se firmar, de consolidar sua existência; processo esse que fez aparecer as dificuldades e as barreiras necessárias de serem enfrentadas para dar continuidade ao trabalho. Apareceram, também, as estratégias que cada CM encontrou para manter ou suspender suas atividades. Ao tratar sobre as dificuldades para a realização do trabalho sistemático do CEMEFEL/SE, José Américo Menezes (2016b, p. 104) assim se refere em sua entrevista:

[...] é a nossa insensibilidade em torno da importância do que vem a ser a historiografia para a própria humanidade, para todo povo em qualquer lugar. Essa insensibilidade, ela gera como consequência abandono de acervo, não

conservação do material, não conservação de uma memória histórica, que se materializa em diferentes situações e lugares. Então um primeiro obstáculo que eu vejo é esse, um obstáculo educacional, nós não temos educação para cuidar né, entender a história e a preservação da memória como sendo elemento significativo para construção da identidade de um povo.

Essa insensibilidade, entendida como a não preocupação e o não envolvimento com a preservação das memórias e a produção historiográfica da Educação Física, por parte de estudantes (de graduação e pós-graduação) e docentes da Educação Física, é abordada em 1997 no texto *Por que devemos estudar história da Educação Física/Esportes nos cursos de graduação?*, escrito por Victor Andrade de Melo. Nesse artigo, o autor aborda um “desconforto” que existia nos cursos de graduação em Educação Física ao se trabalhar com o ensino da história, e levanta alguns argumentos que geralmente justificam esse desconforto. Destaco dois deles e que se relacionam à fala de José Américo e de outros/as entrevistados/as: o primeiro ligado a uma tradição de os cursos de Educação Física se vincularem à área biomédica do conhecimento e o segundo ligado a uma falha na formação na disciplina História da Educação Física nesses cursos. Sobre a vinculação com a área biomédica, Melo menciona:

Argumentaria-se que aqueles que vêm cursar a graduação em Educação Física normalmente não se identificariam com disciplinas ligadas às ciências humanas, estando suas preferências voltadas às ciências exatas e biológicas. Poderia-se também sugerir que significativa parte das faculdades/institutos de Educação Física estão ligados a centros/departamentos da área biomédica e que normalmente os vestibulares para ingresso em tais faculdades/institutos privilegiariam disciplinas como a Física, a Química e a Biologia. Este seria um caminho bastante perigoso. (1997, p. 56).

O autor explica que recorre a esse argumento para justificar que o incômodo em se trabalhar com História da Educação Física e esportes na graduação pode ser perigoso, pois caímos numa justificativa simplista e externa ao trabalho com a História. A partir dessa afirmação, focaliza o segundo argumento, qual seja, a falha na formação na disciplina História da Educação Física, dizendo que por vezes tratam de conteúdos “clássicos”, como os primórdios do esporte na Grécia ou nomes e datas que deveriam decorar, e não discute temas que poderiam auxiliar os/as discentes em sua formação para a atuação profissional. Assim, a disciplina de História da Educação Física ficaria esvaziada de sentido e não despertaria o interesse dos/as alunos/as.

Nas entrevistas realizadas, vários/as coordenadores/as também mencionam a dificuldade do envolvimento de estudantes e outros/as docentes, retomando tanto a tradição biomédica da Educação Física quanto a falha na disciplina de História da Educação Física em

envolver os/as estudantes. Evando Moreira (2016), por exemplo, relata que no CEMEF/MT existe dificuldade para conseguir bolsistas e orientandos/as que trabalhem com pesquisas históricas sobre Educação Física e esportes, o que poderia movimentar o CM, ampliar acervos e formas de divulgação. Isso mostra que mesmo no contexto mais recente, ou seja, em 2016, esses problemas continuam a aparecer.

Para tentar superar essa insensibilidade e conscientizar para a importância do trabalho com a história, alguns CMs, nos seus primeiros anos de existência, dedicaram-se a empreender ações de sensibilização para a preservação da memória da Educação Física e dos esportes e/ou realizar a divulgação do trabalho desenvolvido pelo CM. Nas fontes elegidas para essa pesquisa, identifiquei que os seguintes CMs se dedicaram a essas ações citadas: CEME/RS, CEMEF/MG, CEMEDEF/PR, CMIPM/RJ, CEMEFEL/SE, CEMEEFB/BA e Memorial do CEFD – SM/RS. Esses centros produziram fôlderes explicativos, páginas da internet, exposições, eventos comemorativos, produção de textos e apresentação em reuniões de docentes das universidades às quais se vinculam para divulgar as ações dos CMs, solicitar doações, dizer de sua importância, relatar a presença de acervos e ampliar a visitação para aqueles que promoviam exposições.

A insensibilidade da comunidade acadêmica da Educação Física para o trabalho com as memórias e com a produção histórica gerou outras dificuldades. Janice Mazo (2001), em um artigo sobre o CEME/RS, cita como dificuldades dos primeiros anos: a necessidade de sensibilizar os docentes, estudantes e servidores/as da instituição; a tradição de pesquisa mais ligada aos campos da Medicina do Esporte; resistência inicial da bibliotecária-chefe; a garimpagem de documentos dificultada pelos depósitos inadequados; a queima de arquivos; o falecimento de pessoas que poderiam conceder depoimento oral; a carência de espaço físico; a ausência de tradição em pesquisa histórica; e a falta de apoio do Museu da UFRGS. Como exemplo dessas dificuldades, que possui relação com o primeiro argumento apresentado por Melo (1997), Janice narra em sua entrevista:

[...] no início, eu ia para as reuniões do Conselho da Unidade e um professor que está até hoje na ESEF, eu não vou citar o nome dele, ele disse assim na reunião: “como assim?”. Na época eu estava pensando em vários nomes, mas não achava o nome, “eu quero criar um acervo, um arquivo, eu ainda não tenho o nome. É uma ideia de um Centro de Informação e Documentação, para preservar a memória a ESEF, é a primeira escola... eu já estava estudando isso, eu já estava vendo atas, livros, reunindo. Um Centro de Documentação e Informação, esse tipo de coisa”. Esse professor disse “você tem que colocar isso lá na história e não aqui dentro dessa Faculdade de Educação Física, a senhora está no lugar errado”. Ah! Eu saí super chateada, pensando “vai ser super difícil”. (MAZO, 2015, p. 14-15).

Esse questionamento sobre o ‘lugar’ de um centro dessa natureza mostra que a insensibilidade também estava no entendimento de que uma escola de Educação Física não deveria se envolver com a memória, já que isso seria uma tarefa das unidades acadêmicas ligadas à História. E também revela que as tensões da área da Educação Física, citadas por Melo (1997) e apontadas por Mazo (2001), tinham por origem uma tradição ligada às ciências biomédicas.

Uma das estratégias utilizadas para fortalecer e sensibilizar a comunidade acadêmica para o trabalho dos CMs foi convidar outros/as professores/as da própria instituição para participar nas rotinas e nos projetos desenvolvidos nesses lugares de memória. Identifiquei esses convites ou essas participações de outras pessoas tanto pelas entrevistas quanto pelos documentos, como, por exemplo, em um memorando que Janice Mazo e Rosália Camargo enviaram aos/às professores/as da ESEF para fazerem parte das reuniões do CEME/RS¹¹⁶, e outro documento que solicita doações desses/as professores/as¹¹⁷. A equipe do CEMEF/MG, segundo entrevista de Meily Linhales (2014), utilizou como estratégia de fortalecimento o envio de projetos para órgãos de financiamentos com mais professores/as. O professor Evando, do CEMEF/MT, também realizou o projeto que deu origem ao CM convidando outros/as professores/as para fazer parte das pesquisas, conforme narrado na entrevista de Talita Ferreira (2014). Identifiquei essas estratégias em pelo menos sete dos CMs analisados: CEME/RS, CEMEF/MG, CMIPM/RJ, CEMEFEN/PB, CEMEDEF/PR, CEMEFEL/SE, CEMEF/MT.

Ao me debruçar sobre os documentos relacionados ao CEME/RS, percebi que, já em 1997, ou seja, um ano após sua criação, aconteceram algumas reuniões com a presença de professores e professoras da ESEF¹¹⁸ cuja atuação no CM foi de auxiliar nas discussões de eventos comemorativos e em pesquisas das seguintes temáticas: lazer, dança, ginástica, aniversários da ESEF e do LAPEX¹¹⁹. Em 2000, a professora Janice Mazo afastou-se para a realização do seu doutorado em Ciências do Desporto na Universidade do Porto, em Portugal,

¹¹⁶ CAMARGO, Rosalia Pomar; MAZO, Janice Zaperllon. **Memo. No. 01/CEDOEFEE**. Convite para reunião. Universidade Federal do Rio Grande Do Sul. Escola de Educação Física. Biblioteca Edgar Sperb. Acervo CEME. Porto Alegre, 10 mar. 1997.

¹¹⁷ MAZO, Janice Zaperllon. **Carta com solicitação de doações, com lista de recebimento**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Centro de Documentação. Acervo CEME. Porto Alegre, 6 jun. 1997.

¹¹⁸ Entre 1996 e 2000, encontramos nos documentos do acervo do CEME os seguintes nomes: Vicente Molina Neto, Mônica Dantas, Silvia Amaral, Marco Aurélio Vaz, Alduino Zilio, Alexandre Veli Nunes, Claudia Silveira Lima.

¹¹⁹ MAZO, Janice Zaperllon. **Ata da Reunião do CEDOEFEE**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Biblioteca Edgar Sperb. Acervo CEME. Porto Alegre, 21 mar. 1997.

e a professora Silvana Vilodre Goellner, que tinha acabado de retornar do seu doutorado em Educação na Universidade Estadual de Campinas, assumiu a coordenação do CEME/RS, como pude encontrar em uma carta à Coordenação da Comissão de Extensão da ESEF, que informava a troca da Coordenação do CEME/RS em março de 2000¹²⁰. Silvana Goellner (2015) relata essa transição em sua entrevista:

Foi nesse período de transição, então, como eu estava voltando e como eu trabalhava com a disciplina de História da Educação Física e como eu trabalho com história desde sempre na minha formação, foi um pedido meio que natural, no sentido de que era a pessoa que tinha maior envolvimento com a temática na Escola no momento. Então eu assumo nesse período de transição, quando eu estava chegando e a coordenação anterior estava saindo para o doutorado.

Nesse período de transição entre as coordenações, localizei a realização de uma cerimônia comemorativa ao aniversário de 60 anos da ESEF em maio de 2000¹²¹, que contou com uma exposição, homenagens a ex-professores/as e apresentações artísticas. Deparei-me com vários registros desse evento, tais como fotografias e materiais que integram o acervo do CEME/RS, além de informações contidas nas entrevistas cedidas pelas professoras Silvana Goellner (2015) e Janice Mazo (2015).

Na documentação consultada sobre o CEMEF/MG, percebi que a partir de 2005 se integraram ao grupo as professoras Andrea Moreno (2006), Meily Assbu Linhares (2006), Ana Carolina Vimieiro (2009), Marcus Aurélio Taborda de Oliveira, Adalson de Oliveira Nascimento (2010) e Maria Cristina Rosa (2005). Esses/as docentes participam do CEMEF/MG especialmente realizando pesquisas e atuando na organização do acervo.

O CEMEDEF/PR também contou com a entrada, na equipe, do professor André Mendes Capraro, que permaneceu na sua coordenação entre os anos de 2008 e 2010, devido ao afastamento da coordenadora Vera Moro para seu doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação na UFMG (CAPRARO, 2014). Na entrevista de Vera Moro, a professora Letícia Godoy também aparece como integrante da equipe, tendo participado especialmente da aproximação de estudantes da disciplina ‘projetos integrados’ com o centro. Segundo Souza e Capraro, “houve uma forte participação de outros docentes, de discentes e um apoio especial do Arquivo Público do Paraná, que forneceu os protocolos para o procedimento de arquivamento e tratamento das fontes” (2012, p. 4).

¹²⁰ MAZO, Janice Zaperllon. **Carta à Coordenação da COMEX sobre mudança de coordenação do CEME**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Centro de Memória do Esporte. Acervo CEME. Porto Alegre, 2 mar. 2000.

¹²¹ Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/123456789/505>>.

Em outro dos CMs investigados, o CEMEFEL/SE, identifiquei que, após um período inicial, com as dificuldades encontradas por Sérgio Ribeiro, Hamilcar Dantas e José Américo Menezes em relação a espaço físico e recursos financeiros, o centro passou por um período com poucas atividades, porque esses professores acabaram se desgastando com essa situação e se envolvendo em outros projetos (RIBEIRO, 2016a). Em 2009, integraram o CM quatro professores/as novos/as: Priscilla Kelly Figueiredo, Fábio Zoboli, Quéfren Weld Nogueira e Diego¹²². Sobre a entrada desses docentes, Sérgio Ribeiro (2016a, p. 14) observa:

Eu não diria que era um centro de memória, eu não sei como é que eu definiria, mas eu diria... por exemplo, eu vou lá na UFRGS e aí vejo o Centro de Memória, eu venho para aqui, vejo o quartinho da gente e eu não posso definir ele como um centro de memória, mas eu definiria ele como esse primeiro passo para a criação do centro de memória. Tanto é que ele está se consolidando, se consolidou por quê? Porque teve uma pessoa que abraçou a causa, que é a Priscilla, ela abraçou e falou: “Não, vamos resgatar isso aí”. Porque ela sabia da ideia da criação do acervo, que existe aí, só que está parado. As pessoas estão cada qual na sua vida acadêmica e as pessoas não estão dando mais continuidade àquilo que foi criado. Mas aí a Priscilla conversou com o Hamilcar e resgataram o Centro de Memória.

Com os/as novos/as professores/as e a coordenação da professora Priscilla e do professor Hamilcar, o CEMEFEL/SE iniciou uma nova fase de atividades, inclusive com a inscrição desse centro como grupo de estudos no Diretório do CNPq, em 2009, e o envio de novos projetos para agências de fomento¹²³. Segundo o professor Quéfren Nogueira (2016), a opção foi juntar forças desses/as novos/as professores/as para revitalizar o CEMEFEL/SE. Isso daria mais legitimidade na unidade, mais possibilidades de trabalho com acervo e produção, além de maior facilidade para conseguir mais espaço físico e recursos.

Sobre a troca de coordenação dos CMs, como ocorreu no CEME/RS, no CEMEF/MG, no CEMEDEF/PR e no CEMEFEL/SE, destaco que assumir a coordenação e as atividades inclui também ir à procura de espaço, equipamentos e materiais que sustentem o cotidiano destes lugares de memória. A carência de uma infraestrutura adequada para guardar o acervo e para que os trabalhos do CM sejam realizados, para que a equipe possa se reunir, com computadores e mobiliário adequado, aparece em diversas das entrevistas realizadas com pessoas vinculadas a todos os centros que integram esta pesquisa. O único que conseguiu construir um prédio próprio, já planejado para se configurar como um CM, foi o

¹²² Nome sujeito a confirmação. Citado na entrevista de Quéfren Nogueira (2016).

¹²³ Projeto “Primórdios do esporte sergipano: o espetáculo como base da modernidade republicana na primeira metade do século XX”, coordenado por Hamilcar Dantas Junior (2009-2011), com financiamento pelo CNPq e Projeto Memórias do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe: trajetórias de formação (1975-2009), coordenado por Hamilcar Dantas Junior (2009-2011), com financiamento pelo Ministério do Esporte, Rede Cedex (2009 - 2011).

CEMEF/MG, que o inaugurou em 2011. Os demais locais foram adaptados, ou simplesmente ocupados pelos CMs¹²⁴. Ana Carrilho Grunennvaldt (2016a), em sua entrevista, fala da dificuldade do espaço para a guarda de acervos, visto que, por vezes, coletar mais material para o acervo pode ser prejudicial, pois, se não há espaço para armazená-lo, ele será acondicionado de forma inadequada; desse modo, para se conseguir espaço, os acervos anteriormente existentes são reorganizados em condições piores do que se encontravam, atrapalhando os dois conjuntos documentais, aquele que já estava no CM e o que é recebido. Assim, o acesso ao material para pesquisa e outras atividades também é limitado, além de que muitas vezes esse material não está organizado e catalogado, ficando apenas depositado no CM.

Sobre a busca por recursos financeiros para a aquisição de equipamentos, materiais de expediente, pagamento de bolsistas, a professora Ana Grunennvaldt (2016a) também fala sobre a dificuldade de terem projetos aprovados, já que algumas vezes o trabalho não é considerado como pesquisa, e a maioria das agências de fomento que podem ser acionadas destina verbas apenas para a pesquisa. Como exemplo, no acervo do CEME/RS, tive acesso ao projeto *Memória e filosofia do movimento humano: investigando a memória da Educação Física e do Esporte no Rio Grande do Sul*, enviado ao CNPq, que tinha por objetivo implantar o centro e foi rejeitado em 1998, porque não alcançou a prioridade necessária, segundo resposta do CNPq.

Essa não aprovação dos projetos acaba gerando algumas frustrações e por vezes adia trabalhos necessários para os CMs, como diz Leiro (2017, p. 6):

Ou seja, eu já havia apresentado uma proposta, ela ganhou força e carimbo institucional, mas ela não se materializou ainda. Então eu encaminhei um projeto para a Rede CEDES, para criar o Centro de Memória da Educação Física da Bahia, mas o projeto, infelizmente, ele não foi aprovado, que fez com que eu adiasse mais uma vez essa experiência. Adiamento esse que até hoje a gente não conseguiu consolidar esse espaço.

Isso chamou minha atenção, já que a continuidade dos CMs depende do trabalho desenvolvido, e para isso existe a necessidade de certa estrutura física, recursos humanos e equipamentos. Com essa estrutura, pesquisas são possibilitadas, pessoas trabalham com o acervo, outras tomam conhecimento da existência de materiais que podem auxiliar suas pesquisas, ou seja, o CM é movimentado, o que justifica novos investimentos e auxilia na continuidade do trabalho. Sem uma estrutura e equipe mínima, o CM fica muito centrado no/a docente que o coordena. Como vimos no item anterior, os/as coordenadores/as, a despeito da

¹²⁴ Discutirei esse item do espaço com mais profundidade no capítulo 3.

falta de apoio, empreenderam esforços para realizar as atividades pertinentes a estes lugares de memória, sem a garantia de recursos. Construíram um trabalho buscando alternativas, criando e desenvolvendo projetos que pudessem promover algumas facilidades, ou seja, bancando a existência dos CMs por meio de iniciativas e ações pessoais.

A consolidação do CM também é tratada no texto de Meily Linhales e Adalson Nascimento, integrantes do CEMEF/MG, os quais mencionam que, por volta de 2006, neste lugar de memória, iniciou-se o investimento na formação de jovens pesquisadores/as e na organização técnica do acervo. Nas suas palavras: “Intercambiando experiências nessas duas frentes de trabalho aprende-se a fazer, fazendo!” (LINHALES; NASCIMENTO, 2013, p. 8). A formação de jovens é uma aposta na continuidade do trabalho e nas produções do CM, o que auxilia na sua consolidação enquanto espaço de preservação e divulgação das memórias.

Ivone Job, bibliotecária da ESEF e integrante do CEME/RS, publicou em 2000 um texto no qual explicita: “o CEME busca consolidar-se como polo gerador e disseminador da pesquisa histórica no país, através da coleta, armazenamento e organização sistemática dos documentos específicos a sua área” (JOB, 2000, p. 9). Essa tentativa de se consolidar também aparece no Relatório de Atividades do CEME relativo ao ano de 2000¹²⁵, através das exposições *ESEF 60 anos*¹²⁶, *500 anos de Brasil: Memórias e Descobrimientos na História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança*¹²⁷, *Exposição Olímpica*¹²⁸ e *Reconstruindo a Memória da Universidade de 1963*¹²⁹. Essas exposições mostram que o CEME/RS já fazia contato com outras instituições e participava de eventos nacionais da área.

Outros centros passaram por períodos com poucas ou nenhuma atividade, conforme narra Victor Melo em sua entrevista sobre o CMIPM/RJ (2014, p. 9):

Ele ficou um período sem ninguém depois tentaram com alguns professores. A escola chegou a contratar uma historiadora, fez concurso para uma historiadora para gerenciar o acervo. A Carolina está procurando desenvolver algum projeto e volta e meia sei alguma notícia de que algo está ocorrendo por lá. Eu acho que no fundo não há um apoio institucional da escola. A pessoa chega quer fazer alguma coisa e não encontra um apoio da escola, então as pessoas vão desanimando e a coisa vai ficando por lá.

Outro CM que passou por períodos com menos atividade foi o CEMEFEL/SE. Hamilcar Dantas Júnior, em seu relato (2016, p. 12), fala sobre o desestímulo gerado pela

¹²⁵ GOELLNER, Silvana Vilodre. **Relatório do Centro de Memória do Esporte**. Escola de Educação Física. Acervo do CEME. Agosto de 2000.

¹²⁶ Realizada na sala de exposições do CEME/RS.

¹²⁷ Realizada em Gramado (RS), durante VII Congresso de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança.

¹²⁸ Realizada em Porto Alegre (RS), durante o Fórum Olímpico 2000.

¹²⁹ Realizada, na praça Darcy Azambuja, no bairro Intercap, em Porto Alegre.

falta de apoio institucional, inclusive porque ele teve um projeto aprovado e, por atrasos da sua universidade, não conseguiu utilizar alguns recursos: “Aí foi onde aconteceu todo o desestímulo, com a falta de apoio para a construção do centro, e aí acabou que a gente parou com o andar da catalogação do material para se dedicar basicamente às pesquisas”.

Marco Acosta (2016) menciona, em seu depoimento, que uma mudança de funções dentro das instituições de Ensino Superior, logo após a criação do Memorial do CEFD – SM/RS, também causou o seu afastamento do CM. O professor tornou-se coordenador da Pós-Graduação em Gerontologia da UFSM, em 2014, o que dificultou seu envolvimento com o centro, tanto por falta de tempo para acompanhar o trabalho de bolsistas na organização do acervo e divulgação do CM quanto para submeter projetos, realizar pesquisas.

O desestímulo pode ter acontecido também por uma mudança de interesses da própria pessoa ou mesmo sem um motivo claramente explícito. Janice Mazo, por exemplo, narra que, ao retornar do seu doutorado em Ciências do Desporto na Universidade do Porto em Portugal, foi convidada para voltar ao CEME/RS: “Se tu me perguntar por que eu não fui, hoje nem eu sei te dizer” (2015, p. 24). Victor Melo (2014), em relação ao CMIPM/RJ, também conta que seu interesse se voltou muito mais para a pesquisa das fontes do que para o trabalho de organização e outras atividades envolvidas num CM.

Foucault chama a atenção para a escrita da história das instituições, que muitas vezes, em sua forma clássica, visa a amenizar essas discontinuidades. Pensando nos CMs, falar sobre suas discontinuidades ajuda a reconhecer a necessidade de sua institucionalização e do trabalho de preservação que é realizado por eles.

A discontinuidade era esse estigma da dispersão temporal que o historiador tinha o encargo de suprimir da história. Ela se tornou, atualmente, um dos elementos fundamentais da análise histórica. Aí ela aparece com uma tripla função. Constitui, inicialmente, uma operação deliberada do historiador (e não mais o que ele recebe, apesar dele mesmo, do material que tem a tratar): pois ele deve, ao menos a título de hipótese sistemática, distinguir os níveis possíveis de sua análise e fixar as periodizações que lhe convêm. Ela é também o resultado de sua descrição (e não mais o que deve ser eliminado como efeito de sua análise): pois o que ele tenta descobrir são os limites de um processo, o ponto de inflexão de uma curva, a inversão de um movimento regulador, os limites de uma oscilação, o limiar de um funcionamento, a emergência de um mecanismo, o instante de desregulação de uma causalidade circular. Ela é, enfim, um conceito que o trabalho não cessa de especificar: ela não é mais esse vazio puro e uniforme que separa por uma só e mesma lacuna duas figuras positivas; ela assume uma forma e uma função diferentes conforme o domínio e o nível nos quais é assinalada. (FOUCAULT, 2013, p. 87-88).

Nesse sentido, pelo que foi evidenciado até o momento, a consolidação dos CMs nas universidades federais no Brasil foi marcada por momentos difíceis, o que fez com que alguns reduzissem suas atividades, como o CMIPM/RJ, e outros se considerassem ainda em formação, como o CEMEEFB/BA e o CEMEF/JF/MG. A consolidação dos demais ocorreu de forma heterogênea, também com algumas descontinuidades, mas há similaridades, como o envolvimento de novos/as docentes, a busca pela discussão de metodologias de pesquisa e a divulgação do acervo.

2 O QUE É UM CENTRO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES

Guardar... guardar... guardar
 Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.
 Em cofre não se guarda nada.
 Em cofre perde-se a coisa de vista.
 Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la,
 Mirá-la por admirá-la,
 Isto é, iluminá-la e ser por ela iluminado.
 Estar acordado por ela,
 Estar por ela
 Ou ser por ela.
 (CÍCERO, 1996)

Os CMs apresentam já em seu nome a ‘memória’, algo central na caracterização de suas funções. Neste capítulo, discuto o conceito de memória e também analiso algumas definições sobre CMs e o que eles se propõem a ser, bem como o que têm sido, considerando as narrativas das pessoas que entrevistei. Por fim, considere importante, para se pensar na definição destes lugares de memória, abordar a trajetória dos seus acervos, visto que os seus conjuntos documentais compõem a identificação de ‘Centros de Memórias da Educação Física e esportes’.

2.1 A MEMÓRIA E SUA PRODUÇÃO

A memória é entendida, aqui, como testemunho, aquilo que reconhece o passado, um fiador da existência de um passado, conforme indica Chartier (2010). Dessa forma, o autor afirma que ela não é uma imagem clara e total dos acontecimentos que uma pessoa viveu. Segundo Montenegro (2010), a memória não é reflexo ou cópia do mundo, ela é híbrida, contempla mediações e transformações; envolve interações complexas que são tecidas nas relações com outras pessoas, objetos, lugares.

Ricœur (2007) explica que, sobretudo na Europa ocidental, no período da Renascença, houve uma tradição de valorização da memória individual, ligada às lembranças de cada pessoa. Depois, com a tentativa de se mostrar um olhar sobre a sociedade, teria se desenvolvido o conceito de memória coletiva, atribuído a Maurice Halbwachs:

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (1990, p. 26).

Pollak (1992), baseando-se em Halbwachs, menciona que, embora aparentemente seja “algo relativamente íntimo”, a memória é, sobretudo, um fenômeno coletivo e social, que está sujeita a flutuações, transformações e mudanças constantes. Melo e Drumond entendem a memória como uma “produção do passado sob a luz da experiência vivida” (2013, p. 161), por isso ela é sempre revivida, reelaborada e modificada.

Para caracterizar a memória, Pollak (1992) aponta três elementos que a constituem: os acontecimentos, as pessoas e os lugares. No primeiro, explica que, além dos acontecimentos vividos pessoalmente, constituem a memória do sujeito também aqueles fatos vividos “por tabela”, ou herdados; ou seja, acontecimentos vividos por outras pessoas ligadas ao grupo social que a pessoa tem contato, que se tornaram relevantes e acabam constituindo a sua memória, por um processo de identificação e/ou projeção. O mesmo ocorre com as pessoas e os lugares, isto é, podemos lembrar de pessoas que nem conhecemos diretamente, como se tivéssemos convivido com elas. Os lugares, segundo o autor, também podem flutuar no tempo cronológico, ou seja, associar um acontecimento de 1950 a um lugar de 1980, como se fossem relacionados diretamente.

Pollak também explica que a memória é seletiva, o que implica entender que nós não guardamos tudo. Essa condição não significa que seja um ato racional e planejado. Nas suas palavras: “Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” (ibidem, p. 4-5).

A seleção, segundo o autor, constrói e é construída pela identidade, pois a memória é um elemento constituinte da identidade. Ou seja, ela é um fator importante para o sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa. Mas só pode ser constituída na relação e negociação com o outro, pois a identidade só existe a partir da diferença¹³⁰. Na explicação de Pollak (ibidem, p. 5):

Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.

¹³⁰ Sobre a questão da identidade, Stuart Hall (2006) traz várias contribuições, especialmente na relação identidade-diferença.

Meneses (1999) também aponta a memória como suporte de identidade e observa que vários grupos, entidades, associações estão buscando a memória como meio de justificar ou fortalecer suas reivindicações. Para ilustrar essa reflexão, cito como exemplo o trabalho com a história das mulheres no futebol brasileiro, um grupo pouco visibilizado de um esporte considerado nacional. O Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO), ligado ao CEME/RS, tem investido nas pesquisas históricas sobre mulheres e esporte, especialmente sobre o futebol, e desse modo, além de mostrar que existiram atletas, árbitras, gestoras, técnicas, também analisa a condição que elas atuaram no esporte, permitindo a construção ou reinvenção de identidades e o fortalecimento de reivindicações. Assim, a memória e a identidade são valores em disputa, pois a identidade é reforçada pela memória e valorizada pelos acontecimentos ligados ao grupo.

Para entender melhor essa relação, Pollak (1992) cita o “trabalho de enquadramento da memória”, que é parcialmente realizado pelos historiadores, entendido como o explicitar do sentido daquela memória dentro de um grupo. As memórias são utilizadas como matéria-prima para a construção da identidade e história do grupo. Como exemplo desse enquadramento, podemos citar o trabalho dos CMs aqui analisados sobre seus acervos e suas instituições, tanto nas suas opções de guarda como nos materiais de divulgação, eventos realizados e produções acadêmicas e não acadêmicas. Ou seja, eles retomam características e acontecimentos dos grupos presentes nos registros para construir uma identidade coletiva.

Pensar a memória como uma construção, ou seja, como uma versão, colabora para que ocorra a relativização e o cotejamento das fontes, ou seja, entender que aquelas informações dadas pelos/as entrevistados/as, pelos documentos, por imagens, devem ser comparadas a outras fontes, não para se chegar a uma verdade, mas para produzir uma narrativa mais ampla e analítica. Essas noções ajudam a pensar que todos somos pessoas com sentimentos, com interesses, e que essas memórias compõem uma identidade que será valorizada em alguns espaços e desvalorizada em outros. Alberti (2004) afirma que, mesmo as memórias sendo construídas coletivamente, a vivência do indivíduo, suas valorizações e sentidos dados àquela memória constituem também a narrativa, e devem ser tomados como tal. Assim, tomamos o indivíduo como valor. Nessa perspectiva, faz parte da problematização das fontes o reconhecimento do indivíduo e da lógica interna da sua narrativa.

Nessa mesma linha de valorização e esquecimento¹³¹ de algumas identidades, Chagas, Bezerra e Benchetrit (2008) indicam que nem todas as pessoas de um mesmo grupo e nem todos os grupos têm o mesmo peso de representação e de produção dessas identidades e memórias. Por essa razão, pessoas, grupos e identidades estão em constante negociação e podem explicitar posições de poder ocupadas no sistema que os liga. “Memória e esquecimento dependem do lugar que queremos que as pessoas, os feitos e as coisas em nossa relação com o tempo ocupem, assim como o espaço que pretendemos ocupar diante da história” (VIANA, 2008, p. 15). Novamente, nem sempre isso é algo explícito ou decidido de forma clara, mas algo que vai se construindo e sendo produzido.

A partir do exposto, vejo que os Centros de Memória da Educação Física e do Esporte são lugares privilegiados de produção de memórias e de escritas da história. Neles, há pesquisadores/as enquadrando memórias, no sentido atribuído por Pollak (1992), organizando fontes, utilizando e analisando essas fontes. Também são lugares de formação de pesquisadores/as da história, que poderão operar com as memórias e que constroem suas identidades e suas próprias memórias sobre a produção de conhecimentos nesses centros.

2.2 DEFINIÇÕES DE UM CENTRO DE MEMÓRIA

Para compor definições sobre os CM, o primeiro passo que elegi foi pensar sobre sua denominação, afinal, “O advento do nome é sempre um grande fato, mesmo se a coisa o havia precedido; pois marca a etapa decisiva da tomada de consciência. Que passo o dia em que os adeptos de uma nova fé se disseram eles mesmos cristãos!” (BLOCH, 2001, p. 142). Tenho alguns indícios iniciais da decisão por essa nomenclatura no CEME/RS, o primeiro CM a se formar, que pode nos ajudar a pensar sobre suas origens. Janice Mazo descreve em sua entrevista a definição do nome:

O nome Centro de Memória do Esporte ele surgiu quando eu me aproximei muito do Laércio, do Centro Esportivo Virtual, e eu ia a eventos e lugares, eu sempre falava: “ah! Laércio quero fazer isso e aquilo e o nome é um nome muito grande, centro vai ver isso lá em artigo sobre Centro de Documentação e Informação, mas é uma Faculdade de Educação Física, aquela velha discussão Educação Física e Esporte, tem que ter no título Memória, Educação Física e Esporte”, estava tentando compor. Aí, ele chegou e disse assim: “Janice eu entendo essas tuas dúvidas, esse teu conflito, Centro de Memória do Esporte e é isso, é um Centro de Memória

¹³¹ Ricœur (2007) coloca o esquecimento como um fenômeno relativo ao passado em pé de igualdade com a memória e a história. O autor diz que o que se esquece é o passado, os rastros dele. Este autor elabora, por outro lado, que o esquecimento é um recurso para a memória e a história, e é emblemático da vulnerabilidade das duas.

do Esporte, está dentro da Escola de Educação Física, é um nome curto, tem as palavras, é um centro, tira a documentação e a informação, isso só vai te trazer problemas com bibliotecárias, vai te criar situações tem que ter arquivistas, eu estou vendo que tu estás fazendo esse trabalho sozinha, com os teus alunos e uma bibliotecária”. (MAZO, 2015, p. 16).

Assim, o nome foi pensado para ser simples, de fácil adesão, sem compromissos com determinados profissionais, e teve colaboração de Laércio Elias Pereira, um professor ligado ao Centro Esportivo Virtual. Ele conta, em sua entrevista (2016), que sugeriu que fosse de ‘esporte’, para ampliar a possibilidade de atuação e captação de acervos para além da Educação Física, que poderia ser compreendida apenas como espaço de formação profissional ou atuação escolar.

Ainda sobre o nome, segundo Camargo e Goulart (2015), a palavra ‘centro’ dá a dimensão de unidade de controle, tentando evitar a dispersão e fragmentação; e a palavra ‘memória’ reflete tanto a característica de evocar experiências passadas como suporte para registros e recuperação dessas experiências. Assim, a denominação de Centro de Memória serve aos locais apresentados e ajuda no trabalho interdisciplinar necessário.

Linhales e Nascimento, ao tematizarem o CEMEF/MG, indicam que seu perfil é de um centro de documentação histórica:

De todo modo, o *costume corriqueiro* de adotar o termo Centro de Memória encontra-se ligado a uma vocação do Centro para a preservação da memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer, mesmo sabendo que a memória é dispersa, dinâmica, objeto de disputas e, portanto, passível de ressignificações. (2013, p. 7, grifo meu).

Acredito que os autores falam do “costume corriqueiro” pela já existência de outros Centros de Memória na área no Brasil, mas também em outras áreas e na própria UFMG. Assim, o nome acaba se repetindo e se consolidando em outros locais. E nesse trecho já se reafirma a tendência dos CMs aqui apresentados em buscar a pesquisa histórica, para além dos registros de memórias.

Após a reflexão sobre o nome, percebo que os lugares de memória são definidos por suas atividades e funções, mas também por seus desejos e objetivos. E, ao olhar para as entrevistas realizadas, observações e textos sobre os CMs aqui analisados, compreendi que não há uma definição rápida e simples para eles, mas, sim, algumas definições possíveis do que eles se propõem ou querem ser, e o que eles têm sido.

Alguns/as autores/as já fizeram o exercício de definição para outros CMs. No contexto dos CMs empresariais, Totini e Gagete (2004, p. 124) definem como setores responsáveis pela “política sistemática de resgate, avaliação, tratamento técnico e divulgação de acervos e,

principalmente, pelos serviços de disseminação do conhecimento acumulado pela empresa e de fontes de interesse histórico”. Dessa forma, eles evitariam perdas e acúmulos desnecessários. Fontanelli (2005) acrescenta nessa discussão a vinculação direta com a história da instituição e com a biblioteca, o museu e o arquivo no que se refere ao trabalho de organização dos conjuntos documentais e formas de consulta e divulgação. Em outros contextos, como o universitário e de órgãos públicos, Gomes apresenta uma definição dos CMs: “espaços para guarda dos registros de memória coletiva, que se apresentam com o importante papel de resgate da cultura de uma dada sociedade ou instituição social, por meio da seleção de fatos, dados e informações a serem preservados para a posteridade” (2015, p. 10) – ou seja, muito próxima da definição ligada ao contexto empresarial.

Uma contribuição que considero significativa e que ajuda a ampliar essa definição é trazida por Bicalho (2013, p. 2), que propõe a abrangência à “comunidade acadêmica” e suas “áreas de conhecimento”, ampliação que parece caracterizar mais os CMs universitários atuais. Considerando essa definição mais ampla e nossa área de conhecimento específica, temos a proposta de Santiago:

Os Centros de Memória têm como objetivo recuperar e restaurar a história da Educação Física, do esporte e do lazer. Esses Centros de Memória contribuem com o restauro, a preservação e disponibilização dos acervos nos centros de pesquisa propriamente e por meio da elaboração de sites, principalmente com aqueles que recuperam e disseminam dados relacionados com a história da Educação Física, do esporte e do lazer. Esses centros começam a oferecer condições para se superar as dificuldades que vêm sendo enfrentadas pelas pessoas que procuram conhecimento sobre essas temáticas. (2010, p. 95-96).

É uma acepção abrangente. Embora o termo ‘restaurar’ não seja utilizado nos objetivos dos próprios Centros de Memória e existam algumas ações de restauro de documentação (e não da história), acredito que o autor se referia à conservação dessa documentação. Referindo-me especificamente aos CMs aqui analisados, tentei fazer o levantamento de seus objetivos, que, a meu ver, dizem muito sobre o que um CM quer fazer e ser. Sistematizo no quadro a seguir os verbos utilizados.

Quadro 3 – Verbos-chave nos objetivos dos CMs

CM	Verbos-chave nos objetivos dos CMs					
UFRGS	Preservar	Recuperar ¹³²	Divulgar	Organizar acervos	Pesquisar	Organizar eventos, dar acesso
UFMG	Preservar	Recuperar	Divulgar	Organizar acervos	Pesquisar ¹³³	Armazenar, criar acervos específicos
UFRJ	Preservar	Recuperar	Divulgar		Pesquisar	Disponibilizar
UFPB	Preservar				Pesquisar	
UFPR	Preservar	Recuperar	Divulgar			
UFS	Preservar		Divulgar			Debater
UFMT	Preservar			Servir como fonte		
UFSC		Resgatar			Pesquisar	Servir ao ensino
UFBA	Não encontrado					
UFJF	Não encontrado					

Fonte: a autora.

Não consegui localizar os objetivos dos CMs da UFJF e UFBA, provavelmente por serem CMs ainda não consolidados, sendo difícil traçar linhas de ação sem uma estrutura mínima de espaço físico, recursos financeiros e equipe. Olhando para os demais, vemos um predomínio dos verbos preservar, recuperar, divulgar e pesquisar. O primeiro aparece em quase todos, sendo também o que tem definição mais abrangente.

No Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística, encontramos a seguinte definição de preservar: “Prevenção da deterioração e danos em documentos, por meio de adequado controle ambiental e/ou tratamento físico e/ou químico” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 135). Outra definição é encontrada no documento *Conceitos-chave de Museologia*, do Conselho Internacional de Museus, que elabora:

Preservar significa proteger uma coisa ou um conjunto de coisas de diferentes perigos, tais como a destruição, a degradação, a dissociação ou mesmo o roubo; essa proteção é assegurada especialmente pela reunião, o inventário, o acondicionamento, a segurança e a reparação. Na museologia, a preservação engloba todas as operações envolvidas quando um objeto entra no museu, isto é, todas as operações de aquisição, entrada em inventário,

¹³² Aparecem em alguns documentos também os verbos ‘reconstituir’ e ‘reconstruir’, mas tomei-os como sinônimos de ‘recuperar’ e ‘resgatar’. Após a mudança de coordenação do CEME/RS, em 2000, outros objetivos foram acrescentados, ligados especialmente à divulgação do acervo, ao movimento de acesso livre à informação, à realização de eventos e ao acervo de história oral.

¹³³ O CEMEF/MG e o CEME/RS, ao reformularem seus objetivos, no decorrer de suas trajetórias, deram mais ênfase ao apoio à pesquisa.

catalogação, acondicionamento, conservação e, se necessário, restauração. Em geral, a preservação do patrimônio conduz a uma política que começa com o estabelecimento de um procedimento e critérios de aquisição do patrimônio material e imaterial da humanidade e seu meio, cuja continuidade é assegurada com a gestão das coisas que se tornaram objetos de museu, e finalmente com sua conservação. (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 79).

Ao colocarem o verbo ‘preservar’ em seus objetivos, os CMs demarcam a intenção primeira dos centros, que era guardar as memórias, como figura no trecho da entrevista de Janice Mazo:

[O CEME/RS] ele era para ser um espaço de preservação da memória do esporte e da Educação Física. Era isso. Então ali seria um lugar, e a nossa biblioteca já tinha uma história de preservação de livros históricos. A ideia era ampliar isso aí, não só livros, mas todos os tipos de materiais: fotografias, artefatos, catálogos, obras de artes, equipamentos. Preservar um halteres antigo, um cavalo¹³⁴ que se conseguiu, essas coisas... Placas que, às vezes, as pessoas acabam colocando fora nas reformas. (2015, p. 51).

Segundo Gomes, “diante da inexistência de uma política de arquivos institucionais – [os CMs da UFMG] sentiram necessidade da preservação dos registros da memória e da história da unidade, bem como da profissão” (2015, p. 98). Assim, considerando o conceito de Desvallées e Mairesse (2013), compreendo que esse conceito mais abrangente de preservar traduzia as ações entre guarda, organização, conservação, resgate, divulgação, que as pessoas que criaram os CMs objetivavam, o que justifica que este verbo figure em documentos que explicitam a função de quase todos os centros.

A segunda ação destacada nos objetivos dos CMs é recuperação e resgate. Embora não tenha encontrado conceitos claros, a partir da análise dos documentos e entrevistas vejo que essa ação se relaciona à procura pelos materiais que registram as memórias, no sentido de fazer sua recolha e guarda no centro. Assim, a pesquisa para localizar os conjuntos documentais, a recolha dos arquivos institucionais ligados aos cursos de formação em Educação Física, a busca por doações de pessoas e instituições, os contatos com possíveis entrevistados/as e doadores/as são iniciativas que integram a função de resgate e recuperação.

Considerarei a divulgação e a pesquisa como ações codependentes, já que, para fazer a divulgação, é necessária a pesquisa, e esta, para cumprir sua função final de informar e ampliar os conhecimentos, precisa ser divulgada de alguma forma. Apenas guardar/preservar os materiais não seria suficiente para os CMs, como relata Tarcísio Vago em sua entrevista:

¹³⁴ Aparelho da ginástica artística.

[...] o Centro só se constitui na medida em que há pesquisas em andamento, em que há estudos em andamento, nós não queríamos fazer disto aqui um depósito de livros, e de objetos, de equipamentos, nós queríamos ter esse duplo movimento, reunir, guardar, preservar, mas também pesquisar, estudar, produzir conhecimento sobre história da Educação Física, do esporte e do lazer e para isso era preciso sentar, ler, discutir, apresentar uns para os outros os seus estudos, as suas pesquisas e o fato de ter gente fazendo monografia, gente fazendo especialização, gente fazendo mestrado, gente fazendo doutorado, recebendo gente de fora para fazer pós-doutorado, significava que a oficina estava aí, vamos produzir, vamos fazer. (VAGO, 2014, p. 16).

Como citei, o CEMEEFB/BA e o CEMEF/JF/MG se constituíram ligados a grupos de pesquisa. Outros centros, como CEMEF/MG, CEMEFEN/PB e CEMEFEL/SE, são também grupos de estudos registrados no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, e o CEME/RS é ligado ao Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO). Para além das pesquisas com objetivo de realizar produções acadêmicas, em livros, periódicos ou trabalhos de conclusão de graduação e pós-graduação, pude acompanhar outras formas de pesquisa, como as realizadas para as organizações dos acervos, sobre a escolha de peças para integrar exposições, para compor notícias e pequenos textos para sites, blogs e outras ferramentas da internet, ou para escrever materiais didáticos, guias, listas de documentações.

Em relação à pesquisa, também destaco a percepção dos CMs como lugares que direcionam a produção de pesquisas históricas da Educação Física. Como relatei no primeiro capítulo, Janice Mazo, ao pensar em criar um Centro de Memória, acreditava que era necessário iniciar pelo estudo da própria instituição. Fontanelli também fala sobre o surgimento dos CMs:

Essa nova postura com relação à preservação da memória não decorreu tão somente de sua valorização nos estudos acadêmicos. Os avanços tecnológicos e dos meios de comunicação suscitaram inquietações e demonstraram quão necessário é manter a compreensão sobre todo o processo histórico pelo qual a organização passa, de modo que ela possa adaptar-se à nova realidade que a tecnologia provoca. Essa provocação obrigou as instituições a voltarem-se para sua própria história, como forma de fortalecer sua identidade interna e externa e de compreender mais claramente seu papel e o de seu corpo funcional nos novos cenários, com vistas a uma adaptação mais bem-sucedida. (2005, p. 80-81).

O trabalho com a escrita da história da instituição mostrou-se presente em vários CMs, como CEME/RS, CEMEF/MG, CMIPM/RJ, CEMEDEF/PR, CEMEFEL/SE, CEMEF/JF/MG, CEMEF/MT e Memorial do CEFD – SM/RS. Em sua entrevista, Sérgio Ribeiro menciona:

Então eu acho que o CEMEFEL, nessa fase [inicial], foi para criar esse campo, para a gente direcionar as produções e ir criando espaços. Seria o nascedouro, a partir daí, de um centro que pode agora começar a ser chamado de centro de memória, já tem projetos, linhas, pesquisadores. (RIBEIRO, 2016a, p. 14-15).

Além da memória da própria instituição, também se tornam importantes para a produção de pesquisas os demais materiais encontrados nos CMs, como afirma Ademir Gebara: “Mas uma coisa é óbvia, sem esses lugares de memória você não tem memória, isso é óbvio. É a biblioteca, o banco de dados, são os arquivos, são os museus. Se você não tem os lugares de memória, você não tem memória” (2016, p. 20). Por isso, ao procurar por materiais para as pesquisas históricas, os/as pesquisadores/as também são direcionados por aquilo que podem ter acesso. E a presença dos CMs, próximos aos cursos de graduação e pós-graduação, permite um acesso facilitado a esses registros da memória.

Com essas considerações, observo que a tríade preservar, recuperar e divulgar se assemelha à de autores que tratam da definição de museus, como Joseph Veach Noble – que em um manifesto de 1970 identificava cinco funções: colecionar, conservar, estudar, interpretar e expor – e o museólogo Peter Van Mensch – que resumia em três: preservar, estudar e transmitir (apud POULOT, 2013), já que a preservação inclui medidas administrativas, políticas e organizacionais para manter a integridade dos materiais (SANTOS, PEREIRA, 2013).

Além da definição explicitada em seus objetivos, nas entrevistas realizadas para esta tese, perguntei como poderiam ser definidos os CMs. Nas respostas, apareceram explicações similares às dos/as autores/as da área das Ciências da Informação, como a descrita por Gisele Almeida:

Eu definiria acho que como ele mesmo se define, que é um lugar de recepção de documentos, de guarda e preservação da memória da instituição. E essa memória, ela é preservada através dos documentos, por isso é importante preservar estes documentos, tratar, organizar, armazenar e cuidar destes documentos para que a memória não seja perdida. (2014, p. 9).

Nas entrevistas, também foram mencionadas outras características, como um lugar de pensar o futuro, produzir registros históricos, de formar pesquisadores/as, de produção cultural. Sobre a reflexão acerca do futuro, Cesar Leiro, em sua entrevista, explica:

Mas eu pessoalmente considero que os Centros de Memória, eles cumprem um papel não só de reunir documentos, equipamentos, materiais, imagens, depoimentos, tudo que constitui uma história de um curso, de uma formação, mas ele é sobretudo a possibilidade de nós pensarmos o futuro das instituições. Portanto, é como já foi dito inclusive, o maior presente que nós

podemos dar, no caso específico para a Educação Física, é a constituição de um espaço que possa fazer com que a gente reflita sobre o nosso passado. Portanto, sem os Centros de Memória, o futuro nosso da Educação Física não tem muita possibilidade no presente. (LEIRO, 2017, p. 13).

Essa reflexão está de acordo com o entendimento de que a história é uma produção social que afeta e é afetada pelas noções do passado, do presente e do futuro. Como aponta Maria Amaral (2014), ao abordar a leitura de arquivos e o processo contraditório, a ação de analisar os documentos relaciona passado, presente e futuro. A autora afirma que se, tentamos eliminar essas temporalidades, corremos o risco de ter um “presente ‘desmemoriado’, apagando o sentido que os acontecimentos poderiam dar à vida” (2014, p. 21). No caso dos CMs, pensar o futuro aparece ligado com a questão da identidade da instituição e de não se perderem informações, para que as pessoas formadas por essas unidades acadêmicas tenham acesso a registros, memórias, produções. Ana Carrilho Grunennvaldt corrobora essa ideia:

[...] o Centro de Memória é isso, o Centro de Memória não é passado, o Centro de Memória ele é passado, ele é presente, ele é futuro e não se desfaz uma coisa da outra. Teve um trabalho agora, que foi da Talita [Ferreira], que fez sobre o trabalho de um dos interlocutores aqui, um dos primeiros professores da Faculdade de Educação Física, ou seja, quando ela traz esse sujeito, ele é fonte, no caso é todo um trabalho, mas aí tem toda uma leitura. Então isso é passado, mas ao mesmo tempo é presente e demarca toda uma atividade do futuro. (2016, p. 13).

Nessa citação, surge a relação entre temporalidades na produção de registros, outra característica que se apresenta nas definições dos CMs. Silvana Goellner, em sua entrevista, elabora:

Mais do que produzir histórias, a gente está produzindo fontes, acho que talvez essa seja a grande tarefa que o CEME tem feito ao longo desses anos todos. É produzir registros que as pessoas podem se apropriar, e a gente vê isso porque tem jornalistas buscando informação, são pesquisadores que buscam informação. Os materiais do Centro de Memória já foram objeto de tese e dissertação, como são as entrevistas. A gente viu no passado com os Jogos Olímpicos e agora com as mulheres no futebol, que é uma loucura que todo mundo quer saber se tem alguma coisa aqui ou não. Então, acho que é isso, a produção de fontes, isso talvez defina o trabalho que a gente tem feito, ao longo desse tempo. (2015, p. 22-23).

Isso está relacionado tanto a realizar entrevistas, reunir documentos, registrar fotografias de eventos, digitalizar documentos e publicizá-los, mas também à produção de materiais sobre a história e a memória da Educação Física e do esporte. Goellner e colaboradoras (2014) também mencionam a característica de ser um espaço de produção cultural, tanto devido à produção de registros como aos programas educativos realizados nas

exposições e aos eventos, muito ligados aos objetivos de divulgar e pesquisar que mencionei anteriormente.

Com isso, os Centros de Memória não poderiam deixar de ser locais que formam pesquisadores/as, já que a presença de jovens pesquisadores/as é numericamente expressiva, sendo maior que a de docentes, reforçando a característica de grupo de estudos. Nesse ponto, retomo que a produção dessa tese é feita dentro de um CM, e a minha formação enquanto pesquisadora foi realizada em seu cotidiano, lidando com acervos, fazendo entrevistas, conversando com outros/as pesquisadores/as, preparando falas para aulas e outros encontros, expondo ideias. Fernanda Santos, ao falar sobre o papel do CEMEF/MG em sua trajetória, também afirma: “a minha própria formação como professora de Educação Física e como pesquisadora da História da Educação Física, é perceptível os saltos que a gente dá e as coisas que a gente aprende, tanto para a carreira quanto para a vida” (2014, p. 13). Também sobre o CEMEF/MG, tive acesso ao texto¹³⁵ da palestra proferida por Cassia Danielle Monteiro Dias Lima – integrante desse centro há dez anos e atualmente professora da Universidade do Estado de Minas Gerais – durante o IX Seminário do CEMEF. Ao descrever sua experiência, enfatiza:

O CEMEF tem sua trajetória marcada pela formação de professores/pesquisadores. Professores que nos diferentes níveis de ensino saem daqui interrogando suas práticas cotidianas. E isso só se faz possível porque se desenhou enquanto lugar de reflexões e possibilidades de encontros – encontros com diferentes trajetórias, com diferentes formas de pensar e organizar o ensino, o encontro com a história de seu ofício. Possibilitando a construção de um fazer orientado por uma dimensão ética – de respeito à história do outro, de uma visão de mundo mais humana e solidária, do desejo de transformar, de fazer diferente, de iluminar... (2016, p. 3).

Assim como Cássia, Sérgio Ribeiro descreve a formação de um modo mais ampliado:

Então a importância de um centro de memória, para os alunos, é um fato de que, de que você se reconhece, reconhece o que foi, aí então é um espaço vivo, acho que ele é fundamental para a história da Educação Física, é fundamental para, não só para a história, mas para a própria perspectiva da Educação Física. Se ela hoje é diferente, se ela hoje está em outros campos, mas ela foi de uma outra forma, e essa outra forma, só foi possível dizer que foi, por conta da história e do que será, por conta da história. Então a importância do CEMEFEL é fundamental para a formação do sujeito, a formação dos alunos, a formação dos professores (2016b, p. 114).

¹³⁵ LIMA, Cassia Danielle Monteiro Dias. Mesa no IX Seminário do Centro de Memória da Educação Física do Esporte e do Lazer: Formação, Investigação e Organização do Acervo: **O CEMEF e a formação de professores/pesquisadores**. 2016 (texto enviado pela autora, que permitiu o uso neste trabalho).

A formação não apenas de pesquisadores/as, mas dos alunos/as e docentes, é então destacada no cotidiano dos CMs, e também é uma forma de caracterizá-los. A partir das considerações apresentadas, tentando uma sistematização de sua definição, vejo que os CMs aqui analisados se propõem a ser lugares de guarda, recuperação, preservação, divulgação, pesquisa e produção de registros e de eventos sobre memória da Educação Física e do esporte, além de reunir e formar pesquisadores/as em torno da temática. Porém, considerando minha própria vivência, outras falas nas entrevistas e observações, notei que essa definição ‘formal’ não era suficiente para transmitir as realidades dos CMs investigados.

Outras características podem ser agregadas a essa definição. A primeira que destaco é o CM como lugar de sociabilidade, pois apareceu especialmente nos registros de estudantes e funcionárias, mas também nas minhas observações. Para ilustrar, apresento outro trecho da fala de Cássia Lima:

Criamos relações firmes, consolidadas, que extrapolam as questões circunscritas ao centro... Professores em formação, professores mais experientes, do ensino básico, do ensino superior estabelecem uma relação de ajuda mútua, de cumplicidade, orientada pelo compromisso com a EF e com o humano. Fazer orientado pelo respeito presente no CEMEF, que se reflete nas relações de seus membros para além de suas paredes. Constituí aqui parcerias para a vida toda! (2016, p. 6).

A sociabilidade aqui é entendida como um espaço de encontro, convivências, realização, aprendizados cotidianos, angústias e trocas emocionais. Também vivi isso, e o CEME/RS foi principal lugar de minhas convivências por sete anos, como relatei na introdução desta tese. Por isso, para quem experimenta um Centro de Memória, essa característica se torna fundamental. Vejo que a questão de ser um local de produção de registros e de consulta a acervos colabora fundamentalmente para que o convívio seja mais intenso. Sobre a experiência cotidiana, Igor Silva (2014), em sua entrevista, denomina o CEMEF/MG como um oásis, por ser esse lugar um refúgio para se fazer o que deseja no âmbito acadêmico.

Outra característica que se relaciona à definição dos CMs é a de organizar comemorações. A gestão das unidades universitárias demanda essas atividades aos centros, especialmente em datas comemorativas, como a fundação de escolas, faculdades ou departamentos de Educação Física aos quais estão vinculados. Por exemplo, a primeira atividade com apresentação do CEME/RS foi em 1996, no aniversário de 50 anos da Biblioteca Edgar Sperb, como descrevi no capítulo 1, e também foram realizadas exposições para os aniversários de 60, 65 e 70 anos da ESEF/UFRGS. O CEMEF/JF/MG promoveu uma

primeira recolha de materiais por ocasião do aniversário de 30 anos do curso de Educação Física na UFJF, publicando uma obra chamada *Histórias e memórias da Educação Física em Juiz de Fora*. No CEMEFEL/SE, José Américo Menezes, em uma entrevista concedida para o trabalho de Akellyson Jesus (2016), relata:

A Universidade ela fez um, na comemoração, eu acredito dos 50 anos da Universidade se não me falho a memória ela criou um caderno sobre as histórias dos cursos, e aí eu fiz um resumo, um artigo da minha dissertação e entrou nesse caderno e esse caderno circulou muito na Universidade, eu acredito que essa comemoração também gerou uma sensibilidade por parte do departamento para que a gente pudesse valorizar esses registros historiográficos. (MENEZES, 2016b, p. 105).

Gomes (2015), ao analisar os CMs da UFMG, considera que a participação dos centros em datas comemorativas não ocorre apenas na Educação Física. A autora cita os seguintes centros da UFMG, criados ou idealizados em ocasiões de comemorações de aniversários das unidades acadêmicas: Centro de Memória FALE (Letras), Centro de Memória da Farmácia, Memória Institucional FACE (Faculdade de Ciências Econômicas), CM da Odontologia, CM Veterinária. Santos e Venâncio também abordam a importância dos centros para as comemorações:

Nesse contexto, qual é a importância dos Centros de Memória? Primeiramente, cabe lembrar que muitas vezes esses centros acolhem acervos externos à instituição, sendo alguns deles, como o Acervo de Escritores Mineiros ou o Acervo Curl Lange, exemplos de primeira grandeza e que atraem inclusive pesquisadores de outros países. Uma segunda dimensão importante dos Centros de Memória é seu papel na salvaguarda de arquivos pessoais dos professores, iniciativa não prevista nas leis que regulam a Gestão Documental. Uma terceira dimensão desse setor diz respeito a seu papel celebrativo, como local de exposição e de monumentalização de experiências e personalidades de destaque na história institucional. (2015, p. 78).

Comemorar nos CMs, como descrito acima, é relembrar as memórias das instituições e também uma oportunidade de produzir novos registros e divulgar os trabalhos de sistematização realizados. Além disso, torna-se um momento de reflexão sobre a própria instituição, pensando em pessoas que foram importantes e que podem ser homenageadas, o que deve ser resgatado e guardado, e o que os estudantes de Educação Física, no caso dos CMs aqui analisados, deveriam saber sobre o passado da instituição de que fazem parte.

Como uma última característica dos CMs da Educação Física e dos esportes das universidades federais, compreendo que é necessário reconhecer que eles estão em formação constante e alguns em construção. Quero dizer que, pelas trajetórias vistas no capítulo 1,

percebo que os CMs aqui analisados em sua maioria não têm alcançado os objetivos a que se propuseram, embora a equipe envolvida tenha buscado formas para concretizá-los. Mesmo o CEME/RS e o CEMEF/MG, que possuem uma maior constância em suas ações, têm pontos que ainda estão sendo construídos. Um exemplo é a consolidação dos seus procedimentos de catalogação dos acervos, a composição de instrumentos de pesquisas, como guias e inventários, e a disponibilização virtual de seus documentos.

Em entrevista, Maria Cristina Rosa afirma: “O CEMEF é um desafio” (2014, p. 20). Para além da formação, no sentido que é sempre necessário fazer coisas novas, aprender, empreender em outras direções, também percebi a formação no sentido de busca por recursos mínimos, tanto estruturais, como financeiros, quanto de equipe. Essas dificuldades são apontadas por Evando Moreira, em sua entrevista:

Olha, eu defino como um espaço muito interessante, muito rico em história, em memória, pouco utilizado infelizmente e, que é desprezado por aqueles que seriam os responsáveis por produzir conhecimento. A gente tem dificuldade de encontrar fomento nas agências de fomento, as pessoas parecem que não gostam de trazer à tona a memória. (2016, p. 17).

Em todas as entrevistas, notei aspectos da burocracia ou da insensibilidade que perpassa o cotidiano dos CMs, trazendo dificuldades: às vezes, limita suas ações, como no CEME/RS, em que não é mais possível fazer exposições na sua sede, pois a sala destinada para esse fim, em 2014, foi transformada em sala de aulas; às vezes, suspende suas atividades, como ocorreu no CMIPM/RJ.

Sobre os CMs que se consideram em construção, identifiquei registros nas entrevistas sobre CEMEDEF/PR, CEMEEFB/BA, CEMEF/JF/MG e Memorial do CEFD – SM/RS. Destaco o trecho da entrevista de Marco Acosta, que fala sobre o CM de Santa Maria:

Um bem necessário, mas ainda não existente. Do ponto de vista profissional mais do que acadêmico, é indiscutível a contribuição que o nosso Centro deu para o imaginário da Educação Física brasileira. Isso tem que ser feito, não sei se vai ser por mim, ou por outra pessoa, mas tem que ser feito sem dúvida nenhuma. Todo impacto que teve, que tem aqui na região central por ser uma universidade pública, não é, tem muitas reflexões e tem que ser feitas, sem dúvida. Só que no momento está parado, é uma fortuna, é como um diamante bruto. Tem que ser lapidado. (2016, p. 10-11).

César Leiro, em sua entrevista, também menciona dificuldades que levam a se considerar um CM em construção:

Portanto o Centro de Memória, ele não existe com materialidade em um espaço físico, mas ele existe na medida que há um reconhecimento e a entrega de alguns documentos e produção de vídeos e publicação de livros.

Participo desse esforço coletivo de ter um espaço que possamos guardar e socializar o patrimônio memorial imagético e material, e que vai nos ajudar bastante a contar um pouco da história da Educação Física. Então nesse sentido que eu considero que o Centro de Memória da Educação Física da Bahia, ele é uma experiência em construção. Porque se de fato ele não existe em um local próprio e apropriado, mas ele já existe do ponto de vista da recolha de documentos, da gravação e produção de vídeos temáticos. (2017, p. 8-9).

No caso do CEMEDEF/PR, Vera Moro (2016) comenta que o define ainda como um depósito de documentação, pois ainda não tem a produção de linhas e atividades cotidianas que um CM deveria ter. Acrescento a essas dificuldades encontradas que nenhum dos CM, até o momento, se constitui como um órgão permanente nas universidades que integram. Esse fato torna sua continuidade dependente do interesse de docentes que assumam suas funções, submetendo projetos para órgão de financiamento a fim de manter espaço físico, equipamentos, materiais e pessoal.

Então, retomando as definições dos/as autores/as apresentados/as e os contextos abordados, faço uma nova tentativa de afirmação: os CMs se propõem e desejam ser lugares universitários de guarda, recuperação, preservação, divulgação e pesquisa, além de produzir registros da memória da Educação Física e do esporte, mesmo não sendo institucionalizados, e reunir e formar pessoas em torno da temática. São também espaços de sociabilidade e comemorações, que estão sempre em formação e alguns em construção. Ainda é necessário ressaltar que cada CM possui sua especificidade, proposta e desejo, por isso cada um poderia ter a sua própria definição.

2.3 ACERVOS: DE UM LUGAR DE DEPÓSITO PARA UM LUGAR DE MEMÓRIA

Para definir mais de perto os CMs aqui analisados, apresento neste item a trajetória dos seus acervos. Chamo de acervos o conjunto documental, ou seja, todos os itens históricos que compõem os registros que os CMs preservam, quais sejam: documentos escritos, objetos, livros, fotografias, vídeos, depoimentos. No caso dos CMs, eles misturam a noção de acervos de bibliotecas, arquivos, museus e centros de documentação.

Os acervos preservados pelos CMs também têm suas histórias/trajetórias, visto que a recolha de documentos não é algo natural ou automático, mas envolve decisões e ações. Trabalho aqui com a ideia de documento como registro, ou seja, ele pode ser tanto textual como imagético, físico ou digital. Na definição do Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística, documento é “Unidade de registro de informações, qual quer que seja o suporte

ou formato” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 73). Assim, essas unidades de registro precisam ser selecionadas; mesmo que um/a doador/a entregue os materiais ao CM, é necessário se decidir por preservar ou não e acondicioná-lo em algum lugar.

A despeito do que às vezes parecem imaginar os iniciantes, os documentos não surgem, aqui ou ali, por efeito de não se sabe qual misterioso decreto dos deuses. Sua presença ou ausência em tais arquivos, em tal biblioteca, em tal solo deriva de causas humanas que não escapam de modo algum à análise, e os problemas que sua transmissão coloca, longe de terem apenas o alcance de exercícios técnicos, tocam eles mesmos no mais íntimo da vida do passado, pois o que se encontra assim posto em jogo é nada menos do que a passagem da lembrança através das gerações. (BLOCH, 2001, p. 83).

Essa relação com “causas humanas” também é abordada por Heymann (2005), que, ao estudar os arquivos pessoais, destaca a dimensão social da produção desses conjuntos documentais, e que esse processo pode revelar aspectos políticos, projetos pessoais e sociais dos locais que produziram esses acervos. Rosalia Camargo (2005), em sua entrevista, ao contar sobre sua experiência no CEME/RS, chama atenção para as emoções ligadas aos acervos, contando que, ao acompanhar algumas doações, percebeu que os/as doadores/as e as famílias se emocionavam ao entregar os materiais, já que eram recordações. Essa dimensão pessoal presente nos processos de produção, envolvimento afetivo, guarda e descarte, pode ser estendida para os demais tipos de arquivos e coleções, não apenas para os arquivos pessoais.

Para pensar os acervos dos CMs, julguei importante tratar das trajetórias que esses conjuntos documentais percorreram até serem recolhidos pelos CMs, o que eles contêm em termos de documentação, assim como descrever a condição que se encontravam antes de chegar ao CM. Nas entrevistas, percebi que os acervos foram reunidos e constituídos a partir do sentimento de ‘não se deixar perder’. Inicialmente, foi feito um “recolhimento romântico”, como cita Linhales (2015), sobre o CEMEF/MG, ou seja, tudo o que se encontrava era importante e deveria ser guardado.

Um conjunto documental comum a quase todos os CMs, com exceção do CEMEFEN/PB e do CEMEEFB/BA¹³⁶, é o referente ao arquivo institucional ligado às universidades federais que abrigam os CMs e seus respectivos departamentos de formação em Educação Física. Os CMs que possuem esse acervo ligado às suas instituições fizeram a recolha desses documentos em seus lugares de depósito, principalmente arquivos mortos, departamentos, salinhas e porões. Denomino-os aqui como lugares de depósito, pois os

¹³⁶ O CEMEEFB/BA, especialmente na figura do professor Cesar Leiro, possui arquivos pessoais de professores do curso de formação. Porém o arquivo institucional não foi recolhido pelos problemas de espaço e equipe para trabalhar com o acervo.

documentos ficavam apenas armazenados nesses locais, não possuíam qualquer tratamento, ou uma preocupação em divulgar ou pesquisar esses materiais, além disso não havia uma pessoa encarregada pela manutenção desses espaços.

Sobre esse processo, Vera Moro (2016) e Talita Ferreira (2014) relembram que o seu encontro com os arquivos do CEMEDEF/PR e CEMEF/MT, respectivamente, se deu pegando a chave na secretaria do Departamento e Faculdade e indo ao local onde estavam os materiais de arquivo da instituição. Ambas tiveram acesso aos conjuntos documentais sem nenhuma organização ou acompanhamento, pois não existiam pessoas responsáveis por essa documentação. No caso do CEMEDEF/PR, Vera Moro relata que o arquivo da Escola de Educação Física e Desportos do Paraná, que estava sob gestão do Governo do Estado, foi para a UFPR em 1978, quando a antiga escola foi federalizada. Vera também afirma que esse acervo ficou abandonado de 1978 até a criação do CEMEDEF/PR. “Simplesmente as pessoas pediriam para usar, o secretário dava as chaves, as pessoas entravam e tentavam identificar. E realmente era uma situação bastante precária” (MORO, 2016, p. 5). Algumas pessoas acessaram esse arquivo para pesquisa antes da criação do CEMEDEF/PR, como o professor Marcus Tabora, para sua tese de doutorado em História e Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, defendida em 2001 e intitulada *A Revista Brasileira de Educação Física e Desportos e a experiência cotidiana de professores da Rede Municipal de Ensino de Curitiba: entre a adesão e a resistência*. Mas se tratou apenas de uma consulta ao material e da identificação que se tratava de um conjunto documental importante para o Departamento de Educação Física da UFPR.

O primeiro encontro de pessoas ligadas ao CEMEF/MT com os documentos do Arquivo da Faculdade de Educação Física da UFMT foi bem similar. Talita Ferreira (2014), que na época era bolsista de graduação, descreve que foi à procura do material, pegou a chave e foi a um espaço, debaixo da arquibancada do Ginásio da FEF/UFMT, apenas fechado com uma grade de ferro, onde encontrou várias caixas de documentação que estavam armazenadas em cima de tapumes, junto com restos de materiais de instalações elétricas, sofrendo com a umidade devido à limpeza do ginásio, pois a água escorria para esse local. Anteriormente, o material estava em outras salas da universidade, mas depois de uma reforma na FEF/UFMT esse espaço utilizado para armazenagem virou salas de professores e o material foi retirado. “E aí começou, a saga foi a partir desse cubículo, com muito papel” (FERREIRA, 2014, p. 6). Esse material, diferente do CEMEDEF/PR, não se referia apenas ao curso de Educação Física, mas também a outras ações da universidade ligadas ao esporte e às atividades de lazer, como os Jogos Unicuiá e as Colônias de Férias realizadas em Cuiabá.

Outras trajetórias semelhantes de constituição de seus acervos, no sentido de busca primeiramente pelo arquivo da instituição, ocorreram no CEME/RS, no CMIPM/RJ, no CEMEF/MG, no CEMEF/JF/MG, no Memorial do CEFD – SM/RS e no CEMEFEL/SE. Nesse último, os professores criadores do CM sabiam da existência do arquivo da instituição em uma sala do Departamento de Educação Física e solicitaram sua transferência para a sala do CM (RIBEIRO, 2016a). Segundo Rosalia Camargo (2005), o acervo do CEME/RS começou de certa forma antes da sua constituição, pois na biblioteca já se tinha um trabalho de separação do Acervo Histórico, de livros anteriores a 1950.

No CEMEF/JF/MG, Carlos Fernando (2016) narra, em sua entrevista, que o primeiro contato com os documentos se deu com a transferência e a recolha dos materiais, motivada por ocasião da produção de uma obra em comemoração aos 30 anos do curso de Educação Física da UFJF, chamada *Histórias e memórias da Educação Física em Juiz de Fora*. Esse contato se deu anteriormente ao centro, em 2003.

No Memorial da UFSM, o material estava espalhado por espaços e salas do prédio do Centro de Educação Física e Deporto da universidade, e foi gradativamente reunido, segundo a entrevista de Marco Acosta (2016). No CEMEF/MG, Tarcísio Vago (2014) relata que ele, Amanda Tadeu e Roberto Kanitz Júnior, que eram a equipe do centro, foram buscar os acervos em um espaço embaixo das cadeiras do auditório, na biblioteca e em departamentos da EEFFTO. Ou seja, todos eles reuniram esses materiais de diversos lugares de depósito, para resgatá-los e estruturá-los como acervo histórico.

No CEME/RS, pela minha observação da sua rotina, percebi que o arquivo histórico institucional da ESEF nunca foi totalmente transferido: muitas caixas e materiais se encontravam (e ainda se encontram) em um *container* numa área aberta da escola, sem qualquer tratamento ou possibilidade de ser consultado. Em 2015, iniciou-se na ESEF um trabalho para organizar o arquivo institucional que não estava sob a guarda do CEME/RS, com documentos textuais de departamentos da escola. Esses materiais foram organizados por uma comissão formada a pedido da Reitoria da Universidade, que contou com a participação de Leila Carneiro Mattos (técnica administrativa do CEME/RS) e Naila Touguinha Lomando (bibliotecária). Não há nenhum acordo até o momento para que o CEME/RS assuma a guarda desses materiais e nem para que os materiais da ESEF que estão no CEME/RS sejam transferidos para essa comissão.

Com a recolha dos arquivos institucionais ligados às unidades acadêmicas da Educação Física das universidades que abrigam esses CMs, outras estratégias foram realizadas para ampliar os seus acervos. Por meio das entrevistas e das visitas realizadas,

encontrei a iniciativa de procurar ex-docentes para produzir depoimentos e coletar materiais através de doações nos seguintes CMs: CEME/RS, CEMEF/MG, CEMEDEF/PR, CEMEFEL/SE, CEMEEFB/BA e CEMEFE/MT. Segundo Marques e Segantini (2015), vários acervos universitários têm as contribuições de ex-docentes, pois fazem doações para tornar seus acervos públicos. Nos CMs citados, essa aproximação aos/às docentes foi feita por meio da realização de entrevistas, de eventos comemorativos, de pedidos de doações e também de recebimento de acervos quando esses/as docentes e/ou familiares procuravam o CM.

No CEMEF/MG, os arquivos de professores e professoras foram doados a partir do contato pessoal ou porque as suas famílias tomam conhecimento sobre a criação do centro e decidiram ceder os conjuntos documentais. Assim, foi se formando uma rede de confiança para que novos itens fossem recebidos pelos CMs. O professor Tarcísio Vago, em sua entrevista, rememora o início desse trabalho de recolhimento do acervo de docentes:

[...] eu sou um professor de Educação Física, e daí também, como naquele primeiro documento, o tal do documento rudimentar, eu tinha falado da coleção de professores, e como eu tinha sido aluno de todos os professores fundadores da escola, conhecia esses professores e sabia que alguns já haviam falecido, nós começamos um movimento de ir ao encontro desses professores, dos que estavam vivos ou de suas famílias. Um dos primeiros movimentos que nós fizemos, foi em direção à família do professor Herbert de Almeida Dutra, que havia recentemente falecido. O Herbert faleceu salvo engano em 2001, e ele tinha ajudado a Shirlei Maciel¹³⁷ na identificação das fotografias, daquelas primeiras fotografias que eu me referi. Então eu procurei, telefonei para a dona Edweiss Dutra, a viúva do professor Herbert, e ela disse “vem aqui, tem alguma coisa aqui sim”, e fomos lá. Eu vou contar esse caso um pouco mais detalhado, porque foi o primeiro e mais emocionante naquele momento. Porque ele havia falecido recentemente e nós tínhamos essa notícia de que ele tinha muita coisa guardada, e fomos. E a dona Edweiss Dutra, nos recebeu com todo carinho, e eu notava que ela estava também com esse sentimento de que isso não pode se perder, e o professor Herbert de Almeida Dutra tinha sido um protagonista de primeiríssima grandeza, na história da escola, foi diretor da escola em um dos anos mais difíceis entre 1962, ou 1963 até 1969. A escola *quase fechou* em 1965, e 1969 ela foi federalizada. Herbert foi um protagonista de primeira grandeza, nesse momento. E ele devia ter muito material, muitos documentos, fomos na casa, voltamos com o meu carro abarrotado, e ela me falou, “isso é o que eu vou permitir, porque é algo ligado à Educação Física” e nós trouxemos muita coisa, muita coisa, muita coisa. Esse foi o momento emocionante, nós fomos emocionados ao sair da casa deles, nossa quanta coisa, quanta coisa. (2014, p. 7-8, grifos do autor).

Essa citação, além de contar a trajetória de um conjunto documental importante, reforça o envolvimento pessoal existente no processo de transferência de guarda desses

¹³⁷ Bibliotecária da EEEFTO/UFMG, que já havia realizado alguns trabalhos para a preservação da memória desta instituição.

materiais, tanto por Tarcísio Vago conhecer a família e solicitar os documentos, quanto pela emoção envolvida no momento. Ela também ilustra a importância da doação de acervos pessoais que guardam memórias do trabalho das pessoas que constroem as instituições.

O CEME/RS fez registros e solicitações em um evento comemorativo dos 50 anos da biblioteca setorial, em 1996, e também enviou cartas¹³⁸ para professores/as, funcionários/as, diversas instituições, colecionadores e famílias de ex-professores/as. Reproduzo a seguir um trecho da carta¹³⁹ enviada a docentes:

Pelo presente, informamos que a Escola de Educação Física está implantando o Centro de Documentação. Neste sentido, solicitamos a colaboração de Vossa Senhoria em doar documentos e objetos, como: registros escritos, fotografias, vídeos, troféus e outros. Solicitamos também contato ou indicação de pessoas que possam contribuir com doações para o Centro de Documentação.

Para as cartas enviadas a instituições, como Arquivo Público, museus e clubes esportivos, além de apresentar o CEME/RS e solicitar doações de documentos, também solicitavam o apoio de pessoas para auxiliar na organização e manutenção do acervo.

Dessa forma, foram doados os conjuntos documentais da família do professor Frederico Guilherme Gaelzer¹⁴⁰ e da professora Lenea Gaelzer¹⁴¹ doados, em 1997, do professor Jacintho Francisco Targa, em 1997, e de João Rolla¹⁴², em 1993¹⁴³. Esse último, como se pode perceber, é anterior à criação do CEME/RS; o acervo estava na Biblioteca da ESEF, era composto por livros e posteriormente outras peças foram agregadas, como figurinos e fotografias. A presença dessa coleção no CEME/RS está presente na reportagem *Centro de Documentação em Educação Física (CEOEFE/UFRGS)*, que foi publicada na Folha da História, jornal editado em Porto Alegre (junho/1997, p. 12).

Nos primeiros anos de atuação deste CM, já se começou a negociação para receber os acervos do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE)¹⁴⁴, da Executiva Nacional de

¹³⁸ As cartas se encontram no Acervo do CEME.

¹³⁹ MAZO, Janice Zaperllon. **Carta com solicitação de doações, com lista de recebimento**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Centro de Documentação. Acervo CEME. Porto Alegre, 6 jun. 1997.

¹⁴⁰ Foi um dos fundadores da ESEF e é considerado um dos pioneiros da recreação pública no país.

¹⁴¹ Professora da ESEF, trabalhando com as temáticas de lazer e recreação. Era filha de Frederico Gaelzer.

¹⁴² Bailarino e o primeiro homem a dar aulas de balé na cidade de Porto Alegre.

¹⁴³ Para mais informações, ver Cunha (2016).

¹⁴⁴ Associação científica da área da Educação Física e esporte, criada em 1978, responsável pela organização do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e congressos regionais. O recorte temporal do acervo presente no CEME/RS é de 1978 aos dias atuais, sendo que ainda recebe materiais para essa coleção. Compreende tanto o arquivo institucional histórico com atas, relatórios, ofícios, cartas, projetos, como fotografias, materiais de divulgação e publicações.

Estudantes de Educação Física¹⁴⁵ e de Henrique Felipe Bonnet Licht¹⁴⁶. Após a troca da coordenação do CEME/RS, em 2000, esses três acervos foram transferidos, além de outros, como o do professor Mario Cantarino¹⁴⁷ (2012) e do professor Inezil Penna Marinho¹⁴⁸ (2005, arquivo pessoal virtual).

Quanto à origem dos acervos em museus e coleções universitárias, Letícia Julião aponta (2015, p. 16):

Existem aqueles [acervos] que chegam à Universidade como parte de uma política simbólica. São acervos artísticos ou que documentam a atividade de intelectuais, artistas e pesquisadores e que, por gozarem de valor já consagrado pela sociedade, conferem prestígio à Universidade. Em geral, são incorporados, independentemente de um projeto científico específico, ainda que venham a se tornar objetos de futuras pesquisas e estudos.

Os CMs analisados receberam especialmente arquivos de intelectuais de professores/as e de instituições da área da Educação Física, mas também de colecionadores/as e atletas. Em relação aos arquivos pessoais, segundo Carneiro (2012), o CEMEEFB/BA possui o acervo pessoal de Helio José Bastos Carneiro de Campos¹⁴⁹, e em sua entrevista Cesar Leiro (2017) cita os arquivos pessoais de Alcyr Naidiro Fraga Ferraro¹⁵⁰ e de Antonio Jesuíno dos Santos Netto¹⁵¹, que foram recebidos porque os doadores souberam da criação do centro através de contatos com o professor Cesar Leiro e solicitaram que ele ficasse com os materiais até que se tivesse um lugar para guardá-los adequadamente e disponibilizá-los para consulta.

O CEMEFEL/ SE recebeu o arquivo do professor Félix D'Ávila. Hamilcar Dantas, em sua entrevista, narra o recebimento desse material:

¹⁴⁵ Organização nacional dos estudantes de Educação Física, atuante desde a década de 1980, responsável pela organização do Encontro Nacional dos Estudantes de Educação Física. O recorte temporal do acervo presente no CEME/RS é da década de 1980 aos dias atuais, sendo que ainda recebe materiais para essa coleção. Compreende documentos textuais, fotografias, materiais de divulgação e publicações.

¹⁴⁶ Médico ligado ao esporte e importante colecionador, sendo responsável por grande parte do acervo olímpico recebido pelo CEME/RS. Realizou a doação de mais de 15 mil itens para o CEME/RS, que compõem as coleções Olímpica, Esporte e Educação Física e Escola de Educação Física.

¹⁴⁷ Em 2008, sua coleção bibliográfica foi vendida para a UFES, onde se encontra na biblioteca central. Seu acervo pessoal foi doado ao CEME/RS em 2012, e compõe a coleção Esporte e Educação Física. Constam documentos, compilações de notícias e textos sobre modalidades esportivas, fichas bibliográficas.

¹⁴⁸ Os materiais de Inezil Penna Marinho não foram doados fisicamente para o CEME/RS, apenas um empréstimo para que todo o acervo fosse digitalizado e disponibilizado no LUME – Repositório Digital da UFRGS. Existem manuscritos, obras não publicadas, relatórios, cartas, certificados, fotos e objetos pessoais (medalhas e prêmios recebidos).

¹⁴⁹ Helio foi professor de Educação Física da UFBA, da Universidade Católica de Salvador (UCSAL) e é atualmente professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Participou da comissão para criação do curso de Licenciatura em Educação Física, segundo Pires e Marta (2016).

¹⁵⁰ Alcyr foi professor de Educação Física da UFBA e UCSAL. Participou da comissão para criação do curso de Licenciatura em Educação Física, segundo Pires e Marta (2016).

¹⁵¹ Antônio Jesuíno foi médico e professor de Educação Física da UCSAL.

A gente recebeu uma primeira doação do professor Félix D'Ávila, que é dos professores fundadores do curso e ele chamou o professor Pedro Jorge¹⁵², que é professor daqui do Departamento, disse: “Pedro Jorge, tem um monte de livro aqui meu, que eu vou jogar fora, você quer?”, e aí o Pedro Jorge me ligou e disse: “Hamilcar, eu tenho um monte material que o professor Félix vai jogar fora”. E eu: “Não, leva para a gente”. (2016, p. 8).

Outra doação foi do professor Luiz Roberto Aragão Lobão, conhecido como Jurinha Lobão, porém, segundo Hamilcar Dantas, esse acervo, que era composto basicamente por livros, foi doado para a biblioteca da UFS e não foi transferido para o CEMEFEL/SE por falta de espaço físico para abrigá-lo.

Nesses dois casos, CEMEEFB/BA e CEMEFEL/SE, não foi feita exatamente uma campanha para recebimento de materiais, ou seja, não foi feito um material de divulgação aberto a qualquer pessoa que quisesse fazer doações, mas os próprios professores quiseram transferir seus acervos e procuraram os meios para efetuar-las. Essa procura por materiais ou essa aceitação em recebê-los, como vimos, também ampliou a variedade de acervos de alguns dos CMs. Primeiramente, a diversidade relaciona-se à temática presente nos conjuntos documentais, pois esses centros passaram a ter materiais de docentes e de associações ou modalidades esportivas às quais os doadores estavam ligados. Pude observar tal fato na visita feita ao CEMEF/MG, em 2014, na exposição¹⁵³ *Adolfo Guilherme: um educador à beira da quadra*, que continha muitos materiais ligados ao vôlei e da atuação do referido professor no Minas Tênis Clube em Belo Horizonte. Meily Linhales (2014, p. 8) detalha como foram encontrados esses materiais:

Os documentos do professor Adolfo Guilherme, esses manuscritos que estão na exposição, eles foram achados perdidos numa gaveta de outro professor que havia ficado com esse material. Não é acervo institucional, não é arquivo de professor, porque é uma pastinha, mas o valor histórico desses desenhos que você viu aí na exposição... Ele é um documento avulso na coleção.

Na mesma entrevista, há o relato sobre a doação ao CEMEF/MG, feita pelo professor Lino Castellani Filho, das fitas de áudio com entrevistas e do manuscrito de sua dissertação de mestrado concluída em 1988, com o título *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*, defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no Programa de Pós-Graduação em Filosofia e História da Educação. Esse material foi a base para a escrita da obra

¹⁵² Pedro Jorge Moraes Menezes.

¹⁵³ Exposição realizada entre 12 de novembro e 12 de dezembro de 2014.

de mesmo nome, publicada pela primeira vez em 1988, pela Editora Papyrus e que foi um marco importante para a escrita da história da Educação Física no Brasil.

No CEMEFEF/MT, a equipe percebeu que a própria universidade tinha relações com práticas esportivas para além da sua Faculdade, com destaque para a Colônia de Férias do Mato Grosso e os Jogos Unicuiá, que eram realizados em Cuiabá. Nos Centros do Rio de Janeiro, Paraná, Santa Maria e Juiz de Fora, foram incorporados apenas documentos ligados às instituições que os abrigam, a partir do levantamento que realizei nas entrevistas, em sites e textos produzidos pelas equipes destes CMs.

Um conjunto documental, com trajetória diferenciada, é o acervo do Movimento Estudantil, pertencente ao professor César Leiro, que comenta em sua entrevista (2017, p. 4):

Eu quero dizer que a minha participação histórica na Educação Física se deu inicialmente na ambiência do movimento estudantil, falo do início da década de 1980, isso me despertou um interesse de guardar um pouco dessa história. Então, desde esse tempo, eu guardo coisas da Educação Física. Eu tenho uma coleção de cartazes dos Encontros Nacionais de Educação Física.

Ou seja, é um acervo pertencente ao criador e coordenador do CEMEEFB/BA, que compõe os conjuntos documentais citados, mas não é similar aos processos dos outros CMs, pois não se trata de um arquivo enquanto professor da UFBA. No mesmo relato, o professor comenta que a intenção é que esse acervo fique no centro quando este possuir um espaço físico para abrigá-lo.

Além da ampliação da temática, também se diversificaram os suportes dos documentos, ou seja, “o material no qual são registradas as informações” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 159), não apenas materiais em papel e textuais (atas, relatórios, correspondências), mas itens como fotografias, cartazes, objetos e vídeos foram sendo agregados aos acervos dos CMs.

No caso do CEMEFEN/PB, os/as pesquisadores/as foram à procura de registros sobre o esporte na região Nordeste para compor o acervo do CM. Então, foi um processo diferenciado em relação aos demais CMs, pois não recolheram o arquivo institucional do curso de formação em Educação Física ao qual o centro estava vinculado. As pesquisas para se constituir o acervo, boa parte dele digital, foram feitas em material bibliográfico e em revistas, como relata Ricardo Lucena em sua entrevista, quando o questionei sobre o acervo do centro:

Fotos [temos] alguma coisa, conseguimos resgatar uma parte de material iconográfico, mas basicamente são documentos escritos, textos e algumas fotos. Porque na verdade o que a gente viu é que o material que trata dessa

temática de história do esporte, que eu acho que isso é comum infelizmente no Brasil todo, ele está muito disperso e, eu digo lá para o pessoal, é muito amputado. Porque, por exemplo, a gente resgatou uma revista que era publicada em João Pessoa no início do século XX, mas boa parte do material fotográfico que tinha na década de 1920 nessa revista, ele foi cortado de tesoura. As pessoas iam consultar essa revista, que era da biblioteca central da Universidade, nas coleções especiais, só que eu acho que muito dos colegas meus vão com as tesouras, cortam e levam. Então, você encontra a parte escrita, mas não tem a fotografia ou a imagem que tinha naquele local. O que eu fiz? Eu fui e fotografei tudo o que eu pude encontrar. Eu fotografei e guardei em arquivo para ter isso e pedi a pessoa responsável na biblioteca que retirasse a revista, no caso dessa revista, ela se chama Era Nova, pedi que retirasse a revista da consulta aberta. Porque é um documento e uma fonte que está se acabando infelizmente e não só para o esporte, mas para cidade de João Pessoa. (2014, p. 6).

Esse trecho também destaca a dificuldade em se coletar materiais ligados ao esporte a fim de que possam ser disponibilizados para a pesquisa acadêmica e consulta de outras pessoas interessadas, como jornalistas, ou para compor um material didático. Os CMs que recolheram esses materiais também assumiram um compromisso por ser esse lugar de guarda e acesso.

A partir das entrevistas realizadas, entendo que os acervos dos CMs, em sua maioria, foram compostos a partir de um “recolhimento romântico”, como foi denominado por Linhales (2015), ou seja, eles receberam, recolheram, solicitaram materiais sem critérios definidos, apenas com a vontade de preservar a memória da Educação Física e do esporte em suas localidades. Mas essa forma de construção do acervo trouxe problemas, como relata André Capraro (2014), que ao assumir o CEMEDEF/PR teve a ideia de solicitar doações para docentes do Departamento de Educação Física e acabou por receber uma grande quantidade de caixas contendo atividades avaliativas do curso de graduação em Educação Física da UFPR, sem que o centro possuísse espaço físico suficiente para abrigar essa documentação. O professor elaborou, então, a partir dessa experiência: “Entramos naquilo que é doloroso para todos nós da história, que é o sistema de descarte, pegamos algumas para amostragem por professor, por ano, selecionamos, mas era impossível guardar tudo” (2014, p. 12-13).

Oliveira, ao escrever sobre o CM da Engenharia da UFMG, afirma: “A vontade de construir um acervo diversificado e o medo de ‘perder’ acervo acabou levando muitos dos envolvidos nos Centros de Memória e documentação a negligenciar frente à necessidade da equipe processar, sistematizar e dar acesso ao acervo” (2016, p. 77). Ou seja, não apenas nos CMs da Educação Física se pode notar o “recolhimento romântico”, mas também em outros centros ligados a universidades.

Uma preocupação que apareceu após a recolha dos documentos para os acervos dos CMs foi sua organização. Primeiro, juntou-se e ocupou-se o espaço dos CMs, depois a equipe começou a procurar alternativas para se organizar e disponibilizar para consulta aquilo que foi recolhido. Assim, iniciaram as procuras por parcerias em outros lugares de memória, como arquivos públicos, museus, bibliotecas.

Partindo dessas explicações, resumidamente, percebo que a composição dos acervos dos CMs foi assim realizada: o CMIPM/RJ, o CEMEF/JF/MG e o Memorial do CEFD – SM construíram seu acervo a partir dos arquivos institucionais das unidades acadêmicas de formação em Educação Física às quais estão vinculados; o CEMEFEN/PB constituiu seu acervo a partir de coletas da equipe deste CM em materiais bibliográficos e periódicos sobre esporte; o CEMEEFB/BA possui um acervo contendo materiais de professores que fizeram a doação voluntariamente e também um conjunto documental relacionado ao Movimento Estudantil; o CEMEFEL/SE produziu seu acervo a partir do arquivo institucional do curso de formação em Educação Física da UFS e também recebeu doações voluntárias; o CEMEDEF/PR, além do material do DEF/UFPR e das doações voluntárias, também fez campanha para recebimento de acervos; o CEMEFE/MT compôs seu acervo a partir do arquivo institucional da FEF/UFMT, de pedidos feitos aos/às docentes e também agregou materiais relacionados a eventos esportivos e de lazer que ocorreram no estado do Mato Grosso; o CEMEF/MG e o CEME/RS realizaram todas as formas já descritas de constituição dos seus acervos, também recebendo documentos de pessoas relacionadas à Educação Física e ao esporte, não ligadas diretamente à instituição à qual pertencem.

Considerando todas essas trajetórias, apresento a seguir um quadro com a formação atual dos acervos em relação às temáticas e aos suportes dos CMs analisados.

Quadro 4 – Resumo sobre acervos dos Centros de Memória das UFs

Centro	Coleções/Arquivos/Temas	Arquivos pessoais identificados	Suportes
CEME/RS	Escola de Educação Física; Educação Física e Esporte; Dança; Recreação e Lazer; Olímpica; Universiade 1963; Colégio Brasileiro de Ciências do	Henrique Licht; Inezil Penna Marinho; Mário Cantarino Filho; Frederico Guilherme Gaelzer; Lenea Gaelzer; João Luiz Rolla;	Bibliográficos; Textuais/papel; Iconográficos; Entrevistas; Vídeos; Tridimensionais.

	Esporte; Movimento de Estudantes de Educação Física; Programas Sociais; Futebol Feminino.	Morgada Cunha; Gerson Ruhe; Mario César Cassel.	
CEMEF/MG	Escola de Educação Física; Acervo bibliográfico; Coleção de Avulsos: Educação Física no Brasil: a história que não se conta ¹⁵⁴ ; “Campanha de Esclarecimento Esportivo”; Adolfo Guilherme.	Herbert de Almeida Dutra; Nella Testa Taranto; Odilon Ferraz Barbosa; Teresinha Ribeiro Bom Fim; Ivany Bom Fim; Edson Martini Pisani.	Bibliográficos; Textuais/papel; Iconográficos; Entrevistas; Vídeos; Tridimensionais.
CMIPM/RJ	Escola de Educação Física e Desportos ¹⁵⁵		Textuais/papel; Iconográficos; Tridimensionais.
CEMEFEN/PB	Esporte		Textuais/papel; Iconográficos.
CEMEDEF/PR	Escola de Educação Física ¹⁵⁶ ; Centro Acadêmico de Educação Física; Acervo bibliográfico; Coleção de ex-professores.		Bibliográficos; Textuais/papel; Iconográficos.
CEMEFEL/SE	Departamento de Educação Física; Coleção de professores.	Félix D’Ávila	Bibliográficos; Textuais/papel; Iconográficos; Vídeos; Tridimensionais.
CEMEEFB/BA	Coleção de Professores; APEF; Movimento Estudantil.	Helio Campos; Alcir Naidiro Fraga Ferraro; Antonio Jesuíno dos Santos	Textuais/papel; Iconográficos; Entrevistas; Vídeos.
CEMEEF/JF/MG	Faculdade de Educação Física e Desportos.		Textuais/papel; Iconográficos.
CEMEFE/MT	Faculdade de Educação Física; Eventos esportivos (Jogos Unicuiá); Colônia de Férias; Federação de Atletismo.		Textuais/papel; Iconográficos; Entrevistas.
Memorial CEFD –	Centro de Educação Física e		Bibliográficos;

¹⁵⁴ Essa coleção é composta pelos manuscritos da obra que dá nome à coleção, produzidos por Lino Castellani Filho, e também pelas fitas de áudio das entrevistas realizadas para a pesquisa do manuscrito.

¹⁵⁵ Originalmente denominada Escola Nacional de Educação Física e Desporto, pertencente à Universidade do Brasil.

¹⁵⁶ Que deu origem ao Departamento de Educação Física.

SM/RS	Desportos		Textuais/papel; Iconográficos.
-------	-----------	--	-----------------------------------

Fonte: a autora.

Podemos perceber nesse quadro o predomínio de suportes de documentos textuais e iconográficos, presentes em todos os CMs. Sobre as temáticas, apresentei a divisão ou organização do acervo que o próprio CM fez e divulga em seus materiais ou nas entrevistas que realizei. Em metade dos CMs, o acervo é constituído apenas por materiais ligados à sua instituição-sede, mas vemos um interesse/direcionamento do CEME/RS, do CEMEFEN/PB e do CEMEEFB/BA para outras questões¹⁵⁷. Quanto a isso, Tessitore (2003, p. 174) afirma:

Devemos, porém, chamar a atenção para o fato de que muitos órgãos que recebem a denominação de centros de documentação ou de memória são, na verdade, exclusivamente o arquivo permanente da entidade. Constituídos por parcelas do arquivo permanente – mais raramente por seu todo.

Ou seja, esse foco da instituição se repete em CMs fora da Educação Física, mas, até onde consegui levantar, nenhum possui o arquivo contendo todos os materiais produzidos pela instituição que os abriga. Isso se mostra relevante para pensarmos o direcionamento que tem sido dado aos registros dentro dos CMs, em universidades, que ‘recebem’ a responsabilidade de guardar a memória das suas instituições, mas têm também buscado registros ligados a outras entidades para além da universitária.

Além da análise da trajetória dos conjuntos documentais até os CMs, sua temática e suporte, entendo que algo que os diferenciou de um lugar de depósito para um lugar de memória foi a condição que esses acervos foram encontrados e como eles foram tratados ao serem incorporados aos CMs. Oliveira, relatando sobre um CM da UFMG, conta que a primeira tentativa de se criar um espaço para o Arquivo da Escola de Enfermagem se deparou com “uma salinha no porão da Escola” (2016, p. 77). A imagem de salinha fechada com muitos materiais desorganizados e em péssimas condições de armazenagem é comum a muitos CMs, mesmo fora da EF. No caso dos CMs da Educação Física, isso se repetiu nas universidades UFRGS, UFMG, UFRJ, UFS, UFPR, UFJF, UFMT e UFSM.

Marques e Segantini (2015) observam que os CMs em universidades foram criados com o objetivo de salvaguarda de um acervo em risco, novamente ‘o medo de se perder’ é que despertou o interesse em preservar. No caso dos CMs aqui analisados, a deterioração por

¹⁵⁷ Essa questão do direcionamento para outras questões além dos acervos ligados às instituições-sedes se confirma no direcionamento da produção desses CMs, que será discutida no capítulo final, de considerações finais.

agentes biológicos (traças, cupins, baratas, mofo etc.) e por outros agentes (umidade, decomposição do papel, ferrugem), decorrida de péssimas condições de acondicionamento, foram mais comuns. Apenas no CEMEF/MG, encontrei indícios de uma preocupação com essas condições dos materiais, anterior à criação do CM, como mencionado no texto de Linhales e Nascimento:

Em suas primeiras décadas e em meio às diferentes orientações administrativas, a Escola de Educação Física não descuidou do processo de arquivamento dos documentos gerados durante a sua trajetória. No arquivo inativo da faculdade, ficaram preservados os rastros de sua história institucional e pedagógica que demonstram, inclusive, os diferentes esforços que foram empreendidos no sentido de constituição de setores responsáveis por documentação e memória. Nas inúmeras caixas, pastas e envelopes estavam guardados os livros de atas dos órgãos diretores e deliberativos, correspondências, os programas, provas e diários das diferentes disciplinas, um rico acervo de diapositivos e filmes didáticos relativos à técnica esportiva, muitas fotografias, plantas de prédios, medalhas e troféus, pastas funcionais de professores, certificados, resoluções, relatórios, convênios e convites de formatura, entre outras séries documentais. Também a biblioteca da Escola de Educação Física manteve um valioso acervo que acompanha a história da instituição. Os professores e alunos envolvidos na constituição do CEMEF tomaram a existência desses acervos como um desafio para a preservação da memória institucional e a produção de conhecimento histórico. (2014, p. 41-42).

Contudo, mesmo com essas preocupações descritas, também houve no CEMEF/MG momentos em que foram necessárias ações para salvaguardar o acervo. Tarcísio Vago (2014), em sua entrevista, menciona um episódio que ele e os dois primeiros bolsistas¹⁵⁸ foram à biblioteca da Escola de Educação Física e lá havia obras raras, importantes, “e que estavam a ponto de ser descartadas, porque não havia uma política de preservação, de guarda, elas eram descartadas, havia obras em que professores escreviam nelas próprias, *desatualizado*, e aquilo ia para o lixo” (VAGO, 2014, p. 6, grifo original). Na mesma entrevista, conta que uma parte do acervo da escola estava em um porão, “completamente típico de um porão abandonado, em meio a computadores abandonados, mesas, móveis estragados, lá estavam alguns documentos, eu encontrei junto com a Amanda e com o Roberto, estes álbuns e aí começamos” (ibidem, p. 7). Adalson Nascimento (2014) menciona que, quando entrou no CEMEF/MG, em 2010, chegou a buscar um acervo em uma pequena sala, que também estava em condições precárias, e que a situação de fundos e coleções em variada.

Assim, vemos diferenças nas condições e na trajetória dos acervos de um mesmo CM. Isso se repete em outros, até porque a recolha não é única, já que eles buscaram uma

¹⁵⁸ Amanda Matos Tadeu e Roberto Malcher Kanitz Júnior.

diversidade de materiais, como fotos, objetos, arquivos institucionais e arquivos pessoais. No início, a “busca romântica” e também a falta de técnicas e conhecimentos de conservação e organização colaboraram para que, mesmo após algum tempo de criação do CM, alguns materiais continuassem em risco. Como exemplo, podemos citar parte do acervo do CEME/RS, que em 1998, dois anos após sua criação, não estava em boas condições de acondicionamento, como aponta uma reportagem do Jornal Correio do Povo¹⁵⁹, que acessei no seu acervo:

Apesar de ter recebido verba do Instituto Nacional do Desporto e possuir bastante material, ainda há muito por fazer. Boa parte dos objetos ainda está em processo de seleção e falta pessoal para o trabalho. O acervo está sendo organizado por Janice e pela bibliotecária Rosalia Camargo. O objetivo final é a construção de um prédio próprio e criação de um museu. Enquanto isso, acumulam-se caixas, bolas, raquetes de tênis usadas por gente importante, camisetas de clubes e troféus. (1998, p. 24).

Essa situação não se alterou significativamente após alguns anos, como mostra reportagem do Jornal 100% Esporte¹⁶⁰, no ano de 2004, que tem como título *Memória do esporte do RS em apuros*:

[...] o Centro de Memória do Esporte (CEME) encontra-se hoje em um estado que beira o abandono. Sem um local adequado para conservar e expor os materiais, a coordenadora do Centro de Memória do Esporte, Silvana Vilodre Goellner, limita-se às exposições em outros locais, como a Câmara de Vereadores. (2004, p. 11).

Outros CMs também registraram essas condições em fotos ou projetos, até como uma forma de sensibilizar e reafirmar a necessidade de investimentos de recursos financeiros, pessoais e de espaço para guarda desse material. Tive acesso a fotos que mostram acervos empilhados dos CMs: UFRGS¹⁶¹, UFMG¹⁶², UFS¹⁶³ e UFPR¹⁶⁴. Como exemplo, apresento as figuras 1 e 2, abaixo.

Figura 1 – Acervo do CEMEF/MG, antes de ser transferido para a reserva técnica atual (Data: [?])

¹⁵⁹ Reportagem *Memória para movimentos do corpo: o Centro de Memória do Esporte, na ESEF, guarda acervo desportivo e terá parte dedicada à Dança*. Por Adriana Androvandi. **Correio do Povo**, 4 out. 1998, p. 24. Consultada no acervo do CEME.

¹⁶⁰ Reportagem *Memória do esporte do RS em apuros*. **Jornal 100% Esporte**, out.-nov. 2004, p. 11. Consultada no acervo do CEME.

¹⁶¹ Acervo do CEME e acervo pessoal de Silvana Vilodre Goellner.

¹⁶² Foto na exposição *Pesquisa e Extensão no CEMEF/UFMG 2001-2015*, realizada durante o IX Seminário do CEMEF (2016).

¹⁶³ Jesus (2016) e em visita realizada em janeiro de 2016.

¹⁶⁴ Acervo pessoal Vera Luiza Moro. Acesso em 31 mar. 2017.



Fonte: Acervo CEMEF/MG.

Figura 2 – Material do professor Felix D'Ávila, na época que foi arrecadado para composição do acervo (2009)



Fonte: Jesus (2016).

Portanto, o trabalho para que os materiais se encontrem em condições adequadas a fim de se tornarem acervos acessíveis e bem acondicionados não foi um processo automático na criação dos CMs, mas dependeu de condições de espaço, materiais adequados e equipe. E essas condições são buscadas continuamente dentro das instituições às quais os CMs se vinculam, visto que os acervos continuam aumentando e sendo utilizados.

Sobre o espaço físico, a reunião desordenada de acervos, de certa forma, respondia também a uma necessidade de ocupar um local específico para o CM, que se propusesse a organizá-lo. Mazo (2015) fala que, no CEME/RS, a necessidade de ocupação da sala destinada ao centro colaborou para que a organização e o acondicionamento ficassem para um

segundo momento, até pela falta de pessoas que auxiliassem nesse trabalho e pela falta de conhecimentos sobre essa organização.

Por outro lado, assim como ocorreu no CEMEFE/MT (MOREIRA, 2016) e no CEMEDEF/PR (MORO, 2016), esses acervos estavam espalhados em outros espaços (porões, salinhas, departamentos, casas dos professores), ou seja, não é que não se tinha ‘lugar’, mas o CM aparece como lugar que, além de estar ocupado por esses materiais, se propõe a conservá-los, organizá-los e disponibilizá-los. Assim, o recolhimento desses materiais dos seus depósitos anteriores facilitou esses processos e reafirmou a existência de um lugar de memória. O acervo, que antes estava invisibilizado e com pouco acesso, ao integrar o CM assume um novo *status*, pois tem a possibilidade de ser preservado e consultado, bem como o CM passa a ser também identificado por possuir esse acervo – sendo que cada acervo enriquece os conjuntos documentais existentes sob a guarda dos centros.

A constituição dos acervos dos CMs, para além da recolha dos materiais, envolve disputas de legitimidade, negativas de doações e descartes sem controle. Identifiquei com mais clareza a negação de uma transferência de arquivo no CEME/RS sobre o arquivo institucional do CBCE. Em uma carta¹⁶⁵, escrita por Janice Mazo e Antônio Carlos Guimarães, diretor da ESEF, há a citação de que o acervo do CBCE seria concedido para os cuidados do CEME/RS, e assim descreve a mudança de decisão: “Para nossa surpresa, no dia 26 de maio passado, o Prof. Kunz¹⁶⁶ fez novo contato, alegando inconveniências para a vinda do referido acervo para Porto Alegre. Uma delas, estar Porto Alegre localizada no extremo sul do país” (1998, p. 1). Na sequência dessa carta, Janice Mazo e Antônio Guimarães apontam motivos para convencer o presidente Elenor Kunz a levar o acervo para o CEME/RS, tentando mostrar que ele era um lugar legítimo para abrigar os documentos, pois possuía um local próprio para a guarda do acervo, tinha parcerias com outras instituições, estava integrado à biblioteca e contava com o apoio da sua bibliotecária. Também houve dificuldades em receber a doação da coleção da Executiva Nacional dos Estudantes de Educação Física, segundo artigo de Janice Mazo:

Da mesma forma a tentativa de parceria com a Executiva Nacional de Estudantes de Educação Física não foi positiva. Encaminhou-se uma proposta à reunião nacional da executiva propondo a organização do “Núcleo de Pesquisa e Documentação do Movimento Estudantil da Educação Física” em espaço físico a ser disponibilizado pelo Centro de

¹⁶⁵ GUIMARAES, Antônio Carlos; MAZO, Janice Zaperllon. **Carta ao presidente do CBCE**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Centro de Memória do Esporte. Acervo CEME. Porto Alegre, 25 jun. 1998.

¹⁶⁶ Elenor Kunz, na época presidente do CBCE.

Memória do Esporte. Não se obteve nenhum tipo de retorno dos estudantes. (2001, p. 163).

Também ocorreram perdas de materiais que registram as memórias da Educação Física e do esporte e que poderiam compor os acervos dos CMs, por descartes sem controle como conta Nogueira, em sua entrevista:

Teve um caso aqui, não sei se alguém já te comentou, de uma secretária que tinha... Que jogou boa parte da documentação fora, queimou, simplesmente queimou [risos]. Estava aqui na secretaria, fizeram a limpeza e, simplesmente queimou tudo, o que ficou foi exatamente estes que estão aqui [no CEMEFEL/SE]. (2016, p. 9).

Relatos como esse também são observados em outros CMs e em outras instituições. Lucena e Paiva (1995) citam a incineração de documentos da Escola de Educação Física do Espírito Santo no seu próprio pátio, com o objetivo de reduzir o espaço ocupado por esses documentos, mas sem uma avaliação sobre a importância histórica desse material. Silvana Goellner relembra outro acontecimento no ano de 2004, relacionado à perda de acervos:

O que aconteceu também é que teve um incêndio no prédio do Centro de Memória, algumas pessoas não sabem, mas teve um período que esse prédio aqui ameaçou de pegar fogo, onde estavam os acervos. Não vou esquecer nunca: eu estava em casa, a Cris¹⁶⁷, da Secretaria da Especialização, ligou e disse: “Silvana, o CEME está pegando fogo!”. Quase enlouqueci, eu vim chorando de lá até aqui. E quando a gente chegou aqui tinham bombeiros, então, todo o acervo estava lá atrás... [...] Quando começou a pegar fogo, os livros estavam ou lá no fundo no restauro, ou aqui nessa antessala, daí o que a gente fez? A gente fez uma corrente, os alunos entraram e a gente foi passando todos os livros, um passando para o outro, um passando para o outro e a gente tirou todo o acervo para a rua enquanto os bombeiros tentavam apagar o incêndio. E apagaram rapidamente, mas daí veio água e tal, então, a partir desse momento os livros voltaram para a Biblioteca porque o prédio já não tinha condição de abrigar. (2015, p. 10-11).

Outro fator que gerou o descarte ou a perda de materiais foi por deterioração, como nos conta o professor Carlos Cunha Júnior, do CEMEF/JF/MG: “Então, alguns materiais muito complicados que a gente teve que descartar, porque não havia jeito. Processo de traça, muita coisa que não dava para a gente ter a leitura, e a gente reuniu o que estava no estado de médio para bom” (2016, p. 18). Leila Mattos (2016), em sua entrevista, também comenta que muitos documentos sobre a ESEF/UFRGS se perderam antes de serem incorporados ao acervo do CEME/RS, devido às condições em que estavam armazenados, o que causou a contaminação por fungos e insetos e deterioração por umidade.

¹⁶⁷ Maria Cristina Goulart Lunardi, técnica administrativa da ESEF/UFRGS.

Ao analisar as trajetórias dos acervos do CM concordo com Julião, quando a autora escreve sobre as coleções universitárias:

Uma primeira questão que se impõe é saber o que vem a ser uma coleção universitária. Defini-la como aquela que se forma no interior dessas instituições, e que se encontra sob a sua tutela, parece insuficiente. Essa constatação contribui pouco para se entender o que o qualitativo universitário agrega à ideia de coleção. É preciso partir das funções e dos pressupostos que orientam sua formação para que se faça uma aproximação do sentido de uma coleção universitária, ainda que se possa incorrer em uma abordagem provisória, pouco justa à complexidade da questão. (2015, p. 14).

Assim, vejo que, para além de estar nas universidades, os acervos dos Centros de Memória da Educação Física e Esportes assumiram características das unidades acadêmicas, das pessoas que passaram por essas universidades (especialmente os/as docentes), instituições e eventos – como no caso do CEMEFE/MT (Jogos Unicuiá) – e também dos interesses de pesquisa dos/as envolvidos nos CMs. Sendo assim, é um patrimônio acadêmico-científico:

Inicialmente, importa explicitar como estamos entendendo o que seja o patrimônio acadêmico-científico da Universidade. Entendemos este como sendo todo e qualquer documento, nos mais variados suportes, que resulte das atividades dos atores que nela atuam, notadamente docentes, discentes e técnico-administrativos em educação. Dizemos notadamente porque outros atores também atuam nas atividades fins da Universidade e nos legam importantes documentos. No campo da educação, não são desprezíveis os documentos produzidos, por exemplo, pelos professores e alunos da escola básica em suas inter-relações com os pesquisadores da UFMG. Assim, tudo aquilo que resulta das atividades de ensino, pesquisa e extensão nos interessa diretamente. (MORENO; MENDES, 2015, p. 25).

Os acervos dos centros aqui analisados os definem como CMs da Educação Física e do Esporte e ajudam a contar a história da Educação Física de seu estado e também do Brasil. Finalizo este capítulo retomando a ideia de que cada CM e cada acervo tem muito mais a contar. São várias histórias, e não uma história única.

3 LUGAR DOS LUGARES DE MEMÓRIA: CMS E A UNIVERSIDADE

O vento apaga as pegadas das gaivotas. As chuvas apagam as pegadas dos passos humanos. O sol apaga as pegadas do tempo. Os contadores de história procuram as pegadas da memória perdida, do amor e da dor, que não são vistas, mas que não se apagam. (GALEANO, 2016, p. 13).

Os Centros de Memórias aqui investigados se constituem nas universidades federais, que são instituições voltadas para o ensino, prioritariamente a nível superior, a pesquisa científica e a extensão desses conhecimentos produzidos para a comunidade em geral, em forma de serviços e outras atividades. Além disso, os CMs também dependem da estrutura física e de recursos das universidades, por isso a lógica de manutenção dos centros aqui analisados está diretamente relacionada a essa instituição.

Optei por fazer uma reflexão sobre a universidade como lócus de produção de uma cultura específica que influencia e é influenciada pelos CMs e pelas pessoas que os integram, porque, segundo Julião (2015, p. 13),

As universidades, como instituições que concentram a produção de conhecimento e que ocupam posição de prestígio na hierarquia social, são lugares historicamente de formação de coleções. O saber e o poder sempre conduziram o surgimento de coleções e museus e, por isso mesmo, as universidades figuram como um dos mais destacados lugares de ocorrência da prática do colecionamento.

Ser um lugar que produz coleções também representa um aspecto relevante para esta pesquisa, porque permite que eu amplie a discussão sobre questões que circundam a formação dos acervos dos CMs, trabalhadas no capítulo anterior.

Ana Luiza Sousa (2000), em seus estudos, explicita que o nome universidade, como uma instituição ligada ao ensino superior, surge no Brasil em 1912 com a Universidade Livre de São Paulo. Segundo a autora, embora possamos considerar o início deste ensino ainda no século XVI com os Jesuítas, é com o termo universidade que essas instituições passam a exercer outras funções para além da prática de ensino, envolvendo a pesquisa e a extensão.

Sobre a universidade, Ribeiro afirma que sua função social é

[...] produzir e difundir conhecimento, contribuindo para desconstruir e reconstruir conceitos e hábitos que possam melhorar a qualidade de vida da população, bem como para evitar e/ou solucionar inúmeros problemas que afetam a todos nós. E assim, com portas, corações e mentes abertos, universidades e sociedade reconhecem a importância e a necessidade de caminharem juntas e de aprenderem a construir e/ou ampliar esse novo jeito de caminhar. (2015, p. 84).

Para refletir sobre os CMs universitários, apresento neste capítulo uma discussão sobre seus espaços de memória, a relação das atividades desenvolvidas pelos CMs com a cultura universitária, e as questões de infraestrutura e financiamentos desses centros.

3.1 LUGARES DE MEMÓRIAS NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS

As universidades brasileiras abrigam museus, arquivos permanentes, centros de documentação, centros de memória e bibliotecas históricas, ou seja, lugares de preservação/conservação, produção e divulgação da memória. Granato (2009) afirma que as universidades são grandes fontes de patrimônio de ciência e tecnologia, além de objetos e instrumentos de ensino, sendo importante sua preservação.

Mas por que as universidades se lançaram em direção a esse tipo de iniciativa? Penso que uma das explicações localiza-se na constatação de certo “desinteresse” por parte do poder público do período em face dos diferenciados acervos. Tal postura traduzia uma outra visão sobre esse patrimônio, não importando que os referidos acervos fossem constitutivos de experiências diversas de homens e mulheres – portadores de sonhos, desejos, indignações, revoltas e atos vis – que se processaram ao longo do tempo, compondo uma espécie de caleidoscópio da memória coletiva do próprio país, em suas dimensões múltiplas. O desdobramento desse abandono significava a destruição desses acervos e a impossibilidade de viabilizar a pesquisa por falta desses materiais primários que deveriam ser preservados pelo poder público. (SILVA, 1999, p. 87).

O autor fala da década de 1970, quando o poder público ainda se preocupava em preservar/conservar documentos do Brasil Colônia e Império, relacionados ao governo e aos órgãos militares. Porém Camargo (1999, p. 57) relembra que nessa mesma época o Ministério da Educação e Cultura financiou algumas iniciativas: “O Programa Nacional de Cultura, publicado em 1975, durante a gestão Ney Braga, recomendava a criação desses centros e definia como função da universidade a preservação e organização dos acervos documentais brasileiros”. Podemos identificar esses órgãos nas universidades federais (Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Bahia, Paraíba, Mato Grosso, Paraná, Pará, Rio de Janeiro), no estado de São Paulo (Unicamp, USP, PUC, UNESP) e no Paraná (UEL), além de centros de memória, documentação e pesquisa ligados a outras entidades, como os da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC), Fundação Casa de Osvaldo Cruz, Fundação Casa de Rui Barbosa, Fundação Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (ibidem).

Mais especificamente sobre os arquivos universitários, Bellotto (1989) apresenta como funções fundamentais: reunir, processar, divulgar e conservar todos os documentos relativos à

administração, à história e ao funcionamento; avaliar e descrever estes documentos tornando possível seu acesso; e supervisionar a eliminação de documentos quando for o caso. Para essa autora, não só o arquivo precisa da universidade, mas a universidade precisa do arquivo para cumprir adequadamente suas funções de ensino, pesquisa e extensão, pois o arquivo pode oferecer informações exatas e pertinentes para o funcionamento atual e para acontecimentos passados, caso tenha um funcionamento regular.

Os museus universitários, por sua vez, são reconhecidos historicamente pelo apoio ao ensino, principalmente os de história natural. De acordo com Gil (2005), especialmente na Europa, passaram de “gabinetes de curiosidades” a coleções indispensáveis para os estudos de taxonomia, incentivadas pelas expedições científicas a países africanos e americanos no final do século XVIII e início do século XIX. “Observar os objetos e estudá-los era uma das formas mais frequentes de produzir o saber acadêmico” (MENDONÇA, 2014, p. 82). O autor, referindo-se ao contexto europeu, que influenciou os museus brasileiros, explica que os “gabinetes de curiosidades”, além de um método de organizar o mundo aos olhos dos/as estudiosos/as, atuavam como “livros da natureza”, possibilitando que o conhecimento fosse lido através da observação e da experimentação. Esse apoio ao ensino e à pesquisa é destacado por Julião, quando afirma:

No contexto universitário, mais que em outros, os processos de musealização, se conduzidos em diálogo com a comunidade acadêmica, encontram condições particularmente favoráveis para estabelecer cruzamentos de conhecimentos, articulando-se nas fronteiras da inter e da transdisciplinaridade. (2015, p. 17).

A universidade, como local de produção, divulgação e consumo de saberes, pode possibilitar essas trocas, já que diversas áreas do conhecimento integram uma mesma universidade e podem fazer parcerias para realizar trabalhos nos museus. Nos CMs aqui analisados, essa troca entre as unidades acadêmicas vinculadas à Educação Física, à História, à Arquivologia, à Museologia e à Biblioteconomia ocorreu em vários momentos, como, por exemplo, na participação de estagiários do curso de Arquivologia no Memorial do CEFD – SM/RS, ou na presença de pesquisadores/as da História ou da Museologia no CEME/RS, assim como a presença de bibliotecárias nas equipes que fizeram parte das primeiras iniciativas implementadas pelo CEME/RS e pelo CEMEF/MG.

Ainda sobre os museus universitários, Gil (2005) procura defini-los enumerando características que abordo de forma resumida: ligado a uma universidade (de preferência com administração independente dos demais departamentos); preocupado em estudar, conservar e

apresentar as coleções que possui; constitui a “face visível” da universidade para o público; meio para sensibilização dos/as jovens sobre as atividades científicas e culturais; protege e valoriza o aspecto histórico e artístico da universidade; atravessa transversalmente a tipologia museológica, ou seja, não é um tipo único de museu, podendo ser um museu universitário e um museu de arte, por exemplo.

Ser universitário implica atender demandas e seguir normas dessa instituição, conforme aponta Ribeiro: “Acreditamos que, na maior parte das vezes, o fato de ser um museu universitário é determinante para sua configuração institucional, tanto no nível da sua missão e objetivos, quanto no nível de suas políticas de gestão institucional” (2013, p. 90). Políticas que afetam o financiamento das universidades também afetam os museus universitários. A seleção de itens a serem guardados está muito ligada às coleções de professores/as e a documentos da própria instituição universitária que abriga um lugar de memória.

Hoje os museus universitários passaram por modificações impostas por transformações históricas ocorridas, e os mesmos desafios enfrentados pelas universidades são os que eles enfrentam. As universidades são o mal e o bem de seus museus. As crescentes demandas impostas a estas instituições na modernidade líquida exigem respostas rápidas, capacidade de adaptação frente às adversidades econômicas e flexibilidade em relação às mais variadas abordagens de produção de conhecimento, bem como posicionamento político tolerante com as diferenças e defesa da inclusão social. Esse museu não é mais o das sociedades sólidas, ele agora é o *museu líquido* da modernidade líquida. É aquele museu que se molda, repensa, redefine e busca superar os desafios impostos, quer institucionalmente, quer museologicamente, para dar continuidade aos ideais e missões assumidas como compromissos frente às mesmas comunidades que os acolhem e os mesmos servem. (MENDONÇA, 2014, p. 86-87).

Essa crescente preocupação com os museus universitários e sua ampliação fez com que o Conselho Internacional de Museus (ICOM) criasse em 2000 o Comitê Internacional *University Museums and Collections* (UMAC). O banco de dados do UMAC lista mais de 2.500 museus universitários no mundo¹⁶⁸ (RIBEIRO, 2013). Isso mostra a importância que esses espaços têm conquistado dentro da universidade, mesmo considerando que muitos Centros de Documentação e CMs não estão contemplados nesse número.

Nas universidades brasileiras, a partir da década de 1970, também aparecem como lugar de memória os Centros de Documentação e Memória, que “dedicam-se a referenciar, reunir, organizar e disponibilizar conjuntos documentais universitários, firmando-se como

¹⁶⁸ Segundo Ribeiro (2013), neste levantamento aparecem: 757 de história cultural e arte, 133 de etnologia e antropologia, 313 de história e arqueologia, 318 de medicina, 1.057 de história natural e ciências naturais, entre outros.

mais um espaço de preservação e memórias variadas” (KHOURY, 2005a, p. 42). Seu início esteve centrado nas lutas sindicais e partidárias, nas organizações e movimentos sociais e de trabalhadores (KHOURY, 2005b)¹⁶⁹.

Os centros de memória e documentação tornaram-se característicos das universidades brasileiras, preservando o patrimônio arquivístico e, em alguns casos, até parte do patrimônio museológico. Apenas o patrimônio bibliográfico foi mantido como principal atividade das bibliotecas universitárias. Mesmo assim, delas não costumam fazer parte as coleções históricas de jornais locais ou regionais, coleções fotográficas, iconográficas e cartográficas que podem ser objeto de tratamento dessas unidades. (CAMARGO, 1999, p. 56).

Esses centros, segundo Oliveira (2016), aparecem em um momento de valorização da memória e do passado, surgindo a partir da iniciativa de docentes que se preocupam em guardar aquilo que estava abandonado nas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES). A autora cita como primeiros CM ligados a universidades: o Centro de Memória da Medicina da UFMG (1977), o Centro de Memória da Unicamp (1985), o Centro de Documentação e Memória da UNESP (1987), o Centro de Memória da Engenharia da UFMG (1993) e o Centro de Memória Universitária (CMU/FURB) da Universidade Regional de Blumenau (1995).

Vale lembrar que os lugares de memória têm seu espaço dentro da universidade, porém passam por problemas de escassez de financiamentos e de profissionais capacitados (GRANATO, 2009; MENDONÇA, 2014). Os Centros de Memória elencados para este trabalho se situam no mesmo plano dos lugares de memória aqui apresentados. Eles estão vinculados à universidade, beneficiando-se e sofrendo com a situação destas.

Nas pesquisas que realizei na internet com o objetivo de coletar informações sobre CM relacionados ao tema desta tese, chamou a atenção que, dos oito estados onde se encontram os CMs aqui analisados, seis figuram entre os dez estados com maior número de museus, segundo levantamento feito em 2011 pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM)¹⁷⁰ e também com maior número de entidades custodiadoras de acervos arquivísticos¹⁷¹. Isso me levou a questionar se havia uma maior cultura de preservação nesses estados do que nos demais. Mesmo entendendo que a criação de um CM não depende da existência de outros lugares de memória na localidade, percebo que essas entidades podem auxiliar os CMs, como

¹⁶⁹ Como um exemplo, o Centro de Documentação e Informação Científica Professor Casemiro dos Reis Filho (CEDIC) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), que preserva fundos e coleções de documentos produzidos por militâncias de leigos da Igreja católica (KHOURY, 2005b).

¹⁷⁰ Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/museus-em-numeros>>.

¹⁷¹ Segundo o CODEARQ, disponível em <<http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/index.php/o-cadastro>>.

ocorreu com os contatos feitos pelo CEMEF/MG e CEMEDEF/PR, com os Arquivos Públicos dos respectivos estados.

Procurei então saber se as universidades que abrigam os CMs também possuíam outros lugares de memória. A partir de pesquisa nas páginas das universidades e na publicação intitulada *Centros e museus de ciência do Brasil*, da Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciência (2015), identifiquei que na UFRGS, na UFMG e na UFRJ o número de centros de memórias e museus – respectivamente, 22, 20 e 12 – também é maior que nas outras universidades que abrigam os CMs aqui analisados. Esse dado acompanha a tendência de que existe um maior número de arquivos e instituições museológicas nesses estados. Mesmo a UFSM e a UFJF, com respectivamente, oito e sete desses lugares de memória, ficam acima das demais universidades aqui pesquisadas.

A UFMG, em 1976, iniciou o Projeto Memória da UFMG, que, segundo Oliveira (2016), foi uma tentativa de criação de espaços e ações de forma centralizada para a preservação da memória da UFMG, mas esse projeto foi interrompido. Ao analisá-lo, a autora aponta:

Portanto, a descontinuidade das atividades propostas e a ausência de uma política arquivística da UFMG ocasionaram o estabelecimento de ações descentralizadas nas tantas unidades acadêmicas pertencentes a essa Universidade, baseadas em modelos de centros de memória e documentação. (ibidem, p. 60).

Assim, as unidades, na falta de uma política mais geral e sentindo a necessidade de preservar suas memórias, foram criando centros, núcleos e museus. Mais recentemente esses espaços se reuniram de uma outra forma. Destaco aqui a existência da Rede de Museus e Espaços de Ciência e Cultura da UFMG, da Rede de Museus e Acervos Museológicos da UFRGS (REMAM) e do Sistema Universitário de Museus da UFBA.

Ao pesquisar sobre os lugares de memória nas universidades e suas redes, identifiquei duas dissertações que trataram sobre espaços da Rede de Museus e Espaços de Ciência e Cultura da UFMG (GOMES, 2015; OLIVEIRA, 2016). Em trabalho sobre a criação dessa rede, Marques e Segantini (2015, p. 31) analisam:

A primeira articulação com o propósito de se criar uma política de museus na UFMG surgiu em 1999. Por iniciativa da Pró-Reitoria de Extensão e de representantes dos Museus de Ciências Morfológicas, do Museu de História Natural e Jardim Botânico (MHNJB), do Centro de Referência em Cartografia Histórica (Instituto Casa da Glória) e do Centro de Memória da Medicina, iniciaram-se discussões sobre as possibilidades de organização de ações conjuntas nesses espaços. O objetivo primeiro era reunir os espaços para apresentarem propostas em conjunto, sobretudo em editais de

financiamento de projetos de pesquisa e extensão. Pensava-se que a convergência de esforços, a soma das experiências, o trabalho conjunto das equipes e a união das propostas dos diferentes espaços potencializariam as possibilidades de aprovação de projetos, financiamento e visibilidade das ações dos museus e centros de memória da UFMG.

Essa rede foi aprovada pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFMG no ano de 2000. O CEMEF/MG integra a rede, segundo menciona Tarcísio Vago:

Na UFMG houve o reconhecimento no momento que nós pleiteamos a entrada do nosso Centro na Rede de Museus e Espaços de Ciências e da Cultura, foi aprovada imediatamente, nós recebemos uma verba anual da rede de museus que nos ajuda muitíssimo aqui. (2014, p. 25).

A UFRGS também possui uma rede na qual busca reunir os acervos e espaços museológicos da instituição. Criada em 2012, a REMAM tem como objetivo “integrar os espaços de memória da universidade”¹⁷². Sobre essa rede, Silvana Goellner registra em sua entrevista:

Então, a UFRGS fez um mapeamento de todos os espaços museológicos que tinham acervos ou espaços museológicos. Houve um convite para participar da construção da rede e, como a gente já tinha mais ou menos estruturado o acervo, a gente começou a participar das reuniões e contribuiu para a construção da rede. (2015, p. 19).

Os CMs fizeram parcerias com outros lugares de memória e unidades das suas universidades. Como citei, o Memorial do CEFD – SM/RS contou com a presença de estagiários do Curso de Arquivologia, que fizeram uma proposta de organização do arquivo e trabalharam com a higienização e o acondicionamento de parte dos conjuntos documentais. Outro exemplo pode ser identificado na entrevista de Carlos Fernando Cunha Júnior:

A universidade tem um arquivo histórico, na época ele era dirigido pelo professor Galba Di Mambro¹⁷³, nós tivemos uma relação muito bacana. Então lá eu cheguei a fazer alguns cursinhos pequenos de restauração de materiais, de catalogação, então isso foi muito importante para esse início de pensar como se organizaria esse centro de memória, nosso centro de memória. (2016, p. 20).

Leila Mattos (2015), funcionária do CEME/RS, menciona sua participação em cursos promovidos pelo Museu da UFRGS. Essas duas falas demonstram que a presença de lugares de memória na universidade pode colaborar para a formação de seus integrantes. E as trocas

¹⁷² Informação disponível no site da UFRGS: <<http://www.ufrgs.br/museu/remam-lanca-catalogo-da-rede>>.

¹⁷³ Galba Ribeiro Di Mambro.

entre esses lugares podem fortalecer a criação de redes e relações dentro das universidades para facilitar a gestão e a integração dos espaços na estrutura administrativa da instituição.

3.2 AS ATIVIDADES DOS CMS E A CULTURA UNIVERSITÁRIA

Identifiquei em minha pesquisa diversas atividades desenvolvidas nos CMS aqui analisados ao longo de suas trajetórias e percebo que elas refletem o pertencimento desses CMS à instituição universitária, o que os diferencia de outros lugares de memórias que atuam em nosso país em prol da preservação de histórias e memórias ligadas à Educação Física, ao esporte e ao lazer. As atividades que destaco se relacionam às funções sociais assumidas pelas universidades, conseqüentemente pelos CMS que as integram, conforme indica Sousa:

Ao longo de sua história, a universidade vem incorporando diferentes funções, em diferentes contextos. Foi assim com o ensino, sua função mais tradicional, consubstanciada na transmissão de conhecimentos, oscilando entre a ‘formação cultural e a formação profissional’, e foi assim também com a pesquisa, introduzida em sua estrutura como uma resposta às demandas do meio, principalmente a partir da Revolução Industrial, no século XIX. (2000, p. 119).

A autora também cita como uma função da universidade a extensão, que aparece pela primeira vez na legislação do Brasil em 1931, com o Decreto-Lei nº 19.851, que afirmava:

Art. 109. A extensão universitária destina-se à difusão de conhecimentos philosophicos, artisticos, litterarios e scientificos, em beneficio do aperfeiçoamento individual e colectivo.

§ 1º De accôrdo com os fins acima referidos, a extensão universitária será realizada por meio de cursos intra e extra-universitarios, de conferências de propaganda e ainda de demonstrações praticas que se façam indicadas. (BRASIL, 1931, s/p).

Inicialmente não era uma preocupação da universidade efetivar a relação com a sociedade em geral, mas efetuar as funções ligadas primeiramente ao ensino e depois à pesquisa. A extensão passou por muitas alterações, ficando cada vez mais voltada para a oferta de serviços para a comunidade. No início caracterizou-se por cursos ofertados e depois integrou serviços como a oferta de práticas esportivas, atendimento de saúde, exposições museográficas, projetos sociais de educação, saúde e lazer.

Ao analisar os CMS, percebi que atividades relacionadas ao ensino, à pesquisa e à extensão integram o cotidiano desses lugares de memória de diferentes modos, sendo um local onde essas funções por vezes se articulam. Com isso, refiro-me às finalidades dessas atividades e não à divisão burocrática com que por vezes são abordadas na universidade e que

implica a divisão de estruturas administrativas como, por exemplo, as pró-reitorias de ensino, pesquisa e extensão, ou ainda a caracterização de algum projeto em uma dessas dimensões, visando a seu direcionamento para obter financiamento. Assim, entendo como funções da universidade o trabalho com o conhecimento desde sua transmissão, produção e vivência, até sua investigação, sistematização e divulgação para a sociedade.

O entrelaçamento dessas funções pode ser percebido nos CMs, como no CEMEF/MG, quando Meily Linhales menciona:

A intenção é que todo mundo se envolvesse [com o acervo], o propósito é esse, nós temos muitas pessoas que estão na pesquisa agora que chegaram aqui pela extensão, outros chegaram com a extensão e têm uma resistência muito grande de se envolver com as pesquisas, mas eles precisam participar das reuniões das sextas-feiras, mas isso é mais exceção do que a regra, em geral eles vêm para a extensão e se envolvem na pesquisa. (2014, p. 19).

A relação entre formação, investigação e o trabalho específico com os acervos também é citada na entrevista de Leila Mattos, integrante do CEME/RS, que explica que a maioria das pessoas se aproxima do centro por meio da pesquisa, mas que sempre existem muitas atividades nas quais o grupo se envolve, como a organização de exposições, os mutirões para a higienização de acervo, as publicações e a organização de eventos.

Alguns CMs, como CEME/RS, CEMEF/MG e CEMEFEL/SE, constituíram-se em suas universidades e foram registrados como projetos de extensão. Em sua entrevista, Janice Mazo rememora as sugestões de outros/as professores/as da ESEF/UFRGS sobre a constituição do CEME/RS:

Estive em algumas reuniões assim. Até que alguém chegou e disse: “cadastra como projeto de extensão, tu começa como projeto de extensão”. E eu dizia: “Mas ele não é só de extensão, ele tem que desenvolver pesquisa, também tem que desenvolver as atividades de ensino para a graduação”. “Mas começa como extensão e depois a gente vai pensando a ideia para que ele se torne um órgão auxiliar, porque daí vai ter todo um destaque, vai ter outra estrutura, que é a estrutura que tu precisa, porque desse jeito tu não vai conseguir fazer nada, não vai ter funcionário, tu não vai ter bolsas, alunos, não tem como, ele não está em lugar nenhum”. Eu disse: “Então tá”. Eu fiz isso. Fazia isso, apresentava nas reuniões, ia em eventos, foi um período de tentar dar visibilidade, divulgar, de convencimento, que eu chamo, de mostrar, e foi interessante, porque funcionou, porque no fim eu comecei a não ter mais que correr tanto. As pessoas diziam: “Teu projeto é muito bacana. Que bom!”. Não tinha apoio, não tinha dinheiro, mas tinha essa visão e isso é importante também. Foi mais ou menos isso que eu me lembro. Ele é um projeto de extensão. (2015, p. 30).

Essa identificação pode ser explicada pela própria definição dos CMs, como lugares destinados à preservação de um patrimônio, que interessa à comunidade acadêmica e não

acadêmica, pois a memória da Educação Física e do esporte integra a memória coletiva da sociedade. A identificação dos CMs com a extensão é reforçada porque, dentre as várias atividades que realizam, figuram aquelas relacionadas ao atendimento ao público e à promoção de exposições, eventos, mostras, oficinas entre outras, as quais apresentam um caráter extensionista. Porém lembro que também existe a identificação com projetos de pesquisa, sendo que alguns, como CEMEF/MG, CEMEFEL/SE e CEMEFEN/PB, cadastraram-se como grupos de pesquisa em suas universidades e na plataforma do CNPq, e outros, como CEME/RS, CEMEEFB/BA e CEMEF/JF/MG, também estão vinculados a grupos de pesquisa.

Considerando as funções da universidade apresentadas acima, destacarei as seguintes atividades dos CMs: manutenção dos acervos, investigação, eventos, utilização de tecnologias da informação e comunicação e exposições. Seria impossível esgotar a descrição e a reflexão sobre as atividades desenvolvidas nos CMs, visto que elas acontecem cotidianamente. Cada pessoa que se envolve no trabalho tem sua versão sobre as tarefas e, além disso, elas são diferentes entre os dez CMs analisados, e um mesmo CM desenvolveu diferentes ações em momentos distintos de sua trajetória. Mas a partir das visitas que realizei, assim como nas fontes garimpadas, essas são aquelas que identifiquei com maior visibilidade e destaque.

Em relação à manutenção dos acervos, percebi a existência de forte articulação entre as três dimensões que sustentam a universidade, pois em sua recolha, higienização, guarda, organização, manutenção e divulgação, estão imbricados processos de formação e investigação, bem como o objetivo de atendimento da sociedade e dos interesses da comunidade universitária. Integrantes do CEMEF/MG descrevem o trabalho realizado:

Ao mesmo tempo em que realizou-se a pesquisa na documentação para a identificação dos fundos e elaboração dos quadros de arranjo, operações ligadas ao tratamento intelectual, também foi realizado o tratamento físico. Após um diagnóstico dos documentos, que se encontravam em condições de armazenamento bastante inadequadas, iniciou-se a limpeza mecânica para a retirada de sujidades e materiais danosos: poeira, clipes e grampos de metal, durex e capas de papel com alto índice de acidez. Os itens documentais foram envolvidos em *folder* e pastas alcalinos e as caixas de papelão foram substituídas por caixas de polionda. Constatou-se a presença de micro-organismos e insetos e o tratamento indicado foi o da limpeza mecânica com trinchas e pincéis. Descartou-se a necessidade de outras intervenções para a desinfestação. Com a finalização do tratamento intelectual e físico, o acervo será armazenado no prédio recém-inaugurado e neste novo espaço, haverá depósitos com sistema de monitoramento e controle ambiental, que garantirá condições adequadas de guarda. (LINHALES et al., 2011, p. 9).

Esse processo, como figura acima, é complexo e demanda tanto trabalhos de cunho manual quanto decisões sobre a organização e a catalogação do acervo. Uma das etapas citadas é a composição do quadro de arranjo, que é o “Esquema estabelecido para o arranjo dos documentos de um arquivo a partir do estudo das estruturas, funções ou atividades da entidade produtora e da análise do acervo” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 141), ou seja, é o quadro que sistematiza a organização dos documentos. Define, por exemplo, em quais grupos esses documentos serão agrupados, em que ordem e por que ficarão assim dispostos. Para sua realização, é necessário buscar conhecimentos que nem sempre figuram no conjunto documental analisado, por exemplo, no caso do Arquivo Institucional da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG foi necessário entender a trajetória administrativa da instituição para compor a divisão em dois fundos: um denominado *Escola de Educação Física de Minas Gerais* (1952 a 1969) e outro *Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais* (1969 a 1980).

O CEMEFEL/SE também comenta sobre o trabalho de manuseio do acervo e sua relação com a dimensão da pesquisa, em sua página na internet:

Sabemos da importância do trabalho com o acervo e também entendemos que o tempo necessário para organização do mesmo é lento, demanda trabalho diário dos bolsistas presentes, demanda espaço para acondicionamento do material documental, o que é um grande problema do departamento, demanda mão de obra especializada em arquivística e museologia, parcerias que começamos a esboçar dentro da UFS a partir do Arquivo Central. Sabemos, dentro do grupo de pesquisa, que a organização do acervo não pode cessar, pois dele dependem nossas fontes de pesquisa, nossas descobertas que possibilitarão narrar as histórias de um dado tempo.¹⁷⁴

Com essa citação, além das necessidades e demandas apontadas, também é possível notar a relação de codependência entre a pesquisa histórica e a preservação de registros presente nos CMs, já que estes poderão servir para que as pessoas selecionem suas fontes de investigações.

Ainda sobre o manuseio de acervos, alguns centros auxiliaram a organização de arquivos que não pertenciam aos seus conjuntos documentais, por exemplo, o trabalho coordenado por Victor Melo, fundador do CMIPM/RJ. Nas suas palavras:

No tempo em que eu estive à frente do Centro de Memória, a gente organizou a documentação que havia e conseguiu a digitalização dos Arquivos. A gente recebeu a documentação da Federação de Remo do Rio de Janeiro, organizamos e depois devolvemos para eles e a gente

¹⁷⁴ Disponível em: <<http://cemefelufs.webnode.com.br/historia-do-cemefel>>.

desencadeou um projeto de preservação de memória de alguns clubes na cidade, especificamente do Clube Ginástico Português, um clube antigo, um clube de 1868, a gente ajudou a organizar o Centro de Memória deles. O nosso Centro de Memória procurava atuar tanto com a memória interna da Escola quanto da memória do esporte da cidade. (2014, p. 5).

Esse trecho da sua entrevista demonstra como um centro pode atuar para além das atividades demandadas pela instituição universitária à qual pertence. O CEME/RS também atuou na organização do Acervo Pessoal de Inezil Penna Marinho, que se encontra sob a guarda de sua companheira Alice Opala e de seu filho mais novo, Inezil Penna Marinho Júnior. Foi feita a higienização, a organização por tipos de documentos (textos monográficos, textos para periódicos, textos para cursos de formação, relatórios, carta e correspondências), catalogação, digitalização, disponibilização dos documentos pela internet e acondicionamento final. Um dos produtos desse trabalho foi a publicação do *Inventário do Acervo Pessoal de Inezil Penna Marinho: Educação Física e Esportes* (SILVA; MACEDO; GOELLNER, 2017), com informações sobre cada documento do acervo.

Ainda ressalto a importância de materiais produzidos pelos CMs no processo de organização dos acervos, como guias, inventários, listas, instrumentos de pesquisa e páginas da internet. Bloch ressalta:

Reunir documentos que estima necessários é uma das tarefas mais difíceis do historiador. De fato, ele não conseguiria realizá-la sem a ajuda de guias diversos: inventários de arquivos ou de bibliotecas, catálogo de museus, repertórios bibliográficos de toda sorte. Vê-se pedantes à cavaleiro espantarem-se com o tempo sacrificado por alguns eruditos a compor semelhantes obras, por todos os trabalhadores a se informar sobre sua existência e manejo. (2001, p. 82).

Entre esses materiais temos: Catálogo Histórico do Corpo em Belo Horizonte¹⁷⁵, Guia de Fontes do CEMEF/MG¹⁷⁶, Guia do Centro de Memória do Esporte da ESEF – UFRGS¹⁷⁷, Guia de Fontes – Coleção Objetos Tridimensionais¹⁷⁸, Guias de Fontes – Arquivos Pessoais¹⁷⁹, Inventários dos Fundos do Arquivo Institucional da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG¹⁸⁰, Inventário do Acervo Pessoal de Inezil

¹⁷⁵ Sistema de catalogação disponível pelo site <<http://www.eeffto.ufmg.br/cemef/catalogo>>, fruto do projeto intitulado *Levantamento e catalogação de fontes para o estudo da educação do corpo em Belo Horizonte (1891-1930)*, realizado em 2006.

¹⁷⁶ Organizado por Meily Linhales e Maria Cristina Rosa, publicado em 2007.

¹⁷⁷ Organizado por Silvana Vilodre Goellner, Christiane Garcia Macedo e Carina Kaiser Miranda da Silva, publicado em 2015.

¹⁷⁸ Que tive acesso em visita ao CEMEF/MG em 2014.

¹⁷⁹ Que tive acesso em visita ao CEMEF/MG em 2014.

¹⁸⁰ Que tive acesso em visita ao CEMEF/MG em 2016.

Penna Marinho: Educação Física e Esportes¹⁸¹ e Inventário das Coleções do CEME¹⁸². Em texto publicado por integrantes do CEMEF/MG figura a intenção dessas produções:

Em 2007, outro instrumento de pesquisa foi elaborado pelo Centro, trata-se do *Guia de Fontes*. O documento apresenta de forma geral os fundos e coleções custodiados pelo CEMEF/UFGM descrevendo o acervo bibliográfico e arquivístico. Elaborado com o intuito de permitir o acesso aos documentos acumulados, o Guia objetiva disponibilizar aos pesquisadores um primeiro contato com as fontes disponíveis no Centro. O Guia de Fontes pode ser encontrado em sua sala de consultas ou acessado no site institucional. (LINHALES et al, 2011, p. 6).

Andreotti (2005) analisa que instrumentos de pesquisa de arquivos e demais acervos não são “mera reunião de informações, mas trazem consigo uma forma de conhecimento. A produção desses instrumentos de pesquisa, tais como, guias, catálogos e inventários facilitam, divulgam um acervo e diminuem a dispersão de informações” (p. 6).

Outro documento produzido nos últimos anos pelo CEMEF/MG¹⁸³ e pelo CEME/RS¹⁸⁴ foi o documento de Política de Acervos. No documento do CEME/RS está definido:

A finalidade deste documento é descrever a política de acervos de caráter histórico do Centro de Memória do Esporte (CEME) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), abrangendo os processos de aquisição e descarte, manejo, organização, preservação/conservação e divulgação desse acervo. Tem como motivação orientar decisões para cada Coleção, dar transparência e respaldo aos processos decisórios, otimizar o trabalho tornando-o mais consciente e direcionado, viabilizar o descarte de acervos não pertinentes à política do CEME, orientar as ações de conservação. (2016, p. 6).

Esse documento, embora com focos e formatos diferentes, é comum a arquivos, museus, centros de documentação e memória. A descrição do documento do CEME/RS está de acordo com a definição proposta por Padilha (2014, p. 26), quando se refere aos museus:

A Política de Gestão de Acervo é um documento extremamente fundamental, que assegura o que a administração de cada museu elege e formata. Trata-se de uma política registrada, que estabelece os parâmetros de aquisição, preservação, uso e descarte do acervo. Esse documento objetiva identificar e selecionar o tipo de acervo que vai ser adquirido e descartado

¹⁸¹ Organizado por André Luiz dos Santos Silva, Christiane Garcia Macedo e Silvana Vilodre Goellner, publicado em 2017.

¹⁸² Em fase de reconstrução desde a finalização do documento de Políticas de Acervo do CEME.

¹⁸³ Disponível no site do CEMEF, finalizado em 2014: <<http://www.eeffto.ufmg.br/cemef>>.

¹⁸⁴ Este documento foi produzido por integrantes do CEME/RS: Silvana Vilodre Goellner (coordenadora), Christiane Garcia Macedo, Carina Kaiser Miranda da Silva e Leila Carneiro Mattos; e uma professora da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, Ana Carolina Gelmini de Faria. O processo iniciou em 2013 e foi finalizado em 2016.

pelo museu, tendo em vista a missão e os objetivos da instituição, a necessidade de investigação do acervo e os caminhos que devem ser tomados para a sua preservação.

Durante as visitas e na minha pesquisa na internet, identifiquei a existência de outros documentos voltados para a organização dos materiais que os CMs preservam, como listagens de acervos pelo CEMEDEF/PR, pelo CEMEF/MT e pelo CEMEFEL/SE, que podem ser consultadas no local. Outro modo de registro de coleções e acervos acessado foram as homepages do CMIPM/RJ, do CEME/RS, do CEMEFEL/SE, do CEMEF/MT e do Memorial do CEFD – SM/RS, que disponibilizam parte dos seus acervos na internet.

Continuando a descrição das atividades, que acredito estarem vinculadas ao ambiente universitário, observei que os CMs investem na realização de eventos, em sua maioria, acadêmicos. Destaco alguns deles direcionados à preservação de histórias e memórias, ou seja, com foco e diretamente ligados aos CMs, e que tiveram mais de uma edição: os Seminários do CEMEF/MG e os Seminários de História da Educação Física e do Esporte do CEMEFEL/SE.

O Seminário do CEMEF/MG é realizado desde 2003 e atualmente é bianual. A temática central do evento tem priorizado tanto os focos de pesquisa do próprio centro quanto metodologias de pesquisa, produção de registros e trabalho no acervo¹⁸⁵. Ao participar desse seminário por duas vezes (2014 e 2016), percebi uma integração com estudantes e docentes de outras universidades, localizadas tanto no estado de Minas Gerais como em outros lugares do país, a qual acontece pela assistência às palestras, pela apresentação de trabalhos e pelos diálogos que acontecem nos momentos informais do evento.

Evidencio a temática do III Seminário – *Educação Física, Esporte e Lazer – construindo acervos, narrando histórias* –, realizado no ano de 2006, pois nessa edição, pela sua programação¹⁸⁶, é possível verificar uma preocupação com os lugares de memória que estavam sendo criados. Nesse evento, ocorreu uma atividade chamada *Relato de experiência*, onde estiveram em foco as ações dos CMs do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e do Paraná,

¹⁸⁵ As temáticas do Seminário do CEMEF/MG foram: Educação Física, história e memória (2003); Educação Física, esporte, lazer e cultura urbana – uma abordagem histórica (2005); Educação Física, Esporte e Lazer – construindo acervos, narrando histórias (2006); Pesquisa histórica – construindo caminhos metodológicos (2007); Pesquisa histórica – fontes e narrativas (2008); História, circularidade cultural e educação do corpo (2010); Homo Gymnasticus – ciência, educação, arte (2012); Homo Sportivus na história: ciência, arte, política e educação (2014); e Educação Física, História e Memória – 15 anos de trajetória (2016). As temáticas dos encontros estão disponíveis em <<http://www.eeffto.ufmg.br/cemef>> e nos materiais de divulgação produzidos para esses eventos.

¹⁸⁶ Programação consultada no acervo do CEME, na coleção do CBCE, pois esse seminário teve seu apoio. CEMEF. **I Seminário do GTT Memórias da Educação Física e Esporte do CBCE e III Seminário do CEMEF**. Acervo CEME. Coleção CBCE. Belo Horizonte: 25 ago. 2006.

com a participação de Victor Melo do CMIPM/RJ, Vera Moro do CEMEDEF/PR e Tarcísio Vago do CEMEF/MG. Também aconteceu uma mesa chamada *Constituindo acervos, produzindo experiências*, com a participação de Silvana Goellner do CEME/RS.

Outro evento com foco na pesquisa histórica, promovido por algumas edições, foi o Seminário do CEMEFEL/SE, conforme relatado por Priscila Figueiredo (2014, p. 6):

O professor Hamilcar fez um seminário, antes da minha chegada. Se não me engano, foi no mesmo ano de 2009, mas anteriormente à minha chegada. Posteriormente à minha chegada, nós dois, juntos, realizamos dois ou três seminários. Esses seminários eram organizados pelo grupo de pesquisa também, assim, a gente tinha uma visibilidade maior da temática com os próprios acadêmicos etc. Nós tentávamos fazer o *link* com o GTT de Memória¹⁸⁷ e com o CBCE, porque a gente estava na Secretaria¹⁸⁸, na época.

Em sua entrevista, Hamilcar Dantas Júnior, coordenador do CEMEFEL/SE no período de realização destes seminários, juntamente com Priscila Figueiredo, afirma que foram quatro edições, sendo a primeira em 2008. Segundo o pôster¹⁸⁹ da quarta edição, seus objetivos eram:

Aprofundar os debates acerca das possibilidades de pesquisa histórica em Educação Física e Esportes, analisando seus avanços, limites e perspectivas; despertar os acadêmicos para a investigação científica no âmbito dos estudos historiográficos, tendo a Educação Física e Esportes como objeto, principalmente em âmbito regional, estimulando, por extensão, vias de história comparada; e tornar públicas as investigações realizadas no estado sobre Educação Física, Esporte e Lazer à luz da História.

Essas atividades servem então como incentivo à pesquisa, à formação, à reflexão e à divulgação sobre as ações dos CMs, testemunhando a relação com o ambiente universitário. Cito exemplos de outros eventos promovidos pelos CMs, mostrando a diversidade entre eles: oficina *Pesquisa Histórica em Educação Física e Esporte: compreensões metodológicas* (CMIPM/RJ, 2002), ciclo de palestras *Rio de Janeiro: memórias do esporte* (CMIPM/RJ, 2002), ciclo de Cinema e Esporte (CMIPM/RJ, 2003 a 2006, com quatro edições), Seminário de Extensão *Cinema, Corpo e Copa do Mundo* (CEMEFEL/SE, 2010), Fórum Estadual de Futebol Feminino (CEME/RS¹⁹⁰, 2014), mesa *Racismo Não: Conversa com Márcio Chagas e Edilson Nabarro* (CEME/RS, 2015), palestra *Mulheres à Cesta: o basquete feminino no Brasil* (CEME/RS, 2015), *Dia do Futebol Feminino* (CEME/RS, 2014 a 2016, com três edições).

¹⁸⁷ Grupo de Trabalho Temático Memória da Educação Física e Esporte.

¹⁸⁸ Secretaria Estadual do CBCE no Sergipe.

¹⁸⁹ CEMEFEL. IV Seminário de História da Educação Física e do Esporte do CEMEFEL. Acervo CEME. Coleção CBCE. São Cristóvão: 04 de novembro de 2011.

¹⁹⁰ Em parceria com Secretaria do Esporte e do Lazer, Fundação de Esporte e Lazer do Rio Grande do Sul, Secretaria de Políticas para Mulheres e Associação Gaúcha de Futebol Feminino.

Analisando os eventos, também notei a forte presença da pesquisa acadêmica e da formação de jovens pesquisadores/as nos CMs. Entendi, a partir da minha vivência e das narrativas de algumas das entrevistas, que a vinculação com a pesquisa acadêmica se dá mais diretamente pela orientação dos/as docentes participantes em Programas de Pós-Graduação e pela submissão de projetos de pesquisa para órgãos de financiamento como CNPq, CAPES e Fundações de Amparo Estaduais. No CEME/RS, no CEMEF/MG, no CMIPM/RJ, no CEMEFEN/PB, no CEMEFEL/SE, no CEMEF/JF/MG e no CEMEFE/MT, a pesquisa aparece como uma das atividades fundamentais desde o início de sua atuação. Por exemplo, no CEMEF/MG, no documento enviado por Tarcísio Vago para a Direção da EEEFTO¹⁹¹, mesmo sendo uma proposta inicial, já apontava como um dos objetivos específicos: “Favorecer a pesquisa e a divulgação da produção sobre a história da educação física no Brasil, especialmente em Minas Gerais” (p. 3). Sobre os núcleos de pesquisa nos primeiros anos do CEME/RS, Janice Mazo aponta em um artigo:

O Memorial ESEF e o Núcleo de Pesquisa e Documentação em Esportes Olímpicos foram os primeiros a serem instalados no início do primeiro semestre letivo de 1997. No final desse ano foi implantado o segundo núcleo de pesquisa em Lazer e Recreação. No ano seguinte foi ativado o Núcleo de Pesquisa e Documentação em Dança, com um projeto em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre. No início do ano de 1999, teve início a catalogação e identificação de mais de 1.000 fotografias e quadros que compõem o mais rico acervo de dança do nosso estado. Estes dois últimos núcleos, embora previstos no projeto original devido ao riquíssimo acervo obtido com as doações, não estavam ativados. O Núcleo de Pesquisa e Documentação em Educação Física permaneceu desativado, pois não foram apresentados projetos de pesquisa, apesar dos convites feitos aos professores da escola pela coordenação do centro. (2001, p. 161).

No CEMEFE/MT, no CEMEF/JF/MG e no CEMEFEL/SE, a pesquisa esteve relacionada aos trabalhos de conclusão de graduação e pós-graduação e à iniciação científica, como aponta Hamilcar Dantas Júnior, ao narrar as atividades do CM que coordena, isto é, o CEMEFEL/SE:

Então a pesquisa histórica é geralmente restrita a mestrandos, doutorandos e alunos de graduação. Assim como o Centro de Memória, a pesquisa histórica acabou sendo itinerante, porque depende do professor que orienta... O José Américo orientou alguns, eu orientei algumas, o professor José Tarcísio Grunnenvaldt, hoje está na Universidade Federal do Mato Grosso, também orientou pesquisas e elas vêm sendo desenvolvidas. Eu, no 3º Simpósio de História da Educação Física e do Esporte da Universidade Federal de

¹⁹¹ VAGO, Tarcísio Mauro. **Algumas ideias iniciais para a organização de um “Centro de Memória da Escola de Educação Física da UFMG”**. 26 abr. 2001. Documento pertencente ao Arquivo Pessoal do Professor Tarcísio Mauro Vago, consultado em 19 nov. 2014.

Sergipe, que aconteceu em 2011, fiz um levantamento de estudo, mas tínhamos mais de 50 trabalhos que passeavam pela Educação Física e pelo esporte pelo viés da História. Isso aí desde artigos a monografias, dissertações e teses. Então ele vem sendo realizado, mas muito mais por esforço de grupos de pesquisa, do que propriamente por um espaço condizente para essa realização. (2016, p. 8-9).

Assim, as pesquisas realizadas nos CMs mantêm relação com os acervos e/ou com os/as docentes ligados/as a esses centros que orientam trabalhos de graduação e pós-graduação. A vinculação à orientação é algo que os diferencia de processos investigativos que ocorrem em outros lugares de memória não universitários.

Outra atividade dos CMs que apresento aqui é o uso de tecnologias da informação e comunicação (TICs), que têm ganhado relevância. Como já afirmei, sete dos CMs investigados possuem *homepages* próprias e/ou páginas de Facebook: CEME/RS, CEMEF/MG, CMIPM/RJ, CEMEFEL/SE, CEMEDEF/PR, CEMEFE/MT e Memorial CEFD – SM/RS. Através dessas ferramentas, os centros disponibilizam documentos dos seus acervos e também divulgam suas atividades, ações e publicações.

O site é o produto mais comum do centro de memória, e o que lhe dá maior visibilidade. Com o passar do tempo, deixou de ser uma janela do site principal da organização para ganhar vida própria. Alguns permitem acesso a depoimentos de história oral, reportagens, notícias e documentários, valendo-se de múltiplas linguagens; outros chegam a disponibilizar o uso de bancos de dados para o público externo. (CAMARGO; GOULART, 2015, p. 74).

Ao utilizar essas ferramentas, os CMs diversificam o acesso de seus acervos, serviços e produções para um público mais amplo, não apenas acadêmico. Evando Moreira, em sua entrevista destaca (2016, p. 8):

O projeto sempre tem girado em torno da ideia da consolidação e de tornar o acervo de fato público, de criar condições para que as pessoas, de qualquer órgão, de qualquer local, elas possam vir aqui e acessar o acervo. E aí um outro projeto que a gente tem, quer dizer um outro projeto não, uma outra ação que a gente pretende desenvolver que está dentro desse projeto de pesquisa, é a de criação da página do centro e, a possibilidade de disponibilizar parte do acervo para o público consultar de onde eles quiseram.

Sobre o uso de TICs, chamo a atenção para o Lume – Repositório Digital da UFRGS, onde o CEME/RS possui uma comunidade, criada em 2011, atendendo ao Movimento de Acesso Livre à Informação. Segundo Goellner, Macedo e Silva (2013, p. 2), “Essa iniciativa resulta de um trabalho realizado entre as equipes do CEME e do Centro de Processamento de

Dados (CPD), objetivando ampliar as condições de acessibilidade ao seu acervo, suas atividades sistemáticas e assistemáticas”. Costa e outros/as acrescentam (2013, p. 6):

Os repositórios, principalmente os institucionais, que surgem a partir do ano 2000, foram criados com o objetivo principal de preservar a memória de grupos de pessoas que representavam o patrimônio informacional de uma instituição. Graças ao desenvolvimento das ferramentas disponíveis para a criação de repositórios é possível reunir documentos textuais, como artigos de periódicos, livros, literatura cinzenta, documentos multimídia, iconográficos e também artefatos tridimensionais, entre outros.

Assim como as páginas, os repositórios cumprem então a função de ampliar o acesso à informação e à produção de conhecimentos nas universidades, possibilitando também uma interação com a sociedade e envolvendo processos de formação e investigação.

Por fim, apresento aqui uma ação que parece integrar as funções da universidade e as demais ações dos CMs: as exposições. Tanto quanto a organização de eventos acadêmicos, a organização de uma exposição pressupõe atividades de ensino, pesquisa e extensão, visto que envolve etapas como a organização dos acervos e a divulgação de investigações, formas de extroversão dos acervos, como denominam Moreno e outros/as (2016). Sobre a experiência do Centro de Documentação da Faculdade de Educação da UFMG, os/as autores/as acrescentam:

As exposições cumprem também um papel importante de sensibilização da comunidade docente e discente. De certa maneira, espera-se que professores e alunos percebam que seus fazeres e afazeres no ensino, na pesquisa, na extensão e na administração, produzem uma cultura material, fértil para contar o processo de formação de professores no qual estão envolvidos. Nessa perspectiva, esses documentos constituirão as fontes de pesquisadores da História da Educação que, futuramente, poderão continuar contando versões desse processo. (ibidem, p. 24).

Ao exibir os documentos e objetos presentes em seus acervos, os lugares de memória transmitem informações e conhecimentos, auxiliando na formação das pessoas que a visitam, não em uma relação unilateral, mas como uma forma de comunicação.

Numa exposição museológica interagem os indivíduos e a sociedade para construir uma interpretação da realidade: quem olha decodifica as imagens através das representações mentais e sociais que traz consigo e que partilha em comum com grandes parcelas da comunidade ou grupo social. (RECHENA, 2011, p. 230).

A composição das memórias exibidas nas exposições resulta de um processo que envolve discussões e definições sobre a temática a ser abordada, a escolha do acervo a ser exposto, a investigação sobre o que será utilizado e para compor os textos a serem

apresentados nas exposições, o estudo da forma de apresentar esteticamente os elementos, a divulgação da atividade, a formação de mediadores e a realização de atividades ligadas à exposição e sua assistência. Koptcke (2005, p. 74) explica:

Expor é encenar, colocar o objeto em situação de diálogo com o mundo. Mas o objeto não fala sozinho, ou melhor, não é capaz de tudo revelar apenas com sua presença. Surge a museologia enquanto campo de construção de conhecimento sobre o sentido, a história, a forma de operar simbolicamente sobre objetos, textos, espaços, tempo e a museografia enquanto tecnologia de comunicação com diferentes grupos através de exposições.

O CEMEFE/MT realizou até o momento três mostras com os documentos presentes em seus acervos. A primeira, em 2014, com o tema *(Re)conhecendo a FEF*, destacou fotografias e documentos da própria Faculdade de Educação Física da UFMT, à qual está vinculada o centro¹⁹². A terceira teve como título *Eventos científicos realizados sob a coordenação da FEF/UFMT*. Abaixo, segue um banner digital que circulou na página de Facebook desse centro.

Figura 3 – Banner digital de divulgação da exposição *Eventos científicos realizados sob a coordenação da FEF/UFMT* (04/06/2014)



Fonte: Acervo do CEMEFE/MT, Facebook.

¹⁹² Não localizei materiais sobre a II Mostra do CEMEFE/MT.

Essas mostras temáticas tiveram o intuito de difundir o conhecimento sobre a história da FEF. Também se pode notar uma tentativa de se ampliar o olhar, especialmente dos estudantes de Educação Física, para essa área do conhecimento ou para a história da própria instituição, como menciona Marco Acosta em sua entrevista sobre as exposições realizadas pelo Memorial do CEFD – SM:

Fizemos uma [exposição]... Tinha até um bloguezinho, que foi desativado, a gente fez exposições de fotos antigas da construção do prédio, foi um dos últimos prédios... Quando o curso começou ele não tinha espaço físico, ficou pedindo favor por alguns semestres, algumas coisas assim, e para chamar atenção pra memória. Hoje a maioria dos alunos não sabe dessa história do CEFD no cenário brasileiro. Então a gente fez algumas coisas muito incipientes, no *hall*, tu que conhece nosso prédio, no *hall* a gente fez exposições de fotos, naquele modelo bem assim de cordel sabe, fotos penduradas, foi uma das coisas interessantes, fizemos duas vezes, mas nada com *know how* assim, muito na tentativa e erro. (2016, p. 8).

Silvana Goellner, em um relatório, ao falar sobre essas atividades no CEME/RS, aponta: “A realização de exposições constitui-se um importante meio de divulgação do CEME, como também uma oportunidade de apresentar à comunidade em geral nosso acervo”¹⁹³. Pude participar como cocuradora¹⁹⁴ da exposição *Paisagens da Memória: corpos e cidade em movimento*, do CEME/RS, em parceria com o Museu da UFRGS e o Ministério do Esporte, inaugurada em maio de 2017, após mais de um ano de discussões e buscas de condições para viabilizá-la. Em seus processos de decisão, muitas vezes tivemos que escolher o que achávamos mais importante, ou mais bonito, ou mais chamativo, para atingir os objetivos da exposição, que na sua sinopse apresenta:

A exposição “Paisagens da memória: cidade e corpos em movimento” apresenta o esporte como um fenômeno cultural de grande abrangência e ampla visibilidade, vivenciado de modo plural e variado em suas múltiplas modalidades. Ao atrair públicos e adeptos, o esporte transforma corpos, economias, culturas, espaços urbanos e suas paisagens. Observar essa diversidade é um dos objetivos da exposição, que procura, ainda, suscitar a reflexão em torno do esporte como prática de lazer, de competição, de educação e de apropriação do espaço público.¹⁹⁵

Então, esse processo preparatório envolveu muito estudo, ajuste de conceitos e também uma preocupação de integrar discussões que ampliassem a visão sobre o esporte,

¹⁹³ GOELLNER, Silvana Vilodre. **Relatório do Centro de Memória do Esporte**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Acervo do CEME. Agosto de 2000.

¹⁹⁴ A curadoria foi de Silvana Goellner, Christiane Macedo e equipe do Museu da UFRGS. A produção foi feita pela empresa Hestúdio.

¹⁹⁵ Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/museu/eventos/exposicao-paisagens-da-memoria-cidade-e-corpos-em-movimento>>.

como figura na sua descrição acima. Desde sua concepção, a exposição envolveu formação de pessoas para atuar em seus processos de composição e investigação, visto que a equipe precisou pesquisar informações sobre as peças do acervo do CEME/RS que iriam compor a exposição, ler textos sobre história do esporte, do lazer e da recreação pública, entender e identificar os espaços da cidade de Porto Alegre que foram significativos para as práticas esportivas, estudar as condições que o salão de exposições do museu oferecia para tal atividade. Também formamos pessoas para atuar no trabalho de acompanhamento do público na exposição, tendo nos preocupado fundamentalmente com a forma de levar as reflexões sobre o esporte plural para a sociedade.

Com esse exemplo de preparação da exposição do CEME/RS, e com outras que identifiquei nos CMs, afirmo que elas são atividades que claramente abrangem um público mais diversificado, para além do acadêmico-universitário. Pode-se identificar tal fato na fotografia abaixo, em outra exposição do CEME/RS, que mostra a visita de crianças de um projeto de iniciação esportiva da ESEF, chamado *Quero-Quero*. Um processo que inicia em um acervo universitário, com pessoas que se envolvem com a discussão acadêmica, ao ser formatado em uma atividade como esta, chama também a atenção das crianças, de jovens e de adultos.

Figura 4 – Visita das crianças do Projeto Quero-Quero à exposição *Megaeventos Esportivos: a memória como legado social* (4 jun. 2014)



Fonte: Acervo do CEME/RS.

As exposições também são utilizadas como ferramenta para a formação, tanto dos/as discentes de cursos de graduação em Educação Física como do público. Em sua entrevista, Tarcísio Vago cita o Circuito das Vocações, que foi um projeto realizado em conjunto com a Rede de Museus e Espaços do Conhecimento da UFMG, com a participação dos seguintes espaços: CEMEF/MG, Centro de Memória da Odontologia, Centro de Memória da Farmácia e Museu de Ciências Morfológicas. Segundo consta na página do projeto:

O Circuito das Vocações profissionais, proposto pela Rede de Museus, tem por objetivo instigar a curiosidade de alunos do Ensino Médio sobre as profissões ligadas à área das Ciências Biológicas e Saúde e um pouco de sua história e dos desafios atuais. A educação, uma das principais funções destes espaços, acontecerá por meio da extroversão de seus acervos com a finalidade de ampliar o acesso ao Patrimônio Cultural Científico Universitário. São lugares abertos à reflexão, à diversidade e ao diálogo. As atividades propostas promovem informação contextualizada sobre a profissão e sua evolução junto às demandas sociais.

No Seminário do CEMEF em 2016, também pude assistir ao relato de Liliane Tibúrcio de Oliveira, que esteve diretamente envolvida com esse circuito e mencionou a participação de muitos/as jovens. Ou seja, era um projeto totalmente voltado para um público externo à universidade e que exigiu também muita preparação da equipe do CEMEF/MG.

Ainda sobre a participação de outros públicos em exposições, Vera Moro aponta em sua entrevista, ao comentar sobre uma exposição do CEMEDEF/PR em 2006:

A gente fez uma mostra das documentações e das fotos desse álbum. Então, nós fizemos uma pequena mostra, na verdade, a gente organizou essa mostra em uma sala do departamento. Temos um livro de assinaturas das pessoas que participaram desta mostra, nós tivemos, se não me engano, foram 206 pessoas que assinaram o livro de assinaturas, entre professores do departamento, alunos, funcionários da secretária de esportes que vieram visitar e do Arquivo Público. (2016, p. 12).

As exposições realizadas pelos CMs são diversificadas em relação à temática, ao volume de documentos dispostos, ao tempo que permanece aberta à visitação, aos locais que utilizam, ao público que objetivam atender e ao formato da própria exposição. Muitas são feitas com poucos recursos financeiros, em corredores ou salas improvisadas, como o relato da exposição feita pelo Memorial do CEFD – SM/RS, citada acima.

Sobre a relação com o público, Sousa (2000, p. 128) indica que “É este o papel histórico da extensão: aproximar a universidade da sociedade; ser o instrumento de resgate dessas possibilidades. A universidade, como já firmamos, é ao mesmo tempo determinada

pelas condições sociais e determinante delas”. As exposições podem ser uma forma de se realizar essa aproximação. Porém a autora, baseada em escrito de Paulo Freire, problematiza:

A Extensão Universitária, como instrumento de alienação, tem servido para manter o *status quo* e a hegemonia de uma classe. Apresenta-se, nesse caso, não como uma ‘prática social’, mas como um fetichismo dentro da universidade. Toma-se a extensão como um ‘fato independente da dinâmica do real’ e a naturaliza. Contraditoriamente, a extensão pode também assumir o papel de instrumento de emancipação, de desenvolvimento das capacidades humanas. Isso acontece quando sua prática é transformadora, na medida em que provoca rupturas e pode ser identificada como uma práxis revolucionária, como uma ‘prática da liberdade’. (ibidem, 2000, p. 126).

Dessa forma, a composição de uma exposição, que coloco em foco, pode reproduzir afirmações e ideias para, por exemplo, destacar apenas um grupo que é hegemônico, ou pode propor uma ampliação do olhar, uma reflexão sobre a atualidade, um questionamento das práticas. As exposições do CEMEF/MT, do CEME/RS, do CEMEF/MG, do CEMEDEF/PR e do Memorial do CEFD – SM/RS, aqui analisadas, de algum modo se propuseram a discutir as memórias da Educação Física e do esporte, quando tentam mostrar a trajetória das Faculdades ou Centros de Educação Física aos quais estão vinculadas, ou quando produzem uma exposição sobre a vida de um professor ligada ao esporte, sua formação e atuação, como a exposição *À Beira da Quadra*, que ocorreu em 2014 no CEMEF/MG e lembrou a trajetória do professor Adolfo Guilherme. Apresento a seguir uma fotografia capturada durante minha visita ao CEMEF/MG em 2014, que mostra uma parte da exposição, com recursos gráficos no piso para representar uma quadra de vôlei e diferentes materiais sobre Adolfo Guilherme, fotografias, capa de livro, reportagens. O professor que foi destaque nessa exposição era mineiro e foi também treinador, comandando a seleção feminina de voleibol na década de 1960.

Figura 5 – Exposição À *Beira da Quadra* (agosto/2014)



Fonte: a autora.

Ao analisar as atividades de extensão, Ribeiro afirma:

A extensão universitária, entretanto, pelo grande salto quantitativo e qualitativo dos últimos anos, tem sido vista pela sociedade como uma das mais importantes funções das universidades. Abrindo novas fronteiras, o extensionismo passou a representar a face integradora entre o ensino, a pesquisa e a comunidade, com grande ampliação de horizontes, tanto para as universidades quanto para a sociedade. (2015, p. 84).

A ligação dos CMs com a extensão universitária, em seu princípio, pode ter incentivado essa integração entre diversas formas de investigação e formação acadêmica e de público no interior dos CMs. Considerando as atividades aqui descritas, concebo que a existência dos CMs tem enriquecido as universidades e, mais diretamente, os departamentos aos quais se vinculam, visto que eles têm integrado em diferentes graus as diversas funções sociais pertinentes à instituição universitária.

3.3 ESTRUTURA FÍSICA, FINANCIAMENTOS E INSTITUCIONALIZAÇÃO

A estrutura necessária para o funcionamento dos CMs está diretamente ligada às universidades a que eles estão vinculados, seja aquela relacionada ao espaço físico, seja por recursos financeiros, humanos, de equipamentos e de materiais. Por isso, concordo com Ribeiro (2013, p. 89), quando aponta:

No âmbito da gestão pública é importante perceber que, quando tratamos dos museus e acervos das instituições de ensino superior públicas, estamos tratando de instituições cuja gestão está vinculada ao funcionamento, regras e impedimentos da administração da coisa pública, com as vicissitudes do bom ou mau funcionamento do Estado brasileiro. (RIBEIRO, 2013, p. 89).

Na pesquisa empreendida, tentei identificar as condições estruturais necessárias para a criação e a continuidade dos CMs, bem como levantar alguns problemas enfrentados por eles. Entendo essas condições como aquelas relacionadas ao espaço físico ocupado por esse lugar de memória, a situação desses espaços, os equipamentos e mobiliários e os recursos financeiros para a compra de materiais de capital e consumo, a realização de serviços e o pagamento da equipe. Devido à quantidade de centros analisados, o recorte temporal e os registros que pude acessar, não foi possível levantar todos os dados relacionados à estrutura de cada centro. Advirto, por exemplo, que não foi viável identificar todos os projetos que receberam financiamentos de órgão de fomento, pois muitos não figuram nas entrevistas, nos acervos consultados nas visitas ou nas páginas de internet dos CMs. Então, ao discorrer sobre esse tema, opto por fazer uma apresentação mais geral sobre a estrutura dos CMs, devido à sua importância. Tentei destacar o que pude verificar durante a pesquisa, de modo que auxilie a pensar sobre as necessidades de um CM e como eles têm buscado essas condições.

Os relatos que versam sobre essas condições dos CMs mencionam, na maioria das entrevistas realizadas, a dificuldade de conseguir um local que pudesse abrigar os materiais que estavam sendo coletados para compor seus acervos e também para que sua equipe pudesse trabalhar. Como rememora Ricardo Lucena (2014, p. 8) sobre o CEMEFEN/PB, ao falar sobre o apoio que a universidade deu a esse CM:

A única coisa foi o espaço na verdade, conseguirmos um espaço e uma sala que, falando a verdade, foi meio que uma invasão. Era um prédio novo, e eu lembro que eu conversando com o diretor do Centro de Educação ele disse: “olha, Ricardo, tem as salas lá em cima no primeiro andar que estão terminando de construir, vai lá e bota uma placa e diz que a sala é tua e eu faço de conta que a sala é tua”. E eu fui, fiz uma plaquinha, botei lá e meio que invadi a sala e aí quando foi entregue o prédio eu já estava lá. Eu fui, botei uma mesa e quando chegou o material botei computador essas coisas, e fui ficando. Na primeira reunião que teve no centro, a gente oficializou, digamos assim, que ali seria um espaço do Centro de Memória, mas com a troca de diretor teve discussões, ele disse: “A gente já não tem espaço para todo mundo ter um espaço, vocês vão ter que dividir com outro pessoal lá das Ciências da Religião” e foi o jeito para não perder de todo, dividi também.

Relembro que o processo de ocupar a sala e colocar uma placa para demarcá-la como sendo o Centro de Memória foi destacado pela então estudante Talita Ferreira no CEMEF/MT, conforme trecho de sua entrevista, já referido no capítulo 1 desta tese:

Foi meio “usucapião”, fui colocando todo o material lá, os alunos que iam estudar falavam: “Não dá mais para estudar, porque o cheiro de papel”. Eu falei: “Olha, é melhor estudar em outro lugar” [risos]. Aquilo ali foi ficando, eu sugeri: “Professor, a gente não pode realmente fazer um bilhete, um informativo, falando que agora realmente isso daqui é o local do Centro de Memória para os professores e alunos saberem”. Aí ele concordou, a gente adesivou na porta e tudo. (FERREIRA, 2014, p. 7).

Uma situação similar também foi relatada por Sérgio Ribeiro, quando descreve os percursos iniciais do CEMEFEL/SE:

Por isso foi bom registrar, foi bom passar pelo Departamento, foi bom já ter a existência física registrada, porque quando vagou essa sala, o grupo estava pronto para assumir. Apesar de ser pequena, não era o que a gente quer obviamente, não era o que o pessoal queria e nem está perto de um *centro de memória*, mas já foi um espaço físico garantido, tem plaqueta e tudo mais, acho que é isso. (2016a, p. 8-9).

Neste caso, já tinha uma aprovação prévia do Departamento de Educação Física, mas foi um dos primeiros passos para a efetivação do CM. Demarcar o espaço era a afirmação de que o CM existia concretamente. Como apresentei na seção 1.1, a falta desse espaço, nos casos do CEMEF/JF/MG e do CEMEEFB/BA, é um dos fatores que levaram seus coordenadores, Carlos Fernando Cunha Júnior e César Leiro, respectivamente, a evidenciar que esses centros ainda não se consolidaram.

Ainda sobre a luta pela conquista de espaço físico para situar os centros, destaco a fala de Janice Mazo sobre o CEME/RS em seu primeiro ano de existência:

Não, tinha nenhum lugar. Era a gestão do professor Guimarães, ele arrumou aquelas salas, que na realidade era um sótão, não era nem a sala que ela é hoje, era um lugar bem ruim, muito abafado, e as coisas dentro de caixas, porque não tinha prateleiras, não tinha mesa, não tinha nada. E eu me lembro de que ele dizia: “tu também fica trazendo muita coisa pra cá”, porque na realidade era meio uma estratégia, porque eu não queria perder a oportunidade de receber doações, porque se eu negasse as doações sabe lá onde alguns materiais iriam parar, e a outra porque o que configura a existência de algum lugar são objetos, então a gente começou a colocar... Ficava tudo empilhado lá. (2015, p. 19).

Nesse trecho, a necessidade do espaço é destacada, pois se não há espaço não se pode recolher materiais, mas também se não há materiais para guardar não se justifica a reivindicação de um local. A partir dos trechos citados, percebo que a ocupação por meio de

coleta de materiais ou da realização de trabalhos da equipe foi fundamental na conquista de um local próprio para o funcionamento destes lugares de memória, e foi o que demarcou a existência da maioria dos CMs aqui analisados.

Observei ainda que, na tentativa de consolidar seu trabalho, alguns CMs buscaram estabelecer parcerias com o intuito de ampliar ou obter um local específico para além das dependências da universidade. O CEMEFEL/SE, segundo Sérgio Ribeiro, tentou efetivar uma parceria com o governo do estado de Sergipe; o CEMEEFB/BA dialogou com uma comissão na Bahia que atuava com o legado da Copa do Mundo de Futebol Masculino de 2014, que aconteceu no Brasil e teve Salvador como uma das cidades-sede; o CEMEFEN/PB procurou estabelecer vínculos com o governo do estado da Paraíba, como relata Ricardo Lucena em sua entrevista: “Tenho feito contato com o pessoal do estado que está reformando a Vila Olímpica. E eu sugeri para eles que a gente poderia constituir uma parceria e conseguir um espaço, mas eu acho que isso está mais na minha cabeça que na vontade mesmo” (2014, p. 6).

Nas entrevistas que realizei, pude identificar que os CMs ocupam espaços considerados pequenos e inadequados para um trabalho que busca preservar acervos, e a maioria deles continua desenvolvendo suas atividades nestas condições. O CEMEFEL/SE e o CEMEFE/MT, por exemplo, não possuem formas de controle da umidade no espaço da reserva técnica, como observei nas visitas. O CEME/RS localiza-se em um prédio com a presença de insetos no piso e também numa região da cidade de Porto Alegre que tem o solo muito úmido e o controle de umidade é feito pela equipe, ou seja, não é automatizado.

Em sua entrevista, Leila Mattos, servidora técnica-administrativa lotada no CEME/RS, descreve um dos locais no qual este lugar de memória funcionou:

Quando a gente estava no anexo do Ginásio I, o nosso espaço era muito grande. A gente tinha ali uma sala de restauro, que a gente podia trabalhar lá, como eu já disse, acho que eram seis salas, que a gente tinha à disposição do Centro de Memória. Só que o lugar em si era um lugar insalubre, insalubre por quê? Porque era um lugar que ele não te oportunizava condições de trabalho, porque ele não tinha ventilação, ele não tinha janelas ao teu alcance para evacuar aquela poeira, evaporar aquela umidade, aquelas coisas, não tinha nada, mas em compensação ele era um lugar maior, ele era um lugar mais aberto, entendeu? Se tu quisesse fazer uma limpeza de um material, por exemplo, tu tinha uma sala onde tu podia limpar o material, onde tu podia higienizar o material, onde tu podia fazer as tuas colagens dos livros, da reconstituição daquele material e tu tinha um espaço onde tu podia deixar, nós tínhamos prensa, nós tínhamos todo o material para fazer esse trabalho, entendeu? (2015, p. 9).

Ao pesquisar sobre sua localização, identifiquei que inicialmente o CEME/RS esteve localizado em uma sala no Ginásio Esportivo da ESEF. Em 2005, conseguiu, através de uma

emenda parlamentar, recurso para reforma e adaptação de quatro salas no segundo andar do prédio administrativo da ESEF¹⁹⁶. Nesse espaço, o CEME/RS contava com as seguintes divisões: uma que comportava a coordenação, a sala de trabalho e a reserva técnica; outra que era a sala de exposições; a terceira era uma sala utilizada para reuniões e trabalhos do grupo; e a quarta era uma sala de aula para uso do centro, cada uma dessas salas possuindo aproximadamente 40m². Aos poucos, especialmente pela criação de três novos cursos de graduação na ESEF (bacharelado em Educação Física, licenciatura em Dança e Fisioterapia), e a conseqüente entrada de novos/as docentes e discentes, esse espaço foi reduzido. Por demanda da direção da Escola de Educação Física, em 2012, duas das salas do CEME/RS foram transformadas em sala de aula geral para os cursos da ESEF. E, em 2014, a sala de exposições também foi solicitada pela direção, para atender a esse mesmo fim.

Em função dessas alterações, o CEME/RS ficou com apenas uma sala para realizar suas atividades, que atualmente é dividida em uma sala da coordenação (14,18m²), mas que é utilizada para reuniões, digitalização de documentos, orientações, outros trabalhos; em outra divisão, fica a reserva técnica (17,76m²), que não é climatizada, contando apenas com o aparelho desumidificador e um termo-higrômetro (aparelho que mede a temperatura e a umidade); e também há um espaço para o trabalho da equipe e atendimento ao público (31,81m²). Esse processo de redução ocorreu em toda a ESEF, o quadro de discentes e docentes aumentou, porém ainda não houve construção de novos prédios.

A redução de espaço pelo crescimento da universidade também é observada por Ricardo Lucena (2014, p. 5) em sua entrevista sobre o CEMEFEN/PB:

Nós temos hoje uma sala. Só que, por conta da dificuldade na universidade, é uma sala muito disputada. Nós dividimos ela hoje; até um tempo atrás era só nossa, mas pela situação da universidade esse crescimento, entre aspas, do REUNI, acabou que nós tivemos que dividir com outro grupo e nós temos uma parte de uma sala com o material, mais bibliográfico, mas não temos nenhum espaço que seja mais adequado, não! Há o desejo de a gente ampliar.

Essa redução dos espaços, causada pelo REUNI¹⁹⁷ ou por decisões administrativas, dificulta o trabalho dos CMs, visto que diminui o espaço para guarda de acervos, por vezes

¹⁹⁶ O recurso foi obtido por uma emenda parlamentar proposta pelo deputado federal Henrique Fontana. Para sensibilizar o deputado, a professora Silvana Goellner e os professores da ESEF Marco Paulo Stigger e Alex Branco Fraga apresentaram o CEME/RS, suas ações e acervos em uma audiência no gabinete em Brasília/DF.

¹⁹⁷ Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, que iniciou em 2007, através do Decreto nº 6.096/2007. O objetivo desse programa é “criar condições para a ampliação do acesso e permanência na educação superior, no nível de graduação, pelo melhor aproveitamento da estrutura física e de recursos humanos existentes nas universidades federais”. Léda e Mancebo (2009) afirmam que a expansão de vagas não foi acompanhada da devida verba para a melhoria das universidades, o que gerou a precarização do trabalho docente e a ausência de autonomia da universidade, afetando estudantes e a infraestrutura.

inviabilizando a sua recolha, e também limita o espaço para o trabalho da equipe, tanto no tratamento dos acervos quanto nos trabalhos de pesquisa, de formação da equipe e do público e de divulgação das suas ações e acervos.

A sede do CEMEFE/MT, que tive a oportunidade de visitar, possui um espaço para o trabalho da equipe, onde estão dispostos alguns materiais e também salas para a guarda do material. Todavia, são espaços adaptados, conforme explica Evando Moreira em sua entrevista:

Nós dispomos de uma sala, o tamanho dela não saberia te dizer com precisão e, um almoxarifado, onde a gente guarda o material, câmera, gravador, computador, papel vegetal para separar fotos, enfim, materiais de escritório diversos. E duas pequenas salas, que na verdade não são salas, eles eram... Porque o local que a gente usa hoje era um camarim, aí deste camarim havia dois banheiros, eles estão desativados, a gente usa esses espaços para deixar os materiais arquivados, então é um espaço adaptado. (2016, p. 11).

O espaço para o armazenamento não é climatizado, possui estantes e armários, onde o material disposto está identificado e separado por assunto como, por exemplo, alguns documentos da Faculdade de Educação Física, materiais sobre os Jogos Unicuiá, fotografias da FEF, documentos sobre as Colônias de Férias realizadas no Mato Grosso. Também possui equipamentos para os trabalhos da equipe, como computadores, *scanner*, impressora e projetor de imagens. Abaixo, apresento algumas imagens do espaço do CEMEFE/MT, para ilustrar o espaço e sua organização.

Figura 5 – Espaço do CEMEFE/MT para reunião e trabalho da equipe (2016)



Fonte: Acervo do CEMEFE/MT.

Figura 6 – Espaço do CEMEFE/MT para armazenamento dos materiais históricos (2016)



Fonte: Acervo do CEMEFE/MT.

Sobre a primeira sala ocupada pelo CEMEFEL/SE, Hamilcar Dantas Júnior comenta:

Esse espaço que nós estamos hoje, que é a sala do LABOMIDIA¹⁹⁸, são quatro salas hoje, era uma única sala, que era a sala de reuniões do departamento. E aí, com as necessidades, grupos de pesquisas surgiam, novos professores chegando, essa sala foi dividida em quatro, e uma dessas salas era somente um depósito de retroprojetores e, depósito por depósito, vamos colocar um depósito acadêmico. E aí, o José Américo e Dorenski solicitaram; em 2008, eu estava retornando. Essa primeira sala é uma sala pequena de quatro ou cinco metros quadrados para ser a sede do Centro de Memória da Educação, do Esporte e do Lazer de Sergipe, que a gente chamou de CEMEFEL. (2016, p. 5).

O espaço atual desse CM pode ser visualizado na Figura 7. É uma sala única para guarda do conjunto documental custodiado e também para a equipe realizar os trabalhos de higienização, organização e catalogação do acervo, bem como de pesquisa, reuniões e orientações com os/as professores/as envolvidos no centro.

¹⁹⁸ Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva.

Figura 7 – Espaço do CEMEFEL/SE (2016)



Fonte: Jesus (2016).

Sobre o espaço ocupado pelo CEMEDEF/PR, Vera Moro indica em sua entrevista:

Inicialmente, nós tínhamos três salas, mas salas pequenas mesmo, porque nosso departamento tem realmente problemas de espaço. Então, inicialmente, eram três salas, uma sala aonde a gente colocou todo o acervo, porque ele estava misturado com o acervo da universidade, já do Departamento de Educação Física, e que esse também continua em condições bastante precárias. Mas nós retiramos o que era da escola, colocamos em uma sala que era uma sala bastante pequena. A gente colocou toda essa documentação lá, e aí de lá que a gente retirava esses documentos e passava por uma sala onde a gente fazia a identificação, a higienização e, depois de identificado, higienizado, a gente colocava numa sala definitiva, que era a sala para pesquisa. Embora essa sala não dê para ser usada para pesquisa, porque toda a documentação que fica ali, ela não tem um espaço para pesquisa. Então, sempre que vem um pesquisador, nós temos que retirar esse documento dessas salas, levar para uma sala. (2016, p. 13-14).

Atualmente, o CEMEDEF/PR possui duas salas que, segundo André Capraro (2014), não têm boas condições, pois o prédio é antigo, aproximadamente da década de 1950, e mesmo com algumas reformas apresenta goteiras e umidade. O professor ainda relata que o campus da Educação Física é separado dos demais espaços da universidade, o que dificulta a circulação de pessoas.

A sala do Memorial do CEFD – SM/RS é descrita por Marco Acosta:

Nem dá para dizer que é pequena, uma sala boa, uma sala boa. Coisas de tecnologia, um computador, um som, mesas, algumas coisas assim. Porque a ideia era, era não, é, é deixar ela funcionando durante a semana pras pessoas irem buscar algumas coisas, não como um museu, mas como uma coisa intermediária, pra gente escolher alguns assuntos e fazer exposições eventualmente. Mas estamos parados. (2016, p. 8-9).

O espaço e os materiais estão sendo organizados, porém, com o afastamento de Marco para coordenar o Programa de Pós-Graduação em Gerontologia, o centro encontra-se com as atividades suspensas. Contudo a sala continua a abrigar os materiais do acervo deste memorial.

A situação do primeiro espaço ocupado pelo CMIPM/RJ é diferente das demais. Este CM se instalou em um local assim identificado por seu fundador, Victor Melo: “era uma sala superbonita, que foi a antiga sala da congregação. Então, isso não teve problema” (2014, p. 7). Possui, assim, um lugar com espaço para desenvolvimento de suas atividades de guarda e manuseio dos conjuntos documentais.

A melhor situação atual, em relação ao espaço físico, é a do CEMEF/MG. Nos seus primeiros dez anos, o centro estava localizado em uma única sala que servia à guarda dos materiais e ao trabalho da equipe, no terceiro andar do prédio da EEEFTO/UFMG, em uma condição similar aos demais CMs. Porém, em 2006, o projeto *Levantamento e catalogação de fontes para o estudo da educação do corpo em Belo Horizonte (1891-1930): constituindo o CEMEF* foi submetido pelos/as docentes envolvidos nesse centro, sob a coordenação de Tarcísio Vago, a um edital específico para a preservação da memória da Educação Física e do esporte, fomentado pela Financiadora de Estudos e Projetos do Ministério da Ciência e Tecnologia (FINEP/MCT)¹⁹⁹, que previa a construção de um prédio planejado especificamente para abrigar um Centro de Memória. Após sua aprovação, foi necessário enfrentar os trâmites para que o recurso pudesse ser utilizado pela universidade, e também parcerias para completar o valor necessário para a construção e para equipar o CEMEF/MG adequadamente, conforme o plano inicial. O novo prédio foi inaugurado, como registra Tarcísio Vago em uma carta²⁰⁰, presente no Acervo do CEMEF:

Em 2011, após 5 anos de expectativas, o CEMEF teve sua nova sede inaugurada em 01 de Julho. A construção foi possível graças ao Projeto que conseguimos aprovar em 2006 junto à FINEP/MCT, com a captação de R\$ 253.000,00. A obra foi concluída com a decisiva participação tanto da Pró-Reitoria de Planejamento como da Direção da Escola de Educação Física (Gestões Rodolfo Benda e Emerson S. Garcia).

Conforme pude verificar na visita ao CEMEF, o prédio possui 250m², com as seguintes divisões: salão de exposições, duas salas para reserva técnica, sala de materiais

¹⁹⁹ O FINEP é uma entidade vinculada ao MCT como empresa pública que tem como missão: “Promover o desenvolvimento econômico e social do Brasil por meio do fomento público à Ciência, Tecnologia e Inovação em empresas, Universidades, institutos tecnológicos e outras instituições públicas ou privadas”. Disponível em: <<http://www.finep.gov.br/a-finep-externo/sobre-a-finep>>.

²⁰⁰ VAGO, Tarcísio Mauro. **Carta a Emerson Silami Garcia, Diretor da EEEFTO/UFMG**. Acervo do CEMEF. Belo Horizonte, 9 fev. 2012.

bibliográficos, sala de tratamento de acervos e de trabalho da equipe, dois gabinetes de docentes, secretaria, dois banheiros e copa, conforme apresenta-se nas imagens abaixo:

Figura 8 – Salão de Exposições do CEMEF/MG (2014)



Fonte: a autora (2014).

Figura 9 – Estantes da Reserva Técnica do CEMEF/MG (2014)



Fonte: a autora (2014).

Figura 10 – Sala de tratamento de acervos e de trabalho da equipe do CEMEF/MG (2014)



Fonte: a autora (2014).

Em seu discurso na cerimônia de inauguração do prédio²⁰¹, Tarcísio Vago destaca que, além do apoio financeiro da FINEP/MCT, da Pró-Reitoria de Planejamento da UFMG e da EEEFTO, existe também o agradecimento a diversas pessoas que trabalham no CEMEF, trabalharam na obra e aquelas que fazem parte da história da escola. E inspirado em Mario de Andrade, Ricardo Almeida e Mario Chagas, o professor conclui seu discurso:

Tomo a ousadia de também fazer aqui uma inversão, dizendo “Há um Museu em cada Gota de Sangue”. Quero com isso dizer: Há memória, há história, em toda gota de sangue, de suor, e trabalho DE QUEM FEZ E DE QUEM FAZ ESTA ESCOLA. Agora, temos também um lugar para guardar, respeitosamente, cada gota de sangue oferecido por HOMENS E MULHERES para que esta escola exista. (grifos do autor).

Considerando esse trecho e o que descrevi sobre as tentativas de conseguir locais específicos para a atuação dos CMs dentro das unidades a que pertencem, vejo que possuir um local apropriado para os CMs é necessário. Essa demanda ocorre não apenas para ter condições adequadas para recolher, guardar, conservar de forma adequada, organizar e dar acesso aos conjuntos documentais, mas também para que a equipe possa se formar, apropriando-se de conhecimentos presentes nos acervos e produzidos pelos grupos de estudo, além de desenvolver trabalhos de divulgação e pesquisa. O espaço também se faz necessário para que as pessoas interessadas realizem suas pesquisas por meio da consulta aos

²⁰¹ VAGO, Tarcísio Mauro. **Discurso na solenidade de inauguração da Sede do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEF), da EEEFTO / UFMG.** Acervo do CEMEF. Belo Horizonte, 1º jul. 2011.

documentos, para realizar exposição com os acervos de forma mais constante, e para que institucionalmente os CMs tenham um lugar visível em suas universidades.

A trajetória do CEMEF/MG também remete a algo fundamental na manutenção dos CMs, que são os financiamentos de agências de fomento nacionais e estaduais e também de órgãos governamentais, como os Ministérios do Esporte, da Ciência e Tecnologia, e da Educação. O financiamento que alguns CMs obtiveram durante a sua história foram bem distintos, ocorrendo especialmente por meio de projetos de pesquisa aprovados nessas agências e nas próprias universidades.

No que diz respeito a recursos de apoio institucional das universidades, grande parte das entrevistas menciona que essa instituição cedeu o espaço, favorecendo algumas condições para manter seu funcionamento, como, por exemplo, material de consumo, equipamentos, bolsas de extensão e de iniciação a pesquisa e designação de funcionários/as. Ou seja, o básico é mantido pela própria universidade.

Como já foi dito, os dois CMs que tinham funcionárias no momento em que esta pesquisa foi realizada são o CEME/RS e o CEMEF/MG. O primeiro, desde 2002, já sob a coordenação de Silvana Goellner, tem como integrante a servidora Leila Carneiro Mattos, tendo se formado em História e realizado cursos de conservação preventiva e restauro. Ao CEMEF/MG foi cedida apenas recentemente uma técnica-administrativa, Luciene Aparecida de Carvalho, em 2014, depois de muitos pedidos à Direção da EEEFTO, como registra Tarcísio Vago em carta²⁰² enviada à direção da escola:

Como sabe V.Sa., em duas oportunidades (a primeira em 2010 e a segunda em 08 de agosto de 2011) apresentamos à Direção ofícios registrando a necessidade de dotar o Centro de Memória da Educação Física de dois Servidores Técnico-Administrativos, quais sejam, um ARQUIVISTA e um SECRETÁRIO.

A propósito, no início do segundo semestre de 2011 houve uma forte indicação da Direção da EEEFTO de que esta demanda seria atendida ainda naquele ano, o que infelizmente não se confirmou.

Como já afirmamos nos ofícios anteriores, além de dar conta das atividades acadêmicas de estudo, de pesquisa, de produção e publicação de trabalhos – todas próprias de docentes e discentes –, estamos também realizando, nós mesmos, trabalhos cuja natureza exige servidores especializados, nomeadamente, Arquivista e Secretário.

Senhor Diretor: não é mais possível continuar sem estes servidores no CEMEF.

E porque não é mais possível continuar assim, rerepresentamos e reforçamos a solicitação de destinação imediata destes dois servidores para lotação no CEMEF, para que a Direção de V.Sa. garanta a ele, de fato, a condição

²⁰² VAGO, Tarcísio Mauro. **Carta a Emerson Silami Garcia, Diretor da EEEFTO/UFMG**. Acervo do CEMEF. Belo Horizonte, 9 fev. 2012.

necessária e adequada para sua existência e seu funcionamento como lugar de guarda, preservação e pesquisa dos documentos da História da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.

O pedido por um/a arquivista não foi contemplado, porém, através de uma verba da UFMG destinada à Rede de Museus e Espaços do Conhecimento, o CEMEF/MG tem conseguido manter uma arquivista, Thais Nodare de Oliveira, que além da formação da graduação, onde iniciou seu contato com o centro, possui mestrado em Ciências da Comunicação por essa universidade.

Sobre a falta de funcionários Meily Linhales registra (2014, p. 13-14):

Agora, o CEMEF nunca deixa de funcionar porque quem está fazendo o trabalho administrativo são os alunos, os bolsistas de graduação, bolsistas de extensão e bolsistas de iniciação científica. Assim, não é uma situação confortável, eu tinha muito uma expectativa... O que eu vislumbro para o CEMEF? A gente ter uma coordenação-geral, eu acho que tem que ser de docente, com uma coordenação de acervo e uma coordenação de pesquisa. Eu vislumbro que essa coordenação de acervo, seja do pessoal do quadro técnico, ou bibliotecário ou arquivista, alguém do quadro da universidade que assumisse isso. É claro que a gente vai trabalhar junto, a gente vai discutir, vai traçar metas, traçar políticas, mandar projetos juntos, se formar juntos, mas eu gostaria muito que eu não tivesse que escovar documento, como eu escovo, que eu não tivesse que revisar todos os índices como eu reviso, eu precisaria muito que tivesse alguém para fazer isso.

Nesse trecho, é possível perceber a necessidade de servidores/as técnico-administrativos e também a forma encontrada para suprir essa carência por meio de bolsistas de graduação e pós-graduação. Nesse ponto, é importante registrar as bolsas de iniciação científica e de extensão das próprias universidades que têm sido concedidas aos projetos ligados aos centros. Essas bolsas permitem a aproximação de estudantes que auxiliam nas atividades cotidianas, pesquisam os acervos, trabalham nos eventos, escrevem e apresentam trabalhos, realizam e transcrevem entrevistas, digitalizam materiais e, de certa forma, como observa Tarcísio Vago na carta citada acima, acabam suprimindo a falta de outros/as funcionários/as. E os CMs têm colaborado na formação desses estudantes e na possibilidade de receberem essa ajuda financeira.

Priscila Figueiredo, integrante do CEMEFEL/SE, também cita em sua entrevista os apoios da universidade:

Sobre o apoio institucional, talvez para os eventos, embora temos que pedir muito. Então apoio para os eventos temos, mas no sentido de apoio cotidiano, de estrutura, não. O que a gente solicitava, na medida do possível, em termos de horas, em termos de estrutura pra eventos, a chefia sempre foi muito solidária, inclusive, à causa. (2014, p. 9).

Sobre os recursos financeiros, considero ainda importante dizer que os/as docentes também têm seus salários pagos pelas verbas destinadas à universidade, e isso inclui a participação deles em atividades de ensino (graduação e pós-graduação), pesquisa e extensão. Porém o seu envolvimento com outros projetos de extensão e pesquisa na universidade poderia ser bem mais pontual e simples do que assumir a responsabilidade por um CM.

Entre as atividades que estes/as professores/as assumem nos CMs estão: submissão de projetos, seleção de bolsistas, tomada de decisões sobre a recolha de acervos, orientação do trabalho com o acervo, escrita de relatórios de prestação de contas sobre os projetos financiados, gestão de comunicação do CM (e-mails, páginas, Facebook), composição de exposições, divulgação das ações do CM, elaboração e/ou conferência de instrumentos de pesquisa e documentos de orientação (manuais, guias de acervo, inventários, documentos de políticas, listagens). Com todas essas tarefas, para além de ministrar aulas e realizar suas pesquisas acadêmicas, pude ver, durante a minha convivência com esses/as docentes, que a carga horária de todos/as ultrapassa, e muito, as oficiais. Dentre as funções desempenhadas, há muito trabalho administrativo e até de outras áreas, como das Ciências da Informação, que são assumidas por necessidade de manter o CM, desejo de vê-lo funcionar bem e pela falta de funcionários/as nas universidades.

Outra forma de financiamento dos CMs se dá por meio de agências ou órgãos de fomento federais e estaduais. Na pesquisa, percebi que os/as docentes envolvidos nos CMs têm enviado projetos ou recebido apoio daqueles ligados ao Ministério das Ciências e Tecnologia (MCT)²⁰³, ao Ministério do Esporte (ME) e ao Ministério da Educação (MEC), assim como das fundações de amparo à pesquisa em seus estados. As vias que identifiquei de financiamento pelo MCT foram o FINEP e o CNPq. O primeiro financiou um projeto do CEMEF/MG, como foi mencionado acima. Andrea Moreno, integrante do CEMEF/MG, relembra em sua entrevista:

Quando lançaram o edital da FINEP, eu recém tinha chegado e foi na época do Pan-Americano²⁰⁴ que começou a ter vários editais e esse especificamente era sobre a memória do esporte. E com aquele edital nós achamos que valia a pena a gente tentar algo, porque previa construção, que era uma coisa rara nos editais, então a gente pensou: “Quem sabe a gente arrisca?”. Era um volume de dinheiro bom, então quem sabe a gente arrisca. Aí eu e o Tatá sentamos, foi tudo muito corrido. Eu e o Tatá²⁰⁵ sentamos muito rapidamente e eu me lembro que a gente estava às vésperas do Congresso Brasileiro de História da Educação, que foi em Uberlândia. O Tatá estava indo para

²⁰³ Atualmente, Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações.

²⁰⁴ Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro, em 2007.

²⁰⁵ Tarísio Mauro Vago.

Vitória porque tinha um compromisso em Vitória. Eu e o Tatá sentamos correndo para fazer aquele negócio... E eu me lembro de um episódio interessante que eu tinha ido para o congresso e o Tatá ficou de fechar, no que ele foi fechar, ele perdeu o arquivo e aí quando eu voltei tivemos que fazer tudo correndo. Foi tudo assim muito estressante! Mas conseguimos fechar e mandamos com a clareza de que o projeto não era exatamente o que... A gente tinha críticas ao nosso próprio projeto, mas foi uma maneira de a gente justificar a construção, então o que era o projeto? Era um projeto que eu tinha, pois quando a gente assume na UFMG, a gente entrega um projeto de pesquisa. (2014, p. 5-6).

Esse projeto que serviu de base para a construção do texto enviado ao FINEP previa a localização e a catalogação de materiais que pudessem se tornar fontes para a pesquisa histórica sobre educação do corpo. No projeto aprovado, constava, além da construção do prédio, também a aquisição de equipamentos e a produção de um catálogo com os materiais levantados na pesquisa.

Ainda no MCT temos o CNPq²⁰⁶, que é uma entidade vinculada a este ministério enquanto fundação, que fomenta o desenvolvimento de pesquisa. Esses projetos são enviados por docentes doutores/as, que têm seus currículos como uma das avaliações do projeto, além da relevância do projeto, mérito científico, exequibilidade, originalidade, repercussão da produção científica e inserção internacional²⁰⁷. Pude identificar, através dos currículos na Plataforma Lattes e do site do CNPq, financiamentos deste órgão nos seguintes: CEME/RS²⁰⁸, CEMEF/MG²⁰⁹, CMIPM/RJ²¹⁰, CEMEFEL/SE²¹¹, CEMEF/JF/MG²¹² e CEMEF/MT²¹³.

²⁰⁶ Tem como objetivo: “Fomentar a Ciência, Tecnologia e Inovação e atuar na formulação de suas políticas, contribuindo para o avanço das fronteiras do conhecimento, o desenvolvimento sustentável e a soberania nacional”. Informação disponível em: <http://www.cnpq.br/web/guest/apresentacao_institucional>.

²⁰⁷ Critérios de julgamento para projetos de pesquisa e para bolsas de produtividade estão disponíveis em: <<http://cnpq.br>>.

²⁰⁸ Alguns projetos financiados: *Gaúchos (as) nos Jogos Olímpicos: preservando memórias, reconstruindo histórias* (2013-2016); *A obra de Inezil Penna Marinho e suas repercussões para a Educação Física Brasileira* (2009-2011); *Garimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança em Porto Alegre* (2005-2017); *Olhares sobre o esporte na transição dos séculos XIX e XX: fotografia e literatura, uma análise comparada entre Rio de Janeiro e Porto Alegre* (2001-2003).

²⁰⁹ Alguns projetos financiados: *Modelos pedagógicos e educação do corpo dentro e fora da escola: contribuições à história da Educação Física no século XX* (2014-2016); *Modelos pedagógicos, formação docente e práticas escolares: o ensino de Educação Física em Belo Horizonte (1947-1977)* (2012-2014); *A Gymnastica na formação de professores: circulação, transformação e vestígios do método sueco de ginástica no ensino normal (Brasil-Portugal, 1890-1920)* (2014-2015); *Educação do corpo nos espaços de sociabilidade do urbano: investigação sobre os investimentos no corpo em Belo Horizonte (1891-1930)* (2006-2008); *Histórias de Educação Física na Cultura Escolar: investigações sobre a escolarização da disciplina no norte-nordeste de Minas Gerais (1900-1940)* (2012-2014); *Produção da Educação Física no Brasil: investigações sobre a escolarização da disciplina (1850-1970)* (2009-2012).

²¹⁰ Projeto financiado: *Esporte e arte: diálogos* (2003-2005).

²¹¹ Projeto financiado: *Primórdios do esporte sergipano: o espetáculo como base da modernidade republicana na primeira metade do século XX* (2009-2011).

²¹² Projeto financiado: *Educação, corpo e modernidade em Juiz de Fora, Minas Gerais (1880-1930)* (2007-2017).

²¹³ Projeto financiado: *As dimensões de conteúdos na abordagem do esporte na formação de professores* (2016).

Sobre o Ministério do Esporte, os CMs conseguiram recursos do Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto (INDESP)²¹⁴, da Rede CEDES (Centro de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer) e dos programas sociais desse ministério. O CEME/RS foi o único a receber apoio do INDESP, pois este funcionou entre 1995 e 2000 e não havia outros CMs. Segundo informa Janice Mazo, do CEME/RS:

O projeto do Centro de Memória foi alavancado pelos recursos financeiros recebidos do INDESP. No início do ano de 1998, foi firmado o convênio com o Instituto, possibilitando a aquisição de equipamentos e materiais de consumo para o CEME. Em contrapartida, a direção da ESEF destinou as salas do antigo LAPEX para a instalação do centro e forneceu mesas, cadeiras, armários, estantes e outros mobiliários. (2001, p. 160).

Em 2003, foi criado o Ministério do Esporte, que incluía em suas metas o incentivo ao esporte educacional e de lazer, bem como o apoio à investigação científica. Para incentivar a produção que pudesse embasar as ações da Secretaria Nacional para o Desenvolvimento do Esporte e do Lazer, segundo Castellani e colaboradores (2015), foi criada em 2004 a Rede CEDES.

A Rede CEDES foi implantada como ação programática do Ministério do Esporte, gerenciada pelo Departamento de Ciência e Tecnologia do Esporte e da Secretaria Nacional de Desenvolvimento de Esporte e de Lazer (SNDEL), ação que integra o “Programa Esporte e Lazer da Cidade” (PELC). Esta rede reúne Instituições de Ensino Superior (públicas e privadas), que se constituem em Núcleos da Rede, podendo ser compostos por Grupos da mesma instituição ou de instituições diferentes. A Rede CEDES visa a estimular esses grupos a produzir e difundir conhecimentos voltados para o aperfeiçoamento e a qualificação de projetos, programas e políticas públicas de esporte recreativo e de lazer, por meio da produção e difusão de conhecimentos fundamentados. (NAZÁRIO, 2010, p. 43).

A primeira chamada para financiamentos foi realizada via convite ou demanda de pesquisas às universidades e aos grupos de estudos. Como relata Silvana Goellner, coordenadora do CEME/RS em sua entrevista (2015, p. 7):

Então, na primeira convocatória da Rede CEDES houve uma conversa por parte dos dirigentes da Rede. Convidaram alguns pesquisadores a submeter um projeto para um edital, *a priori*, que seria produzido, mas houve quase uma demanda para a criação e estruturação de núcleos da Rede CEDES. Então aqui na Escola fomos convidados, o Stigger²¹⁵, o Alex²¹⁶ e eu, e a gente constituiu o núcleo da Rede CEDES. Cada um tinha a sua pesquisa específica, e a minha era voltada ao Centro de Memória do Esporte. Foi o que facilitou a compra de equipamentos, o pagamento de bolsistas, a compra

²¹⁴ Ligado ao Ministério Extraordinário do Esporte.

²¹⁵ Marco Paulo Stigger.

²¹⁶ Alex Branco Fraga.

de materiais. O Ministério do Esporte financiou vários projetos do Centro de Memória, como a digitalização dos acervos... Nós participamos duas ou três vezes de editais que concorreram tanto pela Rede, quanto numa demanda específica do Ministério para a digitalização de acervos.

A partir de 2007, implantou-se a chamada por editais públicos, para que instituições que possuíssem grupos de pesquisa interessados na temática concorressem aos recursos, apresentando seus projetos. Rejanne Penna Rodrigues, que era secretária nacional de Desenvolvimento do Esporte e Lazer, do Ministério do Esporte²¹⁷, na época de implantação dos editais, em uma entrevista sobre o Programa Esporte e Lazer da Cidade, ao Projeto Garimpando Memórias, explica (2015, p. 10):

Antes dos editais, o que acontecia lá era mais ou menos assim: tinha um projeto bom aqui da UFRGS que era apresentado ao Ministério no mês de março. Vamos dizer que tinha 500 mil reais para todo Brasil, para dar para os programas, aí o de vocês chegava num valor de 200 mil, depois chegava um da USP de 200 mil, já somava 400 mil. Logo em seguida chegava de algum outro lugar um de 100 mil reais. Pronto, já estava esgotado o valor do investimento anual de 500 mil em março e abril. Após poderia então ser apresentado um outro maravilhoso lá do Amazonas: “Não dá para atender, não tem mais dinheiro”. Não era justo. Então nós começamos a fazer o edital, amplamente divulgado, com prazo igual para todos que tivessem interesse.

Os CMs que tiveram projetos contemplados pela Rede CEDES foram: CEME/RS²¹⁸, CEMEF/MG²¹⁹, CEMEFEN/PB²²⁰, CEMEDEF/PR²²¹, CEMEFEL/SE²²², CEMEF/JF/MG²²³, CEMEF/MT²²⁴ e CEMEEFEB/BA²²⁵. Assim, é possível indicar que a Rede CEDES foi uma incentivadora dos CMs, o que foi reforçado pela existência de uma linha específica para

²¹⁷ Esteve no cargo de maio de 2006 a agosto de 2011.

²¹⁸ Projetos: *Implantação do Centro de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer da Escola de Educação Física da UFRGS* (2005), como os subprojetos *Garimpando memórias: esporte, lazer e educação física em Porto Alegre* e *Restauração e digitalização de acervo sobre memória do esporte no Brasil*, diretamente vinculados ao CEME/RS; *Restauração e digitalização de acervo sobre memória do esporte no Brasil* (2006-2007); *A obra de Inezil Penna Marinho e suas repercussões para a estruturação da Educação Física no Brasil* (2008); *Escola de Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1940-2010): mapeando cenários de formação profissional e da produção do conhecimento em políticas de esporte e lazer* (2009).

²¹⁹ Projetos: *Esporte e lazer: pesquisa, memória e formação* (2005-2006); *Eu vou te contar uma história... Memórias de esportes e ruas de recreio (1940-1970)* (2008); *Garimpando memórias dos esportes: mapeando histórias de esportivização* (2009); *Coleção história oral: Memória de esportes e ruas de recreio (1940-1980)* (2009).

²²⁰ Projetos: *Cidade, Educação Física e “Sport”: uma história da introdução das práticas de Educação Física e esportivas em João Pessoa, Recife e Natal* (2009).

²²¹ Projetos: *Políticas públicas do esporte e lazer em Curitiba* (2009).

²²² Projetos: *Memórias do curso de Educação Física da Universidade Federal do Sergipe: trajetórias de formação (1975-2009)* (2009).

²²³ Projetos: *Esporte, lazer e modernidade em Juiz de Fora (1880-1930)* (2008); *História e memória do esporte em Juiz de Fora* (2009).

²²⁴ Projetos: *Centro de Desenvolvimento de Pesquisa em Políticas de Esporte e de Lazer da Rede Cedes do estado de Mato Grosso* (2016).

²²⁵ Projeto: *Rede de Desenvolvimento de Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Brasil* (2008).

submissão de projetos, identificada nos editais para submissão de projetos para financiamento da rede, de 2009 e 2010, que era: Preservação da Memória da Educação Física e do Esporte (SANTIAGO, 2010). Sobre a existência dessa linha, Leila Mirtes, que trabalhou na construção da Rede CEDES e em avaliações dos editais, comenta em uma entrevista cedida para o Projeto Garimpendo Memórias (2015, p. 13-14):

Tanto é que vários Centros de Memória da Educação Física e Esporte que existem no país tiveram o apoio da Rede CEDES, onde temos grandes parceiros. [...] Qual é a importância disso? Nós achamos que um país que não preserva sua memória, não conhece sua história, não é capaz de interpretar velhos episódios para descobrir, explorar e projetar novos sentidos que possam produzir ações que sejam relevantes para melhorias das suas políticas públicas. A história nos ajuda a conhecer nossas diferenças, identidade, crenças, limites, potencialidades e também modos como lidamos e justificamos nossas práticas sociais. Mostra como os acontecimentos políticos, econômicos, educacionais, científicos, religiosos, culturais e outros interferiram na construção do sistema social que culminou no que somos hoje como país e como povo. Ao conhecermos como o esporte, o lazer e a Educação Física são constituídos historicamente no país, podemos entender melhor os desafios que as políticas públicas enfrentam nesses campos. A partir daí, pensamos que teremos maiores condições de conhecer nossa realidade e tomar decisões sobre que país queremos e que políticas precisamos construir para alcançar esses nossos objetivos. Esse é o pensamento dos gestores da Rede CEDES.

Alguns problemas ocorreram em relação a essa Rede, nas universidades, como no CEMEFEL/SE, em uma situação rememorada por Hamilcar Dantas Júnior, seu coordenador na época. Destaco a fala a seguir, pois ilustra a burocracia interna da universidade, que, em alguns momentos como esse, impedem o melhor funcionamento e a permanência de atividades e pessoas envolvidas (DANTAS JÚNIOR, 2016, p. 6-7):

E aí acontece um problema sério com a universidade, onde eu me afasto. Essa verba da Rede CEDES que era empenhada, ela chega em junho, ela é empenhada, é liberada a verba para o pagamento dos bolsistas e toda a verba de aquisição de material: computadores, câmeras, gravadores e tal, essa verba fica retida para licitação. Quando chega em outubro eu vou lá para saber da licitação, não tinha sido feita, o dinheiro ia ser devolvido, porque até hoje não tinha sido feita. Bom, uma confusão grande, me irritei bastante com a universidade, com a ineficiência e tal, a ponto da mulher do Departamento de Divisão de Material e Registros dizer: “Mas professor, nós temos uma série de processos que não damos conta, tem processos aqui de aquisição de material de um milhão”. “O meu é só 12 mil, mas faz uma diferença. Preciso muito desses 12 mil para comprar o materialzinho da minha sala que é bem pequeninha”. Então esse dinheiro voltou, da Rede CEDES ficou só o dinheiro dos bolsistas, a gente pagou os meninos e tal. E

isso me irritou profundamente. Eu digo: “Priscilla²²⁶, estou me retirando porque institucionalmente não tenho mais estômago para lidar com isso”.

Outra forma de apoio financeiro recebido do Ministério do Esporte, que pude identificar nas minhas entrevistas e consultas aos CMs, é a verba para bolsas de trabalho, compra de equipamentos e despesas para viagens, a fim de coletar dados para dois projetos de memórias do Programa Segundo Tempo (PST) e o Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC). O recurso do primeiro foi destinado à UFRGS a partir de 2010, sendo um projeto vinculado à equipe gestora do programa, que funciona nessa universidade, com recursos administrados a partir da Fundação de Apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O Projeto Memórias do PST

Tem como principal objetivo a construção de registros sobre a memória do PST gerando informações de diferente natureza: acadêmicas, de divulgação, históricas, entre outras. Tais registros podem ser acessados por meio de sua homepage ou, ainda, pelo Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte, mais especificamente, na comunidade Programa Segundo Tempo.²²⁷

O recurso do PELC é administrado pela equipe de formação do programa, coordenada pelo professor Helder Isayama, e que desde 2015 tem como parceiro o CEME/RS, com o Projeto Memórias do PELC.

Considerando a experiência do Centro de Memória do Esporte no que respeita a preservação e a divulgação da memória esportiva nacional e a importância social do Programa Esporte e Lazer da Cidade no âmbito das políticas públicas de esporte e lazer, o projeto busca construir registros sobre a memória do PELC e Vida Saudável.²²⁸

Os dois projetos têm como ações a produção de entrevistas, a guarda de documentos, a digitalização de acervos, a disponibilização para acesso livre de documentos sobre a memória dos programas, a produção de livros eletrônicos e a divulgação de atividades sobre a memória dos programas via internet.

Em relação ao Ministério da Educação, para além das verbas das próprias universidades, percebi um auxílio indireto por meio das bolsas de pós-graduação ofertadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), ligada ao ministério. Os/as estudantes de pós-graduação, orientados pelos/as docentes dos CMs, muitas vezes se envolvem com as atividades desses centros, ou porque sua própria pesquisa demanda essa participação, ou pelos projetos coletivos desenvolvidos nos CMs. Além disso, como

²²⁶ Priscilla Kelly Figueiredo.

²²⁷ Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ceme/site/projetos/pesquisa>>. Acesso em 07/09/2017.

²²⁸ Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ceme/pelc/site>>. Acesso em 07/09/2017.

apresentei no item 1.1, no caso do CEMEF/MT, as dissertações de dois mestrados – Rogério Marque Almeida e Claudemir Gomes da Cruz, orientados por Evandro Moreira – deram motivação para se empreender a criação desse centro.

Além de órgãos do governo federal, no âmbito da gestão estadual os seguintes CMs contaram com o apoio de Fundações de Amparo à Pesquisa de seu estado: CEME/RS²²⁹, CEMEF/MG²³⁰, CEMEDEF/PR²³¹, CEMEF/JF/MG²³² e CEMEF/MT²³³.

O envio de projetos para vários órgãos gera mais trabalho, visto que, além do projeto, cada financiamento demanda controle, prestação de contas e elaboração de relatórios, cada um com protocolos e modelos diferentes. André Capraro, que foi coordenador do CEMEDEF/PR, também cita essa questão dos financiamentos em sua entrevista.

Pouco, mas tivemos. Da própria Federal, da Fundação Araucária. Por exemplo, algumas tentativas de organização de uma mostra fotográfica, mas a burocracia era muito forte na Fundação Araucária. Ela funciona de forma complicada, parece ser mais burocrática que a FAPESP²³⁴ e outras instituições e órgãos de fomento, o que dificultou bastante. Da própria UFPR, se não me engano, dois ou três anos atrás foi o centenário, então veio um recurso federal para a instituição, que ofereceu para os seus departamentos que tivessem projetos que preservassem a memória ou que tivessem relação com a própria história da própria instituição. Isso tudo nos permitiu captar pequenas quantias. Em algumas ocasiões, por exemplo, nesse processo de higienização, tive que comprar material com dinheiro próprio, caso contrário, os alunos não teriam material – folha de papel sulfite, elástico e outros materiais específicos – para fazer a higienização básica de documento. Então, é tudo muito difícil. (2014, p. 10).

Pelo que foi apresentado, para além da estrutura garantida de forma mais constante na universidade, os financiamentos dos CMs têm ocorrido em grande parte por meio de editais públicos de órgãos federais e de fundações de amparo estaduais, geralmente relacionados às atividades de pesquisa. Cabe destacar que, para esse financiamento acontecer, em grande

²²⁹ Projetos: *O esporte em Porto Alegre na transição dos séculos XIX e XX* (2001-2003); *Universidade 63: o momento olímpico gaúcho* (2000-2002); *Histórias do judô no Rio Grande do Sul segundo a narrativa de integrantes do Conselho de Kodanshas* (2013).

²³⁰ Projetos: *O CEMEF/UFMG como lugar de memória e pesquisa da história do esporte em Minas Gerais: organização e conservação de acervos* (2009-2011); *Circularidade de modelos pedagógicos e formação de professores de Educação Física em Belo Horizonte: vestígios de práticas no acervo do CEMEF/UFMG (1950-1980)* (2009-2011); *Memória de esportes e ruas de recreio (1940-1980)* (2010-2011); *Escolarização e culturas escolares em Minas Gerais (1820-1950)* (2008-2010).

²³¹ Projeto: *Fontes históricas e teorias acerca dos esportes* (2010-2014).

²³² Projeto: *História e memória do esporte em Juiz de Fora: constituição e pesquisas do Centro de Memória do Esporte e da Educação Física de Juiz de Fora (CEMEF/JF)* (2009-2016); *Educação, corpo e modernidade em Juiz de Fora, Minas Gerais (1880-1930)* (2007-2009).

²³³ Projetos: *Consolidação do Centro de Memória da Educação Física e do Esporte do Estado de Mato Grosso - CEMEF* (2014-2017); *Estrutura do acervo digital do Centro de Memória da Educação Física e do Esporte do estado de Mato Grosso* (2016).

²³⁴ Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

medida, são os/as docentes que elaboram e encaminham projetos para captar recursos. Segundo Leila Mattos, técnica administrativa do CEME/RS:

O CEME se mantém com os projetos da professora Silvana, porque é ela que faz a maioria dos projetos em várias áreas, ela passa o tempo todo onde pode achar recurso e bolsa para esse pessoal, porque como é muita gente, então ela trabalha muito nessa parte de ver onde estão os financiamentos, buscar recursos, ver o que está aberto da parte da extensão, na parte da pesquisa, quais os editais que estão financiando coisas que a gente possa adquirir aqui para o Centro de Memória através dos editais. Alguma parte do nosso material, também, um material mais burocrático, material do dia a dia, é fornecido pela direção da escola, folha, cartucho para impressora, essas coisas mais administrativas, lápis, borracha, caneta, toalha de papel, copo, água, essas coisas são pela direção da escola e mais algumas coisas que a gente precisa de imediato é feito pela subprefeitura, também da escola, só a gente fazer uma requisição, a parte da elétrica também é feita pela escola, mas a parte de bolsas para que todos sejam contemplados é feita pela professora Silvana²³⁵. (2015, p. 23).

Os financiamentos externos são fundamentais, pois através deles se mantêm as atividades de pesquisa e extensão dos CMs. Penso que um dos motivos da demanda pela submissão a projetos de docentes, cujo aporte financeiro colabore para que se mantenha o tratamento do conjunto documental dos CMs, é sua falta de institucionalização. Isto é, estou me referindo à existência dos CMs como órgão oficial reconhecido dentro do regimento das unidades e da universidade, com dotação orçamentária, lotação de servidores técnico-administrativos e espaço físico específico e adequado. A necessidade de refletir sobre a institucionalização destes lugares de memória é referida na entrevista de Maria Cristina Rosa, coordenadora do CEMEF/MG:

Inclusive até para a gente poder pedir funcionário, questão de verba, a gente tentar ter uma verba que não dependa só da Rede, porque a gente está em uma condição, até boa, mas é muito precária, é mínima, porque hoje a gente não recebe verba nenhuma da escola, para nada, se não tivermos a verba da Rede, a gente vive de verbas dos projetos de professores. A maioria das coisas que estão aqui, inclusive o próprio centro, o próprio prédio, vem de um projeto de algum professor, depende muito individualmente, ele está ainda..., institucionalmente ele precisa ser melhorado. E a gente está em um momento de discussão sobre isso, que é a discussão que quem demandou mesmo foi a diretoria da escola. Estou te falando isso, porque o dia a dia, temos tentado, eu nessa parte, principalmente, administrativa, a gente tem tentado resolver essas questões, sendo que a gente precisa, por exemplo, no próximo ano, a gente precisa de planejamento. (2014, p. 11).

²³⁵ Silvana Vilodre Goellner.

Silvana Goellner, coordenadora do CEME/RS, em um trecho de sua entrevista, aborda a falta de institucionalização do centro e de outros espaços museológicos da UFRGS, bem como aponta a relevância da REMAM:

[...] ele acontece por iniciativa de uma, duas, três pessoas. Quando essas pessoas se aposentarem, o grande medo é: o que vai acontecer com essa trajetória que foi construída? Então a Rede tenta pensar isso, essa organização e, de certa forma, assegurar que isso não fique com as pessoas, mas que se institucionalize de algum modo. (GOELLNER, 2015, p. 20).

Nesse trecho, destaco a preocupação que a dependência do envolvimento pessoal dos/as docentes gera, pois seu afastamento da universidade pode significar a suspensão das atividades dos centros. Também destaco a tentativa de se refletir coletivamente nas redes e com outros lugares de memória sediados em universidades sobre sua institucionalização, para que isso seja uma ação integrada em toda a universidade, para todos os lugares de memória universitários, tendo mais força institucional.

Levantei aqui as questões de infraestrutura, financiamento e institucionalização dos CMs analisados, e percebo que muitas dificuldades são enfrentadas, embora a universidade também fomente algumas ações por meio da concessão de bolsas de pesquisa e/ou extensão, designe um local próprio para seu funcionamento, forneça equipamentos e material de consumo necessário para as atividades do dia a dia desses lugares de memória. A universidade também possibilita que os/as seus docentes submetam projetos de financiamento, já que em muitos editais consta a exigência de vinculação a essa instituição, para que, por exemplo, os equipamentos comprados pelos projetos integrem o patrimônio da instituição e, portanto, não sejam de propriedade de uma pessoa apenas. Por isso, afirmo que a integrar uma universidade tem sido uma condição essencial para a criação e a continuidade dos CMs da Educação Física e esporte.

4 CENTROS DE MEMÓRIA E AS PESSOAS: ENTRE A FORMAÇÃO, A SATISFAÇÃO E O COMPROMISSO

Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, os artefatos ou as máquinas, por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição. Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está sua caça. (BLOCH, 2001, p. 54).

A epígrafe deste capítulo representa a busca que realizei desde o início desta pesquisa, pois o interesse pelas pessoas que fazem acontecer os CMs me capturou antes mesmo de pensar nas suas trajetórias. Quando me refiro às pessoas, estou considerando doadores/as, entrevistados/as, colecionadores/as, pesquisadores/as, docentes, estudantes, arquivistas, museólogas/os, bibliotecárias/os, público que visita as exposições e as várias atividades desenvolvidas por esses lugares de memória. Cada uma delas possui importância para os CMs, mas neste capítulo destaco apenas aquelas que os produzem e os mantêm em funcionamento cotidianamente, primeiramente abordando o contexto da formação acadêmica dos/as docentes, e em seguida o seu envolvimento no trabalho e o compromisso social e político que assumem com a História da Educação Física e dos esportes.

4.1 A FORMAÇÃO ACADÊMICA DOS/AS DOCENTES E A HISTORIOGRAFIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

A criação dos CMs, para além de condições estruturais, foi possibilitada também por condições teóricas e acadêmicas que produziram e foram produzidas na área da Educação Física brasileira e outras que se relacionaram a ela, como a Educação e a História. Identifiquei a influência dessas correntes de pensamento ao analisar a formação acadêmica inicial em Educação Física e também pela aproximação aos estudos históricos que constituíram os/as docentes que se vincularam aos CM.

Para pensar a formação dos/as docentes que integram os CMs, entrevistei e analisei o Currículo Lattes de 21 deles/as, com formação acadêmica em Educação Física²³⁶. Apresento a seguir, um quadro com uma sistematização da formação desses docentes.

²³⁶ Retirei desse grupo o professor Adalson Nascimento, por ser o único que não possui graduação em Educação Física, o qual tem uma trajetória consideravelmente diferente.

Quadro 5 – Formação dos/as docentes relacionados/as aos CMs

Nome	Universidade Doutorado / Ano	PPG do Doutorado	Universidade Mestrado / Ano	PPG Mestrado	Universidade/ Graduação	CM
Ana Carrilho Romero Grunennvaldt	UNICAMP / 2001-2005	Educação	UGF / 1997-1999	Educação Física	UEL / 1985-1888	CEMEFE/MT
André Mendes Capraro	UFPR / 2003-2007	História	UFPR / 2001-2002	História	UFPR / 1992-1997	CEMEDEF/PR
Andrea Moreno	UNICAMP / 1997-2001	Educação	PUCRJ / 1994-1996	Educação	UERJ / 1984-1987	CEMEF/MG
Augusto Cesar Rios Leiro	UFBA / 2001-2004	Educação	UFBA / 1998-2001	Educação	UCSAL ²³⁷ / 1981-1984	CEMEEFB/BA
Carlos Fernando Cunha Júnior	UFMG / 1998-2002	Educação	UERJ / 1994-1997	Educação	UERJ / 1989-1993	CEMEF/JF/MG
Evando Carlos Moreira	UNICAMP / 2003-2007	Educação Física	UNICAMP / 2000-2002	Educação Física	FEFISA ²³⁸ / 1995-1998	CEMEFE/MT
Hamilcar Silveira Dantas Junior	UFBA / 2005-2008	Educação	UFS / 2000-2003	Educação	UFS / 1993-1997	CEMEFEL/SE
Janice Zaperllon Mazo	UP ²³⁹ / 1999-2003	Ciência do Desporto	UFMS / 1990-1993	Ciência do Movimento Humano	UFMS / 1984-1987	CEME/RS
José Américo Santos Menezes	UFBA / 2009-2013	Educação	UFS / 1995-1997	Educação	UFS / 1988-1991	CEMEFEL/SE
Marco Aurélio de Figueiredo Acosta	UFMS / 2000-2004	CMH	UFMS / 1998-2000	Ciência do Movimento Humano	UFMS / 1985-1988	Memorial do CEFD – SM/RS
Marcus Aurélio Taborda de Oliveira	PUC SP / 1997-2001	Educação	-	-	UFPR / 1982-1985	CEMEF/MG
Maria Cristina Rosa	UNICAMP / 2001-2005	Educação	UNICAMP / 1996-1998	Educação Física	UFV ²⁴⁰ / 1987-1990	CEMEF/MG
Meily Assbu Linhales	UFMG / 2002-2006	Educação e Inclusão Social	UFMG / 1992-1996	Ciências Políticas	UFMG / 1981-1984	CEMEF/MG
Priscilla Kelly Figueiredo	UFMG / 2012-2016	Educação	UNICAMP / 2004-2007	Educação	UFV / 1999-2003	CEMEFEL/SE
Quefren Weld Cardozo Nogueira	UFS / 2010-2013	Educação	UFU / 2002-2004	Educação	UFV / 1994-1997	CEMEFEL/SE
Ricardo de Figueiredo Lucena	UNICAMP / 1996-2000	Educação Física	UNICAMP / 1988-1991	Educação Física	UFPB / 1981-1985	CEMEFEN/PB
Sergio Dorenski Dantas Ribeiro	UFBA / 2010-2013	Educação	UFSC / 2003-2005	Educação Física	UFS / 1991-1997	CEMEFEL/SE
Silvana Vilodre Goellner	UNICAMP / 1996-1999	Educação	UFRGS / 1989-1992	Ciência do Movimento Humano	UFMS / 1982-1986	CEME/RS
Tarcísio Mauro Vago	USP / 1996-1999	Educação	UFMG / 1989-1993	Educação	UFMG / 1980-1983	CEMEF/MG
Vera Luiza Moro	-	-	UFPR / 1993-1998	Educação	UFPR / 1985-1989	CEMEDEF/PR
Victor Andrade Melo	UGF / 1996-1999	Educação Física	UNICAMP / 1994-1996	Educação Física	UERJ / 1989-1993	CMIPM/RJ

Fonte: a autora.

²³⁷ Universidade Católica de Salvador.

²³⁸ Faculdades Integradas de Santo André.

²³⁹ Universidade do Porto, Portugal.

²⁴⁰ Universidade Federal de Viçosa.

Sobre a formação inicial na graduação em Educação Física dos 21 professores/as, 15 iniciaram seus cursos na década de 1980 e os seis restantes iniciaram na década de 1990. Entre os docentes que atuaram na criação de algum CM, apenas Hamilcar Dantas Júnior e Sérgio Ribeiro, ambos do CEMEFEL/SE, e Evando Moreira do CEMEF/MT, este último criado em 2013, fizeram sua formação básica na década de 1990.

Como apresentado, esses/as docentes concluíram a pós-graduação em nível de doutorado entre os anos de 1996 e 2016, com exceção de Vera Moro, do CEMEDEF/PR, que não chegou a concluí-la. A formação no nível de mestrado foi realizada entre 1988 e 2007. Destaco que entre os/as 12 criadores/as de CMs, 11 estavam frequentando a pós-graduação no período de 1996 a 2001, ou seja, no período de criação dos três primeiros centros: CEME/RS, CEMEF/MG e CMIPM/RJ. O único que não frequentou a pós-graduação nesse período foi o professor Sérgio Ribeiro, do CEMEFEL/SE, que iniciou o mestrado no ano de 2003. Destaco tal período de formação, pois estes foram momentos de destaque na Educação Física brasileira e também na sua historiografia.

Em estudo realizado sobre a historiografia da Educação Física brasileira, Melo e Fortes (2010) sistematizaram cinco fases, que tomei como base para minha reflexão sobre a formação acadêmica dos/as docentes envolvidos na criação e na consolidação dos CMs. Considero que essas fases são regimes de historicidade, que para Schmidt (2003) não são períodos hermeticamente fechados e com recorte temporal totalmente determinado, mas possuem características que possibilitam uma identificação e sistematização.

A primeira fase apresentada pelos autores é representada por algumas produções sobre a história da Educação Física e do esporte publicadas entre o final do século XIX e o início do século XX:

Embora de grande importância, tais trabalhos são, na verdade, esforços de preservação da memória, sem a preocupação de uma discussão mais ampla e crítica, escritos por antigos praticantes e/ou apaixonados pelo esporte que acompanharam de perto o desenvolvimento das modalidades. (MELO; FORTES, 2010, p. 18).

Já a segunda fase se desenvolveu entre as décadas de 1920 e 1930, voltando-se para a história da ginástica e da Educação Física, tendo como publicação inaugural desta fase o livro de Laurentino Lopes Bonorino e colaboradores, intitulado *Histórico da Educação Física*, publicado em Vitória/ES pela Imprensa Oficial, em 1931. Melo e Fortes (2010) também destacam algumas contribuições de Fernando de Azevedo, como o livro *Da educação física: o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser*, publicado em 1920, que, mesmo não sendo

uma publicação específica sobre a História da Educação Física, descreve aspectos importantes de seu desenvolvimento.

Ambos enfatizavam abordagens mundiais, promovendo uma leitura da Antiguidade Clássica e da história europeia. Essas obras, a despeito da importância, lançam as bases de uma abordagem que marcou durante anos nossos estudos: a utilização restrita de fontes; um caráter “militante”, a história servindo para provar e legitimar posições previamente estabelecidas; a preocupação exacerbada com o levantamento de datas, nomes e fatos; uma abordagem centrada fundamentalmente na experiência de grandes expoentes; o uso de uma periodização política geral em detrimento de uma periodização interna. (MELO; FORTES, 2010, p. 18-19).

Ou seja, essa fase estava claramente marcada pelo que chamamos de história tradicional ou factual, que segundo Barros (2011) foi predominante no século XIX e se propunha a narrar os fatos, sem a necessidade de problematizá-los. O uso da periodização política e “grandes expoentes” também são citados por esse autor, como alguns dos pontos mais criticados por pesquisadores da Escola dos Annales, que propuseram uma escrita da história problematizada, no século XX. Na Historiografia da Educação Física brasileira, essas características também estavam presentes na terceira fase, que Melo e Fortes (2010) remetem às décadas de 1940 a 1980, e que foi caracterizada pelo aumento da produção voltada para a Educação Física no Brasil e pela diversificação de fontes. Os autores ainda destacam:

Desse período temos que ressaltar a obra de Inezil Penna Marinho, um dos maiores estudiosos da história da educação física e do esporte no Brasil: se suas iniciativas não significaram uma completa ruptura com as características da fase anterior, possuem uma sensível diferença, principalmente no que se refere à compreensão teórica e metodológica. A obra de Inezil é um exemplo de estudo histórico bem desenvolvido nos padrões de uma abordagem factual. (ibidem, p. 18-19).

Como uma das principais obras de Inezil Penna Marinho, cito o livro *Contribuições para a História da Educação Física no Brasil*, publicado em 1943, e também faço referência aos pequenos artigos sobre história da Educação Física e dos esportes publicados no *Jornal dos Sports*, nos anos de 1953 e 1954, que exemplificam as características da terceira fase como uma escrita da história cronológica, narrada por datas e eventos, com recortes temporais externos, ligados à história política nacional (Brasil Colonial, Brasil Imperial, Brasil Republicano)²⁴¹.

²⁴¹ Os textos de Inezil Penna Marinho foram organizados e publicados em formato de e-book, organizado pelo CEME/RS (MACEDO; SILVA; GOELLNER, 2016). Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/139192/000990425.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 1º jul. 2016.

O professor Ademir Gebara, que cursou a graduação em Educação Física entre os anos de 1968 e 1970 e em História de 1967 a 1970, ambas na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Campinas, comenta em sua entrevista:

Olha, vou te confessar uma coisa, tudo que tinha próximo à história da Educação Física eu li em um mês. Não tinha quase nada. E eram basicamente trabalhos produzidos em Faculdades de Educação. Você não tinha mestrado em Educação Física. Tinha na Gama Filho, alguma produção. Mas eram trabalhos muito... Poucos. (2016, p. 12).

Ou seja, embora tivesse aumentado um pouco o número de produções, estas ainda eram reduzidas, e o acesso a elas não era tão facilitado – mesmo para um estudante de um estado onde, posteriormente, em 1977, se instalou o primeiro Programa de Pós-Graduação em Educação Física, na USP.

No mesmo período, Melo e Fortes (2010) citam também a obra de Mário Filho, especialmente *O negro no futebol brasileiro*. Os autores ainda mencionam que no final dessa fase é possível perceber alguns traços mais críticos dos autores indicados, aproximando-se das características da quarta fase, que seria identificada na década de 1980.

Na década de 1980, a Educação Física, enquanto campo de conhecimento e intervenção, passa por diversas mudanças. Bracht e colaboradores (2011), ao avaliarem a produção acadêmica da área, afirmam que é nessa década que a Educação Física se configura mais claramente como campo acadêmico, pois, além de se diversificarem os congressos e as revistas científicas especializadas em Educação Física, a pós-graduação *stricto sensu* também se consolida em nosso país. Melo e Fortes indicam essa década como a quarta fase da historiografia da Educação Física e Esportes, que:

[...] é marcada pela crítica e pelo anúncio de redimensionamento dos estudos anteriores, a partir fundamentalmente de uma inspiração teórica marxista. Embora as obras desse momento tenham significado uma importante mudança de enfoque, problemas anteriores persistem, além de um novo ter emergido (ou reaparecido): metodologicamente as obras são mais confusas e incompletas. Como exemplos, podemos citar os estudos de Castellani Filho (1988) e Ghiraldelli Junior (1988). A periodização continua a se submeter a especificidades exteriores ao objeto, referendando uma impressão de linearidade tão presente nas fases anteriores. A história é entendida como responsável por explicar linearmente o presente, fato agravado por uma compreensão que parte para o passado com hipóteses confirmadas *a priori*. (2010, p. 20).

Os livros citados são *Educação Física no Brasil: a história que não se conta* e *Educação Física progressista*, respectivamente de Lino Castellani Filho e Paulo Ghiraldelli

Júnior, ambos publicados em 1988. A professora Ana Carrilho Grunennvaldt comenta em sua entrevista sobre esse período, quando estava na graduação:

E a gente tinha muito aquela questão, que acho que foi muito forte naqueles primeiros momentos, que era que a história da Educação Física tem que ser feita pelos professores, pelos sujeitos da Educação Física. Então você vai ter uma história da Educação Física contada pela história da Educação, que foi as minhas primeiras hipóteses. Mas tinham coisas que não se encontravam, por exemplo, o impacto que é o trabalho do Lino e depois da Carmen²⁴² e toda uma produção que se segue depois, o Mauro Betti, que são trabalhos da história que não se conta. Então, não era só o que contar, mas *quem* vai contar também. E a outra coisa que acho que foi muito forte na nossa geração, que era quase que uma necessidade de fazer isso, um engajamento político de contar, acho que a coisa mais impactante para nós da leitura do Lino Castellani [risos] é que aquela história precisava ser contada. Então, você ser da história, a gente via uma afirmação, tanto é que depois a gente vai perdendo aquela paixão, aquele encanto, hoje a gente tem até uma leitura mais técnica, naquele momento, a gente tinha uma febre, um encantamento, talvez, assim, da própria história da Educação Física. (2016a, p. 11).

Esse engajamento político é comentado em várias entrevistas, lembrando que era um momento de redemocratização do país²⁴³ e de questionamentos sobre o que era a Educação Física, principalmente enquanto prática pedagógica escolar. Como indiquei anteriormente, a maioria dos professores que compuseram os CMs iniciou sua formação nessa década e de alguma forma tiveram contato com esses debates. O professor José Américo Menezes, em sua entrevista, relata suas memórias desse período (2016a, p. 4-5):

Como final dos anos 1980 e início dos anos 1990, a gente estava vivendo no Brasil uma redemocratização da sociedade brasileira, eu estava vivendo aquele grande processo de transição, que é denominado como o período renovador da Educação Física brasileira, onde as produções da professora Celi Taffarel, professor Lino Castellani, influenciados pelo Demerval Saviani, e por outros grandes pensadores da Educação e da Sociologia brasileira, que estavam lá no movimento da PUC, principalmente lá no sudeste do Brasil. Essas pessoas trouxeram para a Educação Física um debate que estava acontecendo na educação brasileira, que é uma sociedade que estava se redemocratizando: qual deve ser o papel da escola e, portanto, como o currículo, ele como eixo fundamental da operacionalização da escola através das suas disciplinas, como cada disciplina poderia ser constituidora desta transformação que a sociedade brasileira está vivendo. A Educação Física, ela vai ser influenciada por todo este contexto e, essas figuras produzem muito naquele período e, essa produção chega nas universidades, de maneira que eu fui um dos acadêmicos, no momento, que passei a simpatizar com essa influência das Ciências Humanas na Educação Física.

²⁴² Aqui se refere ao livro de Carmem Lúcia Soares, intitulado *Educação Física: raízes europeias e Brasil*, publicado em 1994.

²⁴³ Essa redemocratização, que ocorreu na década de 1980, foi o período final da ditadura militar. Iniciada com um golpe em 1964, a ditadura foi marcada pela censura, pelo exílio, pela repressão e pela tortura e morte de presos políticos. Com a redemocratização, vários debates políticos e sociais saíram da marginalidade.

O período renovador ou movimento renovador da Educação Física, segundo Fraga, Carvalho e Gomes (2012), apresenta uma diversidade de propostas geralmente identificadas por uma repedagogização da Educação Física, contemplando um diálogo mais profícuo com as Ciências Sociais e Humanas. Bracht (1999) explica que anteriormente a esse período já havia uma discussão pedagógica da Educação Física, porém muito baseado na visão biopsicossocial, que focava sua contribuição na relação com a aptidão física e esportiva dos/as estudantes. Com o movimento renovador, faz-se a crítica a esse modelo de discussão pedagógica por meio de uma “análise da função social da educação, e da EF em particular, como elementos constituintes de uma sociedade capitalista marcada pela dominação e pelas diferenças (injustas) de classe” (ibidem, p. 78).

Jocimar Daolio, ao analisar a trajetória de autores/as da Educação Física da década de 1980, em sua tese de doutorado, defendida em 1997 na UNICAMP, descreve que houve diferentes grupos nesse período que se inquietaram com a situação do país. O grupo denominado de progressista, do qual o autor analisou as narrativas de João Paulo Subirá Medina, Lino Castellani Filho, Celi Neuza Zulke Taffarel e Vitor Marinho de Oliveira, utilizava o referencial marxista. Para Daolio:

Parece que ser progressista naquela época na Educação Física significava, além de se opor claramente ao regime militar, negar a ênfase biológica na consideração do ser humano, legado histórico da Educação Física brasileira. De fato, vários entrevistados explicitaram a necessidade de “desbiologizar” a Educação Física, ampliando seus referenciais teóricos e aproximando-a das ciências humanas. Muitos estudiosos da Educação Física passaram a procurar programas de pós-graduação nas ciências humanas, sobretudo em educação. (1997, p. 78).

Essas características se refletem na historiografia da Educação Física, pois nesse período começam a se formar, especialmente em nível de graduação, alguns/algumas pesquisadores/as cujo trabalho pode ser identificado nas características apontadas por Melo e Fortes (2010) como integrantes da quinta fase historiográfica, contemplando outros olhares para a historiografia. O professor Amarílio Ferreira Neto, ao falar sobre sua experiência de formação acadêmica, descreve:

É diferente para nós, ou seja, essa *geração* que nasce na virada do final dos anos 1980 para o início dos anos 1990 é uma geração de profissionais com formação específica que voltaram o seu olhar para as humanidades, para pensar a Educação Física brasileira. Quer dizer, quando você lê um texto de História de um general do Exército é completamente diferente do que aconteceu nos anos 1990. (2016, p. 13, grifo meu).

Amarílio Ferreira Neto reforça, assim, a renovação citada por Bracht (1999) e menciona a formação de uma geração de pessoas que se voltaram para o estudo da História da Educação Física. Em relação aos referenciais dessa formação, a professora Carmem Lúcia Soares, em sua entrevista, comenta (2016, p. 10):

Em que nós vamos encontrar no fim dos anos 1980, quando elas começam a aparecer no Brasil, para a segunda metade dos anos oitenta, nós vamos encontrar traços marcantes de uma das teorias marxistas, de determinadas teorias marxistas, nós vamos encontrar uma mistura entre as teorias marxistas e as teorias da escola de Frankfurt, alguma coisa.

Em relação à teoria marxista, o exemplo sobre a escrita da história da Educação Física é o livro de Castellani Filho, comentado acima e referenciado em algumas entrevistas.

Enfatizo que nesse período os programas de pós-graduação *stricto sensu* em Educação Física no Brasil começavam a ser criados, sendo a Universidade de São Paulo (USP) a primeira instituição a ofertar o Curso de Mestrado em Educação Física, em 1977, e o Doutorado apenas em 1989. O interesse em fazer a formação junto aos programas na área da Educação fez parte da trajetória de vários/as pesquisadores/as que se debruçaram sobre a pesquisa historiográfica da Educação Física, em especial, em linhas de pesquisa ligadas à História da Educação. Segundo Carmen Lúcia Soares:

Então, eu penso que ainda ele [cenário ligado à história da Educação Física] é, nesse período, um espaço muito restrito aos mestrados, aos doutorados no campo da educação, os anos 1990. Nós todos nos tornamos doutores e doutoras nesse período. Eu mesma me doutorei em 1996 com uma pesquisa sobre história, depois a Silvana Goellner também veio fazer o doutorado aqui na educação da UNICAMP, a Andrea Moreno que também fez o doutorado aqui na Faculdade de Educação da UNICAMP. Claro, muitas outras pessoas em outros programas, mas eu lembro bem a Eustáquia Salvadora de Souza, professora da UFMG, foi uma pessoa que já no fim dos anos 1980, eu acho que a Eustáquia defendeu a tese dela em 1994, se eu não me engano, também aqui no Programa de Educação da UNICAMP. Outros programas de história da educação, como da UFMG, da UFRJ, da própria UFRGS, foram acolhendo pesquisadores da Educação Física que ainda não encontravam espaço nos programas específicos de Educação Física; só tardiamente que foram acolhendo esse campo da Educação Física, mais especificamente da história. Porque a gente poderia situar que o campo da Pedagogia e mesmo da Filosofia já estava presente. (2016, p. 8).

Ou seja, a aproximação desses/as pesquisadores/as com as Ciências Humanas e Sociais, que se deu em parte nos PPGs da Educação, possibilitou o desenvolvimento de pesquisas para além da Pedagogia e da Filosofia, destacando aqui pesquisas de cunho historiográfico. Essa relação com os PPGs da Educação é lembrada por Amarílio Ferreira Neto, em sua entrevista:

Ainda em BH, se você quiser pegar fora de nossa área, vai encontrar a importância de Luciano Mendes Faria Filho para essas pessoas na Educação Física. Por quê? Porque nós não andamos com pernas próprias, não tinha como. Chega em um dado momento que você vai fazer parte da pós-graduação na Educação Física, como? Eu queria ser orientando do Vitor Marinho, mas não foi possível, porque não dava. Se você for olhar, quem foi o orientador de mestrado do Tarcísio? Quem foi o orientador do doutorado do Tarcísio? Onde foi? Silvana, onde foi? Amarílio, onde foi? Ricardo Lucena, onde foi? Ou seja, a gente vai ver que, na Educação Física, mesmo na pós-graduação da Educação Física, não tinha massa crítica para contribuir com a nossa formação naquele momento. (FERREIRA NETO, 2016, p. 10).

Esse grupo citado por Carmem Soares, ou geração, como denomina Amarílio Ferreira Neto, vivenciou um período de transição entre o que Melo e Fortes (2010) caracterizaram como quarta e quinta fases da historiografia da Educação Física brasileira, visto que realizaram sua formação em um período no qual as teorias marxistas estavam em vigor. No entanto vários/as deles/as, ao iniciarem a pós-graduação, depararam-se com outras referências teóricas e deslocaram seus aportes teórico-metodológicos.

Nessa transição, destaco a importância dos PPGs de São Paulo, em especial a UNICAMP: como se observa no Quadro 5, muitas pessoas se formaram nesse estado. Dos/as 21 docentes entrevistados/as neste trabalho, dez fizeram doutorado e/ou mestrado em São Paulo. Além disso, lá atuavam pessoas que tiveram importante atuação na Educação Física, como relata o professor Ademir Gebara, ao falar sobre o cenário na década de 1980:

No estado de São Paulo nessa área eu era o único doutor, no estado de São Paulo, que é onde caía tudo. Você percebe? Depois... Veja, só para você ter uma ideia, o João Freire²⁴⁴, o Wagner Wey Moreira, o Lino²⁴⁵, eram mestres ainda. Eles não podiam, na UNICAMP mestre não entra em Programa de Pós-Graduação, entra só em curso de Especialização, mas não pode orientar. Então quer dizer, esse pessoal que depois veio deu uma amplitude muito maior, porque eu, ao invés de ter dez orientandos... Você multiplica isso pelo número... Aí entra o Marcelino²⁴⁶, entra o Bramante²⁴⁷, que vem do exterior com doutorado, a Beatriz²⁴⁸, que vem do exterior com doutorado. A gente foi contratando e agregando gente. (2016, p. 14).

Ao possibilitar a formação na pós-graduação, São Paulo foi um polo aglutinador no período. O professor Amarílio Ferreira Neto, em sua entrevista, aborda a formação de pessoas mais diretamente ligadas à pesquisa histórica da Educação Física.

²⁴⁴ João Batista Freire da Silva.

²⁴⁵ Lino Castellni Filho.

²⁴⁶ Nelson Carvalho Marcelino.

²⁴⁷ Antônio Carlos Bramante.

²⁴⁸ Maria Beatriz Rocha Ferreira.

Ou seja, se não tem aqui, onde você vai buscar? Então, é por essa razão que existiu uma migração toda na direção de São Paulo. Silvana fez mestrado lá, em Porto Alegre, migra para São Paulo. Eu fiz mestrado no Rio, fui para o doutorado em São Paulo. O Ricardo já tinha descido da Paraíba, estava no mestrado, veio aqui para o Espírito Santo, daqui voltou para o doutorado em São Paulo. [...] Logo na sequência, tinha o edital da UNIMEP e fui para lá. Foi ótimo, porque em São Paulo não interessa qual é a porta pela qual você entra; interessa se você sabe aproveitar o sistema de pós-graduação de São Paulo. Você estando na PUC, na USP, na UNICAMP, na UNESP²⁴⁹ ou na UNIMEP, você tem acesso a tudo, e foi o que aconteceu. Eu estava na UNIMEP, mas eu tinha acesso à UNICAMP, à PUC, à USP. Tinha acesso aos doutorandos todos que estavam lá, aos professores, e a gente se encontrava sempre. (FERREIRA NETO, 2016, p. 10-11).

Esses embates e a formação centralizada em São Paulo impactaram a formação desse grupo de pessoas, onde podemos perceber a presença das características da quarta fase da historiografia da Educação Física, conforme proposto por Melo e Fortes (2010), mas também algumas características da quinta fase. “A quinta e atual fase (a partir da década de 1990), portanto, é marcada por uma maior sistematização e institucionalização dos estudos e pela configuração mais clara da História do Esporte como um campo de investigação” (ibidem, p. 20). Eu acrescento como característica central dessa fase o uso do referencial teórico-metodológico da História Cultural.

Os autores citam, como formas de concretização desse novo foco na pesquisa historiográfica, a formação de grupos de estudo, a realização de eventos, a maior circulação em periódicos e publicações específicas. Focarei aqui nas características apresentadas na década de 1990 e no início dos anos 2000, pois foi quando os/as pesquisadores/as da História da Educação Física ligados aos CMs realizam sua formação na pós-graduação. O professor Carlos Fernando Cunha Júnior, ligado ao CEMEF/JF/MG, ao analisar a produção brasileira sobre Educação Física e ginástica publicada no século XIX e XX, reflete (1998, p. 19):

Embora os primeiros estudos sobre a temática tenham surgido na década de 30, somente nos anos 90 vamos perceber o esboço de um movimento aglutinador em torno daqueles/as que a ela se dedicam. É também no mesmo período que a distância entre a História da Educação Física e do Esporte e a própria História parece começar a diminuir, principalmente pelo engajamento dos/as *professores/as historiadores/as* nas linhas de pesquisa sobre o tema dos cursos de pós-graduação em Educação Física e Educação ou mesmo nos cursos de História, o que, sem dúvida, parece ter colaborado para a melhoria da qualidade de nossas pesquisas. (grifos do autor).

Essa percepção também é apontada por Carmen Lúcia Soares, quando menciona:

²⁴⁹ Universidade Estadual Paulista.

[...] mas assim, eu falo para você, mas eu não tenho nenhum dado científico, viu Christiane, é mais uma percepção e, claro, eu leio, eu leio artigos que saem de teses. Eu diria que os anos 1990, efetivamente, eles consolidaram esse *lugar* do campo da pesquisa em história do esporte e da Educação Física. E aí várias teses foram surgindo com vários temas do campo mais amplo da história do esporte e da Educação Física. (SOARES, 2016, p. 9, grifo meu).

Para adensar essa análise, fiz um levantamento na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), entre 1978 a 2014²⁵⁰, visto que essa revista teve edições em todo esse período e é publicada pelo CBCE, entidade científica vinculada à área acadêmica da Educação Física, citada nas entrevistas que realizei. Considerei na pesquisa os textos completos²⁵¹ que traziam no seu título ou no seu objetivo alguma referência aos termos ‘história’, ‘histórico/a’, ‘historiografia’, ‘memória’, ‘tempo’, ‘trajetória’. Esse levantamento foi feito por meio da leitura dos sumários²⁵² das edições da revista; por isso, ao ler um título que trazia algum indício de trabalho que tratasse de uma reflexão sobre o passado, procurei ler seu resumo e/ou o próprio texto na íntegra. Na década de 1980, não identifiquei trabalhos com foco historiográfico, porém destaco dois trabalhos de Carmen Lúcia Soares: o primeiro foi publicado em 1986 (v. 7, n. 3), com o título *A Educação Física no ensino de 1º. Grau: do acessório ao essencial*, que na sua introdução fala em olhar para a Educação Física de um “ponto de vista histórico”; o segundo, de 1988 (vol. 10, n. 1), intitulado *Fundamentos da Educação Física*, tem o subtítulo *A Educação Física e as determinações históricas: tendências identificadas*. Então, de alguma forma esses textos já indicavam a presença de algumas discussões históricas.

Na década de 1990, o primeiro trabalho que localizei é de 1994 (vol. 15, n. 2), da autora Raquel Stela de Sá Siebert, denominado *Corpo e movimento: hábito ou memória?*, que se propôs a investigar características de “etapas históricas” em relação ao estudo do corpo/movimento. Encontrei mais seis textos nessa década que se encaixaram na delimitação da pesquisa. Quanto aos textos publicados nessa década, é possível afirmar que não tinham como centralidade a fonte e discussão metodológica da pesquisa histórica, mas apontam para a importância e a viabilidade do trabalho com a História da Educação Física e do esporte.

O número de textos relacionados na década de 2000 é de 50, ou seja, um expressivo crescimento. É necessário dizer que duas edições foram temáticas sobre a *História da*

²⁵⁰ Ano final do recorte temporal da minha pesquisa de tese.

²⁵¹ A RBCE já possuiu a publicação de resumos de dissertações e teses, entrevistas, resenhas, resumos e textos enviados ao Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Esses textos foram desconsiderados nesse levantamento.

²⁵² A pesquisa por termos na página da revista ainda é restrita a textos a partir dos anos 2000.

Educação Física e Esporte (2003 e 2004, v. 25, n. 1-2), no período que a revista tinha como editor o professor Amarílio Ferreira Neto. Esses dois números somam 24 trabalhos. Porém mesmo assim se percebe um crescimento das pesquisas históricas publicadas na revista, bem como uma preocupação maior com a descrição das fontes e metodologias. Destaco ainda a publicação de dois textos sobre o CEME/RS: *Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul* (MAZO, 2001) e *Informação e documentação em esporte, Educação Física e lazer: o papel pedagógico do Centro de Memória do Esporte* (GOELLNER, 2003).

Ao analisar a produção acadêmica veiculada na RBCE, percebi que a década de 1990 representou a afirmação do lugar da pesquisa histórica nesse periódico, mas o número de textos foi ampliado apenas na década seguinte, consolidando-se como uma área dentro das discussões da Educação Física. É perceptível os reflexos da renovação historiográfica, pelo uso de diferentes fontes, para além de documentos produzidos por gestões governamentais, pela discussão metodológica da historiografia mais detalhada e pelo uso de referenciais da História Cultural, vivida na sua quinta fase, como propõem Melo e Fortes (2010).

Também percebi essas características ao realizar uma busca no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, visando a identificar as produções do período relacionadas ao campo da História da Educação Física e do esporte. Para tanto, utilizei os termos ‘História’ e ‘Educação Física’, e selecionei o campo de conhecimento da Educação Física. O resultado foi de 5.419 trabalhos. Porém o sistema apresenta resultados apenas de 1987 a 2012, apresentando um grande crescimento especialmente a partir do ano 2000. Ao refinar a busca, colocando os mesmos termos, mas restringindo a pesquisa para os títulos ou resumos, os resultados somam 1.288 trabalhos²⁵³, entre 1996 e 2017, sendo 1.029 dissertações de mestrado e 232 teses de doutorado. No sistema, não aparecem resultados anteriores a 1996, provavelmente pela vinculação à área acadêmica, lembrando, como no quadro 5, que a formação de pós-graduação de muitos/as pesquisadores/as se deu em outros campos de conhecimento. Outro motivo é que nem todos os trabalhos de períodos anteriores são registrados na plataforma da CAPES, especialmente antes da década de 1990. Abaixo, apresento um quadro com os números em cada ano até 2014:

²⁵³ Última consulta realizada em 14 jul. 2017.

Quadro 6 – Números de trabalhos sobre Educação Física e História relacionados no Banco de Teses da CAPES

ANO	Trabalhos	ANO	Trabalhos	ANO	Trabalhos
1996	24	2003	44	2010	68
1997	18	2004	39	2011	78
1998	29	2005	41	2012	97
1999	37	2006	47	2013	86
2000	32	2007	67	2014	94
2001	36	2008	74		
2002	52	2009	68		

Fonte: adaptado pela autora.

O número de trabalhos que apareceram nessa pesquisa, assim como demonstrado na RBCE, mostram um crescimento especialmente a partir dos anos 2000. As médias de trabalhos por ano, a cada cinco anos, são assim evidenciadas: entre 1996 e 2000, 28 trabalhos; de 2001 a 2005, 42,4; entre 2006 e 2010, 64,8; e de 2011 a 2015, 89 trabalhos²⁵⁴.

Contudo, mais do que os números, a consolidação desse ‘lugar’ reflete-se nas abordagens assumidas, nos eventos realizados, nas publicações específicas, nas linhas da pós-graduação e nos grupos de pesquisa. E esses números se referem às publicações em periódicos e como monografias acadêmicas, e não necessariamente ao trabalho com a pesquisa histórica e sua discussão nos grupos de estudo ou em outros espaços. Segundo a narrativa das pessoas que entrevistei, pude observar que na década de 1990 já estavam presentes debates e estudos sobre a historiografia da Educação Física, os quais se faziam a partir de novos referenciais e metodologias, como a História Oral e a Micro-História, não sendo apenas iniciativas individuais.

Quanto a outras ações que ocorreram na quinta fase, Melo e Fortes (2010) fazem alguns destaques: sobre os grupos de estudos formados na época, citam o liderado pelo professor Ademir Gebara na UNICAMP, formado em 1985. Identifiquei ainda a formação de um grupo de estudos também na década de 1980, mesmo que de caráter informal, pela professora Eustáquia Salvadora de Souza, na UFMG, que em sua entrevista afirma: “a gente fez um grupo de estudo a partir da disciplina que a gente ministrou lá no mestrado, e a gente continuou estudando, a gente se encontrava pra ler os livros, ler os livros que tinha acabado de sair” (2017, p. 12). Desse grupo fizeram parte, dentre outras pessoas, Tarcísio Vago e Meily Linhales, que posteriormente integrariam a equipe do CEMEF/MG.

²⁵⁴ Apresentei as médias por cinco anos, pois a década de 1990 não estava completa, com resultados apenas a partir de 1996.

Com relação aos eventos, os autores destacam o I Congresso de Filosofia, História, Sociologia e Educação Física Comparada, realizado em agosto de 1990, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mencionam ainda a criação do Encontro Nacional de História da Educação Física e do Esporte, que ocorreu pela primeira vez em Campinas no ano de 1993 e que em 1998, na sua sexta edição, realizada no Rio de Janeiro, passou a se denominar Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física (CHELEF)²⁵⁵ (VLASTUIN; PILATTI, 2004). Segundo Honorato, “os CHELEFs e seus anais representam um lugar social-acadêmico de disseminação da produção do conhecimento histórico sobre esporte, bem como é a partir do conhecimento histórico sobre esporte que os CHELEFs foram e vêm se constituindo” (2016, p. 30).

A iniciativa de realização desses encontros foi do professor Ademir Gebara, organizador da primeira edição, e que rememora a motivação para criação do evento:

O encontro foi realmente o que eu relatei ontem²⁵⁶, essa primeira leva... Saiu uma leva, estava saindo outra e estava dispersando. Então é um jeito da gente voltar a se ver, inclusive estimular a continuidade do trabalho. Dos 50 textos do primeiro encontro, 31, 34 eram de ex-orientandos ou orientandos meus. Era essa a preocupação. A coisa começou a se tornar um polo aglutinador. (2016, p. 18).

A tentativa de se tornar um polo aglutinador de certa forma teve êxito, como identifico na entrevista de Amarílio Ferreira Neto, ao relatar suas experiências nesses encontros.

Acho que foram muito ricos os Encontros de História. Havia dificuldades, divergências lá dentro, mas foram muito importantes para a formação de muita gente, porque nos aglutinaram fortemente. Os encontros, a partir de 1993, foram enriquecedores para quem soube aproveitar aquele momento. Era um conjunto de pessoas que foram se tornando mestres, foram se tornando doutores. Praticamente, do início ao final da década de 1990 estava todo mundo doutor. A gente estava circulando e se vendo sempre nos eventos em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Minas, no Paraná, no Rio Grande do Sul. Nós fomos a Gramado²⁵⁷. O formato do evento ajudou muito, porque exigia texto completo e apresentação. Foi um momento que formou e contribuiu fortemente para a formação de uma geração. (2016, p. 8-9).

Esses encontros, além de reunir as pessoas, também incentivaram a produção textual e a divulgação das pesquisas, como era o objetivo do grupo que o criou. Para Vlastuin e Pilatti (2004), o número de trabalhos apresentados na sua primeira edição foi de 36, chegando a 132 na sétima edição, que aconteceu no ano de 2000, na cidade de Gramado/RS.

²⁵⁵ Até o ano de 2016, o congresso teve 14 edições.

²⁵⁶ Referindo-se à palestra proferida no CHELEF de 2016, que ocorreu na cidade de Campinas/SP.

²⁵⁷ O VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança ocorreu em Gramado/RS, em 2000.

Esses encontros foram significativos para criação e a consolidação dos CMs, pois, além de fazerem parte da formação de docentes que criaram e integraram esses centros, também possibilitaram encontros, diálogos e circulação das pesquisas produzidas por eles/as, buscando os novos olhares presentes nesse período de renovação, como citado acima. Ao analisar os anais deste evento, identifiquei que o primeiro trabalho que menciona um lugar de memória relacionado à Educação Física é o de Ricardo Lucena e Fernanda Paiva, publicado nos Anais do III Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, realizado em Curitiba no ano de 1995, que trata da proposta de criação de um arquivo em Educação Física e esporte, na Universidade Federal do Espírito Santo.

Outro fato importante relacionado ao CBCE é a criação, em 1995, dos Grupos de Trabalhos Temáticos que agregam pesquisadores/as de forma mais direcionada, auxiliando a formação de redes entre as pessoas que analisavam uma mesma temática. Especificamente, cito o GTT Memórias da Educação Física e Esporte, sobre o qual a professora Carmem Lúcia Soares nos conta:

Nós mal conseguimos criar um grupo de trabalho temático que nem tem o nome de história, que não podia ter o nome de história e que tem um nome que graças ao Victor, à Silvana, ao Amarílio, a eu mesma, enfim, à Andrea Moreno. Enfim, um grupo, mas naquela época era mais o Amarílio, a Silvana, o Victor, eu que batalhamos. Andrea também estava nesse grupo, posso estar esquecendo de algum nome, mas enfim. A gente brincava, inclusive tinha um gesto o GT do H, mas que não pode ser do H porque tinha que ser um grupo de trabalho temático e não podia aparecer a questão disciplinar. (2016, p. 19).

Tal fato reuniu esse grupo em prol das pesquisas históricas, mesmo que não tenham conseguido afirmar a História no nome, e que também demarcou um espaço para a divulgação e discussões dos trabalhos. Moreno, Rosa e Segantini (2007) analisam a criação do GTT e seu desmembramento do GTT Memória, Cultura e Corpo. As autoras observam uma permanência de pesquisadores/as nos trabalhos apresentados com cunho historiográfico e indicam:

Podemos inferir que é essa “estabilidade”, da constituição de um grupo que não desenvolve trabalhos com caráter historiográfico apenas esporadicamente, mas sistematicamente – fato que permite, inclusive, o reconhecimento de grupos e a articulação entre pesquisadores independentemente da realização do congresso – que é possível pensar em um grupo de trabalho específico que reúne esses pesquisadores. A criação do GTT Memória da Educação Física e Esporte é, portanto, um processo que se dá “de dentro para fora”, com o reconhecimento de um grupo de pesquisadores, com a qualificação dos trabalhos desenvolvidos e uma permanência/ampliação desses fatores. (ibidem, p. 268).

Assim, o GTT foi criado em 1999, primeiramente com o nome Memória, Cultura e Corpo, sendo modificado, em 2005, para Memórias da Educação Física e Esporte, a fim de reunir mais especificamente pessoas interessadas na historiografia e suas publicações, visto que o GTT agregava trabalhos relacionados às temáticas de corpo e de cultura, que em sua maioria não contemplavam questões e metodologias relacionadas à História. Com base no levantamento²⁵⁸ feito pela professora Meily Linhales, que era a coordenadora do GTT em 2011, identifiquei que, de 1999 a 2011, vários/as docentes ligados/as a CMs participaram da coordenação e do comitê científico do GTT, conforme apresento no quadro abaixo, com os nomes destacados das pessoas relacionadas aos CMs:

Quadro 7 – Coordenações e comitês científicos do GTT Memória da Educação Física e Esporte do CBCE (1999-2011)

Gestão	Coordenador/a	Comitê Científico
1999-2000	Victor Andrade de Melo	Silvana Goellner, Andrea Moreno , Carmen Lucia Soares, Eustáquia Salvadora de Souza
2000-2001	Ricardo Lucena	---
2001-2003	Ricardo Lucena	Andrea Moreno , Carmen Lucia Soares, Eustáquia Salvadora de Souza, Marilita Aparecida Arantes Rodrigues, Silvana Vilodre Goellner, Victor Melo , Eliane Pardo Chagas, Carlos José Martins, Luis Otávio Teles Assunção
2003-2005	Kleber do Sacramento Adão	Carmen Lucia Soares, Andrea Moreno, Silvana Goellner, Ricardo Lucena
2005-2007	Andrea Moreno	Marcus Taborda, Carlos Fernando Cunha Jr., Ricardo Lucena, Maria Cristina Rosa
2007-2009	Maria Cristina Rosa	Andrea Moreno , Edivaldo Góis, Kátia Danailof, Marcus Taborda
2009-2011	Meily Assbu Linhales Coord. Adjunta: Maria Cristina Rosa	Ana Carolina Vimieiro Gomes, Andrea Moreno, Andre Silva, Priscilla Kelly Figueiredo

Fonte: adaptação da autora, a partir de documento de Meily Linhales²⁵⁹.

As pessoas identificadas integraram o CEME/RS, o CEMEF/MG, o CMIPM/RJ, o CEMEFEN/PB e o CEMEF/JF/MG. Mas também destaco que, ao analisar o Currículo Lattes dos/as 21 professores/as, identifiquei que todos/as já participaram do Congresso Brasileiro de

²⁵⁸ LINHALES, Meily Assbu. **Memória do GTT Memórias da Educação Física e Esporte**. Acervo do CEME. Coleção CBCE. Belo Horizonte, 29 ago. 2011.

²⁵⁹ LINHALES, Meily Assbu. **Memória do GTT Memórias da Educação Física e Esporte**. Acervo do CEME. Coleção CBCE. Belo Horizonte, 29 ago. 2011.

Ciências do Esporte (CONBRACE) pelo menos uma vez, sendo esse um local de encontro e de troca de experiências que parece ter contribuído na formação e consolidação dos CMs.

Além desse evento específico e da existência do GTT Memória da Educação Física e Esporte no CBCE, Melo e Fortes (2010) citam também a realização contínua de simpósios temáticos específicos sobre História do Esporte, no Simpósio Nacional de História da Associação Nacional de História (ANPUH), desde 2003, quando o evento nacional ocorreu em João Pessoa/PB.

Em relação à maior circulação das produções em periódicos científicos vinculados à área da Educação Física, merece destaque a publicação de duas edições temáticas da Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) (2003 e 2004), como mencionei anteriormente. Também foram apresentados dossiês com esse tema na revista *Fronteiras* (2010, v. 12, n. 22), editada pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados, e na revista *Estudos Históricos* (1999, n. 23), editada pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC). Além disso, em 2008 foi lançada uma revista específica, a *Recorde: Revista de História do Esporte*, que tem como editor responsável Victor Melo, o qual teve relação com o CMIPM/RJ.

Sobre a publicação de livros na década de 1990, destaco a coleção *Pesquisa Histórica em Educação Física*, organizada pelo professor Amarílio Ferreira Neto, que em sua entrevista descreve sua motivação para empreender essa iniciativa:

Aproveitei o momento do doutorado para fazer a Coleção sobre *Pesquisa histórica*. No momento em que estou fazendo o doutorado, está saindo, por exemplo, o *Pesquisa histórica I*, que é de 1996; depois, no segundo ano em 1997, saiu o *Pesquisa histórica II* e depois o III, IV e V e ainda o VI, já na volta do doutorado. Fiz todo o ano um e as pessoas não sabem, mas minha inspiração foi Inezil Penna Marinho. A pessoa que me motivou para me dedicar à História foi Vitor Marinho de Oliveira. Mas a minha inspiração de trabalho de historiador... Isso não é tranquilo, mas para mim o maior nome da História da Educação Física brasileira ao qual pude ter acesso à documentação foi Inezil Penna Marinho, e é por essa razão que decido fazer os livros de *Pesquisa histórica* inspirados naqueles livros²⁶⁰ que ele fez um volume geral e depois ele fez I, II, III e ele queria fazer até o V. A minha vontade era fazer dez inicialmente e fazer um décimo primeiro, que era para ser o contrário do que o Inezil fez. O Inezil primeiro fez o de 1943, o grandão, e depois ele foi dividindo e queria fazer cinco volumes. Fiz o contrário. A ideia inicial era fazer dez com estudos que permitissem ter uma compreensão bastante aprofundada do que tinha sido o século XX da Educação Física brasileira. (2016, p. 7, grifos do autor).

²⁶⁰ História Geral da Educação Física.

Para escrever nessa coleção, foram convidados discentes dos cursos de pós-graduação que estavam concluindo ou que já haviam concluído suas pesquisas relacionadas à história da Educação Física e do esporte. Ao analisar a autoria dos textos na coleção, identifiquei vários/as pesquisadores/as que tiveram e têm vínculo estreito com os Centros de Memória: Silvana Goellner, Tarcísio Vago, Victor Melo, Ricardo Lucena, José Américo Menezes, Carlos Fernando Cunha Júnior, entre outros/as.

Também é possível citar a publicação de outros livros de historiografia da Educação Física e esporte nessa década, como o de Eustáquia Sousa Meninos, *À marcha! Meninas, à sombra! A História do Ensino de Educação Física em Belo Horizonte*, publicado em 1994; *Educação Física: raízes europeias e Brasil*, de 1994, e *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*, de 1998, ambos escritos por Carmem Lúcia Soares; *Bibliografia brasileira de História da Educação Física e do Esporte*, escrito por Victor Melo e Patrícia Genovez, em 1998; *História da Educação Física e do Esporte: Diretório Brasileiro de Pesquisadores*, com autoria de Victor Melo e Silvana Goellner, em 1998; *História da Educação Física e do Esporte no Brasil: panorama e perspectivas*, de Victor Melo, em 1999; e *A Pedagogia no exército e na escola: a Educação Física brasileira (1880-1950)*, de autoria de Amarílio Ferreira Neto, também publicado em 1999.

Na década de 1990, vários foram os/as docentes envolvido/as com os CMs que realizaram sua formação na pós-graduação a nível de mestrado e doutorado, como demonstrei no Quadro 5. Alguns/as relatam que nesse momento se diversificaram as abordagens da historiografia, como indica a professora Ana Carrilho Grunennvaldt em sua entrevista:

Mas naquele momento, em noventa e pouco, em Sergipe, especificamente, a gente tinha muito pouco e me lembro assim, até no Brasil... Por isso que eu falei que o Victor, Tarcísio, Silvana, Amarílio é a primeira geração, assim, que a gente chama... Que a gente já era formado com essa questão, que eram nossos interlocutores da história já, fazendo o que não era mais aquele momento da própria história. Mas era uma questão que a gente via ainda meio inaugural, muito diferente de hoje. (2016a, p. 10).

Entendo como novidades, na historiografia da Educação Física, a partir da década de 1990, com base em Taborda de Oliveira e outros/as (2003): a preocupação com as diversas dimensões sociais e culturais da história, e não apenas as políticas e econômicas; o uso de uma diversidade maior de fontes e de novos referenciais teóricos; a crítica a essas fontes; o olhar para novas questões da Educação Física; o entendimento que pesquisador/a e fontes elegidas não são neutros. Destaco que as mudanças percebidas na historiografia da Educação Física foram fortemente relacionadas às mudanças no campo da História da Educação. As

mesmas características foram percebidas, conforme apresentam Saviani e outros/as (2011), tendo ocorrido uma renovação nessa área, especialmente a partir das décadas 1980 e 1990. Tal contexto também foi apontado pela professora Eustáquia Souza, em sua entrevista:

Eu acho que foi bebendo fontes da Educação, sabe, porque as teorias todas que a gente pegava na História, metodologia de história, aí vamos pensar, todo mundo que começou a trabalhar, começou então, vamos ver, o Victor, a Silvana em São Paulo, a Carminha na Unicamp, o Lino, próprio Lino que foi na PUC de São Paulo, que ele fez. Então a nossa literatura era de História de Educação, sabe, porque já existiam os pensadores que já pensavam história em novas perspectivas, porque deixou de ser aquela história que contava só a partir dos poderosos, né, e a história do cotidiano, que passou a influenciar muito as pesquisas, você vai ver que a gente parte mais pra entrevista, pra documentos produzidos no dia a dia, nos relatórios de escola, relatórios de inspetor, livros didáticos, mas também em cadernos produzidos na Educação Física. (2017, p. 13).

Essas mudanças foram introduzidas e produzidas na Educação Física nesse período por pessoas a ela ligadas, cuja formação acadêmica se deu em outras áreas, principalmente na Educação. Segundo o professor Carlos Fernando Cunha Júnior (2016, p. 12-13):

Então a gente estava naquele período de um período rico em termos das mudanças que vão acontecendo no campo da história da Educação Física, são os pesquisadores que participam desse movimento desde a década de 1990, já vêm pro campo, transformando esse campo, do ponto de vista metodológico mesmo, de concepção de história, de metodologia, de relação com as fontes, de alargamento dos objetos, de pesquisas em arquivos, é um momento de muita transformação, de efusividade, vamos dizer assim, de modificações desse entendimento do que é a história da Educação Física, da história das práticas corporais em geral, a história do esporte. Então, os eventos que acontecem são eventos onde isso vai estar muito marcado, essa transformação do ponto de vista de uma melhor compreensão, vamos dizer assim, historiográfica, por conta dessas relações que nós começamos a ter com os pesquisadores da própria história, com os pesquisadores da história da educação. Então, a partir dessas relações, a noção e a concepção de pesquisa em história da Educação Física, do esporte, das práticas corporais vai se alterar fundamentalmente nesse período, periódicos são organizados especificamente com o estudo no campo da história da Educação Física, do esporte; alguns livros; coleções, começam a ser organizadas.

Sobre a concepção de História, apontada na fala do professor Carlos, é possível observar um diálogo com a História Cultural ou Nova História. Essa concepção também aparece em outras entrevistas, como na de Carmen Lúcia Soares (2016, p. 10), que indica:

E mais na metade dos anos 1990, já quando eu termino a minha tese, nós vamos começar a ter um diálogo, e a minha tese de doutorado já vai nessa direção, com a História Cultural. Com a Escola dos Annales e a História Cultural. Eu acho que é aí que nós começamos a ter também uma ampliação dos estudos da história da Educação Física e do esporte, porque a história da

Educação Física e do esporte a partir dos referenciais da Escola dos Annales, da História das Mentalidades e da História Cultural, ela começa a ter aí uma possibilidade que esses referenciais dão, de sair do binarismo que as teorias marxistas na verdade impingiam.

A professora Carmem justifica essa mudança pelo próprio acesso aos materiais que discutiam essas teorias e que começam circular no Brasil. A possibilidade de acessar produções contendo outras teorias e abordagens, a utilização de diversificado tipo de fontes, a emergência de novos problemas e investigações conformam um movimento de renovação historiográfico na Educação Física brasileira. Tony Honorato, ao analisar os Anais do CHELEF, afirma (2016, p. 30):

Na nossa análise, é evidenciado que autores como Victor A. Melo, Marcelo W. Proni, Antonio Jorge Soares, Silvana V. Goellner, Wanderley Marchi Jr. e muitos outros aqui não citados, porém identificados na pesquisa, são representantes da renovação enfática dos estudos do esporte no Brasil a partir dos anos de 1990, período que defenderam suas teses de doutoramento. Como breve balanço, tem-se que o movimento da historiografia do esporte no Brasil vem buscando reconstruir a linhagem essencialista que perpassa seu passado ou partes dele. Em especial, as influências teórico-metodológicas dos Annales potencializaram as forças da renovação historiográfica no campo. Contudo, identificam-se ainda pesquisas que visam ao esporte em perspectiva microscópica, em detrimento de outros acontecimentos, e colocam o esporte à prova de determinados modelos teórico-conceituais, em detrimento da heurística documental. Tal constatação provoca preocupação na medida em que se observa a produção de conhecimento histórico sem conexão com as memórias, períodos e tensões da vida em sociedade e há o encarceramento do *corpus* documental para validar conceitos e categorias.

Nesse processo de renovação historiográfica em relação aos CMs, é relevante mencionar a apropriação da História Cultural que, como mencionei na introdução deste trabalho, possibilita olhar para outros objetos e para a pesquisa histórica e também de outras formas, para além do levantamento cronológico de datas e acontecimentos. Segundo Melo e Fortes, “A emergência de uma ‘subdisciplina’ denominada História do Esporte, em grande medida, tem relação com a configuração da Nova História Cultural, nos anos 1970” (2010, p. 13). Faço a ressalva que, para os autores:

[...] a História do Esporte (no sentido de História das Práticas Corporais Institucionalizadas) englobaria as histórias da educação física, da ginástica e do próprio fenômeno esportivo, entre outras, analisando separadamente os temas, mas sempre os entendendo tanto inseridos no contexto histórico em que são investigados, quanto na relação que estabelecem com outras práticas corporais de seu tempo. (2010, p. 15).

O historiador Peter Burke também analisa a relação da História Cultural com outras subdisciplinas, ao afirmar:

“Práticas” é um dos paradigmas da Nova História Cultural: a história das práticas religiosas e não da teologia, a história da fala e não da linguística, a história do experimento e não da teoria científica. Graças a essa virada em direção às práticas, a história do esporte, que antes era tema de amadores, tornou-se profissionalizada, um campo com suas próprias revistas, como o *International Journal of History of Sport*. (2005, p. 78).

Ao analisar a produção de trabalhos sobre a história da educação do corpo, incluindo a Educação Física, Marcus Aurélio Taborda de Oliveira (2007) tece algumas considerações sobre esse processo de renovação que julgo importante enfatizar:

Para finalizar, entendo que há um movimento na produção em história da educação física, da educação do corpo no Brasil que permite que falemos em renovação, embora eu não ouse falar em “campo”. Precisamos aquilatar o estatuto dessa renovação, sobretudo nas bases de pesquisa empírica e de escrita dessa história. Penso que estamos produzindo em série, embora isso não seja prerrogativa da educação física, estudos históricos de qualidade duvidosa. [...] Sobretudo, ficarmos atentos para os procedimentos que definem uma história como boa história. Não porque apenas gostamos dela, mas porque ela resiste a todos os testes e a todas as provas as quais as submetem as mais diversas escolas historiográficas. Sem esse cuidado acredito que não podemos falar de uma verdadeira renovação historiográfica na educação física brasileira, embora eu esteja pronto para admitir que assistimos um movimento nessa direção. (ibidem, p. 136).

Em seu texto, Taborda de Oliveira questiona os temas, os recortes temporais, os suportes teóricos, o uso das fontes e a circulação das pesquisas. Destaco que, ao apontar várias armadilhas e erros da historiografia da Educação Física, o autor explica que ainda era necessário, pelo menos à época da escrita de seu texto, aprimorarmos a análise dos objetos, relacionar micro e macrocosmo, utilizar de forma contextualizada e crítica as diversas fontes, e não como iguais, não descuidar das avaliações em eventos e revistas. Por isso, no trecho acima, o autor conclui seu artigo dizendo que estávamos indo na direção de uma renovação, mas que ela ainda não estava consolidada.

Percebo que os CMs fazem parte desse movimento identificado como de renovação na historiografia da Educação Física e que as características a ele relacionadas aparecem em suas trajetórias. Porém as reflexões que Taborda de Oliveira aponta são necessárias também aqui. Destaco esses tensionamentos, pois reconheço que a formação dos/as professores/as foi atravessada por mudanças, tanto em nível da Educação Física, enquanto prática pedagógica com o movimento renovador, como da renovação historiográfica da Educação e da Educação

Física. Mas isso não significa que todos os CMs e docentes a eles vinculados assumiram novas fontes, metodologias, referenciais e análises.

Esse novo olhar para a história na área da Educação Física, mesmo sem poder ser generalizado, possibilitou a ampliação de estudos. O professor Ricardo Lucena e a professora Fernanda Paiva, em texto publicado na década de 1990, comentam sobre a necessidade de se criar um Arquivo Histórico no Centro de Educação Física da UFES:

Nunca como hoje foi dada tanta importância por um número tão amplo de pesquisas à história da educação física e do esporte no Brasil. Nunca como hoje os documentos e a análise adequada dos documentos têm sido alvo de tanta atenção nos cursos de Educação Física. Nunca como hoje o resgate da história oral, o retorno às fontes primárias, a análise criteriosa da legislação referente à educação física e dos currículos dos cursos de graduação desse país mereceram tanta atenção. Todavia, toda essa preocupação não se reflete na criação e manutenção de espaços previstos para acomodar, classificar e organizar a documentação que se está construindo e a já existente referente à educação física e ao esporte no Brasil. (LUCENA; PAIVA, 1995, p. 406).

Ou seja, em meio à formação dessas pessoas, já existia uma preocupação com a necessidade de criar lugares de memória, o que parece ter sido influenciado pelos referenciais teóricos que estavam sendo apropriados em pesquisas produzidas na área da história da Educação Física. Esses referenciais se propunham a abordar uma diversidade de fontes, e não apenas aquelas consideradas oficiais, como a legislação e os documentos de governo. Ao procurar fontes como relatórios, planos de aula, publicações em jornais, também se percebeu a necessidade de lugares de memória que se preocupassem em preservar esses documentos e dar acesso a eles. Como relatei sobre a formação dos acervos dos CMs, os centros se propuseram a ser esse espaço e a manter diversos registros ligados à Educação Física e ao esporte no Brasil.

Ao olhar para a formação dessas pessoas, chamou-me à atenção a relação existente entre elas e os frequentes diálogos estabelecidos, visto que pertenciam a uma espécie de comunidade acadêmica, reconhecida pelo vínculo com trabalhos e intervenções relacionados à memória e à história. Não pertenciam a grupos isolados, mas se conheciam e conviviam, tanto pelos encontros que aconteciam durante os eventos – com destaque para os já mencionados Encontro Nacional de História e CONBRACE –, quanto pela produção de trabalhos conjuntos. Um exemplo de parceria estabelecida nesse momento por pesquisadores/as dessa geração foi o *Projeto Bibliografias: descortinando fontes para a História da Educação Física e do Esporte no Brasil*, que tinha como objetivo levantar textos sobre a história da Educação Física em diferentes estados, como Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e

Espírito Santo (MELO et al., 1998a, 1998b). O grupo foi composto por Victor Andrade de Melo, Silvana Vilodre Goellner, Patricia Falcão Genovez, Fernanda Simone Lopes Paiva e Carlos Fernando Ferreira da Cunha Júnior.

Outro vestígio que fornece indícios sobre a parceria estabelecida entre alguns e algumas docentes envolvidos/as com os CMs figura na entrevista de Tarcísio Vago, quando descreve certas ações do CEMEF/MG:

E aí nesse primeiro seminário, por exemplo, uma das pessoas que nós convidamos foi a professora Silvana Goellner, que vossa senhoria conhece muitíssimo bem, porque tinha toda uma experiência lá com Centro de Memória do Esporte, lá na Escola de Educação Física da Federal do Rio Grande do Sul. Veio, fez uma palestra, nós trouxemos outras experiências para cá, para conhecermos. Por exemplo, o Amarílio Ferreira Neto, do Espírito Santo, estava no movimento de organização lá, o professor Carlos Fernando da Cunha Júnior, da Federal de Juiz de Fora. (2014, p. 10).

O professor faz referência ao primeiro Seminário do CEMEF/MG, que ocorreu nos dias 13 e 14 de novembro de 2003, com o tema *Educação Física, História e Memória*. Em sua programação²⁶¹, o seminário contou com a presença de Silvana Goellner, Eustáquia Sousa, Amarílio Ferreira Neto, Carlos Fernando Cunha Júnior, Marcus Aurélio Taborda de Oliveira e Luciano Mendes de Faria Filho, nas mesas centrais de debate. O último, professor da Faculdade de Educação da UFMG, além de ser um dos líderes do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação (GEPHE), do qual fazem parte integrantes do CEMEF/MG, também foi orientador de doutorado de pessoas ligadas aos CMs, como Meily Linhales e Carlos Fernando Cunha Júnior.

Com o exposto neste item, entendo que a constituição dos CMs também foi possível pelo contexto da formação das pessoas envolvidas, especialmente pelos referenciais teóricos apropriados a partir da renovação da historiografia empreendida pela Educação e pela Educação Física, pela ampliação da pós-graduação na área e pelos encontros e parcerias possibilitados por esses diferentes espaços de formação, como os eventos e as publicações específicas sobre a história da Educação Física e esporte.

²⁶¹ CEMEF. I Seminário do CEMEF: Educação Física, História e Memória. Programa. Acervo do CEMEF. Belo Horizonte, 13 nov. 2003.

4.2 O ENVOLVIMENTO PESSOAL COM OS CENTROS: PAIXÕES, COMPROMISSOS E DESILUSÕES

Como anunciei anteriormente, os CMs aqui analisados não integram a estrutura organizacional das universidades que os abrigam, ou seja, não são institucionalizados, o que dificulta que seja garantida sua permanência para além da dedicação de quem os mantém funcionando. De modo generalizado, posso inferir que aquilo que faz com que existam, em grande medida, decorre das pessoas que estão envolvidas e que pleiteiam recursos, buscam modos de subsistir, preservam os acervos, realizam a divulgação, demandam pesquisas, entre outras atividades desenvolvidas nestes lugares de memória. O professor Amarílio Ferreira Neto, explicitando o seu entendimento sobre os CMs, afirma:

Olha, acompanhei esse movimento e eu sempre falo o seguinte: respeito sobretudo aqueles colegas que fizeram essa opção, porque é um ato de coragem, na minha opinião. Tanto que não fui corajoso aqui, porque você precisa de uma infraestrutura, de um suporte. Boas ideias e formação? Têm, mas não tem gente para fazer Centro de Memória. Centro de Memória é infraestrutura, infraestrutura física, de tecnologia e de pessoal, e quem pode garantir isso? Se é Centro de Memória, quem pode garantir é a instituição, porque a instituição é permanente. Tem que haver garantia para isso. A impressão que tenho é que as dificuldades que os colegas têm estão exatamente aí. (2016, p. 25).

Essas dificuldades foram enfrentadas nos CMs em vários momentos de suas trajetórias, como demonstra Ricardo Lucena, do CEMEFEN/PB, em sua entrevista:

As pessoas acham que é importante, acham que é bonito, a iniciativa é válida e tal, mas tanto na universidade como fora dela você não tem nada que sistematize isso, que mantenha isso de outra forma vivo. Então é uma coisa quase meio solitária, você fica, faz, pega, arruma aqui, muda para um lugar, muda para outro, arranja o material, mas eu acho que é uma constatação nesse sentido, é sempre muito solitário esse processo. (2014, p. 10-11).

Mesmo com sua importância reconhecida, ainda permanecem dificuldades, e o envolvimento pessoal ganha destaque. Sérgio Ribeiro, do CEMEFEL/SE, ao ser indagado sobre o apoio recebido pela UFS, reflete: “Nada, é um pouco disso aí que eu acabei de falar, é na ‘tora’, é no amor, na vontade, não teve apoio nenhum nesse sentido” (2016a, p. 13).

Como contraponto às carências institucionais registradas por vários/as entrevistados/as, percebi que figuram nas suas narrativas afirmações que evocam sentimentos como amor, desejo, paixão, vontade, compromisso, prazer, alegria, brilho no olho e também desilusão, desânimo e desistência, como menciona Carlos Fernando Cunha Júnior em sua

entrevista, ao falar sobre o CEMEF/JF/MG: “O Centro de Memória vem em uma esteira de desejos que representam essa minha trajetória, essa minha ligação com a história da Educação Física e do esporte” (CUNHA JÚNIOR, 2016, p. 15). Relembro aqui a expressão utilizada por Mario Chagas, “Há uma gota de sangue em cada museu”, ao falar da existência de vida e luta nos museus. Assim, penso que os sentimentos relatados pelos/as entrevistados/as são motivações fundamentais dos CMs.

Para entender melhor o significado desses sentimentos, destaco que o trabalho nos CMs, como apresentei no capítulo anterior, envolve muitas atividades, além de tarefas administrativas, como a submissão de projetos de financiamento e prestação de contas. Também se agregam a isso todas as tarefas ligadas ao trabalho docente universitário, como: aulas, estudos, pesquisas, atividades de extensão, orientações, reuniões institucionais, reuniões com os grupos de estudo e pesquisa, comissões, chefias, pareceres de projetos, bancas, palestras, encontros científicos, avaliação de artigos para periódicos, concursos etc. Ou seja, é um grande volume de atividades, com grandes responsabilidades.

O envolvimento que as pessoas têm com os CMs não se trata apenas de cumprir tarefas, de aumentar salários, ganhar pontos no currículo, mas para alguns/as está relacionado com a satisfação pessoal e com o compromisso social e político com a História da Educação Física. Quéfren Nogueira, em sua entrevista, afirma (2016, p. 12-13):

Hoje o CEMEFEL, ele é como se fosse meu xodó. Não necessariamente o CEMEFEL, mas o acervo, eu tenho um sonho muito grande de ver este acervo bem organizado, que possa estar outras pessoas pesquisando, um local de visita, de movimentação, que seja uma local que a gente possa realmente guardar a memória da Educação Física, do esporte e assim por diante. Então, eu tenho muito mais um carinho pessoal com a questão da história do que necessariamente uma questão acadêmica, sabe.

O xodó ou carinho apresentado pelo professor, embora não seja o suficiente para a manutenção do centro, dá sentido a essa dedicação, para além da questão acadêmica. Percepção semelhante também encontrei na fala da professora Janice Mazo, sobre o trabalho no CEME/RS (2015, p. 59):

Eu gosto muito de fazer isso, de contar as histórias, sabe, de descrever, de descobrir, de ficar montando tipo “olha, tu finalmente, tu vê essa pessoa foi ele que fez isso”, e daí vai montando, isso me dá muito prazer. Foi um prazer... Porque eu tinha muito prazer em organizar, em receber. O prazer que eu tinha na época do CEME, isso me dava muita satisfação.

Ainda sobre a satisfação pessoal, apresento o trecho da entrevista da estudante Fernanda Santos, do CEMEF/MG.

E aí não só como um incentivo, vamos dizer assim, de as pessoas falarem com você, mas a gente vê isso no CEMEF, os professores que trabalham no CEMEF, o quanto do trabalho deles aqui dentro é importante para a construção, não só da carreira, mas da vida deles enquanto professores, enquanto pesquisadores, para o lugar que eles escolheram ocupar na universidade e dentro da sociedade. Então não é um exemplo só de falar, mas é um exemplo de ver também e, para mim, acho que é uma das coisas mais legais que o CEMEF trouxe. E também acho que o meu olho brilha quando eu falo da História da Educação Física, é uma coisa pela qual eu sou muito apaixonada. O CEMEF é uma experiência de vida muito interessante para mim. (SANTOS, 2014, p. 14).

Assim, o envolvimento pessoal demonstrado pelas pessoas que atuam nos CMs se relaciona também com a formação, e aqui me refiro à formação no sentido mais ampliado, como fala Cássia Lima, integrante do CEMEF/MG: “Relações de carinho e afeto também me formaram. Tornaram-me mais sensível – afirmo até que mais humana” (2016, p. 7)²⁶². Os centros tornam-se, então, esse lugar de composição de si e de realização, sendo simplória uma explicação de envolvimento no seu trabalho apenas por benefícios acadêmicos ou pelo envolvimento com a pesquisa. São, inclusive, locais para elaborar sentimentos também de desilusão, como descreve Cássia Lima em outro trecho de seu texto:

O CEMEF pra mim é marcante pelo fazer solidário, pela partilha, pelo compromisso com o coletivo. Isso se faz presente no momento de localizar uma fonte, uma referência que será importante para o outro – enfim de “arrumar o pão e café” – mas também em ser solidário com as decepções e angústias que a inserção no mundo acadêmico também nos traz. Isso suaviza o caminhar e dá mais sentido, força e fôlego para um fazer de pesquisa que é por vezes muito solitário! (2016, p. 6).

Busquei aqui destacar a existência e os porquês desse envolvimento pessoal, mesmo sabendo que ele não pode ser generalizado para todas as pessoas que passaram pelos CMs, talvez ele nem seja um sentimento da maioria dos/as envolvidos/as. Segundo Mancebo, ao tematizar o trabalho docente universitário, “a despeito da conjuntura adversa, persistem práticas docentes que remetem à construção de alianças, de compartilhamento dos conhecimentos, de produção de novos sentidos e significados, mesmo que em espaços específicos e em momentos particulares” (2007, p. 79). Nos CMs, existem diversas formas de envolvimento e aproximação, como relata o professor Marcos Aurélio Taborda de Oliveira:

E mantenho um contato mais distante, mantenho contato com o CEMEF, mas eu já não me considero organicamente ligado ao CEMEF, porque eu não trabalho como o pessoal tem trabalhado, com o acervo, com tratamento,

²⁶² LIMA, Cassia Danielle Monteiro Dias. Mesa no IX Seminário do Centro de Memória da Educação Física do Esporte e do Lazer: **Formação, investigação e organização do acervo: o CEMEF e a formação de professores/pesquisadores**. 2016 (texto enviado pela autora, que permitiu o uso neste trabalho).

organização, essas coisas não é muito do meu *metiê*, não sei fazer, e eu não tenho grande apreço por isso. Acho um trabalho superimportante, mas eu não sei fazer isso, não é um trabalho ao qual eu me dedico. Então essa é um pouco da trajetória de como eu cheguei aqui. (TABORDA DE OLIVEIRA, 2014, p. 5).

As experiências são muito diversas, e pela minha própria convivência em um CM compreendo que o gosto pelo trabalho específico de um Centro de Memória nem sempre ocorre, até porque as pessoas têm objetivos e interesses diversos. Contudo, sem esse envolvimento sentimental de algumas pessoas, em face de todos os entraves e as dificuldades, os CMs estariam ainda menos assegurados.

Algo que contribuiu para esse entendimento são as decepções e os afastamentos, como apresenta Vera Moro, em sua entrevista sobre o CEMEDEF/PR: “Assim, sinto um pouco de tristeza, em dez anos de não ter avançado mais do que isso que a gente fez. Me vejo como responsável, assim, assumo parte dessa responsabilidade de ver a coisa assim, mas eu acho que ainda dá...” (2016, p. 17). A tristeza é uma frustração, também pessoal, por não ter alcançado os objetivos que a professora desejava para este CM.

Também identifiquei que ao longo da trajetória dos CMs algumas pessoas decidiram suspender suas atividades junto a esses lugares de memórias ou ainda permanecer, mas de outro modo. Victor Melo assim relata sua atuação no CMIPM/RJ:

Eu acabei entrando no tema um pouco de forma contingencial, quer dizer, tinha aquele negócio ali, “vamos fazer isso aqui e tal”, eu achava uma pena deixar aquilo lá largado e acabei trabalhando um tempo com isso. Mas no fundo, no fundo, eu não gostava muito de gerenciar isso, por isso que eu te falei que eu achava que eu perdia um tempo enorme organizando, acho *importantíssimo* [ênfase], mas eu perdia um tempo enorme e não tinha tempo de fazer o que eu queria fazer. O que eu gosto de fazer é o trabalho de historiador, não é o trabalho de museólogo assim. (2014, p. 7).

Após sua saída do CMIPM, o professor continuou pesquisando e publicando trabalhos historiográficos. Trajetória similar também é narrada na entrevista de Janice Mazo, relacionada também às suas decepções:

E aquilo [dificuldades estruturais e de recursos] me gerava também muita angústia, isso foi um dos motivos também que eu digo “Ai... trabalhei tanto, investi tanto tempo, e o CEME continua nessas condições”. Julho de 1996, eu saí em março de 2000, e as condições ainda não tinham mudado muito. Não tinha conseguido prateleiras, não tinha funcionário, bolsistas, entendeu? Olha, Chris, não é brincadeira não. E eu investia, pegava meu carro, eu ia nos lugares, eu pagava para trabalhar em alguns momentos, porque a escola também não tinha condições, então aquilo também me gerou uma certa frustração. (2015, p. 32).

Nestas e em outras narrativas é possível perceber que o pessoal e o institucional se relacionam, visto que as dificuldades e as possibilidades de um e de outro se afetam mutuamente. Reforçando essa relação entre as frustrações institucionais e o afastamento do trabalho nos CMs, o professor Hamilcar Dantas Júnior explica (2016, p. 13):

Me parece que a falta de apoio institucional me deu um desestímulo muito grande, uma “brochada” grande nesse aspecto de desejo, de ver acontecer um Centro de Memória. Reconheço a necessidade, a emergência disso, mas eu não enxergo no horizonte hoje, da Universidade Federal de Sergipe, a perspectiva da constituição de um espaço condizente com a realização de um Centro de Memória. Nesse contexto, o Centro de Memória se tornou muito mais uma intenção minha, do professor Américo, do professor Sérgio e hoje da professora Priscilla, que precisa de um fôlego novo, mas que hoje sinceramente eu não sei se tenho. Isso também por hoje estar lidando com outros tipos de programa de pós-graduação. Então a paixão pela pesquisa histórica continua me alimentando, mas a relação institucional acaba me impedindo de seguir adiante com o Centro de Memória.

Vinculado à satisfação está o compromisso social e político, um certo senso de responsabilidade ou dever de memória, função dos lugares de memória. Como mostra desse compromisso, Silvana Goellner reflete sobre a atuação do CEME/RS (2015, p. 21-22):

Daí que eu me dou conta que tem coisas que eu não consigo não fazer, porque eu acho que tem que ser feito. O Repositório é uma coisa que dá muito trabalho, tu trabalhas no Repositório comigo praticamente o dia inteiro. É muito detalhe que tem que cuidar, qualquer coisinha... É trabalhoso revisar tudo aquilo, o tempo inteiro, mas ele é necessário, então, quando eu apresento o Centro de Memória em algum evento, eu fico emocionada por tudo o que a gente faz. É uma equipe que pega junto, todo mundo trabalha muito e a gente não ganha nem mais, nem menos com isso. A gente ganha, eu acho, pelo menos pra mim, essa ideia: “Estou fazendo alguma coisa que tem um significado social”. Eu acho que a nossa intervenção é um pouco isso assim, saber que isso pode ajudar as pessoas que vão pesquisar ou conhecer histórias que são desconhecidas. Acho que o CEME tem essa possibilidade de mostrar coisas que não são conhecidas e que na medida em que a gente bota para circular, a gente está exercendo uma tarefa, que eu penso, é da universidade pública, que é dar acesso, sem cobrar, aquilo que a gente tem produzido e que tem aqui no Centro de Memória preservado. Então, para mim isso é muito importante. É muito significativo.

Esse compromisso também se relaciona com a ampliação do olhar para diferentes realidades, como é citado pela estudante Talita Ferreira, do CEMEF/MT (2014, p. 20):

A ideia também é que o Centro de Memória sirva para que todas as áreas ali, afins ou não, vejam como uma possibilidade de se pensar em pesquisas que façam relações de Mato Grosso ou Cuiabá, em relação ao esporte e Educação Física, com o restante do país. Senão a gente fica muito no eixo Rio, Brasil igual a Rio de Janeiro, é em tudo que a gente vai ver.

Esse movimento de olhar para diversos locais geográficos, e não apenas para localidades consideradas centrais, como o Rio de Janeiro ou as capitais dos estados, também é apontado pelo professor Tarcísio Vago (2014), do CEMEF/MG, ao falar que escolheu em um projeto pesquisar a ginástica na Escola Normal na região norte de Minas Gerais, que no início do século XX era riquíssima e atualmente tem sido qualificada como pobre e atrasada. Ele também quis mostrar como a região foi explorada e transformada. Essa ampliação de olhares da pesquisa para outras cidades e regiões, que é citada no trecho, também se relaciona à ampliação para outros grupos e práticas, como apresenta a professora Silvana Goellner:

Eu acho que é isso que um Centro de Memória deve fazer, como o nosso tem feito, mostrar que muitas histórias são possíveis. É a velha máxima “silêncio não significa ausência!”. O fato de não se falar sobre determinadas pessoas na história das práticas corporais esportivas não significa que elas não existiram, mas que o discurso oficial não as visibilizou por algum motivo, e a gente tem tentado fazer isso. (2015, p. 28).

Essa visibilização de outras histórias possíveis, trabalhada nos CMs, ancora-se em um entendimento sobre a própria história, como a professora indica em outro momento de sua entrevista: “eu não estou restrita a espaço antigo da História, aquela ideia de que História é coisa do passado, morta, *não!* A gente está o tempo inteiro dando vida, dando movimento, criando registros, criando possibilidades para as pessoas acessar o que tem aqui” (ibidem, p. 27). A historiografia e a viabilização de acesso a diversos registros de memória presentes nos CMs pode gerar uma atuação ou um melhor entendimento do presente. Marc Bloch afirma que “a ignorância do passado não se limita a prejudicar a compreensão do presente; compromete, no presente, a própria ação” (2001, p. 63).

Nessa perspectiva, ao preservar as memórias, os CMs não buscam causas diretas para justificar o presente, mas para atuar sobre ele e também sobre o futuro. Compreendo então que esse entendimento sobre a historiografia e a preservação e produção de registros de memória nos CMs trazem duas implicações sociopolíticas mais diretas: a compreensão da lógica de construção das práticas da Educação Física e do esporte, para poder agir sobre elas, e também o conhecimento e a valorização de experiências, identidades e grupos não hegemônicos.

Esse compromisso se reflete nas demais ações dos CMs: ao organizar uma exposição, ao selecionar um acervo para ser preservado, ao divulgar a história de uma pessoa, ao se voltar para a formação, ao divulgar suas produções, entre outras. Esse compromisso político se dá também pelo entendimento de que os CMs, assim como os demais lugares de memória, não são neutros. Relembro aqui a noção de enquadramento da memória, que Pollak (1992) atribui

como um dos trabalhos do/a historiador/a, no qual se atribui sentido para uma memória dentro de um grupo. Nesse enquadramento, ganha destaque a escolha por quais grupos ou práticas realizar esse trabalho, o que já se trata de uma opção política.

Sobre os lugares de memória, Chagas considera que “Toda a instituição museal apresenta um determinado discurso sobre a realidade. Esse discurso, como é natural, não é natural e compõe-se de som e silêncio, de cheio e de vazio, de presença e de ausência, de lembrança e de esquecimento” (2006, p. 30). Essa discussão de não neutralidade é comum na Museologia, especialmente em textos que tratam da construção e produção de coleções, ou seja, a coleta de documentos, agrupamento em determinadas categorias, catalogação, exposição (SEGALL, 1997; MENESES, 1999; PINTO, 2013). Isso vale também para os CMs, visto que a trajetória dos seus acervos também tem marcas de opções, emoções, buscas por acervos, desistências, negativas, incinerações, silêncios.

Schwartz e Cook (2002, p. 1) analisam que “Através dos arquivos, o passado é controlado. Certas histórias são privilegiadas e outras marginalizadas. E os arquivistas são uma parte integrante desse contar de histórias”²⁶³. Integram esse controle as definições de cada instituição, sua forma de organizar, sua forma de acesso e divulgação. Assim, nenhuma instituição pode se isentar de exercer esse controle, mesmo que não seja uma decisão sistematizada e explicitada claramente.

Um ponto no qual esse controle se torna mais claro recai na seleção de materiais que compõem coleções e acervos, e que pelas fontes aqui pesquisadas indica ser realizada pela equipe envolvida nos CMs. Para Melo e Drumond, “devemos entender os arquivos como depósitos de materiais previamente selecionados, a partir de critérios parciais que variam de acordo com o tempo e o espaço” (2013, p. 148). Esse direcionamento para a composição de acervo também é percebido nos CMs, como apontei no capítulo 2, ao fazer ações para que não se percam registros de memória da sua instituição, ou da prática de docentes ou de modalidades esportivas. Chagas, ao discorrer sobre o contexto brasileiro, afirma:

Para a construção ritual e simbólica da nação não bastava a criação de selos, moedas, bandeiras, hinos, armas e cores nacionais. Era preciso também, a exemplo de outros países, constituir calendários e datas cívicas, fixar iconograficamente a imagem dos mandatários da nação, erigir monumentos, redigir documentos, elaborar um projeto historiográfico de nação independente, convocar artistas e outros intelectuais para esse projeto. Era preciso, sobretudo, constituir uma nova inteligência e estabelecer novos procedimentos de fixação de memória. (2006, p. 41).

²⁶³ “Through archives, the past is controlled. Certain stories are privileged and others marginalized. And archivists are an integral part of this story-telling.” (SCHWARTZ; COOK, 2002, p. 1 – tradução livre da autora).

Segundo Chagas, os museus são “lugares privilegiados de construção de memórias” (2006, p. 119), e a partir dessas memórias se reforçaria o sentimento de pertencimento. Retomo aqui a citação muito semelhante de Nora (1993), o qual diz que essas ações de se criar uma data cívica ou um museu não são naturais, precisam ser feitas para se construir esses lugares e essas memórias. Essa construção se reforça na escolha daquilo que se quer em um lugar de memória, como afirma Burke:

Seria ingênuo, sem dúvida, supor que um museu é apenas uma coleção neutra de conhecimento humano, em vez de, digamos, um instrumento do colonialismo. Os historiadores precisam examinar de perto de que maneiras os museus disseminam o conhecimento – por sua própria organização, por exemplo, juntando alguns objetos, separando outros, dando destaque a uns em detrimento de outros. Nesse sentido, “o espaço fala”, embora seja mais exato dizer que algumas pessoas enviam mensagens a outras por meio da disposição dos objetos. (2012, p. 123).

Entendo, então, que as decisões tomadas pelas equipes dos CMs têm implicações sociais e políticas. O compromisso evocado está vinculado a uma tentativa de que essas implicações beneficiem a área da Educação Física e que possam contribuir para um fazer mais crítico e socialmente engajado. Para reforçar esse entendimento e sua relação com os sentimentos, destaco novamente o texto apresentado por Cássia Lima no Seminário do CEMEF:

Sobretudo quero destacar que a minha inserção nesse grupo me deu esperança e perspectiva de futuro. Eu aprendi a acreditar mais em mim mesma, a acreditar que uma sociedade mais justa, igualitária e humana é possível. E ter consciência que faço parte dela e também sou responsável por essa mudança. (2016, p. 2).

Essa fala pode ser considerada como isolada, mas também pode ser tida como um indicador, como figura nas entrevistas destacadas neste tópico, que aponta para diferentes envolvimento e atuações nos CMs, que perpassam interesses políticos, científicos, sociais, pessoais e sentimentais. Assim, finalizo esta seção reafirmando que, na constituição desta pesquisa, foi fundamental entender as condições que possibilitaram a formação das pessoas que atuam nos Centros de Memórias, seu envolvimento pessoal, a realização e satisfação pessoal e o compromisso social e político que compõem uma conjuntura e que tornaram possível a criação e a consolidação dos CMs.

CONSTITUIÇÃO DOS CENTROS DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA: UM MOVIMENTO?

Resumindo tudo, as causas, em história como em outros domínios, não são postuladas. São buscadas. (BLOCH, 2001, p. 159).

Para finalizar esta tese, retomo seu principal objetivo, que foi analisar o movimento de constituição dos Centros de Memória da Educação Física nas universidades federais brasileiras, buscando entender as condições teóricas, estruturais e pessoais que tornaram possível a permanência ou a descontinuidade de sua atuação. A partir da análise que desenvolvi, percebo que os CMs são lugares de memória e espaços privilegiados na produção da história da Educação Física e dos esportes, no entanto questiono: será que sua constituição pode ser observada como um movimento?

Entendo que a resposta é dependente do significado que podemos atribuir à palavra movimento. Por isso, explico que entendo como sua definição uma conjuntura que reuniu condições para a realização de ações e discussões sobre um tema em uma coletividade. Não se trata de uma simples ação ou mudança de posição, nem de algo articulado e sistematizado *a priori*, mas que é constituído no caminho percorrido e sempre renovado.

A partir dessa definição, considero que houve um movimento de criação de Centros de Memória da Educação Física e esporte nas universidades federais brasileiras, iniciado no final da década de 1990 e que continua em construção. Essa afirmação é possível ao se analisar de forma integrada as diferentes dimensões da trajetória dos CMs, ou seja, não os olhando de forma isolada. Para tanto, percorri as seguintes trilhas: as ações iniciais dos CMs, como eles eram definidos e como se definiam, como articularam suas atividades com a cultura universitária, a estrutura que necessitaram para se formar e fixar, quem eram os sujeitos que se envolveram, como se deu a formação teórica dessas pessoas e o que as motivou a continuar ou desistir.

Identifiquei em minha pesquisa dez CMs que assim se reconheciam, que tinham ações ligadas à preservação da memória da Educação Física e do esporte, e contavam com a participação de pesquisadores/as dessa área de conhecimento. São eles: Centro de Memória do Esporte – UFRGS, criado em 1996; Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer – UFMG, de 2001; Centro de Memória Inezil Penna Marinho – UFRJ, também de 2001; Centro de Memória da Educação Física e do Esporte no Nordeste – UFPB, de 2002; Centro de Memória do Departamento de Educação Física – UFPR, de 2004; Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer – UFS, de 2005; Centro de Memória do

Esporte e da Educação Física da Bahia – UFBA, de 2008; Centro de Memória do Esporte e da Educação Física de Juiz de Fora – UFJF, de 2009; Centro de Memória da Educação Física e do Esporte – UFMT, de 2013; e Memorial da Educação Física e do Esporte – UFSM, de 2014.

Os CMs analisados foram criados por iniciativa de docentes que, em sua maioria, realizavam pesquisas historiográficas. Cada um destes centros possui suas particularidades em relação a acervos, envolvimento de docentes, objetivos, condições de trabalho, formas de divulgação e pesquisas. Os três primeiros contaram com iniciativas de preservação da memória da instituição, anteriores à sua constituição, com a atuação de bibliotecárias, no CEME/RS e no CEMEF/MG, e de duas professoras, no caso do CMIPM/RJ. Os demais, como apresentei ao longo da tese, tiveram alguma influência do CEME/RS e/ou do CEMEF/MG, por contatos com pesquisadores/as, por visitas ou por conhecer as iniciativas através de textos e apresentações em eventos. Essa relação entre eles já configurou um movimento, visto que acabam seguindo atividades parecidas, como a busca por materiais da própria instituição de formação em Educação Física, além da preocupação com a divulgação, a pesquisa e a realização de eventos ou exposições.

Um fato que me chamou a atenção é que estes centros foram registrados em seu respectivo departamento, sendo aprovados em reuniões de instâncias departamentais. Porém eles se tornaram projetos de extensão, pesquisa ou apenas projetos pessoais dos/as envolvidos/as, não se efetivando enquanto um órgão oficial da unidade acadêmica à qual se vinculam. Destaco ainda que a criação de um CM não é um fato isolado, uma solenidade, a escrita de um projeto, a recolha de materiais, a divulgação de uma página, a aprovação em uma reunião, mas é um conjunto de influências, contextos e ações que constituem uma possibilidade de afirmação da existência do CM. Assim, cada um deles vem se constituindo pelo conjunto de ações que desenvolve em relação à preservação da memória da Educação Física e do esporte.

A continuidade do trabalho de alguns CMs se deu pela ampliação de ações de preservação, pela realização de atividades de pesquisa e pela divulgação do acervo que guardam. Todavia, alguns também tiveram momentos de redução ou descontinuidades de suas tarefas cotidianas, principalmente por afastamento de professores/as e dificuldades de infraestrutura, como o CMIPM/RJ, o CEMEF/JF/MG e o CEMEEFB/BA.

Ao olhar para as suas diferentes trajetórias, aqui analisadas, e com base em autores/as da área das Ciências da Informação, defino os CMs como lugares de memória universitários, que se propõem a guardar, recuperar, preservar, divulgar, pesquisar e produzir registros sobre

a memória e a história da Educação Física, sendo também locais para reunir e formar pessoas. Além disso, seus acervos os definem e têm especificidades em cada centro, caracterizando-se, em sua maioria, por possuírem materiais vinculados às instituições que os abrigam e a docentes que fizeram parte dos seus quadros.

Os CMs que analisei integram as universidades federais e, por isso, têm uma estrutura mínima garantida que os tornam possíveis, enfrentando as dificuldades presentes nesse meio, como a adequação de espaços para esses lugares de memória e formação da equipe com profissionais. Sua constituição nessa instituição também colaborou para o intercâmbio com outros lugares universitários de memória, existindo na UFRGS, na UFMG e na UFBA um sistema de redes para os museus, arquivos e centros de documentação e memória.

As atividades dos CMs incorporam a cultura e a função social da universidade, qual seja, o trabalho com o conhecimento desde sua transmissão, produção, vivência, investigação, sistematização e divulgação para a sociedade. Assim, descrevi e analisei especialmente as seguintes ações dos centros: manutenção dos acervos, investigação, eventos, utilização de tecnologias da informação e comunicação, e exposições. Cada uma delas mostra uma interação entre a formação de pessoas e o público, universitário ou não, a pesquisa e a extensão.

Alguns CMs, em seu princípio, foram e continuam registrados enquanto projetos de extensão universitária; acredito que isso pode ter incentivado a integração entre diversas formas de investigação, de formação acadêmica e de público no interior dos CMs. Além disso, considerando as atividades, sua existência tem enriquecido as universidades e, mais diretamente, os departamentos aos quais se vinculam.

Em relação à estrutura necessária, observei que quase todos os CMs iniciaram suas atividades em pequenas salas com poucas condições para armazenamento de material histórico, contendo excesso de umidade, temperatura oscilante e mobiliário inadequado, e muitos continuam a realizar suas atividades mesmo nestas condições. Além disso, não existe uma verba sistemática destinada aos CMs. Sua manutenção é feita por meio de projetos submetidos pelos/as docentes que deles participam. Porém é importante frisar que, além do espaço físico, a universidade também fomenta algumas ações por meio da concessão de bolsas de pesquisa e/ou extensão, além de fornecer equipamentos e material de consumo para as atividades do dia a dia destes lugares de memória.

O contexto de formação dos/as docentes que criaram e deram continuidade aos CMs foi fundamental para pensar a existência de um movimento. Os referenciais da renovação historiográfica da Educação Física brasileira permearam as discussões no momento que

esses/as professores/as estavam realizando suas formações em nível de pós-graduação, ampliando a discussão sobre a utilização de diferentes tipos de fontes, pondo em destaque a história problema, olhando para os contextos culturais, abordando novas temáticas como as ‘práticas’.

A formação desse grupo também foi influenciada pela centralidade da realização dos cursos no estado de São Paulo, a ampliação da pós-graduação na área e por encontros e parcerias possibilitados por diferentes espaços de formação, como os eventos e as publicações específicas sobre a história da Educação Física e do esporte. Muitos/as docentes que compuseram os CMs encontraram-se nesses eventos, publicaram textos em coleções e periódicos e realizaram trabalhos em conjunto. Ganha relevância a participação de alguns na coordenação e no comitê científico do Grupo de Trabalho Temático Memória da Educação Física e Esporte, do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

Como última característica do que estou entendendo pelo movimento de constituição e consolidação dos CMs, debati nesta pesquisa o envolvimento das pessoas que integram os CMs, que se deu por motivos acadêmicos, mas também por sentimentos como paixão, prazer, carinho e satisfação e por um compromisso político com a história da área. Também figuram nas falas dos meus/minhas entrevistados/as relatos de desilusão, desânimo e desistência, referentes a dificuldades encontradas, volume de trabalho exigido e falta de valorização do que é realizado.

Retomando o conceito de lugares de memória proposto por Pierre Nora (1993, p. 21) – de que “são lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos” –, considero que aos CMs, cada um à sua maneira, podem ser atribuídos esses três sentidos. Eles possuem materialidade pelos acervos físicos e virtuais, além de um espaço (mesmo que pequeno e inadequado) nas universidades. Eles são assim reconhecidos, especialmente por aquelas pessoas que realizam pesquisas na área da história da Educação Física e do esporte. E eles cumprem a função de preservar e dar acesso aos registros de memórias existentes em suas instituições ou produzidos pelo trabalho do próprio centro.

Esse movimento de criação dos CMs foi uma vitória, mas ainda há muito a se conquistar para que eles sejam de fato garantidos institucionalmente. A sua permanência como projetos os torna dependentes da atuação pessoal de poucos/as docentes e percebi ao longo da pesquisa que boa parte do grupo a frente dos Centros estão se aproximando da sua aposentadoria. Com isso, os CMs estão em perigo, e com eles seus acervos, atividades e conquistas.

Acredito que, mais do que criar espaços institucionalizados e com paredes, o movimento de criação dos Centros de Memória da Educação Física e do esporte, consolidou uma nova percepção da pesquisa histórica da área, baseada em uma diversidade de fontes e na produção de registros de memórias. Além disso, também ampliou a sensibilidade para se perceber a necessidade de espaços similares dentro e fora das universidades. É preciso agora, consolidar um espaço institucional para os Centros aqui analisados e para todos os lugares de memória universitários. Precisamos de uma política de memória efetiva na Universidade, para que os CMs e esses outros espaços possam ter garantias de sua existência e principalmente de sua manutenção.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. O lugar da História Oral: o fascínio do vivido e as possibilidades de pesquisa. In: ALBERTI, Verena (Org.). **Ouvir contar: textos em História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 24-38.

_____. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 155-202.

ALMEIDA, Rogério Marques. **Caminhos trilhados pela educação física no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso - Campus Cuiabá - Octayde Jorge da Silva**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2011.

AMADO, Janaina. A culpa nossa de cada dia: Ética e História Oral. **Revista Projeto História**. São Paulo, n. 15, p. 145-155, abr., 1997.

AMARAL, Maria Virgínia Borges. A dialética do arquivo: ‘pensar para trás’, entender o presente e mudar o futuro. **Conexão Letras**. A noção de arquivo em Análise do Discurso: relações e desdobramentos, Porto Alegre, v. 9, n. 11, p. 11-22, 2014. Disponível em: <<http://www.artistasgauchos.com/conexao/11.pdf#page=12>>. Acesso em: 4 jun. 2017.

ANDREOTTI, Azilde L. Acervo de fontes de pesquisa para a história da educação brasileira: características e conteúdo. In: SAVIANI, Dermerval (Org.). **Navegando na história da educação brasileira**. São Paulo: UNICAMP, 2005. p. 1-14. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_024.html>. Acesso em: 11 jul. 2017.

ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. Disponível em: <http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/Media/publicacoes/dicionrio_de_terminologia_arquivstica.pdf>. Acesso em: 12 maio 2014.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CENTROS E MUSEUS DE CIÊNCIA. **Centros e museus de ciência do Brasil 2015**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciência: UFRJ; FCC; Casa da Ciência; Fiocruz. Museu da Vida, 2015.

BARROS, José D’Assunção. **O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. História serial, história quantitativa e história demográfica: uma breve reflexão crítica. **Revista de Ciências Humanas**, v. 11, n. 1, p. 163-172, jan./jun. 2011.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Universidade e arquivos: perfil, história e convergência. **Trans-in-formação**, Campinas, v. 1, n. 3, p. 15-28, 1989.

BICALHO, Lucinéia Maria. Centro de Memória da Farmácia da UFMG: uma experiência interdisciplinar. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., GT-9 – Museu, Patrimônio e Informação, 2013, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: 2013, p. 1-9. Disponível em:

<<http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/handle/123456789/2563>>. Acesso em: 5 mar. 2017.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BONORINO, Laurentino Lopes; MOLINA, Antonio de Mendonça; MEDEIROS, Carlos M. de. Histórico da educação física. **Imprensa Oficial**, Vitória, 1931.

BOTELHO, Maria Antônia; MONTEIRO, Ana Maria; VALLS, Valéria. A gestão do conhecimento esportivo: a experiência da biblioteca da SEME. **Ciências da Informação**, Brasília, v. 36, n. 1, p. 175-188, jan./abr. 2007.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. **Cadernos Cedex**, v. 19, n. 48, p. 69-88, 1999.

BRACHT, Valter et al. A Educação Física Escolar como tema da produção do conhecimento nos periódicos da área no Brasil (1980-2010): parte I. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 11-34, 2011.

BRASIL. Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931. **Dispõe que o ensino superior no Brasil obedecerá, de preferência, ao systema universitario**. 1931. Disponível em:

<<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 196/96. **Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos**. 1996. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/bioetica/res19696.htm>>. Acesso em: 26 jul. 2015.

_____. Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007. **Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI**. 2007. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6096.htm>. Acesso em: 12 jul. 2017.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989)**: a Revolução Francesa da historiografia. 2. ed. São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista, 1991.

_____. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. **Variedades de história cultural**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

_____. **Uma história social do conhecimento - II**: da Enciclopédia à Wikipédia. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

CABRAL, Ligia Maria Martins. 40 anos de eletricidade e carvão (Eletrobrás). In: NASSAR, Paulo (Org.). **Memória de empresa**: história e comunicação de mãos dadas, a construir o futuro das organizações. São Paulo: ABERJ Editorial, 2004. p. 88-97.

CAMARGO, Célia Reis. Os centros de documentação das universidades: tendências e perspectivas. In: SILVA, Zélia Lopes da (Org.). **Arquivos, patrimônio e memória**: trajetórias e perspectivas. São Paulo: Ed. Unesp; FAPESP, 1999. p. 49-64.

CAMARGO, Ana Maria; GOULART, Silvana. **Centros de Memória: uma proposta de definição**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.

CARNEIRO, Milena da Silva. **Centro de Memória da Educação Física e do Esporte da Bahia: experiências universitárias e desafio cultural**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas, 2012.

CARNEIRO, Milena da Silva; LEIRO, Augusto César Rios. Centro de Memória da Educação Física e do Esporte da Bahia: desafio cultural estratégico. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 64., 2012, São Luís. **Anais...** São Luís, 2012. Disponível em: <<http://www.sbpcnet.org.br/livro/64ra/resumos/resumos/3754.htm>>. Acesso em: 8 ago. 2014.

CARR, Edward Hallet. **Que é história?** Conferências George Macaulay Trevelyan proferidas por E.H. Carr na Universidade de Cambridge. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Papyrus, 1988.

CHAGAS, Mário de Souza. **Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade**. Chapecó: Argos, 2006.

CHAGAS, Mario de Souza; BEZERRA, Rafael Zamorano; BENCHETRIT, Sarah Fassa. Sobre o Seminário Internacional e sua proposta no ano de 2008: a democratização da memória: a função social dos museus ibero-americanos. In: CHAGAS, Mario de Souza; BEZERRA, Rafael Zamorano; BENCHETRIT, Sarah Fassa (Orgs.). **A democratização da memória: a função social dos museus ibero-americanos**. Rio de Janeiro: Museu de História Nacional, 2008. p. 9-14.

CHARTIER, Roger. **A História ou a leitura do tempo**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CÍCERO, Antônio. **Guardar: poemas escolhidos**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Pesquisa histórica e análise de conteúdo: pertinência e possibilidades. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 28, n. 1, p. 183-194, 2002. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/23794/0>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

COSTA, Janise Silva Borges da et al. Centro de Memória do Esporte: tratamento, recuperação e divulgação dos acervos no repositório digital da UFRGS. In: CONFERÊNCIA SOBRE TECNOLOGIA, CULTURA E MEMÓRIA: ESTRATÉGIAS PARA A PRESERVAÇÃO E O ACESSO À INFORMAÇÃO, 2013, Recife. **Anais...** Recife: UFPE, 2013. Disponível em: <http://www.liber.ufpe.br/ctcm2013/anais/files/8c.CME_UFRGS.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2017.

CRUZ, Claudemir Gomes da. **Educação Física-Esportes da Escola Estadual Nilza de Oliveira Pipino entre 1978-2010: 32 anos de Memória no Município de Sinop - MT**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2012.

CRUZ, Heloisa de Faria; TESSITORE, Viviane. Documentação, memória e pesquisa: o CEDIC faz 30 anos. **Projeto História**, n. 40, p. 423-445, jun. 2010.

CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da. A produção teórica brasileira sobre Educação Física/ginástica publicada no século XIX: autores, mercado e questões de gênero. In: FERREIRA NETO, Amarílio (Org.). **Pesquisa histórica na Educação Física**. v. 3. Aracruz/ES: Faculdade de Ciências Humanas de Aracruz, 1998. p. 19-47.

CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da; MARTIN, Edna; ZACARIAS, Lígia (Orgs.). **Educação Física: memórias e narrativas em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: EDUFJF, 2003.

CUNHA, Maria Luisa Oliveira da. **Pelas fronteiras sem fim da dança: memórias da Escola de Dança João Luiz Rolla (1951-1986)**. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

DANTAS JÚNIOR, Hamilcar Silveira. **Estado, educação e hegemonia: reflexos da Pedagogia Experimental na Educação Física em Sergipe (1947-1951)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2003.

_____. **Da “escolarização do esporte” à “esportivização da escola”**: tradição e espetáculo nos Jogos da Primavera de Sergipe (1964-1995). Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/handle/ri/10257>>. Acesso em: 27 mar. 2017.

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física brasileira: autores e atores da década de 80**. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Eds.). **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus; Pinacoteca do Estado de São Paulo; Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

FERREIRA NETO, Amarílio. **A Pedagogia no exército e na escola: a Educação Física brasileira (1880-1950)**. Aracruz/ES: Facha, 1999.

FONTANELLI, Silvana Aparecida. **Centro de Memória e Ciência da Informação: uma interação necessária**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.rabci.org/rabci/sites/default/files/Fontanelli-Memoria.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FRAGA, Alex Branco; CARVALHO, Yara Maria; GOMES, Ivan Marcelo. Políticas de formação em Educação Física e saúde coletiva. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 10, n. 3, p. 367-386, 2012.

GALEANO, Eduardo. **O caçador de histórias**. Porto Alegre: L&PM, 2016.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **Educação Física progressista**. São Paulo: Loyola, 1988.

GIL, Fernando Bragança. Museus universitários: sua especialidade no âmbito da museologia. In: SEMEDO, Alice; SILVA, Armando Coelho Ferreira da. **Coleções de ciências físicas e tecnológicas em museus universitários**: homenagem a Fernando Bragança Gil. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005. p. 33-53.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Informação e documentação em esporte, Educação Física e lazer: o papel pedagógico do centro de memória do esporte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 155-166, set. 2003.

_____. Locais de Memória: histórias do esporte moderno. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 79-86, jul./dez. 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre et al. Centro de Memória do Esporte. In: SEMINÁRIO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA REGIÃO SUL, 31., 2014, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2014. Disponível em:
<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/117313/Educa%C3%A7%C3%A3o%20-%20Centro%20de%20Mem%C3%B3ria%20do%20Esporte%20%282%29.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2017.

GOELLNER, Silvana Vilodre; MACEDO, Christiane Garcia; SILVA, Carina Kaiser Miranda da. **Guia do Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, 2015. Disponível em:
<<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000964306&loc=2015&l=7cb4223657feb622>>. Acesso em: 12 maio 2015.

GOMES, Clausi Maria do Porto. **Centros de memória acadêmicos**: um estudo de multicasos na UFMG. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

GRANATO, Marcus. Panorama sobre o patrimônio da ciência e tecnologia no Brasil: objetos de C &T. In: GRANATO, Marcus; RANGEL, Márcio F. (Orgs.). **Cultura material e patrimônio da ciência e tecnologia**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), 2009. p. 78-103. Disponível em:
<<http://www.mast.br/projetovalorizacao/textos/livro%20cultura%20material%20e%20patrim%C3%B4nio%20de%20C&T/8%20PANORAMA%20SOBRE%20O%20PATRIM%C3%94NIO%20DA%20CIENCIA%20E%20TECNOLOGIA%20NO%20BRASILMarcus.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEYMANN, Luciana. De “arquivo pessoal” a “patrimônio nacional”: reflexões acerca da produção de “legados”. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005. Disponível em:
<http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1612.pdf>. Acesso em: 1º mar. 2017.

HIPOLITO, Susany Cristiny da Silva; PEREIRA, Mateus Camargo. Centro de Memória da Educação Física, Esporte e Lazer do IFSULDEMINAS Campus Muzambinho (CEMEFEL/IFSULDEMINAS): divulgando as fontes do acervo da ESEFM (1969-1979). In:

JORNADA CIENTIFICA DO IFSULDEMINAS, 5., 2013, Inconfidentes. **Anais...**, Inconfidentes/MG, 2013.

HONORATO, Tony. A historiografia do esporte nos anais do CHELEF. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 14., 2016, Campinas. **Anais...** Campinas: Unicamp, 2016. p. 27-31.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Museus em números**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011.

JENKINS, Keith. **A história repensada**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

JESUS, Akellyson Oliveira de. **CEMEFEL: uma história sobre um lugar de memória** (2005-2016). 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Sergipe, São Cristovão/SE, 2016.

JOB, Ivone. O centro de memória da escola de Educação Física da UFRGS. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 2000, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: ARB, 2000. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10210/000564161.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 7 set. 2014.

JULIÃO, Letícia. Museus e coleções universitárias. In: NASCIMENTO, Adalson; MORENO, Andrea (Orgs.). **Universidade, memória e patrimônio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2015. p. 13-24.

KHOURY, Yara Aun. Preservação da memória e as universidades: os arquivos das Santas Casas de Misericórdia do Brasil. **Cadernos do CEOM**, v. 18, n. 22, p. 41-61, dez. 2005a. Disponível em: <<http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2258/1340>>. Acesso em: 15 maio 2015.

_____. No rastro de memórias silenciadas. **Projeto História**, São Paulo, n. 30, p. 407-414, jun. 2005b.

KOPTCKE, Luciana Sepúlveda. Coleções que foram museus. Museus sem coleções, afinal que relações possíveis? In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha dos. **Museus Instituição de Pesquisa**. Rio de Janeiro: MAST, 2005. p. 65-84.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: **ENCICLOPÉDIA Einaudi: memória – história**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1984. p. 11-50.

LÉDA, Denise Bessa; MANCEBO, Deise. REUNI: heteronomia e precarização da universidade e do trabalho docente. **Educação & Realidade**, v. 34, n. 1, 2009.

LINHALES, Meily Assbu et al. Organização de acervos arquivísticos: a experiência do Centro de Estudos sobre a Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEF/UFMG). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2011, Vitória. **Anais...** Vitória: Sociedade Brasileira de História da Educação, 2011. p. 1-12. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/anais_vi_cbhe/conteudo/file/700.doc>. Acesso em: 11 jul. 2017.

LINHALES, Meily Assbu; NASCIMENTO, Adalson (Orgs.). **Organizando arquivos, produzindo nexos: a experiência de um Centro de Memória**. Belo Horizonte: Editora Fino Trato, 2013.

LINHALES, Meily Assbu; NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. O esporte e suas práticas nas linhas e entrelinhas de um processo de organização de arquivos. **Acervo. Revista do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, jul./ dez. 2014.

LINHALES, M. A.; ROSA, M. C. (Orgs.). **Guia de fontes: acervo do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer**. Belo Horizonte: Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer, 2007.

LORIGA, Sabina. O eu do historiador. **História da historiografia**, n. 10, p. 247-259, dez. 2012. Disponível em: <<http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/451/322>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo Lucena; PAIVA, Fernanda Simone. Acerca da criação de um Arquivo em Educação Física e Esporte. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 3., 1995, Curitiba. **Anais...** Curitiba: 1995. p. 403-406.

MACEDO, Christiane Garcia. **Folclore na dança em Porto Alegre: a formação do Conjunto de Folclore Internacional Os Gaúchos (1959 a 1966)**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Faculdade de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

MACEDO, Christiane Garcia; SILVA, Maria Sebastiana; VIEIRA, Carlos Alexandre. Caracterização do treinamento e do gasto energético de praticantes de dança contemporânea e do Balé Clássico. In: ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA UFG, 2007, Goiânia. **Anais...** Goiânia: UFG, 2007.

MACEDO, Christiane Garcia; SILVA, André Luiz dos Santos; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Inezil Penna Marinho: artigos publicados no Jornal dos Sports**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, 2016.

MACEDO, Christiane Garcia; BERTÉ, Isabela Lisboa; GOELLNER, Silvana Vilodre. História oral na era digital: a experiência do projeto Garimpando Memórias. **História Oral**, v. 19, n. 1, p. 41-58, jan./jun. 2016.

MANCEBO, Deise. Trabalho docente: subjetividade, sobre implicação e prazer. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 20, n. 1, p. 74-80, 2007.

MARINHO, Inezil Penna. **Contribuições para a história da Educação Física no Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

MARQUES, Adriana; PIRES, Raquel Sell. Arquivo Histórico do Figueirense Futebol Clube. **Revista ACB**, v. 11, n. 1, 2006. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/476/605>>. Acesso em: 2 maio 2015.

MARQUES, Rita de Cássia; SEGANTINI, Verona Campos. Rede de Museus da Universidade Federal de Minas Gerais. In: NASCIMENTO, Adalson; MORENO, Andrea (Orgs.). **Universidade, memória e patrimônio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2015. p. 31-44.

MAZO, Janice Zaperllon. Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 155-166, jan. 2001.

MAZO, Janice Zaperllon; PEREIRA, Priscilla Goulart. Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. In: MAZO, Janice Zaperllon; REPPOLD FILHO, Alberto Reinaldo (Orgs.). **Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul**: atlas do esporte, Educação Física e atividades de saúde e lazer no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: CREF2/RS, 2005. Disponível em: <<http://www.crefrs.org.br/atlas/cd/texto/esef.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

MELO, Victor Andrade de. Porque devemos estudar História da Educação Física/Esportes nos cursos de graduação? **Motriz: Revista de Educação Física**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 56-61, 1997.

_____. **História da Educação Física e do esporte no Brasil**: panorama e perspectivas. São Paulo: Ibrasa, 1999.

MELO, Victor Andrade de; GENOVEZ, Patrícia Falco. **Bibliografia Brasileira de História da Educação Física e do Esporte**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Gama Filho, 1998.

MELO, Victor Andrade de; GOELLNER, Silvana Vilodre. **História da Educação Física e do esporte**: Diretório Brasileiro de Pesquisadores. Rio de Janeiro: Do autor, 1998.

MELO, Victor Andrade de et al. Projeto Bibliografia: descortinando fontes para a História da Educação Física e Esportes no Brasil. In: FERREIRA NETO, Amarílio (Org.). **Pesquisa histórica na Educação Física**. v. 3. Aracruz/ES: Faculdade de Ciências Humanas de Aracruz, 1998a. p. 5-18.

MELO, Victor Andrade de et al. In: Projeto Bibliografia - descortinando fontes para a História da Educação Física e Esportes no Brasil. CONGRESSO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 6., 1998, Rio de Janeiro. **Coletânea de Autores...** Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho/IHGB/INDESP, 1998b. v. 1. p. 548-555.

MELO, Victor Andrade; FORTES, Rafael. História do Esporte: panoramas e perspectivas. **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 12, n. 22, p. 11-35, jul./dez., 2010

MELO, Victor Andrade de; DRUMOND, Maurício. **Pesquisa histórica e história do esporte**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013.

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza; COSTA, Hellyson Ribeiro. **Caderno de Memória, O Remo – Natal – RN**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

MENDONÇA, Lucia Glicerio. Museus universitários: de legisladores do saber a interpretes de culturas. In: SEMEDO, Alice; NASCIMENTO, Elisa Noronha; CENTENO, Rui (Coords.)

Atas do Seminário Internacional “O Futuro dos Museus Universitários em Perspetiva”. Porto: Universidade do Porto, 2014. p. 80-87.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. A crise da memória, história e documento: reflexões para um tempo de transformações. In: SILVA, Zélia Lopes da (Org.). **Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas.** São Paulo: Ed. Unesp; FAPESP, 1999. p. 11-30.

MENEZES, José Américo Santos. **Escola de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe: uma possível história.** 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 1997.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História, metodologia, memória.** São Paulo: Contexto, 2010.

MORAES, Enny Vieira. O Museu do Futebol e uma história parcial; ou não há futebol feminino no Brasil? **Recorde: Revista de História do Esporte.** v. 2, n. 1, p. 1-5, jun. 2009.

MOREIRA, Regina da Luz. Brazilianistas, historiografia e centros de documentação. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 66-75, 1990. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/65.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2016.

MORENO, Andrea; ROSA, Maria Cristina; SEGANTINI, Verona Campos. O GTT Memórias da Educação Física e Esporte do CBCE: uma análise a partir das práticas e da produção. In: CARVALHO, Yara M.; LINHALES, Meily Assbu. (Orgs.). **Política científica e produção do conhecimento em Educação Física.** Goiânia: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007. v. 1. p. 245-300.

MORENO, Andrea. Garimpando fontes e catalogando os documentos para uma História do Ensino Normal: a aventura nos arquivos. In: MORENO, Andrea; VAGO, Tarcísio Mauro. **Do ensino normal depende a eficiência do ensino primário: fontes para histórias de Educação Física em Minas Gerais (1890-1940).** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2015. p. 109-172.

MORENO, Andrea; MENDES, Luciano. Patrimônio acadêmico-científico da Universidade: uma contribuição a partir da História da Educação. In: NASCIMENTO, Adalson; MORENO, Andrea (Orgs.). **Universidade, memória e patrimônio.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2015. p. 25-30.

MORENO, Andrea et al. CEDOC/FaE – preservar, organizar e divulgar. In: FÁRIA FILHO, Luciano Mendes de; SOUZA, João Valdir Alves de; FONSECA, Nelma Marçal Lacerda (Orgs.). **Formação docente na UFMG: história e memória.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016. p. 20-32.

MORO, Vera Luiza; GODOY, Letícia. Centros de memória em Educação Física, esporte e lazer: algumas contribuições para o debate. In: MEZZADRI, Fernando Marinho, CAVICHIOLLI, Fernando Renato; SOUZA, Doralice Lange de (Orgs.). **Esporte e lazer: subsídios para o desenvolvimento e a gestão de políticas públicas.** Jundiaí/SP: Fontoura, 2006. p. 117-131.

NAZÁRIO, Murilo. Contextualização histórica da Rede CEDES. In: SCHWARTZ, Gisele Maria et al. **Gestão da informação sobre esporte recreativo e lazer: balanço da Rede CEDES.** Várzea Paulista/SP: Fontoura Editora, 2010. p. 33-47.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Enéias F. Leite de et al. Centro de Memória do Esporte no Nordeste: um resgate da memória esportiva na região nordeste. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 2004, Recife. **Anais...** Recife: UFPE, 2004.

OLIVEIRA, Thaís Nodare de. **Centros de memória e documentação da Universidade Federal de Minas Gerais**: perfis institucionais e políticas de acervo. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PINTO, Suely Lima de Assis. Museu e arquivo como lugares de memória. **Revista Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, v. 2, n. 3, p. 89-102, maio/jun. 2013.

PIRES, Roberto Gondim; MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. O curso de Educação Física da Universidade Federal da Bahia-UFBA: uma conquista histórica. **Educação e Fronteiras On-Line**, v. 6, n. 18, p. 53-65, 2016. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/ojs/index.php/educacao/article/view/5890>>. Acesso em: 1º jun. 2017.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

_____. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POULOT, Dominique. **Museu e museologia**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

RAGAZZINI, Dario. Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação? **Educar**, Curitiba, n. 18, p. 13-18, 2001.

RAMOS, Helena Pessoa; GLEZER, Raquel. O Centro de Documentação Histórica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. **Revista de História da USP**, n. 72, p. 597-599, 1967.

RANGEL, Vera Maria Sperandio. **Planejamento e avaliação nos processos de educação e comunicação**: museus de futebol no Brasil. 2012. Tese (Doutorado) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2012.

REALE, Giovanni. **O saber dos antigos**. São Paulo: Loyola, 1995.

RECHENA, Aida. Teoria as representações sociais: uma ferramenta para a análise de exposições museológicas. **Cadernos de sociomuseologia**, v. 41, n. 41, p. 211-244, 2012.

RIBEIRO, Emanuela Sousa. Museus em universidades públicas: entre o campo científico, o ensino, a pesquisa e a extensão. **Revista Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, v. 2, n. 4, p. 88-102, maio/jun. 2013.

RIBEIRO, Maria das Graças. Patrimônio biológico universitário – Relação ensino, pesquisa, extensão e museus universitários. In: NASCIMENTO, Adalson; MORENO, Andrea (Orgs.). **Universidade, memória e patrimônio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2015, p. 83-102.

RIBEIRO, Sérgio Doreski Dantas. **Da fábrica ao campo de futebol, vender tecido e vender espetáculo**: tecendo os fios da história de um casamento feliz. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/101832>>. Acesso em: 27 mar. 2017.

RICCI, Isabel Grant Marzano. Ultragaz: Projeto Espaço do Conhecimento. In: NASSAR, Paulo. (Org.). **Memória de empresa**: história e comunicação de mãos dadas, a construir o futuro das organizações. São Paulo: ABERJ Editorial, 2004. p. 81-87.

RICŒUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. Centro de Memória e Informação do Esporte: uma política de preservação da memória do esporte mineiro. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 12, n. 16, 2011.

ROMANZINI, Catiana Leila Possamai et al. Criação e Implantação do CEMIDEFEL Virtual: disponibilização do acervo do Centro de Memória, Informação e Documentação sobre Educação Física, Esporte e Lazer da Universidade Estadual de Londrina. **Revista Conexão UEPG**, v. 8, n. 2, p. 218-225, 2012. Disponível em <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/viewFile/4555/3097>>. Acesso em: 7 abr. 2015.

SAMBAQUY, Lydia de Queiroz. Da biblioteconomia à informática. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 51-60, 1978.

SANTIAGO, Danilo R. P. Impacto dos projetos, sob o olhar dos pesquisadores. In: SCHWARTZ, Gisele Maria et al. **Gestão da informação sobre esporte recreativo e lazer**: balanço da Rede CEDES. Várzea Paulista/SP: Fontoura Editora, 2010. p. 93-102.

SANTOS, Lena Pacheco; PEREIRA, Mateus Camargo. Centro de Memória da Educação Física, Esporte e Lazer do IFSULDEMINAS Campus Muzambinho: arranjo do fundo institucional. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE - CONICE, 5., 2013, Brasília. **Anais...** Brasília: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2013. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2013/5conice/paper/view/5469/284>>. Acesso em: 4 nov. 2014.

SANTOS, Silvana; VENÂNCIO, Renato. Arquivos institucionais e memória da Universidade Federal de Minas Gerais: um estudo dos arquivos de arquitetura. In: NASCIMENTO, Adalson; MORENO, Andrea (Orgs.). **Universidade, memória e patrimônio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2015. p. 59-82.

SÃO PAULO. Centro de Memória Virtual do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). In: NASSAR, Paulo (Org.). **Memória de empresa: história e comunicação de mãos dadas, a construir o futuro das organizações**. São Paulo: ABERJ Editorial, 2004. p. 36-48.

SAVIANI, Dermeval. Breves considerações sobre fontes para a história da educação. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. especial, p. 28-35, ago. 2006.

SAVIANI, Dermeval et al. Sociedade Brasileira de História da Educação: constituição, organização e realizações. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 11, n. 3 [27], p. 13-45, 2012.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografias e regimes de historicidade. **Métis: História & Cultura**, v. 2, n. 3, p. 57-72, jan./jun. 2003.

SCHWARTZ, Joan M.; COOK, Terry. Archives, Records, and Power: The making of Modern Memory. **Archival Science**, Holanda, n. 2, p. 1-19, 2002. Disponível em: <<http://www.nyu.edu/classes/bkg/methods/schwartz.pdf>>. Acesso em: 2 fev. 2015.

SEGALL, Mauricio. Museus hoje para o amanhã. **Novos Estudos CEPRAP**, n. 47, p. 199-208, mar. 1997. Disponível em: <http://novosestudos.org.br/v1/files/uploads/contents/81/20080626_museus_hoje.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2017.

SIEBERT, Raquel Stela de Sá. Corpo e Movimento: Hábito ou memória? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 15, n. 2, p. 187-193, 1994.

SILVA, André Luiz dos Santos; MACEDO, Christiane Garcia; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Inventário do acervo pessoal de Inezil Penna Marinho: Educação Física e esportes**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, UFRGS, 2017. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/156465/001017518.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

SILVA, Zélia Lopes da. O centro de documentação e apoio à pesquisa, um centro de “memória” local? In: SILVA, Zélia Lopes da (Org.). **Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas**. São Paulo: Ed. Unesp; FAPESP, 1999. p. 85-95.

SMIT, Johanna Wilhelmina. O documento audiovisual ou a proximidade entre as 3 marias. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 26, n. 1/2, 1993.

SOARES, Carmem Lúcia. A Educação Física no ensino de 1º. Grau: do acessório ao essencial. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 7, n. 3, p. 89-92, 1986.

_____. Fundamentos da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 10, n. 1, p. 19-27, 1988.

_____. **Educação Física: raízes européias e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1994.

_____. **Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica Francesa no séc. XIX**. Campinas: Autores Associados, 1998.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de. **Meninos, à marcha! Meninas, à sombra! A História do Ensino de Educação Física em Belo Horizonte**. Campinas: Unicamp, 1994.

SOUSA, Ana Luiza Lima. **A história da extensão universitária**. Campinas: Editora Alínea, 2000.

SOUZA, Elyandra Caroline Alves de; CAPRARO, André Mendes. Preservando a memória, fazendo história: relato da fundação e das experiências desenvolvidas no Centro de Memória do Departamento de Educação Física da UFPR (CEMEDEF). **Recorde: Revista de História do Esporte**, v. 3, n. 1, p. 4-16, jun. 2012. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3266736>>. Acesso em: 31 maio 2015.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio. Renovação historiográfica na Educação Física brasileira. In: SOARES, Carmen Lúcia (Org.). **Pesquisas sobre o corpo: Ciências humanas e educação**. Campinas: Autores Associados, 2007. p. 117-138.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio et al. Fontes para o estudo histórico das práticas corporais escolares e a constituição da educação física escolar no estado do Paraná. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 25, n. 1, 2003.

TESSITORE, Viviane. **Como implantar centros de documentação**. Como Fazer, v. 9. São Paulo: Arquivo Público do Estado; Imprensa Oficial do Estado, 2003.

TOTINI, Beth; GAGETE, Élide. Memória empresarial, uma análise da sua evolução. In: NASSAR, Paulo (Org.). **Memória de empresa: história e comunicação de mãos dadas, a construir o futuro das organizações**. São Paulo: ABERJ Editorial, 2004. p. 113-126.

VIANA, Luis Diaz. Museus, histórias, memórias e nação: a representação do espaço e do tempo em um cenário de poder. In: CHAGAS, Mario de Souza; BEZERRA, Rafael Zamorano; BENCHETRIT, Sarah Fassa (Orgs.). **A democratização da memória: a função social dos Museus Ibero-americanos**. Rio de Janeiro: Museu de História Nacional, 2008. p. 15-26.

VLASTUIN, Juliana; PILATTI, Luiz Alberto. Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança: análise de produção. **Revista Digital EFDeportes**, Buenos Aires, v. 10, n. 78, nov. 2004.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Memória, cultura e poder na Sociedade do Esquecimento: o exemplo do centro de memória da Unicamp. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Org.). **Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação**. Campinas: Autores Associados, 2000. p. 63-74.

Entrevistas utilizadas

ACOSTA, Marco Aurélio. **Depoimento de Marco Aurélio Acosta: Projeto Garimpendo Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2016.

ALMEIDA, Gisele Oliveira de. **Depoimento de Gisele Oliveira de Almeida: Projeto Garimpendo Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2014.

CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da. **Depoimento de Carlos Fernando Ferreira da Cunha Júnior**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2016.

CAMARGO, Rosalia Pomar. **Depoimento de Rosalia Pomar Camargo**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2005.

CAMARGO, Rosalia Pomar. **Depoimento de Rosalia Pomar Camargo (3)**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2016.

CAPRARO, André Mendes. **Depoimento de André Mendes Capraro**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2014.

CASTELLANI FILHO, Lino; SILVA, José Ribamar Miranda da; LIAO JÚNIOR, Roberto. **Depoimento de Lino Castellani Filho, José Ribamar Miranda da Silva e Roberto Lião Júnior**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2016.

DANTAS JÚNIOR, Hamilcar Silveira. **Depoimento de Hamilcar Silveira Dantas Junior**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2016.

FERREIRA, Talita. **Depoimento de Talita Ferreira**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2014.

FERREIRA NETO, Amarílio. **Depoimento de Amarílio Ferreira Neto**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2016.

FIGUEIREDO, Priscila Kelly. **Depoimento de Priscila Kelly Figueiredo**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2014.

GEBARA, Ademir **Depoimento de Ademir Gebara**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2016.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Depoimento de Silvana Vilodre Goellner**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2015.

GRUNENVALDT, Ana Carrilho Romero. **Depoimento de Ana Carrilho Romero Grunennvaldt**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2016a.

GRUNENVALDT, José Tarcísio. **Depoimento de José Tarcísio Grunennvaldt**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2016b.

LEIRO, Augusto Cesar Rios. **Depoimento de Augusto César Rios Leiro**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2017.

LINHALES, Meily Assbu. **Depoimento de Meily Assbu Linhales**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2014.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. **Depoimento de Ricardo de Figueiredo Lucena:** Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2014.

MATTOS, Leila de Carneiro. **Depoimento de Leila Carneiro Mattos:** Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2015.

MAZO, Janice Zaperllon. **Depoimento de Janice Zaperllon Mazo:** Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2015.

MELO, Victor Andrade de. **Depoimento de Victor Andrade de Melo (2):** Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2014.

MENEZES, José Américo Santos. **Depoimento de José Américo Santos Menezes:** Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2016a.

MENEZES, José Américo Santos. Apêndice: Entrevista com José Américo Santos Menezes (09/05/2016). In: JESUS, Akellyson Oliveira de. **CEMEFEL:** uma história sobre um lugar de memória (2005-2016). 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Sergipe, São Cristovão/SE, 2016b. p. 102-108.

MOREIRA, Evando Carlos. **Depoimento de Evando Carlos Moreira (2):** Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2016.

MORENO, Andrea. **Depoimento de Andrea Moreno:** Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2014.

MORO, Vera Luiza. **Depoimento de Vera Luiza Moro:** Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2016.

NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. **Depoimento de Adalson de Oliveira Nascimento:** Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2014.

NOGUEIRA, Quefren Weld Cardozo. **Depoimento de Quefren Weld Cardozo Nogueira:** Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2016.

OLIVEIRA, Thaís Nodare de. **Depoimento de Thaís Nodare de Oliveira:** Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2016.

PEREIRA, Laércio Elias. **Depoimento de Laércio Elias Pereira:** Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2016.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. **Depoimento de Leila Mirtes Santos de Magalhães Pinto:** Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2015.

RANGEL, Vera Maria Sperandio. **Depoimento de Vera Maria Sperandio Rangel:** Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2016.

RIBEIRO, Sérgio Doreski Dantas. **Depoimento de Sérgio Doreski Dantas Ribeiro:** Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2016a.

RIBEIRO, Sérgio Doreski Dantas. Apêndice: Entrevista com Sérgio Doreski Dantas Ribeiro. (09/05/2016). In: JESUS, Akellyson Oliveira de. **CEMEFEL:** uma história sobre um lugar de memória (2005-2016). 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Sergipe, São Cristovão/SE, 2016b. p. 109-115.

RODRIGUES, Rejanne Penna. **Depoimento de Rejanne Penna Rodrigues:** Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2015.

ROSA, Maria Cristina. **Depoimento de Maria Cristina Rosa:** Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2014.

SANTOS, Fernanda Cristina dos. **Depoimento de Fernanda Cristina dos Santos:** Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2014.

SILVA, Igor Maciel da. **Depoimento de Igor Maciel da Silva:** Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2014.

SOARES, Carmen Lúcia. **Depoimento de Carmen Lúcia Soares:** Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2016.

SOUZA, Eustáquia Salvadora de. **Depoimento de Eustáquia Salvadora de Souza:** Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2017.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio. **Depoimento de Marcus Aurélio Taborda de Oliveira:** Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2014.

VAGO, Tarcísio Mauro. **Depoimento de Tarcísio Mauro Vago:** Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2014.

ZOBOLI, Fábio. Apêndice: Entrevista com Fábio Zoboli. (09/06/2016). In: JESUS, Akellyson Oliveira de. **CEMEFEL:** uma história sobre um lugar de memória (2005-2016). 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Sergipe, São Cristovão/SE, 2016b, p. 135-141.

**ANEXO A – MODELO DE CARTA DE CESSÃO DO PROJETO GARIMPANDO
MEMÓRIAS**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE

**CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS
SOBRE DEPOIMENTO ORAL**

Pelo presente documento, eu, _____
_____, CPF nº _____, declaro ceder ao Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao Projeto Garimpando Memórias.

O Centro de Memória do Esporte fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

_____, ____ de _____ de _____

Assinatura do depoente

APÊNDICE I – CARTA DE APRESENTAÇÃO E ACEITE DE PARTICIPAÇÃO DO GRUPO EM PESQUISA



Vimos, por meio desta, nos apresentar: Profa. Dra. **Silvana Vilodre Goellner** e Doutoranda **Christiane Garcia Macedo**, ambas vinculadas como professora e estudante, respectivamente, do Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano da UFRGS e pesquisadoras do Centro de Memória do Esporte da mesma instituição. Também aproveitamos a ocasião para convidar o Centro de Memória _____ da instituição _____, a participar da pesquisa

LOCAIS DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA: OS CENTROS DE MEMÓRIA DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS

A pesquisa a ser desenvolvida tem como objetivo analisar a constituição e a organização dos Centros de Memória da Educação Física nas Instituições Federais de Ensino Superior do Brasil, buscando entender o fazer histórico na Educação Física, as condições teóricas e estruturais que os tornaram possíveis e propondo um trabalho em rede.

Gostaríamos, desde já, de agradecer sua disponibilidade em ler essa carta e solicitar que, caso aceite que a pesquisa seja realizada no Centro de Memória que coordena, assine abaixo. Uma cópia da carta será deixada em sua posse. A participação na pesquisa inclui permissão para observação do cotidiano do Centro de Memória em questão (as observações serão registradas em diário de campo), permissão para utilização de fotos tiradas durante a observação no trabalho, acesso a participantes do grupo para que seja realizado o convite para depoimento oral e permissão de acesso a documentos e processos (quando existirem). As pessoas a serem entrevistadas serão convidadas e esclarecidas sobre a pesquisa individualmente.

Colocamo-nos à disposição para maiores informações, caso necessário, através do fone 51-33085836 ou de meu email vilodre@gmail.com

Mediante a sua assinatura neste termo, ficam as pesquisadoras Christiane Garcia Macedo e Silvana Vilodre Goellner, conseqüentemente, autorizadas a utilizar, divulgar e publicar, para fins científicos de realização de sua tese e artigos daí advindos, dados obtidos por meio de observações e entrevistado do Centro de Memória coordenado por:

_____.

_____, ____ de _____ de 201__.

Ass: _____

Coordenador/a do Centro de Memória _____